

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - DOUTORADO

**Do espaço concebido ao espaço vivido: um estudo de caso sobre as
representações espaciais e identidades na Favela da Maré, RJ.**

Cristiane Cardoso

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luiz Barbosa

Tese submetida ao Curso de
Doutorado em Geografia, linha de
pesquisa em Ordenamento
Territorial Urbano-Regional, do
departamento de Geografia da
UFF, em cumprimento aos
requisitos necessários à obtenção
do grau acadêmico de Doutora em
Geografia.

Niterói - RJ
Novembro, 2006

Livros Grátis


<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Do espaço concebido ao espaço vivido: um estudo de caso sobre as representações espaciais e identidades na Favela da Maré, RJ.

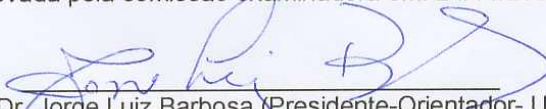
Cristiane Cardoso

Tese submetida ao Curso de Doutorado em Geografia, linha de pesquisa em Ordenamento Territorial Urbano-Regional, do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense, em cumprimento aos requisitos necessários à obtenção do grau acadêmico de Doutora em Geografia.

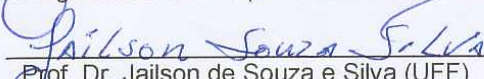


Prof. Dr. Prof. Dr. Jacob Binsztok
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Geografia

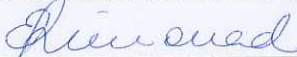
Aprovada pela comissão examinadora em: 24/11/2006.



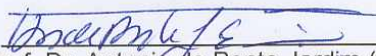
Prof. Dr. Jorge Luiz Barbosa (Presidente-Orientador- UFF)



Prof. Dr. Jailson de Souza e Silva (UFF)



Prof^a. Dr^a. Ester Limonad (UFF)



Prof. Dr. Antonio de Ponte Jardim (IBGE - RJ)



Prof^a. Dr^a. Neide Lopes Patarra (ENCE)

Niterói – RJ - 2006

C268 Cardoso, Cristiane.

Do espaço concebido ao espaço vivido: um estudo de caso sobre as representações espaciais e identidades na Favela da Maré, RJ / Cristiane Cardoso. – Niterói: [s.n.], 2006.

208 f.

Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, 2006.

1.Favela da Maré (RJ). 2.Espaço público. 3.Representação política. 4.Planejamento urbano – favela – Rio de Janeiro.
I.Título.

CDD 307.3364098153

Dedicatória:

Aos meus pais: Romão Bento Cardoso e Solange Maria da Silva Cardoso, pelo apoio constante nesta etapa de minha vida.

Agradecimentos:

Parafrazeando Beaud “ *Nenhum trabalho pode ser concluído na solidão*” .

À minha família, base de tudo, pelos momentos em que não pude estar ao lado de vocês. Em especial, aos meus avós: Alécio Horácio da Silva e Jaimira Alves da Silva, Bento Romão Cardoso (*in memoriam*) e Olga Maria Cardoso, e meus tios: Deise, Mauri, Sileide, Ricardo e Suede, pessoas que muito contribuíram para a minha permanência no Rio de Janeiro.

Aos meus tios “cariocas” Neli e Leoni por todo carinho.

Aos amigos conquistados ao longo de minha trajetória, que mesmo distantes, deram muita força fazendo com que Florianópolis ficasse mais pertinho do Rio, em especial: Noeli Pertile, Claudia Corrêa e Valéria.

Aos meus professores de graduação pelos seus ensinamentos, em especial Maria Dolores Buss, Joel Pellerin e Luiz Fernando Scheibe.

Aos novos amigos, que com calor humano, contribuíram na construção de novas representações sobre a cidade do Rio de Janeiro, em especial: Jorge Mitrano, Marcela, Nilza, Dú, Pierre, Renato Emerson, João Batista, Marcos Couto, Ilana, Fábio Douglas, William, Guaraciara, Adriana, Débora, Adriana Filgueira, entre tantos outros.

Ao Leon, por sua paixão pela Maré e pela valiosa contribuição nos mapas da tese.

À Marcela, pela ajuda na elaboração do abstract.

À Izabela, pela sua paciência e eficiência na revisão da tese.

Às Mamães que me adotaram aqui no Rio: Vera Vilma, Adelina e Célia, sempre preocupadas. Obrigada pelos bolos, feijões, conversas, entre tantas coisas...

Ao Amigo Alexandre, por ser um anjinho, estando ao meu lado na pesquisa de campo pelas comunidades, entrevistando, acreditando no meu trabalho e me ajudando a re-significar vários lugares da Maré.

À minha “irmãzinha” espiritual, Maria Jaqueline, por todo carinho e amizade (12 anos de estrada...), e seu companheiro Paulinho Chinelo, por terem me recebido em sua casa, quando aqui cheguei. E como não poderia esquecer, à Maria Vitória, responsável por não deixar morrer o meu lado infantil.

À Ana Paula, que faz parte da minha família sulista, pelo seu “jeito Ana” de ser, amiga para todas as horas, confiante em todos os momentos alegres e difíceis. Aos colegas do curso, pelas valiosas contribuições acadêmicas, em especial à amiga Amélia Cristina, que não deixou morrer a vontade de terminá-lo, grande incentivadora para todas as horas, e pela sua ajuda profunda no referencial teórico desta pesquisa, sem ela eu não estaria aqui hoje defendendo esta tese.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação da UFF, pela recepção e contribuição científica, em especial, Ruy, Éster, Rogério, Carlos Walter, Márcio. Ao professor Jailson pelas suas contribuições ao longo das pré-defesas realizadas.

Ao meu Orientador Jorge Barbosa, por toda a dedicação e paciência na orientação deste trabalho, muito obrigado!

Aos colegas de trabalho, em especial aos amigos da Van, que tornam a viagem Cinelândia - Campo Grande mais divertida e encurtam as distâncias, fazendo com que a fria Avenida Brasil fique mais calorosa: Vanessa, Vanda, Sandra,

Eline, Marta, Solange e seu eterno “escudeiro” Alexandre, Izabela, Carmem, Gil, Túlio. Saudades...

Ao amigo Jardim, pela amizade e contribuição, sempre dando sugestões para a realização desta tese. Obrigada pela sua dedicação, incentivo e por acreditar na minha proposta de trabalho.

Ao amigo Roberto, pela sua companhia nas trilhas, momentos de total relaxamento, pela contribuição na minha tese, leitor fiel, pela sua presença nos melhores e piores momentos... Obrigada por sempre me escutar e por me apresentar um lado maravilhoso do Rio.

A Alessandra e Pedro, meus bolsistas, por todo cuidado e dedicação na coleta dos dados.

A Ana Paula, por toda dedicação nos aspectos formais da instituição.

A todas as pessoas que trabalham no CEASM e no Observatório de Favelas, pelo carinho, pelos dados fornecidos, pela recepção e por me mostrarem um lado maravilhoso das favelas e o calor humano dos amigos que conquistei.

Aos alunos e professores da Escola Popular de Comunicação Crítica, por aceitarem o convite e contribuírem para minha pesquisa.

Aos moradores das comunidades da Maré que contribuíram com os seus depoimentos valiosos e compartilharam sua vivência.

A Nely, Rosa, Rubinho, Maurinho, Iris e funcionários da Escola Estadual São Cristóvão, por compreenderem as minhas “ausências” e por me apoiarem sempre.

A todas as pessoas que me receberam com carinho e paciência e se disponibilizaram a responder às entrevistas, contribuindo para a finalização desta pesquisa. Muito obrigada, vocês foram responsáveis por momentos inesquecíveis em minha vida e re-significaram a visão que tinha sobre a Maré. Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Morro... és o primeiro a dar bom dia. Ao sol, que nasce no horizonte. Depois a lua cheia a desmaiar. Morro... és o primeiro que recebe o boa noite das estrelas. Que gostam tanto de te ouvir cantar... Morro – Waldermar de Abreu (Dunga) e Mario Rossi.

Sumário

Lista de Organogramas	X
Lista de Figuras	X
Lista de Quadros	XI
Lista de Tabelas	XI
Lista de Mapas	XII
Lista de Fotos	XIII
Lista de Abreviaturas	XIV
Resumo	XV
Abstract	XVI
INTRODUÇÃO	01
CAP.1 – DISCUTINDO AS FAVELAS – DAS REPRESENTAÇÕES AO CONCEITO DE FAVELA.	10
1.1 – As Representações dos Espaços – a construção teórica.	10
1.2 – Do conceito da “ <i>cidade partida</i> ” aos espaços populares: os diferentes olhares sobre essa questão.	19
1.3 – Do espaço ao lugar: a construção do espaço metropolitano do Rio de Janeiro e os lugares na cidade.	30
1.4 - O espaço-favela concebido e representado pelo outro.	45
CAP. 2 – DISCUTINDO A IDENTIDADE - O ESPAÇO REPRESENTADO PELOS MORADORES.	75
2.1 – A construção da identidade local.	76
2.2 – O lugar vivido – Caracterizando o lugar e as pessoas.	85
2.2.1 - A favela da Maré no Rio de Janeiro.	85
2.2.2 – O Local das entrevistas e os entrevistados.	105
2.3 – O espaço percebido e vivido – a favela representada pelos moradores.	120
CAP. 3 – DO ESPAÇO AO LUGAR: AS REPRESENTAÇÕES DAS/NAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO.	137
3.1 – A favela da Maré como um espaço concebido, vivido e percebido.	138
3.2 – As identificações e identidades da/na Maré.	159

CONCLUSÕES	189
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	198
ANEXOS	209

Lista de Organogramas

Organograma 01 – Pesquisa.	03
----------------------------	----

Lista de Figuras

Figura 01 - Tripé que explica a produção do espaço atual.	21
Figura 02 – Panorama da Favella.	52
Figura 03 – Período Bota-abixo, promovido por Pereira Passos.	53
Figura 04– Mundo de Zinco.	58
Figura 05 – Iconografia sobre aspectos da Favela, elaborado por Percy Lau.	64
Figura 06 – Ocupação da polícia nos Morros	65
Figura 07 – Imagem vinculada pela mídia sobre as favelas.	66
Figura 08 – A turma do Martim – retrato da cidade.	68
Figura 09 – Balas perdidas.	69
Figura 10 – Apelo pela Paz nas comunidades.	70
Figura 11 – Charges retratando a Guerra no Rio	72
Figura 12 – Charges retratando a Guerra no Rio	72
Figura 13 – Charges retratando a Guerra no Rio	72
Figura 14 – Tem favela no Metrô de Paris.	73
Figura 15 – Quadro de Heitor dos Prazeres denominado o Morro (s.d.)	126
Figura 16 – Quadro de Heitor dos Prazeres denominado Briga no Morro (1945)	127
Figura 17 – Capa do Livro É Hoje! – Lan, 1978.	128
Figura 18 – Retrato da Cidade, por Lan.	129
Figura 19 - Crianças jogando Futvôlei no Parque Ecológico da Vila do Pinheiro, Maré.	131
Figura 20 - Crianças jogando Taco na Baixa do Sapateiro, Maré.	131

Lista de Quadros

Quadro 01 – Síntese das Representações sobre as Favelas encontradas nos jornais.	47
Quadro 02 - Categorias analisadas nas reportagens do Jornal O Globo.	50

Em Anexo:

Quadro 01 – Perfil da coleta de dados do Jornal O Globo e da Revista Careta.	
Quadro 02 – Número de reportagens encontradas por décadas no Jornal O Globo	

Lista de Tabelas

Tabela 01 – Classificação dos municípios brasileiros segundo a densidade demográfica, 2000.	85
Tabela 02 - Classificação dos municípios brasileiros segundo os percentuais de pessoas vivendo em condições de domicílios subnormais, 2000.	86
Tabela 03 - Classificação dos municípios do Estado do Rio de Janeiro segundo o IDH e seus sub-índices, 2000.	87
Tabela 04 - Classificação do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal segundo as Regiões Administrativas do município do Rio de Janeiro - 2000.	89
Tabela 05 - Distribuição da população por comunidade da Maré, RJ, 2000.	95
Tabela 06 – Ano de fundação das comunidades da Maré, RJ.	97
Tabela 07 - Principais problemas enfrentados na Maré pelos entrevistados, 2006.	104
Tabela 08 - Distribuição dos questionários segundo a idade e grupo de entrevistados, Maré, RJ, 2006.	109
Tabela 09 - População Infantil (7 a 14 anos) residente nas comunidades da Maré, RJ, 2000.	110
Tabela 10 – Estado civil dos entrevistados por faixa etária, 2006.	112

Tabela 11 - Grau de instrução por grupo de entrevistados, Maré, RJ, 2006.	113
Tabela 12 - Local de Nascimento por grupo de entrevistados, Maré, RJ, 2006.	114
Tabela 13 – Local de Nascimento dos entrevistados por faixa etária, Maré, RJ, 2006.	115
Tabela 14 - Tempo de moradia nas comunidades por grupo de entrevistado, Maré, RJ, 2006.	116
Tabela 15 - Quantidade (%) das atividades de lazer / social mais praticada pelos moradores da Maré, RJ, 2000.	117
Tabela 16 - Atividades de lazer praticadas pelos entrevistados, Maré, 2006.	119
Tabela 17 – Adjetivos utilizados para caracterizar a cidade do Rio de Janeiro a partir da visão dos entrevistados nas comunidades da Maré, RJ.	148
Tabela 18 - Símbolos que representariam as comunidades da Maré, RJ	152
Tabela 19 – Número de entrevistados por sexo que se sentem à vontade para circular pelas comunidades da Maré, RJ	167
Em Anexo:	
Tabela 01 – Número de Entrevistas aplicadas na Escola Popular de Comunicação Crítica e nas Comunidades da Maré, RJ, 2006.	

Lista de Mapas.

Mapa 01 – Localização Geográfica do Bairro Maré, RJ.	90
Mapa 02 – Localização Geográfica das comunidades da Maré, RJ	93

Lista de Fotos

Foto 01 – Parque Ecológico da Maré, RJ.	106
Foto 02 – Parque Ecológico da Maré, RJ.	106
Foto 03 – Piscinão de Ramos, Maré, RJ.	107
Foto 04 – Piscinão de Ramos, Maré, RJ.	107
Foto 05 – Piscinão de Ramos, Maré, RJ.	107
Foto 06 - Vila Olímpica da Maré, RJ.	108
Foto 07 - Vila Olímpica da Maré, RJ.	108
Foto 08 - “O Povo na Rua”. Imagem mostrando a participação das comunidades durante a Agenda Redutora de Violência, Avenida Leopoldo Bulhões, Mangueiras, RJ.	134
Foto 09 - Grafite - Agenda Redutora de Violência, Avenida Leopoldo Bulhões, Mangueiras, RJ.	134
Foto 10 - Exposição de Artes - Agenda Redutora de Violência, Avenida Leopoldo Bulhões, Mangueiras, RJ.	135
Foto 11- Crianças na Rua – representações sobre a Favela - Agenda Redutora de Violência, Avenida Leopoldo Bulhões, Mangueiras, RJ.	135
Foto 12- Casas da Maré, RJ.	153
Foto 13- Linha Vermelha, Maré, RJ.	155

Lista de Abreviaturas

ABI - Associação Brasileira de Imprensa.
AP – Área de Planejamento.
CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré.
CEDAE – Companhia Estadual de águas e Esgotos
CHISAM -Coordenadoria de habitação de interesse social na área metropolitana do Grande Rio.
CIEP - Centro Integrado de Educação Pública.
CMP – Centro de Moradia Provisória.
CODEFAM – Comissão de defesa das Favelas da Maré.
COHAB - Companhia de Habitação Popular.
CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.
CTG – Centro de Tradição Gaúcha.
EPOCC – Escola Popular de Comunicação Crítica
FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz.
GAP – Grupo de Ação Pastoral.
GEAP - Grupo Executivo de Programas Especiais para Assentamentos Populares.
IBGE – Fundação Instituto Brasileiro e Geografia e Estatística.
IDH-M – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.
IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
IPLANRIO – Instituto de Planejamento Municipal do Rio de Janeiro (atual Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos).
IPP – Instituto Pereira Passos.
IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano.
LIGTH – Companhia de Energia Elétrica.
MST - movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra.
ONG's – Organizações não governamentais.
ONU – Organização das Nações Unidas.
PLANHAP – Plano Nacional de Habitação Popular.
PROFACE - Programa de Favelas da Cedae.
PROMORAR – Programa de Erradicação de Sub-habitações.
RA – Região Administrativa.
SERFHA - Serviço Especial de Recuperação das Favelas e Habitações Anti-higiênicas.
SMH – Secretaria Municipal de Habitação.
SMP – Secretaria Municipal de Planejamento.
UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
UFF – Universidade Federal Fluminense.
UNIMAR – União das Associações do Bairro da Maré
UEVOM - União Esportiva Vila Olímpica da Maré.

RESUMO

O Rio de Janeiro é uma cidade que se constituiu através da relação diferença/desigualdade social, política, econômica, cultural e ambiental. Estas geraram inúmeras formas e conteúdos espaciais que marcam os diferentes modos de vida, as relações estabelecidas e a maneira de “avaliar” e conceber determinados lugares. Este trabalho tem por objetivo: analisar a construção das representações de ordem próxima e de ordem distante, através das diferentes linguagens (reportagens, depoimentos, fotografias, charges, desenhos, entre outros), que influenciam na formação de uma opinião pública positiva ou negativa sobre as favelas do Rio de Janeiro, em especial a Favela da Maré.

As favelas têm identidades e identificações próprias, é possível distingui-las rapidamente na paisagem. A identidade é marcada pela diferença, trazem consigo uma série de símbolos que as distinguem dos demais espaços das cidades. A Maré é um espaço identificado como favela. Desta forma, carrega consigo os estereótipos utilizados para marcar os espaços populares: a aparência, a localização, a falta de registro oficial que regulamente a habitação, a precariedade na infra-estrutura, lugar de pessoas pobres e sem instrução, local insalubre, da violência, lugar das ausências. Assim, quem passa pela Avenida Brasil e pela Linha Vermelha vê o emaranhado de casas com uma aparência de caos urbano, a poluição da baía da Guanabara, a falta de vegetação, a verticalização das casas, a favela plana – com exceção do Morro do Timbau – onde não se pode definir fisicamente os limites entre as comunidades, enfim, um verdadeiro espaço sem significado afetivo e emocional, que gera uma certa apreensão e uma sensação de medo e impotência. Porém, a realidade é muito mais complexa. A favela da Maré é considerada como um lugar para os seus 132.176 habitantes. Um lugar constituído por 16 comunidades e duas localidades que são individualizadas apesar da aparente homogeneidade. As comunidades abrigam pessoas com trajetórias de vida diferentes, logo com vivências, experiências e saberes distintos.

A visão dos moradores sobre o seu lugar estará baseada nesta vivência, no cotidiano; eles não enxergam a Maré apenas como um lugar de ausências, segundo a representação da mídia. Eles têm laços afetivos, sentimentos de pertencimento relacionados ou não ao local de nascimento ou de morada atual. Mas também são capazes de reconhecer a sua situação, seus problemas e lutar por seus direitos. Transformam este espaço “temido” em lugar de moradia, em palco de suas relações pessoais e sociais, e acham alternativas para sobreviver diante das adversidades.

Os espaços de representações, marcados pelas relações diretas e pelo cotidiano, também serão influenciados pelas práticas espaciais e pelas informações (mundo concebido) que chegam até os moradores. Esta produção do espaço pode marcar profundamente suas identidades com o lugar. Constantemente, nas comunidades, presenciamos discursos da mídia sendo reproduzidos, isto é, cria-se uma representação estereotipada também por parte dos moradores. Assim, podemos dizer que o local de vivência, a experiência de vida, as relações construídas, as percepções e concepções espaciais influenciarão diretamente na construção de uma identificação com o lugar, que podem ser positivas e/ou negativas, mas que marcam as vivências, permeiam o vivido, o percebido e o concebido, re-significando e reconstruindo a visão do/sobre o lugar.

Abstract

Rio de Janeiro is a city, which has been built up by means of social, political, economical, cultural and environmental differences and inequalities. Such inequalities have produced a large number of spatial forms and contents which have exerted directly influence on the different ways of life, on the established relationships and on the way people evaluate and conceive certain spaces in the city.

This paper aims to analysing the building up of social representations through diverse linguistic sources (reports, interviews, photographs, cartoons, drawings, etc.) which can influence either positively or negatively in the public opinion about favelas in Rio de Janeiro and about Favela da Maré in particular.

The favelas have their own identities and it is possible to distinguish all of them in the landscape. Identity is marked by the differences by what may be or may not be. The favelas bear a series of symbols, which make them different from other spaces in the city. The Maré being identified as such carries stereotypes normally used to mark those popular spaces such as: the look of its landscape, its location, unregistered housing lack of basic urban structure, a place for poor uneducated people, a risky and violent and unhealthy area, all in all a lacking place.

Following this common sense view those who drive along Avenida Brasil and Linha Vermelha, can see a chaotic looking the house entanglement a lack of vegetation and the verticalization of the dwellings; it is a flat ground favela except for Morro do Timbau where you cannot identify visually or physically the boundaries among the integrating communities. It is a space without affective or emotional meanings which makes us feel apprehensive, scared and powerless. However reality is much more complex. It is considered as a living space by its 132.176 inhabitants, it is composed by 16 communities and two individuals neighbourhoods in spite of its apparent homogeneity. People who live there came from different walks of life and have as a consequence a variety of livings, experiences and distinct kinds of knowledge.

The way its inhabitants see the place is based on their experiences and everyday life, so they don't see the favela Maré as a lacking place as its represented by the media. They have terms of endearment and a feeling of being part of this place, which may be related or not to their place of birth, or even to where they live. Nevertheless they recognise their situation and their problems and they fight for rights. They can turn this space of fear into their place of living into the stage for their personal and social relationships, where they find alternatives to survive despite all the adversities.

Those spaces of representations, which are marked by direct relationships, by their everyday life, are also affected by information and spatial practices, which come from the utter world to the inhabitants.

Such production of space may deeply mark their identification with their place of living. We often identify reproductions of the discourse used by the media within communities, which causes a stereotyped representation by the inhabitants too. Therefore we can conclude that all those spatial perceptions and conceptions will have direct influence on the construction of an identity for that place. In fact, all those linkers no matter whether they are good or bad, beautiful or ugly, loved or hated, criticised or praised mark those livings. They are part and parcel of their lives, of what is conceived and perceived and they formulate and (re)build by the views about the place.

Introdução

A cidade é um espaço produzido socialmente, portanto, possui realidades complexas e situações múltiplas que correspondem às políticas de ocupação, aos conflitos em relação ao uso e às contradições da apropriação social que influenciam diretamente em suas condições de existência material e simbólica.

O Rio de Janeiro, assim como todas as cidades que apresentam situações semelhantes de desenvolvimento econômico e social, é uma cidade que se constituiu através das desigualdades sociais, políticas, econômicas, culturais e ambientais, gerando inúmeras formas e conteúdos espaciais que influenciam diretamente nos modos de vida, nas relações estabelecidas e na maneira de “avaliar” e conceber determinados lugares. Assim, as trajetórias de vida, as relações com o lugar e as representações do espaço resultam em diferentes percepções urbanas, que podem ser positivas e/ou negativas, dependendo dos atores que as concebem e as vivenciam.

As favelas surgem nos chamados espaços vazios da cidade, desvalorizados pelo setor imobiliário, dentro de um contexto que determina que as pessoas desprovidas das condições impostas por esse mercado se instalem em áreas “menos atrativas”, tais como encostas e manguezais. Nos 109 anos de existência desses espaços várias políticas foram implantadas tentando resolver esse “grande problema” da cidade, porém, foram desiguais as tentativas de melhorar as condições de vida dos homens, mulheres e crianças das favelas.

As favelas, através do concebido, são verdadeiros espaços dentro da cidade, marcados pelo medo, pela violência, pelas ausências, sendo expressão do caos urbano (não formal, sem regras de construção). No entanto, para quem as vivencia, apesar de conhecer de perto todos os problemas enfrentados, como a violência e as ausências concretas, as favelas são verdadeiros lugares, no qual estão cristalizadas relações pessoais e sociais, marcadas principalmente por laços afetivos e pela experiência.

Diante disso, observamos uma infinidade de discursos existentes sobre as favelas, alguns de maneira preconceituosa tentando justificar as ações do poder público, outros reafirmando a posição de diferença em relação à cidade, mas mostrando determinadas presenças: alegria, solidariedade, carnaval e dos grandes sambas que ganharam espaço na cidade.

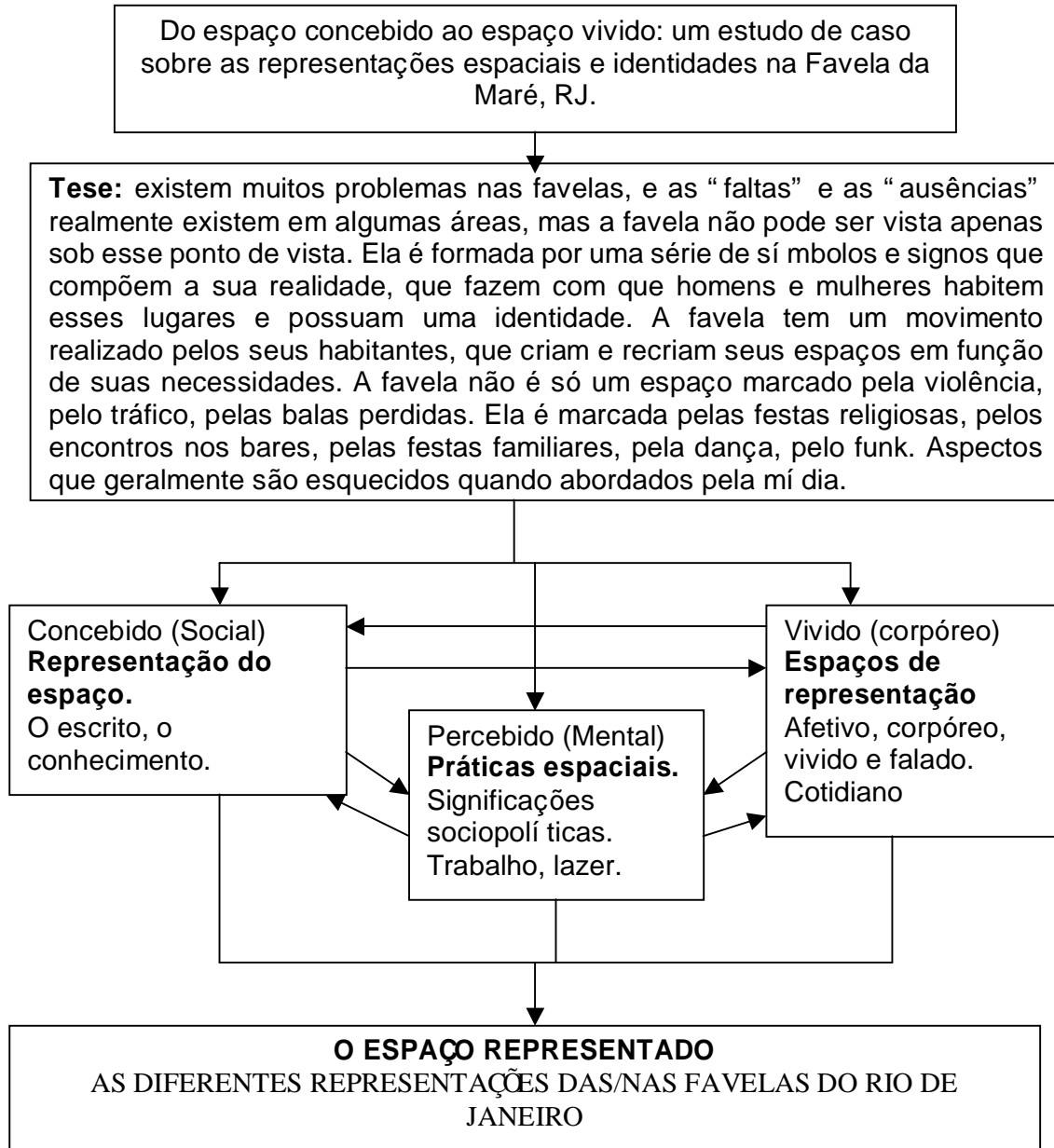
A mídia tem um papel fundamental na construção de imagens e símbolos, logo, de representações sobre os diversos espaços da cidade. É um meio de comunicação bastante eficaz no que se refere à massificação da opinião pública sobre um determinado assunto¹. Ao longo deste trabalho, analisou-se o papel de dois instrumentos de comunicação: o jornal O Globo e a revista *Caretta*. Percebemos, através de suas reportagens, a presença de uma ideologia que justificava as ações do poder público e formava a opinião das pessoas, como no caso das remoções das favelas, da higienização associada às remoções, das ocupações mediante práticas violentas e dos problemas ambientais, entre outros.

O espaço geográfico é produto de inter-relações que dependerão de três aspectos fundamentais: vivência (cotidiano marcado pela experiência), percepção (práticas espaciais, trabalho, lazer) e concepção (construções teóricas e práticas sociais). Na produção do espaço, as cidades estão interligadas por diversas escalas de análise. Neste trabalho adotou-se o espaço a partir da concepção de Lefebvre, no qual este é resultado de uma percepção, concepção e de uma vivência. Isto é, o espaço vai sendo modelado e remodelado a partir de três aspectos: 1º - a visão dos planejadores (nível do concebido, do conhecimento e das representações políticas e sociais), que são embasados por teorias vigentes em cada momento histórico, planejando a cidade e formulando modelos “ideais” e racionalizados pela visão técnica; 2º - das práticas sociais que vão sendo estabelecidas a partir das atividades diárias, dos diversos lugares onde se realizam as atividades de trabalho, da vida privada, de lazer e das festas; 3º - pelo cotidiano, o vivido, das relações diretas das pessoas com o seu lugar de morada, o plano afetivo, corpóreo. As

¹ Não que as pessoas sejam totalmente passivas e absorvam todas as informações como verdades únicas, mas contribuem nas representações sobre os espaços.

inter-relações utilizadas nesta pesquisa estão esboçadas no organograma nº 01.

Organograma nº 01 Pesquisa



Neste trabalho, o “ espaço de representação” , ao qual Lefebvre se refere, terá o sentido de lugar (as comunidades), isto é, será abordado como o *locus* da vivência dos moradores das favelas. Não queremos reduzir o conceito de espaço de representação à categoria lugar, no sentido restrito da proposta de Tuan (lugar é experimentado, é construí do e é interpretado a partir dos nossos sentidos). Mas sim, buscar explicar o lugar como algo produzido pela vivência, pelo acúmulo de conhecimento, entrelaçado pelas relações afetivas e corporais, pois acreditamos que o lugar será fruto da união destas duas perspectivas.

As práticas espaciais (percebido) estarão presentes no dia-a-dia da população que circula e que transforma o espaço; são as “ redes” construí das ao longo da sua vida. Envolve o trabalho, o lazer, a inserção política das pessoas em sua comunidade e as práticas sociais (dentro e fora das comunidades).

As representações do espaço (concebido) estarão presentes nesta abordagem, principalmente na análise histórica das concepções sobre esses espaços, quando se analisa o surgimento das favelas e os discursos presentes nos meios de comunicação analisados (jornal *O Globo*, revista *Careta*). Expressões como guetos, locais insalubres, foco de doenças, faixa de gaza, entre outros, são utilizadas pelos meios de comunicação para descrever as favelas. Elas ajudam a construir uma representação sobre este espaço para quem não o vivencia diretamente e acabam influenciando na construção da identidade local.

Foram utilizados neste debate autores como Henri Lefebvre (1980 e 1991) para compreender a produção do espaço, dentro da perspectiva do espaço como resultado do vivido, percebido e concebido; Lobato Corrêa (2000 e 2001), Milton Santos (1992 e 1997) e Ana Fani Carlos (2004) na discussão sobre o espaço urbano; Yi Fu Tuan (1930 e 1974) para debater o sentimento e experiência para com o lugar; Maurício de Abreu (1994 e 1997) e Marcelo de Souza (2001 e 2003) para compreender a história da cidade do Rio de Janeiro.

Autores como Serge Moscovici (2003) (acerca das representações sociais), Jailson de Souza Silva (2002 e 2003), Jorge Luiz Barbosa (2000 e 2003), Alba Zaluar (1998) e Marcos Alvito (2001 e 2005) serviram de embasamento para a discussão das representações espaciais e sociais, e para desenvolver um olhar aprofundado de ordem próxima e distante sobre as favelas.

As identidades e identificações foram abordadas a partir da análise teórica de autores como Stuart Hall (2000 e 2003), Tomaz Tadeu da Silva (2000), Kathryn Woodward (2000), Rogério Haesbaert (1997, 2004 e 1999) e Renato Ortiz (2003). São referenciais para interpretação dos resultados da pesquisa. Através deste procedimento conseguimos estabelecer o significado das identidades, identificações, símbolos, re-significações e representações sob o ponto de vista dos moradores das comunidades da Maré.

A favela abriga uma série de funções (local de trabalho, local de lazer, entre outros), e a maior parte das vezes este local vai sendo construído pela ação dos próprios moradores, que de maneira direta ou indireta constroem e reconstróem estas áreas. Também envolve as relações estabelecidas com o mundo vivido, com a moradia, com o sentimento de pertencimento. Diante deste contexto, levantou-se a **questão principal** deste trabalho: como as representações sobre as favelas são re-construídas, re-significadas e difundidas contribuindo para a formação de uma imagem sobre o local e o estabelecimento das identidades nas/sobre as favelas, levando-se em conta as práticas espaciais, o papel da mídia e as vivências pessoais marcadas pela experiência?

Assim, espera-se responder a outros questionamentos que foram aparecendo ao longo da pesquisa: pensando na mídia como um mecanismo que contribui para a formação de opinião, qual o seu papel na construção das representações e identidades sobre as favelas? Diante das diversas práticas espaciais dos governos perante as favelas, como este espaço foi se configurando na cidade, bem como foi re-significado por todos os segmentos da sociedade? Como as representações dos espaços e as práticas espaciais foram vividas pelos moradores dos espaços populares e como a identidade foi construída pelos mesmos, em especial na favela da Maré? Como as diferentes representações podem influenciar no jogo das identidades quando analisamos

os moradores da favela da Maré (ser favelado X ser morador de espaços populares)? Como as representações não-hegemônicas conseguem re-significar (se é que conseguem) a imagem negativa das favelas?

Acredita-se que a partir da vivência, da concepção e da percepção a sociedade pode significar e re-significar várias representações sobre os espaços das cidades. Desta forma, os diversos discursos presentes sobre espaço-favela influenciaram e ainda influenciam a construção de representações e práticas diferenciadas para os diversos segmentos da sociedade (governantes, moradores dos espaços populares e de bairros formais). Em função desta realidade até aqui descrita, formulou-se a tese que será defendida ao longo deste trabalho: existem muitos problemas nas favelas, as “faltas” e as “ausências” realmente existem em algumas áreas, mas a favela não pode ser vista apenas sob esse ponto de vista. Ela é formada por uma série de símbolos e signos que compõem a sua realidade, que fazem com que homens e mulheres habitem esses lugares e possuam uma identidade. A favela tem um movimento realizado pelos seus habitantes, que criam e recriam seus espaços em função de suas necessidades. A favela não é só um espaço marcado pela violência, pelo tráfico, pelas balas perdidas. Ela é marcada pelas festas religiosas, pelos encontros nos bares, pelas festas familiares, pela dança, pelo funk. Aspectos que geralmente são esquecidos quando abordados pela mídia.

A população da cidade do Rio de Janeiro em 2000 era de 5.851.914 habitantes (IBGE, 2006²), destes, 1.092.783 habitantes (cerca de 18%) vivem em condições subnormais³ (favelas), espalhados nas quase 600 favelas existentes. Diante da diversidade encontrada neste estudo e a impossibilidade de analisar todas as favelas da cidade do Rio de Janeiro, optou-se por um recorte, uma área que pudesse ser representativa para nossas investigações.

Após a análise de algumas favelas, optou-se pela favela da Maré. O bairro da Maré foi escolhido por uma série de motivos. Primeiro, pela inserção da pesquisadora na área, através de projetos sociais (educacionais),

² Estimativa para 2005 era de 6.094.183 habitantes. A Área da unidade territorial é de 1.182 km². Dados obtidos no site www.ibge.gov.br. Acesso em 25/07/2006.

³ Aglomerados subnormais são grupos de mais de 50 unidades habitacionais dispostas de modo “desordenado e denso”, sobre solo que pertence a terceiros, e “carente de serviços públicos essenciais” (Ibid citação nº 02).

inicialmente no CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – e atualmente no Observatório de Favelas. A vivência e as práticas sociais obtidas na favela da Maré, em especial no Morro do Timbau e na Nova Holanda, serviram para des-construir e re-significar várias representações sobre este espaço. Como migrante (em 2001), possuindo um total desconhecimento da cidade, delimitava meus lugares a partir de pontos que foram construídos por sentimentos de segurança, muitas vezes idealizados pelas informações baseadas no que era veiculado pela mídia. Como profissional, estabeleci uma rede de relações e práticas espaciais que me levaram até a Maré, e me fizeram des-construir preconceitos sobre estes espaços e ajudaram a vivenciar e ampliar meus lugares na cidade.

Em segundo lugar, pela sua localização geográfica. O bairro da Maré está situado ao longo da Avenida Brasil e da Linha Vermelha, o “*portal de entrada*” do Rio de Janeiro. A Maré é passagem obrigatória para quem chega ao Rio, seja pelo Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim (Galeão), na Ilha do Governador, ou de carro/ônibus através da Linha Vermelha ou Avenida Brasil. Desta forma, percebeu-se que em função da localização é muito comum o aparecimento de reportagens mencionando algumas de suas comunidades.

Em terceiro, por sua origem e sua diversidade interna. A maior parte das comunidades que hoje compõem o bairro da Maré surge em um ambiente alagadiço, sobre um manguezal que é aterrado para dar origem à casas para uma população de baixa renda. Outras, são construídas – os centros de habitações provisórios e os conjuntos habitacionais. Dentro do que corresponde à favela da Maré, existem comunidades que estão localizadas em áreas planas e em morros. Hoje, a Maré é constituída por 16 comunidades, com características diversificadas entre si e divididas internamente por vias rodoviárias (Av. Brasil e Linha Vermelha), áreas militares, comerciais e industriais, além da rivalidade entre as facções do tráfico de drogas.

Por último, devido ao tamanho de sua população. A prefeitura define 5 áreas de planejamento⁴, sendo que na área 03 (localização da Maré) ocorre a

⁴ Dados obtidos através do site: www.armazemdosdados.rj.gov.br. Coleção estudos da cidade. Os dados mais recentes sobre a população de favelas na cidade do Rio de Janeiro. Rio Estudos, n° 46, Fevereiro 2002.

maior concentração da população (2.352.582) e de pessoas vivendo em habitações subnormais (545.001), destes, 132.176 habitantes moram na Maré.

Este trabalho será desenvolvido através de 03 capítulos: no capítulo 01, o objetivo é pesquisar como as favelas foram representadas ao longo do século por pessoas que concebiam estes espaços sem necessariamente conhecê-los de perto, contribuindo para a construção da identidade sobre estes lugares a partir de visões de mundo particulares, que não mostram a real situação dos moradores dos espaços populares. Este capítulo abordará, ainda, o espaço construído pela mídia – a favela vista “de fora” através das imagens, reportagens e charges que circularam em meios de comunicação, massificando a sua imagem e tornando-a um lugar homogêneo, implicando em um olhar idealizado, marcado pelas ausências, bem como num sistema de valorização das carências.

No capítulo 02, o objetivo é visualizar discursos e representações produzidos pelos moradores, o “olhar de ordem próxima”, numa tentativa de resgate da identidade local, mostrando uma representação contra-hegemônica proveniente da vivência direta destes lugares. Discute-se o conceito de identidade e identificação, tentando abordar as diferentes iniciativas realizadas pela população, instituições e ONG's, buscando valorizar a cultura local e desenvolver projetos que visem re-significar a favela, extrapolando os limites físicos destes lugares e atingindo toda a cidade.

Neste capítulo, realiza-se uma caracterização das 16 comunidades que compõem a Maré, locus de nossos trabalhos, abordando a diversidade e as identidades existentes em cada uma delas, fazendo com que a Maré seja composta por vários lugares.

No capítulo 03, resgatamos o vivido, concebido e percebido nas comunidades da Maré através do que é transmitido pelos meios de comunicação e as diferentes formas de absorção desses discursos pelos moradores das comunidades. Logicamente, avaliamos como os lugares ganham sentido e são representados e re-significados por seus habitantes. As identidades e identificações também são analisadas, juntamente com os símbolos que são criados. Assim, este capítulo tem por objetivo central comparar os diferentes discursos construídos a partir do olhar de dentro e de fora, e também compreender como os espaços representados pelos diferentes

segmentos da sociedade criam um significado sobre eles e interferem nas diferentes representações da/na favela, em especial dos adolescentes que moram na Maré. Pretendemos analisar as diferentes identificações e identidades construídas, pensando nas relações estabelecidas entre ser favelado versus ser morador de espaços populares.

CAP. 1 - DISCUTINDO AS FAVELAS – DAS REPRESENTAÇÕES AO CONCEITO DE FAVELA.

O objetivo deste capítulo é demonstrar como a favela foi representada ao longo do século por pessoas que concebiam esse espaço, sem necessariamente conhecê-lo de perto, e como o cenário atual foi construído a partir de visões estereotipadas da realidade que não mostram a real situação dos moradores desses espaços populares.

O debate estabelecido no capítulo que se segue, foi subdividido em quatro partes: a primeira, na qual a literatura existente é utilizada para elucidar o sentido do conceito de representação; a segunda parte, na qual se estabelece um debate sobre a produção dos lugares dentro da cidade do Rio de Janeiro, e as representações criadas para a favela; a terceira faz um retrato da produção do espaço metropolitano do Rio de Janeiro e seus agentes; e por fim realizar um panorama sobre as representações realizadas a partir do que foi escrito, desenhado, filmado e fotografado sobre a favela, analisando as informações que circularam e ainda circulam contribuindo para a construção e concepção ideológica desses lugares.

1.1 – As Representações dos Espaços – a construção teórica.

Representar significa conceber, perceber e viver algo ou algum lugar. Criar um contexto que tenha um significado, que contenha símbolos e signos, que contenha valores pessoais e/ou coletivos. Os seres humanos têm necessidade de “classificar”, isto é, de criar similitudes entre os fenômenos para que eles se tornem familiares. O diferente é o não enquadrado em categorias. Estas similitudes podem ser baseadas ou não na vivência de uma realidade. Esta reprodução pode perdurar por décadas, é pessoal, porém, marcada pelo coletivo. Pessoal porque envolve toda uma vivência do indivíduo – local de moradia, grau de instrução, acesso aos meios de comunicação, vivência pública, entre outros elementos do cotidiano – que serve como um “filtro” para o que ele ouve e concebe como verdade; e coletiva porque não vivemos em uma “redoma de vidro”, imune a qualquer informação que nos

chega, o que não vivemos pessoalmente é carregado de uma representação que é construída por vários agentes (meios de comunicação).

O Rio de Janeiro é um exemplo clássico dessa questão. Durante décadas construiu-se uma imagem de uma cidade violenta, local onde estão eclodindo problemas sociais, uma cidade que perde seu “status” de capital (poder político). Hoje, analisando as reportagens vinculadas nos jornais com rede nacional e internacional, pelo menos um bloco do programa dedica-se aos acontecimentos do Rio, logicamente relacionados às favelas e à violência, como se elas fossem sinônimos. O Rio é abordado como um estado extremamente violento o que contribui para a construção de uma representação associada ao caos urbano e ao medo. Na verdade, analisando as estatísticas de algumas instituições como o ministério da Justiça⁵, é possível observar que estados como o Distrito Federal (11.779,9)⁶, Amapá (9.063,2), Rio Grande do Sul (8.439,8) e Santa Catarina (8.237,8) apresentam taxas de criminalidade elevadíssimas, quando realizada uma equivalência entre o número de ocorrências e a população. A situação é muito semelhante quando comparamos com outras capitais: Brasília (25.894,8), Florianópolis (16.538,0), Porto Alegre (13.914,6) e Porto Velho (13.549,6). Nessa estatística, o estado do Rio de Janeiro permanece com 2.916,8 e a capital com 3.820,6.

Logicamente, esses dados envolvem somente os boletins de ocorrência, isto é, somente o que foi registrado pela polícia civil, o que engloba todos os tipos de crime, não diferenciando, por exemplo, acidentes de trânsito de homicídios por roubo. Porém, dá uma idéia da situação da violência de algumas cidades brasileiras.

⁵ Informações obtidas através do site: www.mj.gov.br, acesso em 08/04/2006.

⁶ Essas estatísticas foram elaboradas a partir do número de ocorrências registradas pelas Polícias Cíveis de todo o Brasil entre 2001 e 2003. São taxas calculadas através de dados que envolvem o número da população e o total de ocorrência por 100.000 habitantes. Tipos de ocorrências: homicídio doloso, homicídio culposo vinculados ao trânsito, outros homicídios culposos, tentativa de homicídio, lesão corporal seguida de morte, lesão corporal – acidente de trânsito, lesão corporal, outros crimes contra pessoas, estupro, atentado violento ao pudor, furto de veículos, outros furtos, roubo seguido de morte, roubo de veículo, roubo de carga, roubo de estabelecimento bancário, outros roubos, extorsão mediante seqüestro, estelionato, outros crimes contra o patrimônio, uso e porte de drogas, tráfico de drogas, tortura, racismo, morte suspeita, resistência, resistência seguida de morte, recuperação de veículos e outras ocorrências.

De acordo com outras estatísticas como a do IPEA⁷, que utiliza os dados do Ministério da Saúde, o Rio de Janeiro (em 2004) aparece como a segunda cidade mais violenta, e o estado apresenta 15 cidades entre as 100 mais violentas: São Paulo (1^a); Rio de Janeiro (2^a); Nova Iguaçu (13^a); Macaé (16^a); Duque de Caxias (17^a); Belford Roxo (25^a); São João de Meriti (34^a); Campos (36^a); São Gonçalo (39^a); Queimados (48^a); Niterói (51^a); Cabo Frio (68^a); Mesquita (72^a); Nilópolis (75^a); Magé (77^a); Angra dos Reis (81^a).

Dessa forma, apesar de outras cidades possuírem níveis de violência semelhantes aos casos registrados no Rio, não são tão noticiadas, contribuindo desta forma para a representação negativa sobre a cidade. Através da realização de uma enquete⁸, elaborada com base nesses resultados sobre a violência, perguntou-se para um grupo de 20 turistas, vindos de diferentes locais do Brasil e do Exterior, qual a cidade, na concepção deles, mais violenta do Brasil; quase 90% respondeu o Rio de Janeiro, 10% São Paulo. As outras cidades nem apareceram nas respostas.

Outra representação muito freqüente vinculada pela mídia é a associação da violência com as favelas. Analisando as reportagens que são realizadas pela TV (jornais nacionais) e pelos jornais impressos (O Globo, O Dia e Jornal do Brasil), normalmente encontramos reportagens sobre a violência (assaltos, tráfico, ônibus queimados, entre outros) associadas diretamente a favela (como se a violência só acontecesse por causa da existência dela). Muitas vezes, trata-se de um acontecimento em Copacabana, ou outro bairro considerado “nobre”, mas a ligação entre a informação e a imagem se torna imediata.

Vários agentes contribuem para que as representações permaneçam e dêem vários sentidos para o que está sendo apresentado. Entre esses agentes, destacamos todos os meios de comunicação, que são capazes de atingir uma grande parcela da população. Eles tornam os lugares conhecidos, sem que a população os tenha vivenciado pessoalmente. As representações

⁷ Informações obtidas através do site: www.ipea.gov.br, acesso em 08/04/2006. Estes dados foram baseados no material produzido pelo Ministério da Saúde, que trabalha com informações sobre pessoas que morreram e/ou ficaram com algum problema de saúde proveniente da violência (assaltos, homicídios, acidentes de trânsito, entre outros). O cálculo do índice também leva em conta o número total de casos e as taxas proporcionais por 100 mil habitantes.

⁸ Enquete realizada com o objetivo de ilustrar a percepção das pessoas sobre a violência no Brasil, buscando identificar a percepção sobre as cidades mais violentas. Pergunta: qual a cidade mais violenta do Brasil?

são difundidas (exemplo: Rio de Janeiro – cidade violenta, favela – sinônimo de tráfico, entre outros). Moscovici (2004, p. 08) aborda, a partir do ponto de vista sociológico, o papel da comunicação na representação:

[...] as representações se tornam senso comum. Elas entram para o mundo comum e cotidiano em que nós habitamos e discutimos com nossos amigos e colegas e circulam na mí dia que lemos e olhamos. Em síntese, as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros.

As representações dos espaços envolvem uma série de sentimentos e valores do sujeito para com um determinado lugar ou situação. Esses sentimentos e valores são determinados pelos símbolos⁹ existentes, que são classificados a partir do mundo vivido, percebido e concebido (produção do espaço segundo Lefebvre). Categorizar, classificar, buscar as similitudes significa escolher um dos paradigmas que possuí mos, isto é, a visão de mundo que foi construí da a partir de uma série de inter-relações (família, sociedade, cultura), e assim estabelecer uma relação, podendo ser positiva, negativa, temporária, permanente. Aquilo com que não conseguimos estabelecer as similitudes, é o não reconhecido. Foucault (1995, p. 65) exemplifica essa questão ao falar do significado da pessoa louca até o fim do século XVIII “ *ele só é o diferente na medida em que não conhece a diferença; por toda a parte vê semelhança e sinais da semelhança; todos os signos para ele se assemelham e todas as semelhanças valem como signos*” . O louco, por muito tempo, foi considerado uma pessoa que não se enquadrava no que seria considerado/classificado como “normal”, por isso deveria ser isolado da sociedade. Observamos outros casos semelhantes, tais como as pessoas que possuí am lepra, síndrome de down, aids, entre outras doenças.

⁹ Segundo Laplantine & Trindade (1997, p.78) “os símbolos constituem-se de aspectos formais (significantes) e de conteúdos (significados)”.

A sociedade julga as pessoas pela aparência (roupas, sapatos), pelo local de moradia (favela, bairro, zonas da cidade), pela carteira de trabalho assinada, pela experiência no serviço, entre outros aspectos.

Os lugares são carregados de simbologias, signos, relações, logo, de representações distintas. Podemos sentir medo, alegria, insegurança, segurança, entre outros sentimentos, sem ao menos conhecê-lo pessoalmente. Lefebvre¹⁰, (1980) ao abordar o conceito de representação, afirma que “ *toda representación implica un valor, sea que el sujeto valore lo que se representa, el objeto ausente; sea que lo desvalore*” (1980, p.54). Assim, dentro desse contexto, é comum a valorização ou desvalorização dos espaços pelo que existe ou não, quando comparado aos demais. As áreas passam a ser representadas e valorizadas/desvalorizadas por uma ideologia que está presente na ocupação dos espaços em momentos distintos.

De acordo com Japiassú e Marcondes (1996, p.235), a representação é a “ *operação pela qual a mente tem presente em si mesma uma imagem mental, uma idéia ou um conceito correspondendo a um objeto externo. A função de representação é exatamente a de tornar presente à consciência a realidade externa, tornando-a um objeto da consciência, e estabelecendo assim a relação entre a consciência e o real*”. A imagem mental refere-se às percepções que possuímos de algum objeto, reproduzidas a partir de algo real (determinados discursos midiáticos) ou imaginado (por exemplo, a figura de Deus que não possui uma forma concreta). Desse modo, a representação torna real algo de que já temos consciência interna, assimila a nossa experiência e recodifica-a.

Concordamos com Barbosa (2000, p.73) quando afirma que a representação “ *não é produto imediato da memória ou uma tradução mimética da experiência. A representação possui um caráter construtivo e autônomo que comporta a percepção/interpretação/reconstrução do objeto e a expressão do sujeito. A representação é uma criação (...)*”. É uma criação porque trata de um processo que é construído a partir da interação do sujeito com o objeto. O sujeito percebe (essa percepção é seletiva), interpreta (a partir de um conhecimento próprio e coletivo) e traduz isso em uma nova realidade.

¹⁰ Henri Lefebvre in: La presencia y la ausencia – contribución a la teoría de las representaciones.

Para Lefebvre¹¹, a representação não é nem a verdade nem a mentira, nem a presença nem a ausência, nem a observação nem a produção, e sim uma mediação da realidade. Por exemplo, nas representações das favelas analisadas nessa pesquisa, percebemos as representações das ausências (falta de saneamento, de rede de coleta de lixo, falta de abastecimento, de escolas, de uma rede de hospitais, entre outros) e das presenças (solidariedade, cultura, violência, entre outros aspectos). Cada um pode representá-la embasado em uma série de códigos, de acordo com os seus interesses. Essas representações não serão totalmente verdadeiras nem totalmente falsas, elas simplesmente marcam uma ideologia presente em um discurso. A representação do que seja um objeto acaba desviando do que ele realmente é. Percebemos isso quando analisamos os discursos sobre favelas presentes na mídia, nas instituições locais, nas ONG's e na fala dos moradores.

Para Lefebvre (1980), uma representação pode servir como um instrumento de “dominação” de determinadas classes, categorias, etnias, sexos, entre outros, geralmente minorias. Os dominados “aceitam” essas imagens impostas pelos dominantes e acabam interiorizando-as (percebemos isso ao conversar com jovens moradores de favelas que incorporam determinados estereótipos do “ser favelado”).

Barbosa (2000, p.73), citando Lefebvre, afirma que as representações não se “*distinguem em verdadeiras ou falsas, mas sim em estáveis e móveis, em relativas e redundantes, tópicas e estereótipos incorporados de maneira sólida em espaços socialmente construídos [para ele] não podem reduzir-se nem ao seu veículo lingüístico nem aos seus suportes sociais e tecnológicos, porque são produtos intermediários entre o vivido incerto e o concebido elaborado [...]’* .

O trabalho da obra de arte, a poesia, o cinema, entre outros, são formas de representar o mundo, sob o ponto de vista de seu autor. Essas representações podem levar a inúmeras interpretações para quem o observa. São atividades criativas que “*se convertem em fonte permanente de*

¹¹ No original: “*la representación no es ni la verdad ni el error, ni la presencia ni la ausencia, ni la observación ni la producción, si algo intermedio*” (Lefebvre, 1980, p.15).

comunicação, de entendimento e valoração dos produtos, objetos e relações humanas” (Barbosa, 2000, p.71).

As pessoas respondem ao mundo baseadas em suas vivências. Uma obra de arte é realizada dentro de um contexto histórico, envolve um conjunto de técnicas e ideologias, representa um “olhar aprofundado” sobre algo, porém sempre será seletiva, pois se trata de uma representação pessoal. Barbosa (2000, p.70) salienta: “*a obra de arte pode ser uma interrogação da vida e da história e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de resposta. Mais do que um segredo da criação subjetiva ou pura expressão da sensibilidade humana é a arte capaz de apresentar um lado ignorado ou mesmo esquecido do mundo habitado pelos homens*” .

As obras de arte carregam uma linguagem própria, porém muito ampla. Foucault (1995, p.25) afirma que “*a relação da linguagem com a pintura é uma relação infinita (...) por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem*” .

Toda imagem é seletiva. Ao observarmos um quadro ou uma fotografia, estamos contemplando uma visão parcial, marcada pela seleção do autor e a interpretação do espectador. Uma paisagem, por exemplo, pode ser representada e percebida de diversas maneiras: um leigo pode simplesmente achá-la bonita e/ou feia; um geógrafo pode analisar os seus aspectos físicos e sociais; um economista, suas potencialidades econômicas; um ecologista pode perceber a degradação da área, e assim por diante.

O poeta é aquele que tem o “direito”, isto é, uma “licença” para falar da realidade sem ser chamado de louco. O poeta pode utilizar suas palavras como um “*recurso de sua contestação*” (Foucault, 1995). Sua obra contém palavras inspiradas em contexto histórico na qual foram criadas (Lefebvre, 1980). Ele (poeta) utiliza-se da linguagem escrita para se comunicar, para expressar signos e similitudes. Suas palavras correspondem a uma leitura de um mundo próprio que pode ou não corresponder a uma realidade. Há uma simetria entre ele e a figura do louco até o fim do século XVIII (quando a loucura passou a ser tratada como uma doença). Sob o olhar da cultura, o poeta, segundo Foucault

(1995, p.64), “*é aquele que, por sob as diferenças nomeadas e cotidianamente previstas, reencontra os parentescos subterrâneos das coisas, suas similitudes dispersadas (...)*”. Ele utiliza a linguagem escrita para criar e recriar imagens. Uma mesma realidade pode ser representada de diversas maneiras, marcadas por inúmeras contradições.

A linguagem é um sistema de signos utilizado para representar uma dada realidade. A partir do pensamento moderno, considera-se um “*elemento estruturador da relação do homem com o real*” (Japiassú e Marcondes, 1996, p. 164). Foucault, ao comentar sobre a escrita das coisas, faz uma reconstrução histórica do sentido da linguagem no mundo e começa afirmando que no século XVI o sujeito:

[...] não é um conjunto de signos independentes, uniforme e liso, onde as coisas viriam refletir-se como num espelho, para aí enunciar, uma a uma, sua verdade singular [o sujeito] está depositada no mundo e dele faz parte porque, ao mesmo tempo, as próprias coisas escondem e manifestam seu enigma como uma linguagem e porque as palavras se propõem ao homem como coisas a se decifrar”. (Foucault, 1995, p.50-51).

O sentido da linguagem muda com a ciência, ela não se assemelha mais com as coisas que representa, porém, “*continua, sob outra forma, a ser o lugar das revelações e a fazer parte do espaço onde a verdade, ao mesmo tempo, se manifesta e se enuncia*” (Foucault, 1995, p. 53).

As obras cinematográficas utilizam-se de outros recursos para representar a realidade. Barbosa (2000, p.78) comenta que “*o cinema surge como uma arte destinada a ser exibida às massas*”. Como um grande instrumento de reprodução em massa, no qual toda tecnologia pode ser utilizada para criar e recriar espaços, pode manipular informações e homogeneizar visões. Barbosa (2000, p.79) citando Benjamim:

a reprodução técnica em massa, no domínio da arte, encontrava seu objeto privilegiado na reprodução das massas sociais, e culminava esta nas estratégias de controle e dominação daquele período. O cinema como técnica de (re)produção de imagens se inscrevia num momento onde os imensos cortejos, as manifestações de

rua, a encenação do Estado e a própria barbárie da guerra tornavam-se espetáculos grandiosos de realização da hegemonia ideológica e cultural das classes dominantes. A estetização da política tinha como suporte de realização a reprodução técnica em massa de imagens audiovisuais que fazia do cinema um espaço espetacular de representação de ideologias.

Na verdade, esta técnica surge dentro de um contexto histórico onde a tecnologia atinge todos os ramos da sociedade, inclusive a arte, e se expande cada vez mais para o mundo inteiro. Barbosa comenta que o cinema tem origem nas grandes cidades e passa a acompanhar as transformações socioculturais desta. Na visão do autor, o cinema passa a constituir “*como um arquivo dos atos, relações e do próprio imaginário presentes e construtores do espaço urbano*” (2000, p.82).

Hoje, já se fala de um ciberespaço, construído para animar o mundo da ficção. Cidades inteiras são criadas e recriadas através da tecnologia e colocadas à disposição das pessoas através do cinema e da televisão.

Essas três vertentes aqui expressadas servirão de embasamento para o estudo das representações das favelas do Rio de Janeiro, em especial da favela da Maré. A produção de imagens pictóricas (fotografias e quadros), a produção textual (informações obtidas através de textos jornalísticos, literatura e produção dos moradores da favela da Maré) e a produção de imagens televisuais (documentários, filmes, jornais) irão nos ajudar na compreensão das diferentes representações que surgiram e circulam sobre as favelas.

1.2 – Do conceito da “*cidade partida*” aos espaços populares: os diferentes olhares sobre essa questão.

A cidade é marcada pelo movimento, as velhas formas são destruídas e re-apropriadas por novos conteúdos, muitas vezes esvaziados de sentidos e sentimentos para a população que a vivencia. Os lugares cotidianos passam a ser recriados constantemente em função das novas realidades surgidas. Essa nova realidade é criada em função de interesses políticos, sociais e econômicos. Para Carlos:

a reprodução sinaliza a articulação indissociável de três planos: o econômico (a cidade produzida enquanto condição de realização da produção do capital – convém não esquecer que a reprodução das frações de capital se realizam através da produção do espaço), o político (a cidade produzida enquanto espaço de dominação pelo Estado na medida em que este domina a sociedade através da produção de um espaço normatizado); e o social (a cidade produzida enquanto prática sócio espacial, como elemento central da reprodução da vida humana). (Carlos, 2004, p. 20).

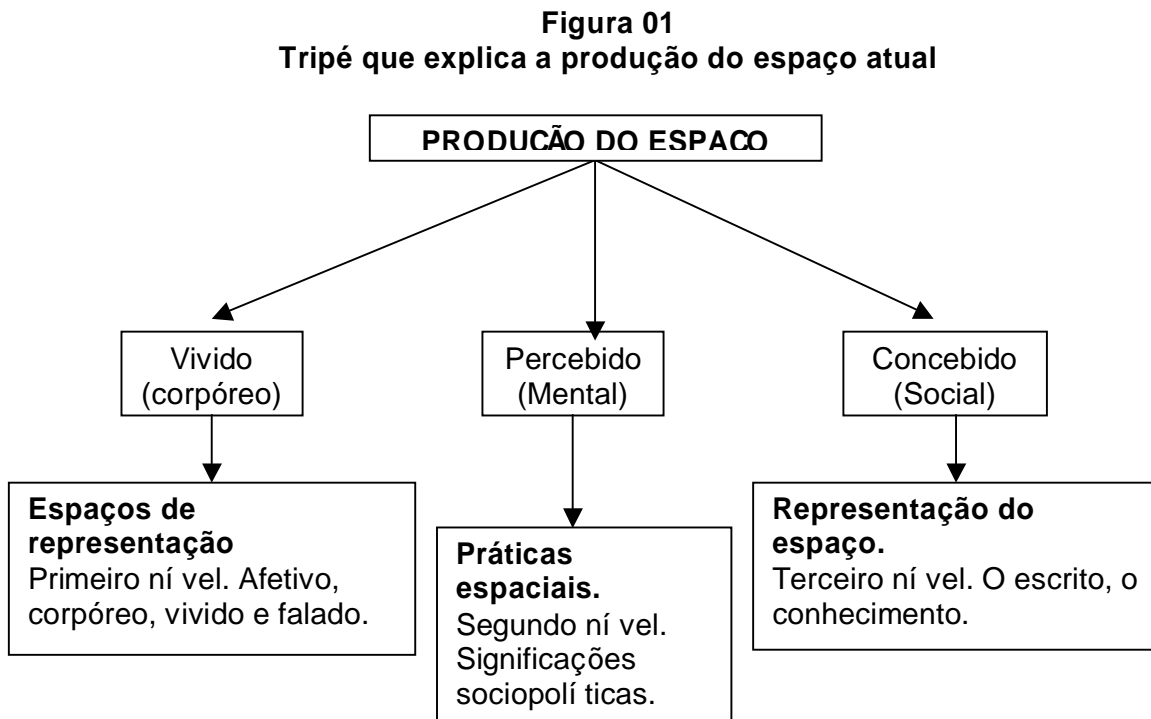
Lefebvre (2001, p.46) faz uma observação sobre o papel da **ordem próxima** (que mantém a cidade através dos lugares, das produções, reproduções e das propriedades) e da **ordem distante** (que sustenta a cidade, isto é, projeta-se sobre os lugares), mediando essas modificações, mostrando que a cidade é resultado desse movimento:

A cidade depende também e não menos essencialmente das relações de imediatez, das relações diretas entre as pessoas e grupos que compõem a sociedade (famílias, corpos organizados, profissões e corporações, etc.); ela não se reduz mais à organização dessas relações imediatas e diretas, nem suas metamorfoses se reduzem às mudanças nessas relações. Ela se situa num meio termo, a meio caminho entre aquilo que se chama de ordem próxima (relações dos indivíduos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles) e a ordem distante, a ordem da sociedade, regida por grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado), por um código jurídico formalizado ou não, por uma “cultura” e por conjuntos significantes.

Diante das criações e recriações dos espaços, as pessoas não conseguem vivenciar plenamente a cidade. Dessa forma, os lugares surgem dentro desses espaços. Ainda utilizando as palavras de Carlos, “o lugar é a porção apropriável para a vida – daí a importância do corpo e dos sentidos, que comandam as ações que envolvem e definem o ato de morar que tem a casa como centro, mas que a partir dela vai ganhando os significados dado pela articulação desta, com o bairro, com a praça, com a rua; neste processo vão-se identificando os lugares da vida, marcando/apoiando a relação com o outro”

(Carlos, 2004, p. 51). O vivido cria um significado para a área, aliado às relações e práticas espaciais, e dá origem a uma identidade entre as pessoas e os lugares.

Para Lefebvre (1991), o espaço é resultado de uma inter-relação entre (1) o que se vive e imagina (cotidiano marcado pela experiência), (2) as relações estabelecidas pelas práticas espaciais (trabalho, lazer, entre outros) e (3) pelo que chega através de informações produzidas por outros segmentos (signos verbais elaborados por instituições ou pela academia). Esses três elementos formariam um tripé (figura 01) que explicaria a produção do espaço atual¹²:



Dessa forma, o espaço de representação é o espaço do cotidiano, do *vivido* no dia-a-dia, da experiência direta, com todos os símbolos e imagens. Para Lefebvre (1991, p.33) “os espaços de representação envolvem os simbolismos complexos, algumas vezes com códigos, outras não, ligados ao

¹² Baseado Lefebvre (1991), The Production of Space.

*lado clandestino ou subterrâneo da vida social, mas também da arte (...)*¹³. Isto é, é a “base”, o local de ordem próxima e direta onde as relações estão se produzindo. Ainda em Lefebvre (1991, p.42):

*o espaço de representação se vive: se fala. Ele tem um nó ou centro afetivo: o ego, a cama, o quarto, o alojamento, a casa ou a praça, a igreja, o cemitério. Ele contém lugares da paixão, da ação e das situações vividas, então implica imediatamente no tempo, conseqüentemente ele pode ser qualificado por vários caminhos, pode ser direcional, situacional ou relacional por que ele é essencialmente qualitativo, fluído e dinâmico*¹⁴.

Nas práticas espaciais estão as atividades diárias, os diversos lugares onde se realizam as atividades de trabalho, da vida privada, do lazer e das festas. É o que o autor denomina de *espaço percebido*, nele estão a produção e a reprodução das práticas que transformam o lugar. Para Lefebvre (1991, p. 33):

*A prática espacial engloba a produção e reprodução, e lugares particulares e com características espaciais próprias a cada formação social. Prática espacial assegura a continuidade e uma relativa coesão. Em termos do espaço social, cada membro da sociedade se relaciona com o espaço, esta coesão implica na garantia de uma competência e performance*¹⁵.

Esse espaço está diretamente relacionado com o cotidiano, já que são nesses locais que as relações sociais se dão, bem como é caracterizado por

¹³ Original: “Representational spaces, embodying complex symbolisms, sometimes coded, sometimes not, linked to the clandestine or underground side of social life, as also to art” (Lefebvre, 1991, p.33).

¹⁴ Original: “Representational space is alive: it speaks. It has an affective kernel or centre: Ego, bed, bedroom, dwelling, house or square, church, graveyard. It embraces the loci of passion, of action and of lived situations, and thus immediately implies time. Consequently it may be qualified in various ways it may be directional, situational or relational, because it is essentially qualitative, fluid and dynamic” (Lefebvre, 1991, p.42).

¹⁵ Original: “Spatial practice, which embraces production and reproduction, and the particular locations and spatial sets characteristic of each social formation. Spatial practice ensures continuity and some degree of cohesion. In terms of social space, and of each member of a given society relationship to that space, this cohesion implies a guaranteed level of competence and a specific level of performance” (Lefebvre, 1991, p.33).

uma fluidez, mobilidade e movimento, já que as relações são dinâmicas, e diferentes posturas são adotadas perante aquilo que se quer relacionar.

A representação do espaço é o *espaço concebido* pelos planejadores, algumas vezes identificando o vivido e o percebido e criando um sistema verbal de signos e símbolos que identificam/caracterizam determinados lugares. A representação do espaço domina o espaço das representações. As pessoas o elaboram a partir de suas práticas, mas também em função dos discursos hegemônicos. Geralmente está associado a um discurso de ordem longínqua (distante), elaborado por governantes e intelectuais. Está presente a ideologia dominante. Lefebvre (1991, p. 42) comenta: “*as representações do espaço estão ligadas às relações de produção e à ‘ordem’ que esta relação impõem e nos conhecimentos, signos, códigos e relações frontais*”¹⁶. O autor afirma ainda: “que o espaço conceitualizado pelos cientistas e planejadores, vão submetendo o vivido e o percebido ao concebido as concepções do espaço tenderiam, com algumas ressalvas, para um sistema de signos verbais (elaborados intelectualmente)”¹⁷ (Lefebvre, 1991, p. 38-39). Assim, o espaço será resultado dessa relação complexa (vivido - percebido - concebido).

Para Lefebvre, cada lugar da cidade passa a ter um significado em função das relações sociais estabelecidas pelo vivido, pelas práticas espaciais e pelas próprias representações que se fazem na produção dos espaços. Assim, os lugares serão representados com linguagens e símbolos próprios e diversificados.

Lefebvre (1974) afirma que a concepção do real é um dos processos da produção do espaço urbano, que consegue alterar a forma e conteúdo das cidades, criando e recriando uma rede de relações e estabelecendo novos cotidianos e práticas espaciais para as pessoas. Segundo o autor, “*a representação do espaço será penetrada do saber (conhecimento e ideologia*

¹⁶ Original: “*representations of space, which are tied to the relations of production and to the ‘order’ which those relations impose, and hence to knowledge, to signs, to codes, and to ‘frontal’ relations*” (Lefebvre, 1991, p. 33).

¹⁷ Original: “*representations of space: conceptualized space, the space of scientists, planners, urbanists, technocratic subdividers and social engineers, as of a certain type of artist with a scientific bent—all of whom identify what is lived and what is perceived with what is conceived (...) conceptions of space tend, with certain exceptions to which i shall return, towards a system of verbal (and therefore intellectually warked out) signes*” Lefebvre (1991, p. 38-39).

misturados) sempre relativo e em transformação [as representações] entram na prática social e política, as relações estabelecidas entre os objetos e as pessoas no espaço” .

Os discursos presentes na mídia, que são responsáveis pelo imaginário construído sobre os lugares da cidade, abordam as favelas como um espaço homogêneo. Silva (2002, p.110) salienta a homogeneização típica da representação desses espaços, mostrando que isso na realidade não existe:

a representação peculiar usual das favelas é a sua homogeneização. Existem em terrenos elevados e planos, reunindo de algumas centenas de moradores até alguns milhares, possuindo diferentes equipamentos e mobiliários urbanos, sendo constituídos por casas e/ou apartamentos, com diferentes níveis de violência e presença do poder público, com variadas características ambientais, as favelas constituem-se como territórios e com paisagens razoavelmente diversificadas.

A homogeneidade¹⁸ seria marcada pelas faltas (falta de uma rede de esgoto, de água tratada, de empregos ou de um baixo poder aquisitivo) e das ausências urbanas (predomínio da violência, da ausência das escolas, dos postos de saúde, entre outros estereótipos) em todas as concepções: sociais, econômicas, políticas e ambientais.

Ao se referir às favelas, Souza (2003, p.22) comenta sobre os equívocos cometidos na descrição destes espaços: observados *“com rigor e atenção, pode-se notar que abrigam estereótipos, clichês, preconceitos lamentáveis e perigosos, na esteira de equívocos e simplificações. A mídia, muitas vezes,*

¹⁸ O termo **homogêneo** utilizado nesta pesquisa possui uma referência homogeneizante dado por um elemento escolhido (imagem ou símbolo que marcam), isto é uma tentativa de agrupar determinadas características de um lugar pela diferença. A homogeneidade está relacionada a uma característica unificadora, podendo ou não estar clara e possuir uma relação de áreas entre fenômenos (Moreira, 1999). Dentro deste contexto, a favela da Maré por exemplo, passa a conter uma característica homogênea, ela é marcada pela diferença quando comparada ao espaço urbano formal (planejado e/ou legalizado pelo poder público). A homogeneidade é um conceito relacionado à representação por meio do qual a diferença geográfica vira identidade (Moreira, 1999). De acordo com Silva (1986, p. 543-544) o termo hegemonia vem de guiar, conduzir, indicando *“uma preponderância de um determinado tipo de cultura sobre outras existentes, porém assimilada ou eclipsada pela cultura hegemônica”*, o autor salienta o termo com os dizeres de Gramsci *“não se pode falar de classe dominante como única classe no poder, mas sim que, a partir da combinação e superposição no poder político de diversas classes dominantes, cada uma delas com seu diferente estatuto sócio-histórico se estabelece um bloco no poder ou dominante”*. Diante disto, muitas vezes as favelas são retratadas como homogêneas.

mais contribui para reproduzir e amplificar visões distorcidas que para corrigi-las". Salienta dessa forma o papel da mídia ao reproduzir essas visões e massificar as opiniões da sociedade que as recebe e que não tem nenhuma vivência nestas áreas¹⁹.

Silva (2002, p.110) destaca essa questão com as características que são repassadas de maneira negativa sobre esse espaço: *" a favela é definida pelo que ela não é ou pelo que não tem. Neste caso, é apreendida como um espaço destituído de infraestrutura urbana – água, luz, esgoto, coleta de lixo, sem arruamento, globalmente miserável, sem ordem, sem lei, sem regras, sem moral, enfim, expressão do caos"*.

Zaluar e Alvito (1998, p. 08) destacam essa visão referindo-se também a um preconceito, positivo ou negativo, das políticas habitacionais diferenciadas no que se refere à habitação dessas áreas, e do imaginário que instiga a população do "asfalto":

a favela ficou também registrada oficialmente como a área de habitações irregularmente construídas, sem arruamentos, sem plano urbano, sem esgotos, sem água, sem luz. Dessa precariedade urbana, resultado da pobreza de seus habitantes e do descaso do poder público, surgiram as imagens que fizeram da favela o lugar da carência, da falta, do vazio a ser preenchido pelos sentimentos humanitários, do perigo a ser erradicado pelas estratégias políticas que fizeram do favelado um bode expiatório dos problemas da cidade, o outro, distinto do morador civilizado da primeira metrópole que o Brasil teve. Lugar do lodo e da flor que nele nasce, lugar das mais belas vistas e do maior acúmulo de sujeira, lugar da finura e elegância de tantos sambistas, desde sempre, e da violência dos mais famosos bandidos que a cidade conheceu ultimamente, a favela sempre inspirou e continua a inspirar tanto o imaginário preconceituoso dos que dela querem se distinguir quanto os tantos poetas e escritores que cantaram suas várias formas de marcar a vida urbana do Rio de Janeiro.

Os autores citados também abordam a dualidade marcada por uma oposição entre a cidade (asfalto) e a favela, como se ambos surgissem ou existissem separadamente (cidade partida – Zuenir Ventura). Esse discurso

¹⁹ O receptor não é passivo, isto é só recebe as informações e as aceita. Ele recebe, e a transforma de acordo com as suas práticas espaciais e sua vivência.

também esteve presente no cenário nacional (dois brasis, cidade formal e informal). Segundo os autores: “ (...) *esta foi usada em diferentes contextos e com diferentes conotações para expressar a superioridade de uma região, estado, cidade ou parte da cidade sobre outras regiões, estados, cidades ou partes da cidade. No Rio de Janeiro, essa reflexão sobre a dualidade brasileira encontrou na oposição favela X asfalto*²⁰ *uma de suas encarnações*” (Zaluar e Alvito, 1998, p.13). Esta dualidade também é incorporada pelas comunidades, quando utilizam as mesmas expressões para referir-se a determinados lugares da cidade.

Perlman (2003, p.4) se reporta à negação que existe nos espaços populares, sempre comparando-os com a cidade, e reafirmando o discurso da dualidade:

*As favelas costumam ser observadas a partir de parâmetros definidos pelos grupos sociais de maior poder econômico, político e cultural e, dessa forma, passam a ser caracterizadas pelo que, aparentemente, elas não teriam em comum, em termos materiais e/ou culturais com a metrópole. A definição dos espaços populares pela **negação** tem sido um elemento recorrente desde a instituição dos primeiros espaços habitados pelas populações de baixa renda nas cidades brasileiras.*

Pelo exposto, esses espaços passam a fazer parte de uma representação coletiva que geralmente é negativo e irreal (visão dos não-moradores), mas que descaracterizam e criam uma sensação de medo e desconforto (a favela como foco de doenças, violência, das faltas, do risco de vida). Essa abordagem também contribui para as diferentes visões internas (moradores) e sentimentos da população que compartilha dessa realidade, que terá opiniões diversificadas sobre esses espaços que podem ser positivas ou negativas, dependendo da experiência em relação a outros lugares e à identidade construída. Zaluar e Alvito (1998, p. 14-15) comentam:

Ao longo deste século, a favela foi representada como um dos fantasmas prediletos do imaginário urbano: como foco de doenças, gerador de mortais epidemias; como

²⁰ As expressões favela e asfalto ainda são utilizadas.

sí tio por excelência de malandros e ociosos, negros inimigos do trabalho duro e honesto; como amontoado promíscuo de população sem moral. Com a chegada de levas de nordestinos, que traziam outra bagagem cultural, a favela também passou a ser vista como reduto anacrônico de migrantes de origem rural mal adaptados às excelências da vida urbana, ignorando-se os conflitos que advieram da convivência forçada num espaço cada vez menor entre negros cariocas (de raiz) e migrantes nordestinos.

Várias representações da favela são difundidas, novos discursos são veiculados diariamente pela mídia, principalmente na definição desses lugares como palco da disputa territorial dos traficantes, da violência praticada pelos policiais, pelo intenso crescimento da violência nessas áreas. Como se a favela estivesse associada diretamente à existência da violência e fosse só isso.

Mas, se a favela não é um espaço homogêneo marcado pelas ausências, pela dualidade, conforme seu surgimento, como poderemos definir a favela?

Partindo do conceito utilizado pelo IBGE²¹, em 1950, temos a seguinte definição sobre as favelas:

são consideradas favelas todos os aglomerados urbanos que possuam, total ou parcialmente, as seguintes características: proporções mínimas: agrupamentos prediais ou residenciais formados com unidades de número geralmente superior a 50. Tipo de habitação: predominância, no agrupamento, de casebres ou barracões de aspecto rústico, construídos principalmente de folhas de flandres, chapas zincadas, tábuas ou materiais semelhantes. Condição jurídica de ocupação: construções sem licenciamento e sem fiscalização, em terrenos de terceiros ou de propriedade desconhecida. Melhoramentos públicos: ausência, no todo ou em parte, de rede sanitária, luz, telefone e água encanada. Urbanização: área não urbanizada, com falta de arruamento, numeração ou emplacamento.

²¹ Segundo SILVA, J. de S. "Um espaço em busca de seu lugar: as favelas para além dos estereótipos" In: *Território Territórios*. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002. pp.107-125. p.110

Esse conceito tornou-se clássico por reafirmar as diferenças sociais entre a favela e a cidade, e por definir um estereótipo para a favela que prevaleceu até pouco tempo, justificando determinadas práticas políticas.

O Plano Diretor²² do Rio de Janeiro de 1992, art. 147, define a favela da seguinte forma: "*área predominantemente habitacional, caracterizada por ocupação da terra por população de baixa renda, precariedade da infraestrutura urbana e de serviços públicos, vias estreitas e de alinhamento irregular, lotes de forma e tamanhos irregulares e construções não licenciadas, em desconformidade com os padrões legais*". Além disso, o plano transfere a responsabilidade da urbanização das favelas para o município (Burgos, 1998, p.49)²³.

Burgos (1998, p.48) afirma que no plano diretor "*não se atribuem quaisquer características morais ou mesmo culturais aos moradores da favela, sendo a mesma definida por uma leitura puramente espacial e por suas carências de infra-estrutura. Assim, despida de preconceitos, tal representação da favela mostra-se compatível com sua efetiva integração à vida social e política da cidade*". Dessa forma, a favela se integra ao cenário da cidade, seus moradores ganham uma representação através das associações de moradores²⁴. Novamente, trata-se de "obras" (saneamento, calçamento, construções de casas), e melhorias que visam melhorar a aparência do lugar. Não são priorizadas outras assistências de que a população necessita, tais como a melhoria das condições de trabalho, das escolas e dos hospitais.

Hoje, as favelas não apresentam as características do passado (telhado de zinco, casas de madeiras), e a maior parte das casas é de alvenaria. O desenvolvimento das favelas foi acompanhado pela verticalização, isto é, crescimento vertical das casas a partir das lajes, sendo comum a existência dos cômodos espalhados por 2 ou 3 andares, ou até mesmo apartamentos para serem alugados nos andares acima da casa principal. A casa não tem a mesma função do mercado urbano formal, ela é "*um patrimônio familiar extensivo, não se resumindo a uma propriedade ou bem individualizado*" (Silva

²² Burgos (1998, p.48). In: Zaluar e Alvito (orgs). *Um século de Favela*.

²³ Burgos, op. cit., p. 48, passim.

²⁴ Não necessariamente atendem as reivindicações dos moradores.

e Barbosa, 2000, p. 95), já que abriga várias gerações da mesma família (irmãos, filhos, netos,...) que não teriam chances de habitar outros lugares.

A laje torna-se uma mercadoria com um valor de troca muito importante. Varella *et. al.* (2002) faz uma análise do significado das lajes para as favelas, como se o “ espaço sideral” fosse vendido: “ *A laje é uma instituição nas casas pobres das cidades brasileiras*” (p.70). A laje é uma extensão da casa, adquirindo muitas funções (áreas de lazer, quintais das casas, entre outras funções).

Algumas características das favelas (casas germinadas, ruas estreitas, becos, entre outras) permanecem devido ao aproveitando máximo das áreas a serem construídas como salienta Varella *et. al.* (2002, p.73) “ *na ausência de regulamentação, o aproveitamento máximo do terreno é princípio urbanístico*” . O autor destaca também uma característica desses lugares: o movimento, marcado pela constante mudança da forma, aparência e conteúdo, determinado pelos próprios moradores, que são os grandes agentes transformadores destes lugares. São eles que definem onde e como será a sua moradia, onde serão os espaços públicos (lazer) e os espaços para o trabalho.

*[...] as favelas são espaços em movimento. A ideia de espaço em movimento não estaria mais ligada apenas ao próprio espaço físico, mas sobretudo ao movimento do percurso, à experiência de percorrê-lo e, ao mesmo tempo, ao movimento do próprio espaço em transformação. O espaço em movimento é diretamente ligado a seus atores (sujeitos da ação), que são tanto aqueles que percorrem esses espaços no cotidiano quanto os que constroem e os transformam sem cessar. No caso das favelas, os dois atores podem estar reunidos em um só, o morador, que também é, em grande parte dos casos, o construtor do próprio espaço” (Varella *et. al.*, 2002, p.56).*

Os espaços públicos têm um valor fundamental nas favelas, têm um forte sentido de “ ser público” . Para Silva e Barbosa (2005, p.98), “ *nas favelas as ruas são espaços da festa do lazer, dos encontros afetivos, do trabalho, da brincadeira. [...] as ruas ainda são espaços de aproximação, de sensações de pertencimento e de mobilização em torno de causas individuais e coletivas*” . As ruas são feitas para as pessoas, não para o trânsito. Alvito comenta sobre o papel do espaço como produto socialmente construído pelo homem, não

negando os demais espaços da cidade formal, mas salientando o papel do morador construtor na favela “[as casas na favela] foram construídas pelo homem que lá habitam, com suas próprias mãos, lentamente, durante anos. Uma casa de dois pavimentos pode ser a síntese de 30, 40 anos de trabalho” (2001, p. 69). O autor compara o morador²⁵ com um conquistador que construiu “tudo a partir do nada”.

Os espaços populares, expressão utilizada nos dias atuais, são moradas “um espaço plural, onde grupos unidos por valores, práticas, vivências, memórias e posição social constroem seu enraizamento como força de realização das suas vidas. A morada significa que as pessoas estão inseridas em relações socioespaciais. Elas não estão situadas em um lugar qualquer, mas sim em um lugar que reúne qualidades materiais e simbólicas produzidas por elas mesmas” (Silva e Barbosa, 2005, p. 98). Esses espaços são marcados pela solidariedade, que aparece quando as pessoas se reúnem para resolver um problema, ou “bater” uma laje do vizinho, ou até mesmo socorrer alguém que está passando mal, são marcados pela alegria, pela dor, pela violência, em fim, pelas presenças e ausências. São espaços heterogêneos²⁶ marcados por uma diversidade que carrega uma identidade que os individualizam.

1.3 – Do espaço ao lugar: a construção do espaço metropolitano do Rio de Janeiro e os lugares na cidade.

A Cidade do Rio de Janeiro é produto de inúmeras transformações sociais e espaciais provenientes do “desenvolvimento” ocorrido nesta região em diferentes momentos históricos. Em prol de uma organização (ordem) e do progresso, formas urbanas ficaram perdidas no tempo, destruídas para dar

²⁵ Este estudo relaciona-se com a Favela de Acari, mas podemos ampliá-lo para a realidade das demais favelas, onde o morador começou a ocupar esses espaços que não tinham praticamente nenhuma infra-estrutura básica, e aos poucos, quase 100 anos depois, desenvolveu essa aparência atual, chegando inclusive a ser classificado, em alguns casos, como bairro.

²⁶ O termo **heterogêneo** será empregado para caracterizar uma diferenciação e/ou diversificação de elementos (fenômenos urbanos) nas áreas, ele estará relacionado à heterogeneidade dos elementos compostos da constituição de um lugar, as características que produzem diferenciações quando comparadas a outras áreas (Moreira, 1999). O termo heterogêneo poderá ser empregado, por exemplo, à medida que diferenciamos as identidades distintas das 16 comunidades que compõem a favela da Maré

origem a uma nova ideologia do que seria, segundo concepções dos governantes e das classes dominantes, uma cidade moderna, voltada para atender a interesses mundiais.

Dentro desse contexto, o Rio de Janeiro torna-se um exemplo importante de uma cidade que cresceu modificando inúmeras vezes a sua forma e conteúdo, criando e re-criando os seus lugares, influenciando na circulação e na apropriação de seus espaços pela população.

Com a vinda da Família Real ao Brasil, o Rio de Janeiro se torna capital do império português. Inúmeras transformações são impostas para a cidade. As formas e conteúdos existentes na cidade são re-apropriados, é a primeira transformação urbana da cidade, numa tentativa de adaptar a cidade à nova cultura e ao aumento populacional ocorrido²⁷. Segundo Costa, baseado em Bernardes (2002, p. 200) “a vinda da família real portuguesa, em 1808, e com o café, consolidou-se a posição da cidade como capital, o que proporcionou sua grande expansão no século XIX – a população salta de 60.000, em 1808 para 500.000 habitantes no final desse século” .

O início da industrialização do Rio de Janeiro (no final do século XIX e início do século XX) trouxe uma população ainda maior para a cidade e com ela os problemas habitacionais.

A cidade é vista como um local de trabalho, moradia, indústrias, escolas, local onde as práticas espaciais se configuram. Este “*centro de oportunidades*” atrai novos fluxos (migrações, indústrias, infra-estrutura), que interferem diretamente na construção do espaço em que se vive, e este espaço será fruto de uma série de relações que dependerão da dos vínculos com o lugar que cada um estabelece, das políticas de habitação e da trajetória de vida de cada grupo social (produção e reprodução do espaço urbano, já discutido anteriormente).

Diante disso, privilegiando os grupos sociais com maior poder aquisitivo, a ocupação da metrópole carioca foi marcada por dois aspectos principais: um de **ordem natural** e outro de **ordem política**.

²⁷ Além disso, ocorre um aumento populacional, já que junto com a família real, chegaram quase 20 mil pessoas, desabrigoando pessoas e causando uma nova configuração para a cidade (Drummond, 1988, p. 284).

O primeiro aspecto está associado à diversidade do relevo carioca (marcado principalmente por morros, planícies e manguezais), dificultando ou oferecendo riscos de vida em algumas áreas, gerando a apropriação diferenciada nestes espaços.

Aos poucos, a forma natural transformou-se num núcleo onde a cidade se instalou, porém, esse processo não se desenvolveu ocupando as áreas “habitáveis” da cidade, e sim através de inúmeros projetos com aterros, construções de valas para escoamento e drenagem de regiões, desmatamentos, entre outros. Abreu (1996, p. 15) salienta que “*o sítio sempre foi problemático, pela queda abrupta de gradiente entre a encosta e a baixada situada ao nível do mar, e pela grande quantidade de brejos, pântanos e lagoas. Por isso, a conquista propriamente dita foi um processo longo e penoso. O espaço da cidade do Rio de Janeiro teve que ser conquistado pelo homem através de dessecaamentos e aterros, durante mais de 300 anos, até o século XIX*”.

As inúmeras transformações são marcadas por conflitos da sociedade pela ocupação desses espaços. As áreas foram valorizadas em função da apropriação da natureza ou de espaços produzidos pela própria sociedade. Manguezais e brejos são desvalorizados e considerados insalubres, focos de doenças e odores desagradáveis, portanto, indesejáveis para a cidade. Praias²⁸, áreas com a presença de vegetação (ideologia da saúde - ar mais limpo), áreas dotadas de infra-estrutura básica (calçamento, água tratada, saneamento), são valorizadas, sendo apropriadas pela população que possui um poder aquisitivo maior.

O segundo aspecto foi de ordem política. Inúmeras ações políticas na cidade privilegiaram determinados bairros em detrimento de outros. A Zona Sul foi se configurando como uma área residencial das classes média e alta, enquanto algumas áreas da Zona Norte, Oeste e periferia da área central se destinaram à população menos favorecida economicamente. Logo, há inúmeras diferenças na infra-estrutura destes bairros (calçamento, rede de escolas, hospitais, comércio, transporte público, metrô, entre outros).

²⁸ O mar tinha um significado muito importante devido ao constante movimento, que dava uma idéia de limpeza, de renovação. Desde o início da ocupação das cidades brasileiras, elas utilizavam o mar para despejar os esgotos, pois, acreditava-se que o mar conseguiria “levar embora” todas as sujeiras da cidade.

Nas políticas implantadas no desenvolvimento da Cidade do Rio de Janeiro sempre houve um privilégio (recursos financeiros) para as áreas centrais e bairros mais nobres (Zona Sul). Referindo-se a esta questão, Abreu (1997, p.15) salienta:

o Estado tem tradicionalmente apoiado os interesses e privilégios das classes e grupos sociais dominantes, via a adoção de políticas, controles e mecanismos reguladores altamente discriminatórios e elitistas. No caso brasileiro [...] tem se refletido na acentuação das disparidades intrametropolitanas, isto é, na crescente elitização dos espaços urbanos centrais e na conseqüente periferização das classes de baixa renda. Entenda-se por “periferização” mais do que a localização distante do centro metropolitano. O conceito inclui também a não acessibilidade ao consumo de bens e serviços que, embora produzidos socialmente pelo Estado, localizam-se apenas nas áreas mais privilegiadas da metrópole, beneficiando, portanto, principalmente aqueles que ali residem.

Dessa forma, começam a ocorrer diferenciações habitacionais marcadas por preconceitos, distinções (principalmente políticas) que de modo cristalino expressam a produção desigual da cidade. A renda familiar, a falta de oportunidades e a qualificação profissional tornam-se os principais definidores dessas diferenciações (Souza, 2003).

No final do século XIX e início do século XX, os cortiços²⁹ e as favelas começam a fazer parte do cenário das cidades, em especial do Rio de Janeiro. No século XIX, a configuração geográfica do Rio de Janeiro (morros, encostas, manguezais, áreas com vegetação densa, entre outros elementos), influenciou na ocupação da cidade, já que nem todas as áreas eram usadas pela população por causa da limitação tecnológica³⁰. Pobres e ricos moravam na área central, sem muita diferenciação a não ser pelo tipo de moradia. Abreu (1997, p. 35) destaca que “a falta de meios de transporte coletivo e as necessidades de defesa faziam com que todos morassem relativamente

²⁹ Os cortiços surgem como uma solução de moradia para as famílias pobres conforme salienta Abreu (1997, p. 42): “habitação coletiva e insalubre e palco de atuação preferencial das epidemias de febre amarela, que passam a grassar quase que anualmente na cidade a partir de 1850”.

³⁰ A ocupação de algumas áreas necessitava de aterros, como era o caso dos manguezais, o que demandava um custo.

próximos uns aos outros, a elite local diferenciando-se do restante da população mais pela forma – aparência de suas residências do que pela localização das mesmas . As “fronteiras residenciais” entre as diversas classes sociais não existiam, isto é, os cortiços e as moradias nobres estavam próximos, diferenciando-se pela forma e aparência.

As favelas, como áreas mais afastadas do núcleo central da cidade, surgem aproximadamente em 1897. Segundo Vial (2002, p.01), “ *o surgimento da primeira “favela”, (...) ocorre com a ocupação do Morro da Providência, em 1897, por militares sobreviventes da Guerra dos Canudos, que passaram a tratar tal morro como “morro da Favela”, em referência à uma planta nordestina com o mesmo nome*” . Antes dessa data, em 1893, com a demolição do cortiço Cabeça-de-Porco, houve um deslocamento dessa população para essa área³¹, sendo que o morro já estava ocupado antes da chegada dos soldados sobreviventes da Guerra de Canudos, mas foi a partir desta data que chamou a atenção pelo número de moradores.

Dessa forma, começa-se a observar um desmembramento habitacional do núcleo central da cidade³². As pessoas desprovidas de capital são silenciosamente deslocadas³³ para as áreas mais afastadas, menos valorizadas. Surge um grande espaço (a cidade) compreendido por lugares (locais de moradia, trabalho, lazer) onde as pessoas passam a ter as suas relações cotidianas.

A favela torna-se um espaço construído pela negação das diferenças, um lugar de moradia da população mais pobre, que sem muita opção vai transformando os vazios da cidade³⁴ em uma área habitável, apesar de todos os problemas associados³⁵. Nelas, a população constrói seu referencial, seus laços afetivos, seu refúgio, sua identidade, estabelece significados para estas áreas, produzindo um espaço muito particular a partir da sua vivência direta. Um lugar construído pela população, com recursos e políticas próprias, quase sempre sem o auxílio do governo.

³¹ Na administração do prefeito Barata Ribeiro ocorre a demolição desse cortiço.

³² Não que antes não houvesse uma divisão habitacional entre pobres e ricos, entretanto, essa se dava mais pela aparência do que pela localização.

³³ Esse deslocamento não se dá somente pela remoção, mas também por práticas indiretas, como a cobrança de taxas e a elevação do padrão de vida de uma determinada área.

³⁴ Não ocupados por uma série de questões já citadas anteriormente.

³⁵ Falta de saneamento, iluminação, escolas, comércios, entre outras coisas.

O período de 1902-1906 (administração do prefeito Pereira Passos) ficou conhecido como “bota-abaixo”³⁶. Inúmeras obras foram realizadas numa tentativa de desconstruir a imagem de “porto sujo” do Rio de Janeiro, palco da febre amarela, varíola e cólera-morbo. Abreu (1997, p. 60) comenta que “*era preciso acabar com a noção de que o Rio era sinônimo de febre amarela e de condições anti-higiênicas, e transformá-lo num verdadeiro símbolo do novo Brasil*”. Nesse período demoliu-se várias habitações consideradas anti-higiênicas no Centro do Rio de Janeiro para a realização de inúmeras obras³⁷, como por exemplo a construção da atual Avenida Rio Branco³⁸. Velhas formas da cidade são destruídas dando origem às novas, dotadas de uma ideologia que buscava transformar o Rio de Janeiro em uma cidade bonita, moderna, símbolo do progresso e da ordem.

Lefebvre (2001, p. 24) faz uma observação sobre o racionalismo existente nos “planejadores” da cidade ligados ao setor público:

este urbanismo se pretende científico. Baseia-se ora numa ciência, ora em pesquisas que se pretendem sintéticas (pluri ou multidisciplinares). Este cientificismo, que acompanha as formas deliberadas do racionalismo operatório, tende a negligenciar o fator humano [...]. esse urbanismo tecnocrático e sistematizado, com seus mitos e sua ideologia (a saber, o primado da técnica) não hesitaria em arrasar o que resta da Cidade para dar lugar aos carros, às comunicações, às informações ascendentes e descendentes.

Assim, os espaços passam a ser produzidos em função das concepções ideológicas da época (o espaço é concebido por planejadores e teóricos). A cidade moderna não podia conviver com a sujeira, com a pobreza, com as doenças. A cidade é reconstruída por ações planejadas sem a participação da

³⁶ Segundo as informações obtidas no site do Instituto Oswaldo Cruz sobre os prefeitos do Rio de Janeiro, em especial sobre a reforma Passos: “*Tratada como questão nacional, a reforma urbana sustentou-se no tripé saneamento – abertura de ruas – embelezamento, tendo por finalidade última atrair capitais estrangeiros para o país. Era preciso sanear a cidade e, para isso, as ruas deveriam ser necessariamente mais largas, criando condições para arejar, ventilar e iluminar melhor os prédios. Apoiada nas idéias de civilização, beleza e regeneração física e moral, a reforma promoveu uma intensa valorização do solo urbano da área central, atingindo como um cataclisma a população de baixa renda que ali se concentrava. Cerca de 1.600 velhos prédios residenciais foram demolidos*”.

³⁷ Obras de remodelação e saneamento foram as prioritárias.

³⁸ Informações obtidas no material do Curso: o Rio de Janeiro e as Favelas, elaborado pelo professor Marcos Alvito.

população e excluindo parte dela desses espaços. Tais ações são realizadas sem levar em consideração as práticas espaciais. Novas formas surgem na cidade, sem referências, sem identidades, de modo que a memória do lugar desaparece e surgem verdadeiros vazios.

Em 1920, as favelas cresciam e faziam parte das áreas periféricas do núcleo central, nesse período o censo assinala 830 casas no morro da Favella; 190 no Salgueiro; 6 no Arrelia; 16 no Cantagalo; 59 na Babilônia; 63 no São José, Morro do Castelo e no Morro do Santo Antônio³⁹.

Na administração de Carlos Sampaio (1920 – 1922), o Rio se prepara para a comemoração do 1º Centenário da Independência do Brasil. Dessa forma, novas obras e demolições são realizadas na cidade. Novamente percebe-se o concebido modificando o vivido (para os moradores das favelas) e impondo um novo percebido (novas práticas espaciais). A propósito dessa transformação, Abreu (1997, p. 76) comenta que Carlos Sampaio “*mandou retirar do centro da cidade, em nome da aeração e da higiene, o local que dera origem à urbe no século XVI – o Morro do Castelo. Embora fosse um sítio histórico, o morro havia se transformado em um local de residência de inúmeras famílias pobres*”. Famílias que foram ocupando essa área por falta de opção de moradia e proximidade com o local de trabalho, transformaram o Morro do Castelo em um lugar, marcado por suas relações afetivas (primeiro nível, o afetivo, o corporal, o vivido, segundo Lefebvre), porém, motivo de preocupação para os administradores, já que o morro estava localizado na região central da cidade, e dentro das concepções de cidade moderna, esse tipo de habitação⁴⁰ não poderia existir.

O plano Agache⁴¹ pretendia transformar e organizar a cidade elaborando uma espécie de zoneamento - locais demarcados para a zona administrativa, moradias, centros bancários, áreas industriais (Abreu, 1997). Ele propunha a transferência da população pobre para outras áreas, no entanto, a maior parte desse plano não foi colocada em prática, foi arquivado com a Revolução de 1930 (final da República Velha). Novamente, busca-se um espaço concebido,

³⁹ Alvito, op. cit.

⁴⁰ Espaço desprovido de organização institucional e saneamento, caracterizado por moradias irregulares e insalubres.

⁴¹ Novamente um plano concebido por administradores, levando em consideração o que seria ideal para a cidade, desconsiderando o vivido e o percebido.

isto é, planejado e idealizado segundo as concepções que marcaram este período. As vivências e práticas sociais não são levadas em consideração. Pretendia-se destruir todo um referencial da população (os espaços de representação).

A partir de 1930 a cidade do Rio de Janeiro é marcada pela forte industrialização, intensa urbanização, aumento da população devido às migrações internas, crescimento da população de baixa renda, construção de conjuntos habitacionais, aumento das favelas e a expansão da cidade em direção ao subúrbio. A mobilidade pessoal pela cidade torna-se restrita, restringe-se aos locais de moradia, lazer, trabalho, isto é, são espaços de representação de acordo com Lefebvre. Assim, determinadas áreas tomam uma forma e dinâmica muito particular, adquirem um significado individual e passam a ser dotadas de sentimentos, como se fossem verdadeiros “refúgios” dentro desse espaço em que a cidade vai se transformando, isto é, tornam-se lugares experienciados⁴² e vividos, cheios de símbolos e identidades.

Em 1937, a Prefeitura elabora o Código de Obras da Cidade, que proíbe a construção de favelas e melhorias nas que já existiam, além de prever a construção de casas proletárias para eliminar as favelas (Alvito⁴³). Segundo Burgos⁴⁴ (1998, p. 27) “o Código de Obras da cidade, de 1937, registra com precisão a situação marginal das favelas: por serem consideradas uma ‘aberração’, não podem constar do mapa oficial da cidade; por isso, o código propõe sua eliminação, pelo que também tornava proibida a construção de novas moradias, assim como a melhoria das existentes. E para solucionar o problema sugere a construção de habitações proletárias”.

A população se organiza cada vez mais contra as políticas de remoção implantadas pelo governo. As práticas espaciais vão se configurando e resimbolizando o vivido. Questionam-se as ações do governo sobre os lugares. O governo, por sua vez, cria junto com a Igreja, em 1946, a Fundação Leão XIII,

⁴² Conforme a perspectiva apresentada por Frémont (Figura 01).

⁴³ Informações obtidas no material do curso: o Rio de Janeiro e as Favelas, elaborado pelo professor Marcos Alvito.

⁴⁴ In: Zaluar e Alvito (orgs). *Um século de Favela*, 1998.

cujo objetivo era ajudar a população em todos os sentidos. Segundo Burgos⁴⁵ (1998, p.29) “entre 1947 e 1954, a Leão XIII estendeu sua atuação a 34 favelas, implantando em algumas delas serviços básicos como água, esgoto, luz e redes viárias, e mantendo centros sociais em oito das maiores favelas do Rio (...)”. Em 1955, a Igreja cria a Cruzada São Sebastião, sendo D. Hélder Câmara secretário-geral. Em 1956, o governo surge a Serfha (Serviço Especial de Recuperação das Favelas e Habitações Anti-higiênicas).

Segundo Alvito⁴⁶, em 1957⁴⁷ foi construído o bairro São Sebastião, no Leblon, que ficou conhecido como Cruzada, primeira experiência de alojamento de pessoas próximas às antigas moradias, visando manter os “referenciais” e suas práticas espaciais, porém, colocando-os em áreas desprovidas de significados e relações de vizinhança, desconstruindo seus espaços de representação.

A atuação do governo e da igreja junto às comunidades foi uma tentativa de aproximação dos planejadores com a realidade vivida. Como se observava uma reação da população contra as políticas implantadas nas favelas, viu-se na igreja uma instituição que conhecia a realidade de perto e era capaz de atuar nestes lugares. O papel da religião era muito forte, tinha um certo poder através de suas práticas espaciais.

Percebe-se uma articulação entre as instituições de ordem distante (representadas pela Igreja e o Estado) sustentando a ideologia presente na cidade, isto é, projetando-se sobre os lugares. Os agentes de ordem próxima tentam manter-se na cidade através dos seus lugares, das suas produções, reproduções e resistências.

Segundo os dados apresentados por Abreu (1997, p. 126), entre o período de 1950 a 1960 houve um crescimento nas favelas de 98%, isto é, de 169.305 habitantes em 1950, passa para 335.063 em 1960. Sendo que parte

⁴⁵ Zaluar e Alvito, op. cit., passim.

⁴⁶ Informações obtidas no material do curso: o Rio de Janeiro e as Favelas, elaborado pelo professor Marcos Alvito.

⁴⁷ Nesse mesmo ano foi realizado o primeiro Congresso de Favelados do Rio de Janeiro.

dessas favelas surgiu nas áreas próximas à Avenida Brasil (distrito da Penha)⁴⁸.

Acredita-se o aumento das favelas se deu devido às migrações, ao mercado de trabalho aberto pelas novas indústrias e à elitização de alguns bairros em função da desigual distribuição das obras públicas. Não houve uma localização dessa população em uma única área, ela ocupou lugares de acordo com as suas possibilidades de trabalho e redes sociais previamente estabelecidas.

Dessa forma, o espaço urbano foi re-produzido, e as favelas surgem como uma opção de habitação para as pessoas desprovidas das condições de ingresso no mercado imobiliário, mas que precisavam estar próximas de suas práticas espaciais, em particular daquelas no âmbito do mercado de trabalho. O governo “fechou os olhos” para esses problemas e também não contribuiu para melhorar as condições de vida dessa população. A produção do espaço no Rio de Janeiro permanece delimitada pelo capital, isto é, pobres e ricos separados nos espaços de representações, porém unidos por algumas práticas espaciais⁴⁹ (relacionadas aos trabalhos).

Em 1962 ocorre um enfraquecimento da Serfha (marca do governo anterior) e a criação da Cohab (Companhia de Habitação Popular) pelo governador Carlos Lacerda (1961-1965). Durante a administração Lacerda foi criado um plano de habitação popular, para onde a população é removida⁵⁰.

O golpe de 1964 traz consigo a política da remoção a partir da violência. O período de 1968 a 1973 é marcado pela atuação da Chisam (coordenadoria de habitação de interesse social na área metropolitana do Rio de Janeiro), cujo objetivo era “exterminar as favelas do Rio de Janeiro⁵¹”. Segundo Alvito⁵², esta instituição removeu 53 favelas com um total de 100.000 pessoas.

⁴⁸ A Avenida Brasil foi inaugurada em 1946, a localização fabril ocorreu apenas em alguns trechos, pois parte destes terrenos passou a ser ocupado por favelas. Abreu destaca que, em 1960 “estavam aí 33% das favelas recentes e 52% dos favelados, exemplificando claramente o processo já aludido de invasão dessa nova área – que estava destinada ao uso industrial – pelo uso residencial favelado” (1997, p. 126).

⁴⁹ Caso das empregadas domésticas, lavadeiras, pedreiros, que trabalham em bairros nobres.

⁵⁰ Informações obtidas no site: www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/2684_5.asp. Acesso em 15/01/2005.

⁵¹ In: Zaluar e Alvito (orgs). *Um século de Favela*, 1998.

⁵² Informações obtidas no material do curso: o Rio de Janeiro e as favelas, elaborado pelo professor Marcos Alvito.

As remoções acontecem sem considerar o apego das pessoas aos seus espaços de representações e às suas práticas espaciais. A remoção não é somente a retirada “física” de homens, mulheres e crianças de seus lugares (lugar marcado pela relação corporal, topofilia defendida por Tuan). É uma expropriação do vivido, implicando em um novo percebido, concebido por uma ordem distante. É a retirada de um referencial de vida criado, dos símbolos, das imagens, de toda relação implicada no habitar determinados lugares. Apesar dos problemas existentes, há todo um conjunto de referências que são criados, uma identidade para com o lugar. A remoção desconsidera isso, simplesmente transfere a população para espaços desprovidos de sentimento, “exóticos” ao olhar dos novos moradores, onde nem mesmo a relação de vizinhança é mantida. As pessoas têm que reconstruir seus espaços de representação, dentro de algo que foi concebido por outros, e que não é desejado.

De acordo com Burgos⁵³ (1998, p.36), a população reage a essa expropriação, numa tentativa de não serem removidos: “a história dessas remoções, ocorridas, sobretudo entre 1968 e 1975, representa um dos capítulos mais violentos da longa história da repressão e exclusão do Estado Brasileiro”. Os motivos dessa reação para permanecer no lugar vão desde a distância entre o local de trabalho e os conjuntos habitacionais, até as relações afetivas para com o lugar de moradia.

De certa forma, as melhorias⁵⁴ que o concebido oferece, como casas novas, com água tratada e saneamento, perdem um pouco do sentido, causando um mal-estar na comunidade. Esse sentimento deve-se justamente à perda dos referenciais, isto é, das relações com os espaços de representação e com as práticas espaciais. A antiga morada tinha identidade própria, criada pelos moradores que foram produzindo seus espaços – é o beco de “fulano de tal”, é a “birosca”, é o “mercadinho”, entre outros lugares – a partir de suas vivências.

Em 1979, surge um novo e último programa pelo Governo Federal no período da ditadura: o Promorar, cujo objetivo não era mais a remoção e sim a urbanização das favelas. Urbanização realizada segundo a concepção dos

⁵³ In: Zaluar e Alvito (orgs). *Um século de Favela*, 1998.

⁵⁴ Melhorias que estão relacionadas à parte de infra-estrutura física - aparência.

planejadores, sem considerar de fato as necessidades sob o ponto de vista da população. A política habitacional privilegia as obras, sem pensar nos significados dos espaços de representação.

A década de 1980 é caracterizada por uma nova realidade presente nas favelas, o aumento dos banqueiros do jogo do bicho e o tráfico de drogas. Burgos⁵⁵ (1998, p.43) comenta: “ nos anos 80, o problema favela iria conhecer uma nova complexidade, [...] de um lado, os banqueiros do jogo do bicho, que, embora presentes desde o início dos anos 70 na vida das favelas e conjuntos habitacionais, ganham maior evidência a partir dos anos 80; de outro lado, grupos dedicados ao tráfico de entorpecentes” .

O governador Leonel Brizola (1983-1985) cria neste período o Proface (Programa de Favelas da Cedae), cujo objetivo era levar um sistema de água, esgoto, coleta de lixo e iluminação para as favelas, além de um programa para a regulamentação das propriedades.

Em 1992, conforme Burgos⁵⁶ (1998, p.48) surgem propostas visando integrar nas cidades as favelas, criando uma nova identidade – a de bairros populares:

durante a gestão de Saturnino Braga o qual também enfatizava a necessidade de integrar as favelas à cidade, traduzida no lema transformar as favelas em bairros populares (citando Rodrigues). Mas é no plano Diretor da Cidade – sancionado em 1992 pelo prefeito Marcello Alencar – que se consolida a idéia de um programa global de integração das favelas à cidade. No plano, o problema favela seria objeto de uma ampla discussão, e a solução nele contida não apenas privilegia a via urbanizadora, mas também prescreve para as favelas uma nova identidade: a de bairros populares.

Nessa concepção percebemos o distanciamento das relações entre a favela e a cidade, como se ambas não fossem parte de uma mesma realidade - do espaço urbano da Cidade do Rio de Janeiro. Quando se fala da importância da integração das favelas às cidades, desconsidera-se a favela como lugar da

⁵⁵ Zaluar e Alvito, op. cit., passim.

⁵⁶ Zaluar e Alvito, op. cit., passim.

cidade, como fruto de uma urbanização extremamente excludente para quem não tem as mesmas condições de ingresso no mercado imobiliário.

Em 1993, pensando em uma política de habitação para o Rio de Janeiro, cria-se o Geap (Grupo Executivo de Programas Especiais para Assentamentos Populares). Este grupo cria os setes programas de habitação⁵⁷: 1.- Favela-Bairro; 2.- Regularização de Loteamento; 3.- Regularização Fundiária e Titulação; 4.- Novas Alternativas, Vilas e Cortiços; 5.- Morar sem Risco; 6.- Morar Carioca; 7.- Bairrinho⁵⁸.

Todos os projetos buscam melhorar as condições “físicas” das favelas, isto é, condições sanitárias, calçamentos, infra-estrutura, contenção de encostas, entre outros, sem atacar realmente as necessidades sociais e econômicas da população (educação, saúde, empregos). Não leva em consideração as vivências da população nem as suas práticas espaciais, novamente concebem um espaço e fazem as suas intervenções. Podem ser analisados também como tentativas de “controlar” estes espaços pelo poder público.

Nesse período (1993), utilizando os dados do IPLANRIO, Souza (2000, p. 120) comenta que existiam em 1992 “573 favelas cadastradas (registro referente ao ano de 1992), tendo sido o registro atualizado, em 1997, para 602”. O autor ainda faz uma referência à localização das favelas nas encostas de morros e margens de rios e canais, locais inadequados e/ou perigosos porque oferecem risco de vida, seja por deslizamento ou pelas enchentes.

⁵⁷ Dados obtidos no site: www.fau.ufrj.br/prourb/cidades/favela/frames.html. Acesso em: 26/01/2005.

⁵⁸ “Favela-Bairro: Cujo objetivo é construir ou complementar a estrutura urbana principal (saneamento e democratização de acessos) das favelas consolidadas e oferecer condições sociais e ambientais de transformação e integração da favela como bairro da cidade. Regularização de Loteamento: Objetiva promover a regularização urbanística (complementa ou constrói a infra-estrutura urbana), administrativa e fundiária dos parcelamentos irregulares, de modo a obter padrões de salubridade e regularizar a propriedade dos lotes. Regularização Fundiária e Titulação: Promove a titulação de terras aos ocupantes/moradores/adquirentes, de maneira a expandir a base de legalidade na ocupação do solo urbano. Novas Alternativas, Vilas e Cortiços: Oferece condições alternativas de terrenos com infra-estrutura, seja para empreendedores ou para famílias (Vazios/Recomposição do Tecido Urbano). Recupera as moradias compactas de vilas e cortiços estabelecidos nos bairros do centro da cidade que se encontram em estado precário de conservação, para reativar e resgatar esta tipologia habitacional. Morar sem Risco: Reassenta as populações que moram em áreas de risco (em palafitas, em encostas ou sob viadutos) quando não for possível (ou vantajoso) eliminar o risco. Morar Carioca: Financia a demanda de imóveis em áreas infra-estruturadas e de interesse da classe média – profissionais e funcionários. Bairrinho: Programa similar ao Favela-Bairro, resgata as condições habitacionais e urbanísticas de populações que moram em favelas pequenas”.

De acordo com os dados da Prefeitura do Rio de Janeiro em 1997⁵⁹, o Município do Rio de Janeiro contabilizava 608 favelas, com uma população de 952.429 (1996). Dessa forma, o programa Favela-Bairro⁶⁰ surge na perspectiva de melhorar a vida dessa população, levando saneamento, urbanização e transformando as favelas em bairros, apenas na nomenclatura. Percebe-se novamente um discurso das “ausências” como definidor desse espaço. Como se o problema das favelas fosse apenas na infra-estrutura urbana. De acordo com as fontes pesquisadas⁶¹:

Com o Programa Favela-Bairro, a proposta da Prefeitura é integrar a favela à cidade formal, e absorver um milhão de habitantes que são excluídos dos serviços urbanos, como cidadãos da cidade. Uma população pobre que tem valores, cultura e tradições que são urbanas, não diferenciados dos existentes na cidade formal. As estruturas urbanas e arquitetônicas que identificam as funções sociais não deveriam ter diferenças na cidade formal e informal. O programa é baseado na premissa que a interação dos valores culturais e funcionais do espaço urbano devem ser acessíveis a toda a população.

Hoje, as favelas não podem mais ser classificadas como espaços de total exclusão, como uma das “faces” da cidade, como se funcionassem fora dos bairros nobres (idéia da cidade partida, onde as duas cidades se encontram, porém são opostas – Zuenir Ventura).

A exclusão dos moradores das favelas não é total como o sentido da palavra sugere, precisamos tomar cuidado quando usamos este termo. Sobre a exclusão destes lugares, Souza (2003, p. 69-70) faz a seguinte referência:

No sentido preciso de excluídos das benesses do sistema, ou de certos ambientes, OK; o que não é correto é expressar-se genericamente, pois corre-se o risco de esquecer que a maioria dos pobres urbanos está integrada, sim, econômica e mesmo política e culturalmente, no sistema. Enquanto trabalhadores explorados, consumidores de baixo poder aquisitivo e eleitores, muitas vezes até como eleitores de políticos conservadores... até mesmo os que encontram

⁵⁹ Ibid citação nº 57.

⁶⁰ Neste período o prefeito era César Maia e depois Luis Paulo Conde.

⁶¹ Ibid citação nº 57.

ocupação no setor informal estão, de alguma forma, aqui e ali, integrados no interior do sistema econômico, a despeito da precariedade de suas condições de vida.

Dessa forma, as favelas ampliaram-se, ganharam voz, e hoje qualquer ação que se deseje fazer nesse espaço não é realizada sem a consulta da população (via associação de moradores). Quase não se fala mais em remoção e sim em urbanização. Trata-se de um fenômeno de expansão e consolidação territorial das favelas diante das profundas desigualdades sociais presentes na cidade.

Muitas favelas tornaram-se bairros, como se todos os problemas fossem resolvidos com a construção de escolas, creches, postos de saúde, implantação de uma infra-estrutura básica, entre tantas outras obras. Dentro da realidade do programa Favela-Bairro, elementos como aumento do índice de escolaridade, melhorias salariais e das condições de trabalho, deslocamentos, segurança, dignidade, legalização das propriedades, etc..., não são levados em consideração. A população moradora das favelas vive, além dos problemas políticos e econômicos, problemas sociais bem complexos, como o da violência que os atinge diretamente.

As cidades têm movimento, suas formas e funções não são fixas, possuem uma certa fluidez, isto é, variam em função de cada período histórico, cada política implantada. O espaço é construído não de forma harmônica, pois é fruto de uma série de conflitos sociais, interesses políticos e econômicos (concepções dos espaços). Os lugares da cidade se transformam cada vez mais em refúgios, onde a vivência é a base das relações estabelecidas.

As favelas são, mais do que qualquer outro bairro considerado nobre, verdadeiros centros de vivência, ligados à afetividade, à solidariedade e a algumas práticas espaciais. Identidades são construídas à medida que os lugares são ocupados: é o beco que ganha o nome de um morador, as festas que se tornam tradicionais, é o bar onde os amigos se encontram para comemorar ou almoçar, o campo de futebol das famosas “peladas” do final de semana, as práticas religiosas, os blocos de carnaval, os mutirões para “bater uma laje”, enfim, o cotidiano, onde se estabelece o primeiro nível da produção do espaço: o afetivo, corporal, vivido e falado.

1.4 - O espaço-favela concebido e representado pelo outro.

A cidade do Rio de Janeiro, assim como outras grandes cidades, foi marcada por interesses políticos, transformações urbanas, e também de uma série de políticas implantadas de maneira elitista, privilegiando algumas áreas e desprestigiando outras. As favelas nascem com um certo “consentimento” dos governantes e das instituições, que não sabem o que fazer com a população pobre, principalmente as que foram retiradas dos cortiços e os migrantes que estavam chegando. As favelas crescem, e hoje permanecem como um “*grande problema*” para o seu entorno, principalmente quando questionam determinadas práticas⁶² ou quando ocorre uma extrapolação da violência para fora dos limites da comunidade⁶³.

Percebe-se que desde a sua origem, grandes discursos surgiram justificando ações do governo, criticando o modo de vida, enumerando problemas, evidenciando as ausências e homogeneizando esses espaços. Os discursos sobre as favelas foram ganhando novas versões dentro de velhos “*clichês*” temporalmente marcados pelas práticas de higienização da cidade e remoção de favelas, bem como pelos problemas ambientais e de combate à violência.

Dentro desse contexto, Alvito (2001, p.91-92) comenta que a favela:

ao longo do século XX, foi representada como um dos fantasmas prediletos do imaginário urbano: a) foco de doenças, de mortais epidemias; b) sítio por excelência de malandros e ociosos, negros malemolentes, inimigos do trabalho duro e honesto; c) amontoado promíscuo de populações sem moral; d) reduto anacrônico de migrantes de origem rural mal-adaptados às excelências da vida urbana, constituindo uma massa ignara a atrasar nosso desenvolvimento econômico e político; e) por fim, na sua mais recente e aterradora versão, covil de bandidos, zona franca do crime e do tráfico.

⁶² Como por exemplo algumas manifestações (passeatas) contra a violência instalada nas favelas, onde a população fecha as ruas e avenidas principais da cidade.

⁶³ Como por exemplo as balas perdidas (troçadas entre traficantes ou entre traficantes e polícia).

A favela torna-se um “ enclave” para o desenvolvimento das cidades, em especial para a cidade do Rio de Janeiro. As favelas marcam as “ ausências” do governo, isto é, marcam as práticas espaciais desiguais em vários campos da sociedade: econômico, político, habitacional, educacional, entre outros. Elas surgem como respostas às desigualdades sociais existentes, surgem da necessidade de “ habitar” a cidade, e, logicamente, essa ocupação não se dá de forma igualitária para todas as pessoas.

O quadro nº 01 sintetiza os períodos históricos e as representações hegemônicas que foram sendo construídas pelas ações dos governos e a ideologia predominante sobre a favela.

Quadro 01
Síntese das Representações sobre a Favela encontradas nos jornais

Síntese das Representações sobre a Favela		
Período	Problemas detectados	Discursos presentes
Surgimento das favelas até 1930	Higienização - remoção	Favela como foco das principais epidemias da cidade. Práticas: embelezamento da cidade, ampliação de ruas, demolição de casas e cortiços.
1930 – 1960	Remoção – Urbanização	Remoção via ação policial. Crescimento e ampliação das obras visando “melhorias” nas favelas. Atuação da igreja junto as comunidades.
1960-1980	Remoção, desarticulação política e urbanização	Remoção pela ação da ditadura. Remoção e urbanização da cidade. Violência inserida nas favelas (presença dos bicheiros e do tráfico de drogas)
1980 – até os dias atuais	Violência, problemas ambientais e urbanização. Criação de bairros populares	Urbanização das favelas e o crescimento da violência, associado ao tráfico de drogas. Intervenção do Estado para o combate à violência. Associação dos problemas ambientais com as favelas.

Fonte: Baseado nas fontes consultadas.

Estas fases são responsáveis pela representação coletiva que as pessoas incorporam, sobretudo quando não vivenciam estes espaços, pois recebem informações, reforçam as concepções e reproduzem discursos. Nesse processo, a mí dia tem um papel fundamental.

A mí dia, principalmente televisionada e impressa, é um mecanismo de formação de opinião, massificando realidades. Corrêa⁶⁴, ao analisar o papel da mí dia criando e recriando lugares, salienta que ela “ *atribui sentidos próprios aos atos [...] na forma de selecioná-los, editá-los, classificá-los, e ao opinar. Ter em mãos o poder de produzir sentidos, através de seu próprio processo produtivo, faz da mí dia a grande coordenadora dos modos de agir e pensar da sociedade onde atua*” .

Selecionar, editar, classificar e opinar são tarefas importantes nesse processo, e é a partir daí que as realidades passam a ser produzidas para quem não as vivencia diretamente. Ainda em Corrêa⁶⁵:

A forma na qual o discurso nivelador dos meios de comunicação de massa, principalmente o jornalismo, é praticado, pode ser problematizado pela questão da representação. O discurso midiático pretende-se colado à realidade, como a representação, por excelência, do real e da verdade. Por mais que a tentativa de caracterizar esse discurso bombardeie os indivíduos todos os dias, criando uma espécie de esquecimento da impossibilidade de se colar à realidade, há de se reafirmar que o relato não é a realidade. A narrativa é apenas uma forma de vivenciar a cidade, de representá-la.

O Rio de Janeiro e São Paulo são exemplos de como alguns espaços são conhecidos em qualquer cidade brasileira. Temas de novelas, noticiários, filmes, seus limites extrapolam a fronteira territorial da cidade, e passam a fazer parte do cotidiano de milhares de pessoas. É como se todas as pessoas conhecessem Copacabana, Ipanema, o Cristo Redentor, Avenida Paulista. Os grandes acontecimentos também extrapolam estes limites e refletem na imagem da cidade positiva ou negativamente.

⁶⁴ A representação das favelas cariocas nos jornais impressos. In: <http://www.vivafavela.com.br/publique/cgi/public>.

⁶⁵ Ibid citação n° 64.

Diante desse importante papel desempenhado pela mí dia, iniciou-se um levantamento das reportagens, charges, fotografias, músicas, filmes, que retratassem as favelas do Rio de Janeiro, visando compreender como a favela é concebida pela cidade. Devido à diversidade de dados e públicos atingidos, optou-se por duas fontes: jornal O Globo e Revista Careta. Esta pesquisa documental consiste em uma análise das representações da favela a partir das linguagens que acabam influenciando a opinião de um grande número de leitores. O que nos interessa nesse momento é compreender como as representações se incorporam ao discurso do concebido, e interferem no vivido e no percebido dos grupos sociais.

Foram coletadas 2037 reportagens (veja anexo 01) que serviram para a formação de um cadastro das reportagens, armazenadas a partir do título. A partir deste cadastro, foi possível selecionar as reportagens, fotografias e charges que de fato seriam importantes para a pesquisa, isto é, aquelas que serviriam para caracterizar a favela de diversas maneiras.

Com a análise desse material criamos categorias para classificar as reportagens. Essas categorias foram baseadas no perfil das próprias reportagens, isto é, foram sendo retiradas palavras-chaves que serviam de adjetivos para a favela e que apareciam com uma certa frequência, posteriormente as reportagens foram agrupadas por décadas. Dessa forma, foi possível compreender como os discursos sobre a favela foram criados e recriados e começaram a fazer parte das representações das pessoas que não vivenciam esses espaços diretamente. Entre as categorias analisadas estão as dispostas no quadro nº 02

Essas categorias modificaram-se ao longo das décadas, umas desapareceram (lata de água na cabeça), outras permaneceram, porém em menor intensidade (remoções), e outras se intensificaram (violência).

Podemos observar que as reportagens e fotos dos jornais e revistas não diferem dos grandes discursos presentes nas políticas do governo para com esses espaços. Ao contrário, vêm para justificar ou massificar as opiniões sobre algumas ações: a da higienização (final do século XIX e início do século XX), a da remoção (aproximadamente na década de 1950 - 1970) e a da

violência e problemática ambiental (intensificado a partir da década de 1980). Todos os três, utilizados em épocas distintas, destacam a favela como o grande problema da cidade do Rio de Janeiro.

Quadro nº 02

Categorias analisadas nas reportagens do jornal O Globo

Categorias analisadas e período ocorrido nas reportagens do jornal O Globo		
Até 1930	1930 - 1960	1960 até os dias atuais
Cultura popular – Samba	Demolição	Cultura popular – Samba, funk.
Falta de Higiene	Despejo	Desaparecimento das diferenças
Fome	Barracos	Poluição
Flagelo Social	Projetos sociais	Violência
Promiscuidade	Êxodo rural	Projetos sociais
Malandros	Jogo do bicho	Ocupação de encostas
Morro como fortaleza	Favela como sinônimo da falta de progresso	Crime
Orgulho da raça	Comunismo	Falta de escolas, hospitais, saneamento, transporte
Esperança	Crime	Remoção
Lata de água na cabeça	Falta de escolas, hospitais, saneamento, transporte	Participação dos políticos
Favela como sinônimo da falta de progresso	Remoção	Classe média no morro
Remoção	Participação das igrejas	Polícia
Carnaval	Obras chegando às favelas	Obras chegando às favelas
Gueto	Mutirões	Mutirões
	Urbanização	Urbanização
	Pessoas sem qualificação	Tráfico de drogas
		Assalto, tiroteio e mortes
		Desmatamento

No primeiro momento, quando as favelas começam a integrar o cenário do Rio de Janeiro, são vistas como um problema nascente, associado à sujeira e à pobreza: imagens relacionadas - ser pobre seria uma condição natural de ser sujo. Nesse período (que data do surgimento das favelas, da proliferação dos cortiços, até a década de 1940) não é possível observar muitas notícias nos jornais sobre a favela. Mas, quando existem, ressalta-se a falta de higiene, a fome, as condições de vida dos favelados, as doenças responsáveis pelas epidemias. Poucas são as notícias sobre a violência, mas quando ocorrem são longe da área central do Rio de Janeiro, como se a violência não fizesse parte do cotidiano da cidade, somente dos subúrbios.

A figura 2 retrata um pouco dessa realidade. É uma das primeiras reportagens com imagens sobre as favelas, publicada na revista *Careta* em 04/12/1909. A foto tenta mostrar a realidade de uma favela como se fosse a realidade de todas, com casas e estruturas precárias, isto é, “penduradas” nos barrancos.

A reportagem faz uma descrição deste espaço, no qual:

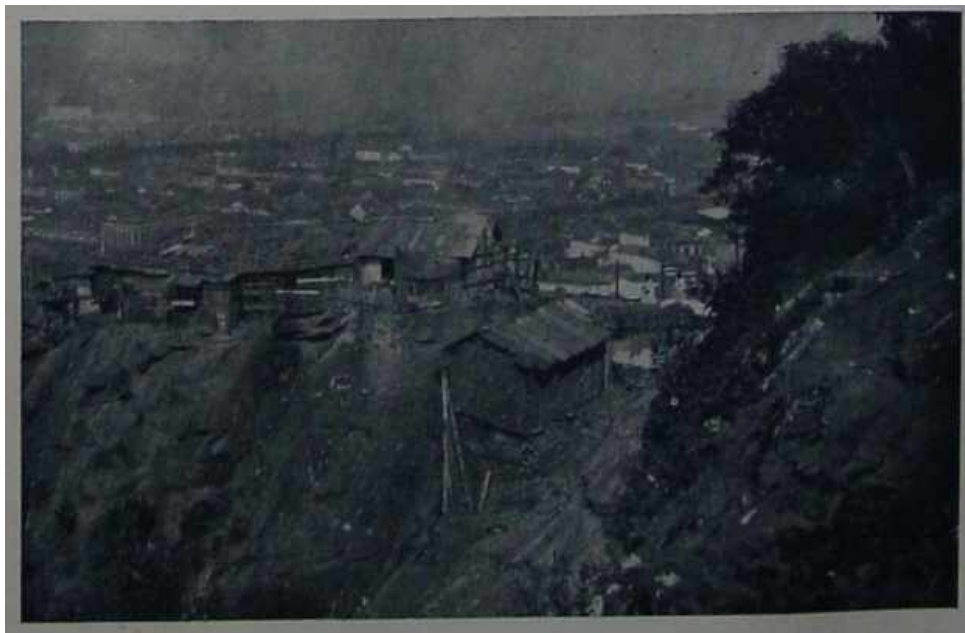
as suas casinhas bizarramente construídas de taboas, de pedaços de caixão, de latas e folhas de zinco dominam um soberbo panorama em meio do qual maravilhosamente avultam o viaducto da Central, a parte da cidade ornada pelas obras do porto e correspondentes avenidas, o Canal do mangue com suas palmeiras reaes e as praças e ruas circunvisinhas [...] abrigam numerosas famílias, operários, lavadeiras.

É realizada uma associação das casas com o perfil dos moradores (lavadeiras, operários, famílias numerosas). Podemos observar também uma preocupação com a parte “visual”, relacionada ao embelezamento, a estética e à modernização da cidade, logo a favela não poderia estar presente na cidade, ou pelo menos, não nas vistas das pessoas que estavam chegando⁶⁶.

Na mesma reportagem, percebe-se o discurso da higienização: “a polícia, por vezes, exerce a sua vigilância nesses antros, onde raras vezes penetra a hygiene. (...) A Favella é um antro de faccinoras e deve ser arrasada para decência e hygiene da Capital Federal”. Entra nesta representação uma justificativa para remover a população destes lugares, já que a cidade precisava ser higienizada.

⁶⁶ Destaca-se neste período a importância do porto da cidade como uma das entradas para o Rio de Janeiro e a imagem da favela próximo a ele poderia preocupar as embarcações, já que a favela era vista como um possível foco de doenças.

Figura 02
Panorama da Favella

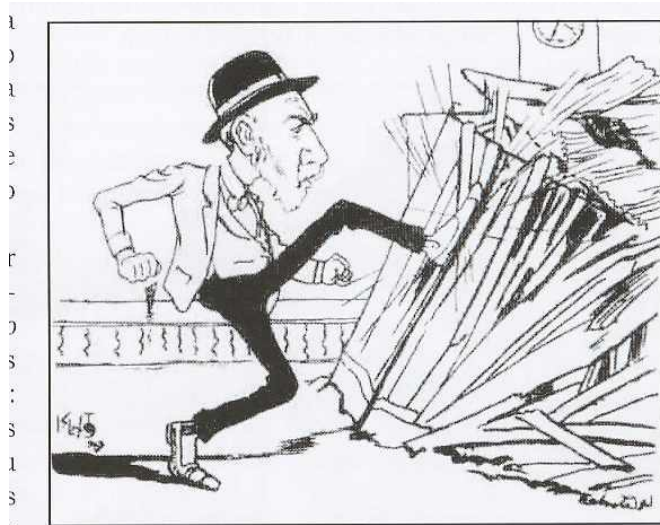


Fonte: Revista Careta, 04/12/1909.

Esse debate sobre a higiene é mais antiga do que as favelas, pois as doenças (febre amarela, varíola, peste bubônica, tuberculose), que assolavam a capital do país, eram transmitidas por mosquitos e pela falta de higiene. A cidade mal conservada, com ruas sujas, com uma população vivendo em condições inabitáveis formava a condição perfeita para a proliferação dessas doenças. O Rio de Janeiro ficou conhecido internacionalmente como uma das cidades mais insalubres. Dessa forma, Rodrigues Alves (1902) interveio diretamente na saúde pública, visando construir uma nova imagem do Rio de Janeiro. Era “preciso” modernizar, e para isso era fundamental acabar com as doenças, com a pobreza, já que a cidade precisava estar “limpa e moderna”. Na administração de Pereira Passos (1902-1906), grandes obras foram realizadas com o intuito de “modernizar” a cidade, desde as casas até o incremento de novos meios de transporte. A cidade avançou em direção aos *subúrbios*, numa clara política de remover a população de baixa renda. Nesse período intensificam-se as demolições dos cortiços e a ocupação intensiva dos morros, bem como as proliferações das favelas. A Figura 03 mostra um retrato desse período que ficou conhecido como “bota abaixo”, onde inúmeras casas

foram demolidas em “ prol” da higienização, do “ desenvolvimento e progresso” da cidade.

Figura 03
Perí odo Bota-abaixo, promovido por Pereira Passos.



Iconografia *um barracão a menos*, de Calixto, 1903. Esta imagem nos demonstra o vigor com que o prefeito Pereira Passos, apelidado de *bota-abaixo*, emergiu sobre os espaços populares que ocupavam a área central da cidade. Afinal, “ *o passado, as tradições, os grupos populares e todos os sinais da sua presença se tornaram fonte de vergonha, mal-estar e indignação, manchas que conspurcavam a ordem e o progresso*”. (Fonte: NOVAIS, 1998: 31).

Fonte: IBGE, 1970 (apud Censo Maré CEASM, 2000).

Em outra reportagem de 20 de Maio de 1916, na revista *Careta*, as favelas eram associadas ao lado negativo do crescimento da cidade, abordando a remoção como extensão da atividade de embelezamento do centro do Rio. Expressões como “ burgo pobre”, “ pardieiros⁶⁷”, “ sombrios e anti-higiênicos” eram utilizadas para caracterizar negativamente essas áreas. Somente a remoção livraria a cidade dos problemas de saúde pública.

Desde que há cerca de doze anos, se iniciaram os trabalhos de aformoseamento do centro da cidade, começaram a surgir constantes reclamações contra a inexplicável permanência de um verdadeiro burgo pobre [...] Entretanto (ilegí vel) que as autoridades municipais e sanitárias tentavam suprimir aqueles minúsculos

⁶⁷ Casa velha, em ruínas.

pardieiros, [...] dos interessados, e a necessária solução d' aquele problema urgente, ia sendo adiada. Afinal, venceu a campanha a Diretoria da Saúde Publica, que após as intimidações legais que foram desobedecidas pelos moradores, mandou há dias despeja-los judicialmente, a fim de serem destruí dos os sombrios e anti- higiênicos casebres, a bem da hygiene e da estética da cidade .

A figura do malandro surge neste período como uma pessoa “ boa praça⁶⁸”, que não quer saber de trabalho duro, vive a vida entre os bares e a malandragem (jogos, pequenos furtos, namoros). Também ocorre uma articulação da favela como palco dos grandes sambas.

No jornal O Globo, período de 1925⁶⁹ a 1934⁷⁰, encontramos expressões como “ flagelo social”, “ mazelas da cidade”, “ Oriente Brasileiro”, “ a miséria sorri”, para referir-se à área e/ou à população que ali reside. Essas expressões mostram uma ideologia preconceituosa a respeito da população e da área. Inicia-se um estereótipo sobre a favela, como se a favela pudesse ser combatida, pura e simplesmente, com a retirada da população.

Nas reportagens existe uma referência à falta de saneamento, aparecendo constantemente nas fotografias mulheres com a lata d' água na cabeça subindo o morro. Em 01/04/1930, O Globo traz a seguinte chamada: “ Miséria que sorri... O globo escutou os que padecem numa das encostas do Morro de São Carlos e chegou à conclusão de que ouviu criaturas felizes!”. Tal trecho demonstra que a felicidade estaria associada somente a áreas fora das favelas. Nessa reportagem são realizadas inúmeras entrevistas com os moradores que seriam removidos, todos indignados com a remoção, temerosos com as novas moradas, e que não queriam sair da sua casa. Segundo o jornal, o objetivo dessa remoção era:

destruir todos os barracos de uma das encostas do Morro de São Carlos. Essa medida visa, por um lado, defender a saúde dos que vivem naquelas mansardas anti higienicas, e por outro lado, salvaguardar propriedades da União”. A reportagem continua: “ isso

⁶⁸ Atémismo querida pela comunidade.

⁶⁹ Quando o jornal começa a circular.

⁷⁰ Não foi possível realizar o levantamento no período de 1935 a 1950 devido à indisponibilidade desse material nas bibliotecas.

equivale a dizer que dentro de pouco tempo, estarão sem teto todos os infelizes que ergueram ali os seus casebres. [...] a miséria afligia aquelas criaturas humildes, centenas de chefes de família subiam o morro e plantaram as estacas dos seus novos lares. Conhecedores das ameaças que pairam sobre tantas famílias desafortunadas, acabamos de fazer uma visita ao Morro São Carlos. Talvez interesse ao governo ouvir as criaturas que vão ser jogadas na rua. Ouçamos. A desgraça tem paradoxos interessantes. As vezes se confunde com a felicidade [...].

A partir da década de 1950, fica claro na mídia o discurso do poder público – a favela como um espaço a ser removido – mas sem que o primeiro (higiene) tenha desaparecido. Para isso, utiliza-se uma série de representações sobre esse espaço justificando a política da remoção. Esse período é marcado pela construção de grandes obras como as da Avenida Brasil e a Cidade Universitária. Começa a intensificar-se a construção de conjuntos habitacionais como os encontrados até hoje.

Expressões do tipo: “inferno”, “proliferação das favelas”, “promiscuidade”, “comunistas sobem os morros e causam resistência”, “vergonha para uma cidade civilizada”, “agrupamentos humanos”, “chiqueiros de porcos”, “Ghetto”, “orgulho de casta”, “mundo de zinco”, “extinção das favelas”, “flagelados”, “barracos”, integram o vocabulário jornalístico.

Porém, ainda na década de 1950, várias reportagens destacavam a remoção das favelas e a resistência/organização da população para não sair de suas casas. Essa organização também estava associada aos “comunistas”, em uma clara política de depreciação desse movimento. O jornal O Globo de 17/03/1955⁷¹ (p.2) traz a seguinte reportagem:

[...] os agentes comunistas, há meses, vem preparando a resistência à ocupação. O “slogan” de que “os favelados são os verdadeiros donos das terras” pegou e muitos moradores ameaçam a deixar o barraco sem vida [...]. o pessoal do Morro do Borel chega a 7000. Vive em barracões anti-higiênicos, caindo aos pedaços. Influenciados pelos vermelhos, resiste a tudo, [...] Há muitos favelados que não precisam morar no morro, pois, dispõem de meios para uma residência melhor [...] toda

⁷¹ Os moradores do morro do Borel só sairão à força. Jornal O Globo de 17/03/1955, p.2.

essa gente pode mudar-se para as construções feitas na Boca do Mato, no Méier, onde há água, luz e outras vantagens. Mas, não quer. O que lhe interessa é resistir à desocupação insuflada pelos comunistas.

Nas charges apresentadas nos jornais, bem como nas reportagens desse período, observa-se a reafirmação do discurso sobre as ausências e a homogeneização. A forma e a aparência denominam e caracterizam esses espaços.

Os jornais confirmam essa visão quando caracterizam esses espaços, salientando seus problemas e suas características de não civilização, de atraso econômico. A ausência fica evidente no discurso:

[...] as favelas, todas elas, são sórdidas e constituem uma vergonha imperdoável e injustificável para uma cidade que se preza civilizadas e tolera dentro de seus limites agrupamentos humanos [...] Nada do que torne a vida humana digna existe nas favelas. Tudo é um existir brutal, sem ideal e sem beleza que chafurda no vício e no crime [...] não disse ainda que nessas tocas de barro e sarrafos que pouco se distinguem dos chiqueiros de porcos que a cercam, não há a menor sombra ou desejo de conforto. Nenhuma delas tem jardim e nem sequer se vê nas janelas um vaso de plantas/ ou de flores. [...] No interior das casas, são raras as mobílias envernizadas que apresentam uma aparência qualquer de limpeza ou decência. Todos se sentam, comem e até dormem em cima de caixões. [...] Luz elétrica é um lucro que só alguns privilegiados conhecem. Em geral um dos donos do morro puxa um fio de casa para os vizinhos que devem porém pagar por uma simples lâmpada [...] Telefones só há em algumas casas no Sopé do Morro e rádios só existem mesmo nas biroschas para atrair os fregueses. Quase ninguém cozinha nos morros, [...] Nas raras casas em que se faz comida, essa é da pior espécie possível, não passando quase nunca do feijão e com arroz. É muito difícil alguém comer carne. [...] Além da engorda do porco, da venda de bebidas, e da lavagem de roupas, ninguém mais trabalha na favela [...] o resto ganha a vida fora do morro [...] como não há água não há instalações sanitárias, nem mesmo fossas. Tudo é satisfeito em plena rua à noite e mesmo durante o dia. Por tudo isso o morro tem um cheiro característico de sujeira

*que se impregna no olfato, nas roupas, no corpo, na alma [...].*⁷²

A frase “*vergonha imperdoável e injustificável para uma cidade que se preza civilizada*” demonstra todo o peso que a expressão ordem e progresso implica. O Brasil cada industrializado não conseguia resolver um problema fundamental de habitação, ao mesmo tempo não evitava a vinda de novas pessoas para a cidade em busca de melhores condições de vida⁷³. A favela é vista como um espaço “externo” à cidade, e não como uma consequência das desigualdades ocorridas nela.

A descrição do lugar pode ser aplicada a todas as favelas e resumida em: casas sem jardins, sem móveis, apertadas, sem luz, sem água, sem telefone, sem saneamento... e as pessoas que lá residem, tem que “descer” para trabalhar, não há emprego na favela, a população se sujeita aos empregos que a classe média e alta oferece, tais como empregadas domésticas, lavadeira, comércio, entre outros. E a finalização dessa reportagem é preconceituosa “*Por tudo isso o morro tem um cheiro característico de sujeira que se impregna no olfato, nas roupas, no corpo, na alma*”.

As charges relacionadas a esse período não diferem do discurso presente nos órgãos públicos, nas ações dos governantes e nos jornais. A figura 04 foi publicada em 06/06/1952 e destaca uma situação semelhante ao discurso da reportagem anterior.

⁷² Jornal O Globo - 11/01/1952, pg. 11-14, fui a outro inferno – Reportagem Vinícius Lima. Vergonha para uma cidade civilizada! Assim são as favelas.

⁷³ Melhores condições de vida que implicavam em emprego, moradia, alimentação, saúde, educação e “uma vida na favela”.

Figura 04
Mundo de Zinco.



Fonte: jornal O Globo, 06/06/1952.

A figura demonstra a encosta ocupada irregularmente, não há ruas, mas um amontoado de casas de zinco ou de madeira; a figura de mulheres com a lata d' água na cabeça é demonstrativa da falta d' água encanada; pessoas nas portas, representação do malandro tocando o violão, provavelmente fazendo uma referência à ociosidade ou preguiça dos adeptos do samba.

O Rio de Janeiro novamente é palco das inúmeras políticas urbanas do governo federal que são implementadas para resolver os problemas urbanísticos e sanitários que se configuravam na cidade. As favelas algumas vezes são chamadas de “guetos”, locais de moradia de homens e mulheres desprovidos de capital no mercado imobiliário. Como afirma Lima (1952)⁷⁴, “o morro é um ghetto. De fato, eis que lá vivem então segregados do resto da população, como os judeus [...]”.

Ao mesmo tempo, na mesma reportagem, utiliza-se um discurso de “isenção de culpas”, como se a segregação fosse voluntária, como se por qualquer mudança na situação – principalmente a econômica – das pessoas pudessem retirá-las desses lugares, sem considerar todos os laços afetivos que ligam as pessoas a esses ambientes. Produz-se um novo estereótipo, de

⁷⁴ Jornal O Globo - 22/02/1952, pg. 10. Fui a outro inferno –Reportagem Vinícius Lima.

que a maioria dos favelados é formada por negros e que os brancos não sobrevivem a esses lugares:

*Por um lado a segregação no morro é voluntária ou forçada por várias circunstâncias sociais ou econômicas, podendo a rigor ser interrompida no momento em que o deseje o favelado, pois, que ninguém o impedirá de ir morar em outro lugar, desde que tenha meios para isso. Por outro lado a segregação se exerce em sentido contrário ao do Ghetto. Vem de dentro para fora [...] Não são os habitantes dos outros bairros que impelem partes da população para as favelas. São os favelados que se isolam do resto da população com uma determinação e uma intransigência que fazem pensar – por mais que pareça estranho – num feroz orgulho de casta ou de raça. [...] A população das favelas é predominantemente negra. O isolamento em que vive facilitou até como um meio de defesa e proteção, a consciência de raça. Por isso, no morro, ser branco é ser inferior [...]*⁷⁵.

Nesse discurso está evidente o perfil imposto para as pessoas que moram na favela, um novo estereótipo para este espaço: pobres, migrantes, negros, desempregados e malandros.

Tudo que é diferente do tradicional e é representado como caos, algo sem lei, precisa ser retirado da visão dos ricos, logo, do centro da cidade. Esses fatores contribuí ram para o modelo de retirada da população e a locação desta para os subúrbios, isto é, para áreas mais afastadas. Criam-se os conjuntos habitacionais, locais destinados à população removida, sem levar em consideração os laços familiares e afetivos, as condições de trabalho e transporte, entre outros aspectos.

Ocorre uma associação do morro com o samba, o samba sai dos morros e chega à classe média, como na reportagem do Globo em 23/01/1951 “*encosta irregular, varrida pelas enxurradas, com casas, casebres de todos os tipos, forma a paisagem do samba de onde ele desce tão naturalmente como a própria água da chuva*”. Ademais, mencionava-se a criação de escolas profissionais, associadas às grandes agremiações do samba, como solução para o desemprego das pessoas.

⁷⁵ Ibid citação n° 74.

O cotidiano das pessoas é descrito em séries como o “*retrato da favela*” e “*fui a outro inferno e voltei*”. São denunciadas as ausências (escola, farmácia, lojas, quitandas, restaurantes) e a total dependência dos bairros para as necessidades básicas da população. Também é abordada a suposta promiscuidade da população, principalmente dos jovens, que estariam envolvidos com a prostituição, as drogas e o alcoolismo.

A figura do malandro aparece com mais intensidade, já que o morro é a sua “fortaleza”. Seguindo a reportagem do Globo de 9/01/1952:

Uma das coisas que mais me impressionaram nos dias que passei no morro foi o nomadismo do malandro. Raramente são as mesmas caras que vêm nas “birosacas”, nas cadeiras, nos barracos. Muitas vezes o perdi de vista durante vários dias, sem que ninguém pudesse me dar notícias dele [...] malandro nunca para no mesmo lugar. [...] o morro é a fortaleza, o quartel do malandro, que sobe mais que depressa quando a polícia fica atrás dele. Mas, depois, quando há uma folga, é preciso descer, porque lá em baixo é que estão os cavalos (as pessoas honestas que são roubadas ou enganadas). [...] Por outro lado o morro depende inteiramente do malandro. É ele quem mais gasta dinheiro nas favelas, é ele quem leva para o morro o contrabando ou o furto, mantendo assim um comércio limitado, clandestino e criminoso, mas sem o qual a favela não poderia existir com as características que tem.

Na década de 1950, são poucas as reportagens, porém aborda-se muito das remoções, destacando as ocupações das encostas, a falta de saneamento, a forma e aparência das residências e o cotidiano das favelas. Houve uma série de reportagens nas quais os jornalistas “subiam o morro” e vivenciavam esses locais, descrevendo suas experiências, vindo a confirmar determinadas visões.

Na década de 1960, ocorre uma diminuição nas reportagens sobre a favela, mas surge uma preocupação com as causas da favelização, buscando conter o seu avanço. Percebeu-se uma tentativa de discutir algumas soluções para as favelas, como a tentativa de impedir o êxodo rural e a urbanização. A reportagem do Globo de 10-3-73 comenta: “*O mal pela raiz - governo da Guanabara anunciou um tratamento de fundo para o problema das favelas. Não vai limitar-se a erradicá-las [...]. Pretende também instituir um programa de*

controle de migração de modo a evitar que se crie a figura do favelado, razão de ser de todo esse drama social [...]”.

Algumas reportagens abordam a questão das chuvas intensas e o perigo de algumas áreas de moradias, como ocorre, por exemplo, no trecho do jornal O Globo de 18/4/66, página 03: “ *a Favela do Morro do Urubu vai ser extinta, em face dos constantes deslizamentos de terra e pedras que já derrubaram nos últimos dias inúmeras casas, deixando cerca de 500 pessoas desabrigadas*”.

As referências às enxurradas e aos deslizamentos são constantes, não destacando os problemas para os favelados e sim como um problema para os bairros nobres, já que o desflorestamento causa o escoamento superficial mais intenso, ocasionando enchentes. Portanto, na mí dia, além de causadora da violência e da dissolução de valores morais (prostituição, vícios), a favela também é encarada como danosa ao ambiente. Nos jornais consultados, tal imagem aparece pela primeira vez nesse período.

Em 1970, dá-se um aumento significativo na quantidade de reportagens. Diminuem um pouco as reportagens sobre a remoção e começa-se gradativamente a retratar a violência e o tráfico. Abordam-se os problemas dos conjuntos habitacionais, são feitas muitas menções a incêndios, enchentes e deslizamentos. Considera-se que no período de 1970 a 1980 há uma transição para o terceiro discurso do concebido – o da violência.

Em 1970, o destaque maior recai sobre os problemas das novas habitações, como a distância do local de trabalho e o aumento do custo para este deslocamento, sem contar os problemas enfrentados (falta de iluminação, de transporte). Algumas reportagens transmitem uma falsa idéia de que os conjuntos habitacionais são ótimos, simplesmente vieram para resolver todos os problemas da população que vivia nas favelas em condições insalubres e inadequadas. Os conjuntos habitacionais apresentavam problemas, principalmente no que se refere às relações sociais estabelecidas, ao sentimento de pertencimento que não existia, pois eram de difícil acesso, o que aumentava o custo e o tempo do deslocamento até o trabalho, e muitas vezes não existia nem mesmo uma infra-estrutura no local.

Ex-desabrigados não gostam de Vila Paciência. Casas sem revestimento interno, ainda sem ligação de energia elétrica e falta de lixeira, entre outros problemas, fizeram com que os ex-desabrigados se desiludissem com as novas residências da COHAB em Vila Paciência. Outra queixa é quanto à distância e o difícil acesso [...]. O conjunto [...] apresentando um exterior bem acabado, em contraste com as paredes internas. Cada casa tem apenas um quarto, para abrigar uma família de 5 pessoas, em média. A falta de lixeira fez com que logo nos primeiros dias, as ruas se mostrassem sujas pelos detritos lançados pelos moradores. Para fazer compras, os ex-desabrigados precisam caminhar pela AV. Brasil até Paciência, a uns 3Km do conjunto. Uma das moradoras, [...] disse que o que mais a preocupa é a volta à noite [...] Segundo alguns dos moradores, muitos tem condições de pagar apartamentos da COHAB conjuntos mais próximos da cidade, o que para eles, seria melhor, pois a maioria trabalha na zona sul [...].

A proliferação das favelas também é notícia, principalmente na década de 1970, causando outros temores, já que a violência começa a ser destacada e associada diretamente a esses espaços:

Cidade sem anjos - Uma suprema ironia na Cidade de Deus, 8 escolas suspenderam as aulas por falta de segurança. Nossos anjos da guarda se sentiam em condições de defender os seus protegidos do banditismo que reina solto na Cidade de Deus. Não é certamente porque a cidade tenha deixado de ser de Deus. Mas sim porque a polícia não deixou de ser dos homens (Jornal O Globo em 12-10-79, p 15).

Cidade sem anjos, local onde os bandidos estão atuando, faz-se uma associação direta da favela com a violência, agora não mais nos subúrbios, e sim em todos esses ambientes.

Às vezes, no discurso sobre a violência, alude-se à remoção como solução para esses espaços, utilizando uma nova característica para justificar velhas ações:

Outra favela das mais perigosas do Rio está com seus dias contados, [...] É o Parque da Vila Isabel, [...] cujos 20 mil habitantes se mostraram ontem ansiosos por ser

(conferir) removidos pelo governo. É que os marginais não perdoam e assaltam até mesmo os moradores dos casebres, desrespeitam as mulheres, negociam maconha e partilham produtos de assaltos no alto do morro, onde a polícia não chega (Jornal O Globo em 1-3-73, pág 3).

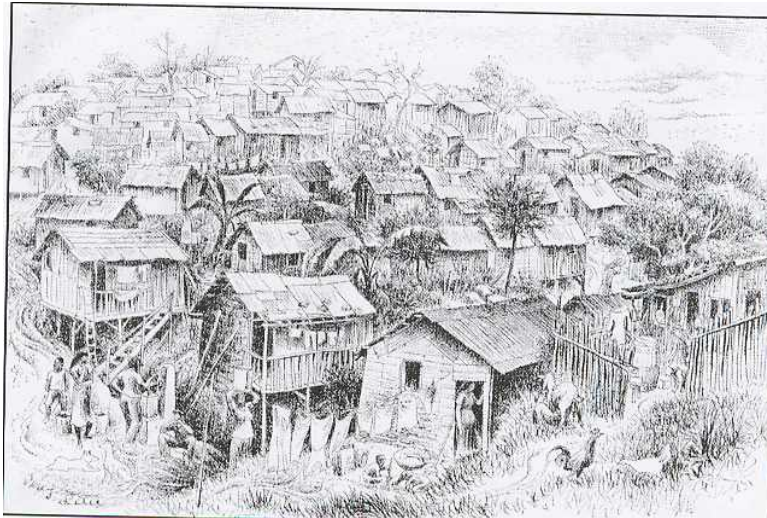
As remoções, dentro dessa visão, ajudariam a acabar com o problema da violência para os moradores. Percebe-se uma certa preocupação com a violência que se espalha para fora das favelas, atingindo os bairros mais próximos, como demonstra a reportagem a seguir:

Remoção diminui o pavor que domina os favelados. As quinze mil pessoas que vivem em condições subumanas no Morro dos Macacos estão quase entregues ao desespero, dominadas pelo pavor e a miséria (...). Os bandidos que durante o dia se escondem na favela e a noite descem para assaltar no asfalto, roubam compras de armazém que os moradores conseguem fazer com seus poucos recursos. Invadem os bancos e saqueiam à mão armada, carregando consigo até panelas que encontram com comida sobre fogueiros, roupas e outros objetos (Jornal O Globo em 2-3-73, pag. 03).

As imagens relacionadas a esses espaços permanecem determinadas pelas velhas concepções: casas localizadas nas encostas, amontoados de casas e palafitas, sem planejamento, sem estradas, em condições insalubres, sem higiene, entre outros. A figura 05, elaborada por Percy Lau e publicado pelo IBGE, representa essa realidade.

Em 1970, Percy Lau apresenta uma iconografia de alguns aspectos da favela. A favela é retratada como um amontoado de casas, sem uma definição fixa das propriedades, casas de madeiras e/ou em palafitas, telhados de zinco. Há mulheres carregando latas de água, e animais próximos às pessoas e às casas mostrando um ambiente rural e/ou selvagem.

Figura 05
Iconografia sobre aspectos da favela, elaborado por Percy Lau.



Fonte: IBGE, 1970 (apud Censo Maré CEASM, 2000).

O terceiro discurso, bem caracterizado pela mídia e pelo poder público, é o da violência. A favela sempre foi retratada como lugar dos malandros, mas percebe-se que o discurso da violência inicialmente não estava presente nas áreas centrais do RJ, como se esse problema só acontecesse nas áreas periféricas. Essa mudança começa a ser verificada mais intensamente na década de 1980, sendo bastante “corriqueira” na década atual.

A favela vira sinônimo de tiroteios, mortes, tráfico, ações da polícia, seqüestros, guerras, grupos de extermínios, lugar onde a lei oficial não existe. Então, a favela não é mais definida pela ausência, mas pela presença da morte, do tráfico, etc. Ela ganha uma identidade por características que lhe seriam, se não próprias, ao menos marcantes. Tais marcas acabariam com a definição de favela pela ausência, ainda que sejam marcas depreciativas. Esses significados estendem-se a todos os lugares das favelas, como se toda a população fosse parte desse contexto. A figura 06 demonstra bem a realidade acima mencionada, na qual a polícia “sobe” o morro para “colocar ordem” na favela.

Figura 06
Ocupação da polícia nos morros

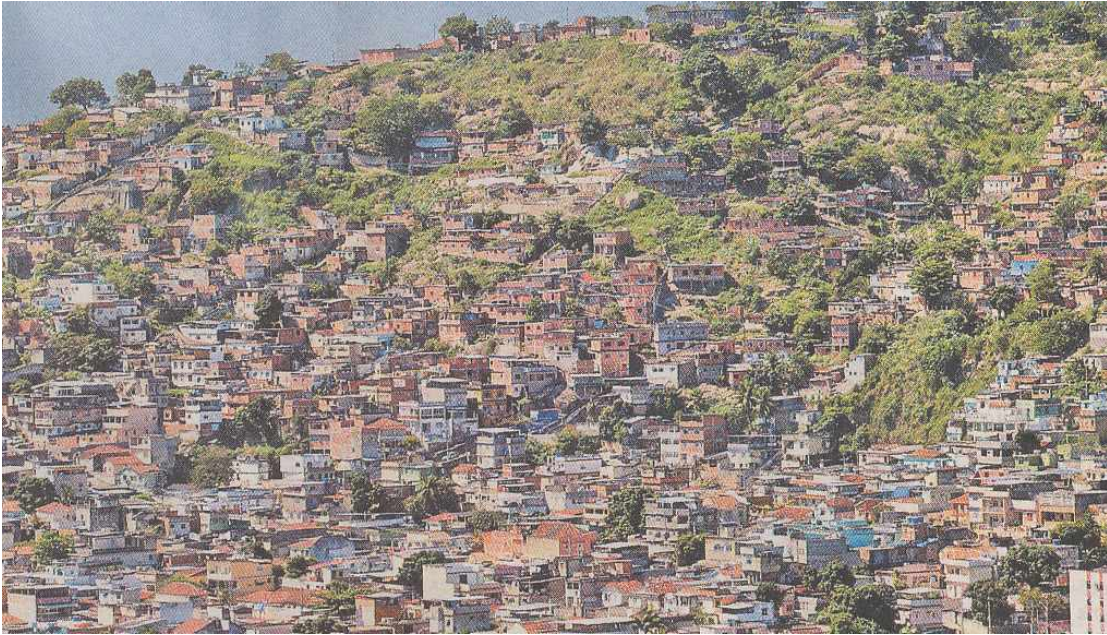


Fonte: jornal o Globo, 14/10/2004, Ocupação do Morro de São Carlos, RJ.

As reportagens discutiam principalmente a violência entre traficantes e policiais, criando um imaginário da favela como local de risco e/ou perigo. Expressões como “ *Feudos dos traficantes*” , “ *sonhar com a cidade e acordar na periferia*” , “ *guerra chega ao asfalto*” , “ *favelas teimosas*” , “ *faixa de gaza*” , fazem parte do cotidiano das notícias e dão continuidade ao preconceito para com essas áreas, confirmando os estereótipos criados para esses espaços pelas pessoas que não os vivenciam.

A figura 07 é a imagem que circula nos dias de hoje sobre as favelas. Na verdade, poucas são as diferenças da iconografia demonstrada na figura 08. No entanto, percebe-se uma nova configuração: não se fala mais tanto da falta de higiene.

Figura 07
Imagem vinculada pela mídia sobre as favelas.



Fonte: jornal o Globo, 18/11/2004, Complexo do Alemão, RJ.

Silva faz o seguinte comentário sobre a reportagem do jornal O Globo de 08/04/01: “ *Principal alvo da violência urbana, jovens de comunidades carentes começam a encontrar em escolas dos estados do Rio de Janeiro e Pernambuco a oportunidade de se afastar das drogas e do crime*” . Segundo o autor⁷⁶:

o juízo subjacente à citação é de que todos os jovens da periferia são potencialmente criminosos e, por isso, precisariam ter o seu tempo ocupado – sem importar muito como – a fim de não seguirem o caminho da criminalidade. O fato de existirem tão poucas pessoas, proporcionalmente falando, envolvidas com atos criminosos no Rio de Janeiro – considerando-se as precárias condições de vida da população, historicamente – não é levado em conta na afirmação do discurso. A estereotipia dos espaços favelados se faz presente não só na forma conservadora acima apontada como em uma forma pretensamente progressista. Na primeira forma, os moradores aparecem como criminosos em potencial e/ou como colaboradores de forças criminosas. Na representação progressista, os residentes

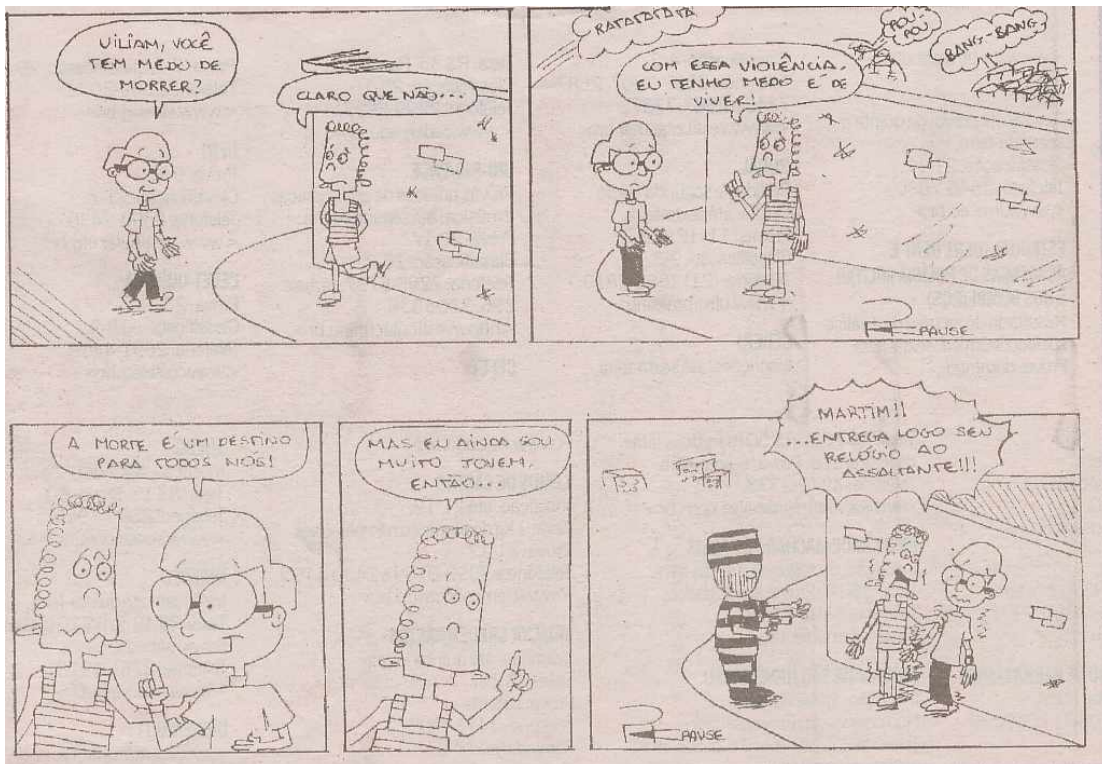
⁷⁶ In: <http://www.iets.org.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.presentation>. Data de Acesso: julho 2005.

em favelas, há algumas décadas, eram identificados por alguns setores sociais como bons favelados. O juízo estabelecia uma analogia com a visão romântica do bom selvagem, símbolo antimoderno de uma cidade racional e individualista. Embora essa idealização ainda se faça presente, tornou-se mais comum, dentre os que assumem a perspectiva identificada como progressista, sua identificação como vítimas passivas – e intrinsecamente infelizes – de uma estrutura social injusta.

Nos dias atuais, o jornal O Globo destina quase 4 páginas para o Rio de Janeiro, sendo que geralmente duas páginas são destinadas às favelas⁷⁷. Reportagens como “*a guerra entre traficantes dos Morros [...] resultou em 12 mortes*” (O Globo 30/12/2004) são contínuas nos jornais, mudando a área e o número de mortes. A figura 08 mostra um retrato da insegurança abordada por um adolescente de 19 anos, em um caderno especial do O Globo em Novembro de 2004. Trata-se de uma representação da cidade, com ruas asfaltadas, porém, ao fundo, a favela, com a sua guerra particular, tem a imagem associada ao assalto e ao morro, destacando um pouco da falta de perspectiva de alguns jovens com relação à vida. Nesse sentido, a noção de ausência permanece, porém, não no lugar em si, mas em seus jovens moradores.

⁷⁷ No período de janeiro de 2005 até julho de 2005 apenas em 14 dias não existia uma reportagem ou nota falando da favela no Jornal O Globo.

Figura 08
A turma do Martim – retrato da cidade.



Fonte: jornal o Globo, Novembro de 2004.

A figura 09 também é uma sátira da realidade do Rio de Janeiro, não se referindo diretamente às favelas, porém ligada indiretamente a elas, já que, nesta semana, houve uma série de reportagens sobre a violência associada a mortes por balas perdidas.

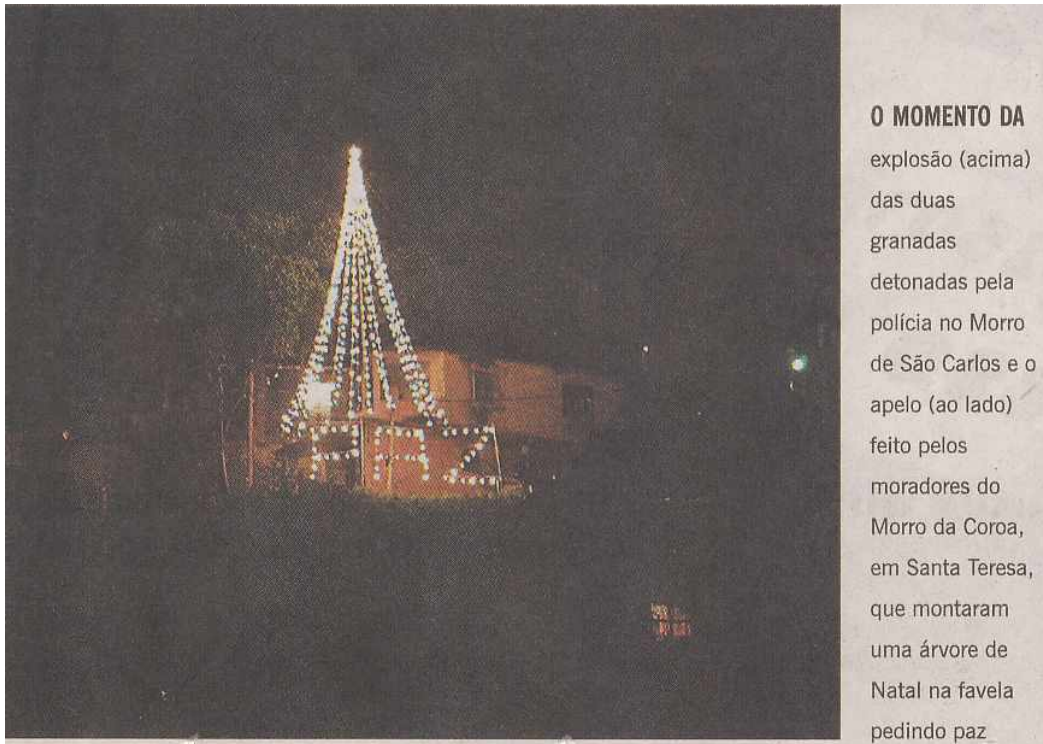
Figura 09
Balas perdidas.



Fonte: jornal o Globo, 30/10/2004.

Notícias como “traficantes fecham escolas, comércio”, “Madrugada de terror”, “estrangeiros atacados por traficantes”, “violência fechando as ruas”, entre outras, geram manifestações dos moradores, que sofrem duplamente as consequências. Primeiro por serem afetados e segundo por verem as imagens veiculadas pela mídia. A figura 10 demonstra um apelo, realizado pelos moradores do Morro da Coroa, pedindo paz.

Figura 10
Apelo pela Paz nas comunidades.



Fonte: jornal o Globo, 30/12/2004.

Atualmente, a imagem da cidade do Rio de Janeiro está associada à violência, imagem que circula pelo Brasil e pelo mundo. As favelas são os cenários perfeitos para essas reportagens, contribuindo ainda mais para formar o imaginário do medo. As favelas servem de “pano de fundo” para as reportagens sobre o tráfico de drogas e a violência a ele associada. E vão além, utilizando-se de expressões e imagens que fazem com que as pessoas fiquem simplesmente apavoradas ao passar próximo a esses lugares. No dia 10 de Julho de 2005⁷⁸, o programa Fantástico, da TV Globo, transmitido em rede nacional e em horário nobre, exhibe a seguinte reportagem:

Vias sem lei - Entrar e sair do Rio de Janeiro ficou perigoso, principalmente à noite. O perigo mora nas três vias expressas de acesso à cidade: a Avenida Brasil e as Linhas Vermelha e Amarela. A Avenida Brasil e as Linhas Vermelha e Amarela são caminho obrigatório para chegar

⁷⁸ <http://fantastico.globo.com>. Acesso em Julho 2005.

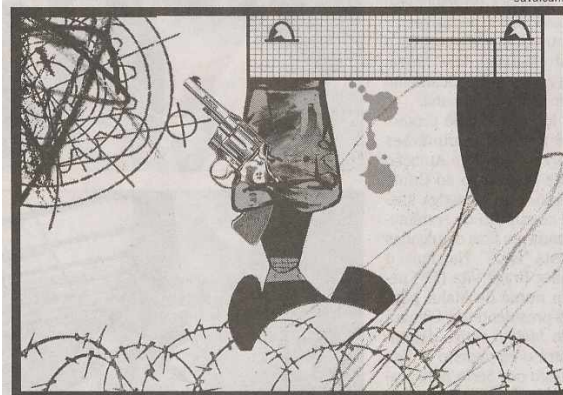
ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, à Rodovia Presidente Dutra - que liga o Rio a São Paulo - e à Cidade Universitária do Fundão, a UFRJ. Somente na Linha Vermelha trafegam, em média, 120 mil veículos por dia. Ao lado das três vias, longe da beleza das praias, o tamanho das favelas cresceu. São cerca de 20 favelas dominadas por quadrilhas de traficantes que lutam entre si e enfrentam a polícia. As cenas são de uma guerra, as consequências também. Somente nos últimos nove meses, segundo a Polícia Militar, 28 bandidos foram mortos na região. Seis policiais morreram e 21 ficaram feridos. Os casos de vítimas inocentes se repetem.

As figuras 11, 12 e 13 abordam a questão da violência, salientando a visão acima mencionada.

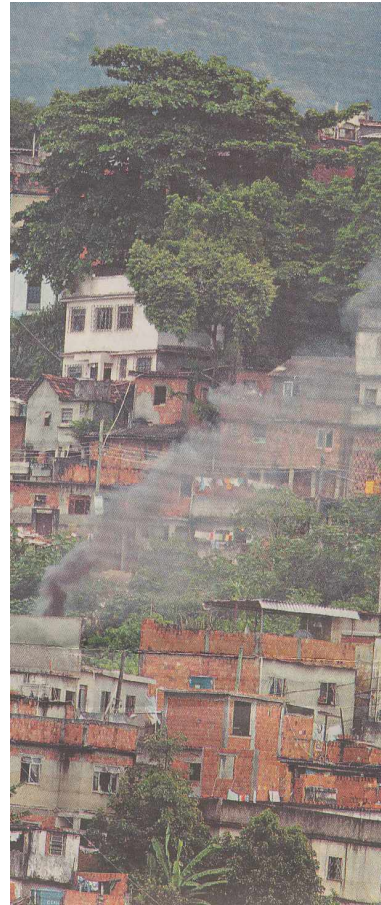
A figura 11 é uma charge associada à “guerra” que acontece no Rio de Janeiro. A figura 13 é uma charge do Lan, que costuma aludir às favelas de maneira romântica, porém, nesse período, começou a retratar um pouco da violência do Rio de Janeiro. Já a figura 12 destaca a realidade de um dia de conflito na Favela da Mineira, Centro do Rio de Janeiro.

Nesse período são inúmeras as reportagens e charges abordando este tema. As favelas intensificam-se cada vez mais. Agora não se fala mais em higienização e remoção, e sim em melhorias na qualidade de vida dessa população e em projetos para transformar esses espaços em bairros. Alude-se à violência, mas também aos meios para contê-la, principalmente quando atinge a população do “asfalto” .

Figuras 11, 12 e 13
Charges retratando a guerra no Rio



Fonte: Jornal O Globo, 14/10/2004



Fonte: Jornal O Globo, 27/12/2004



Fonte: Jornal O Globo, 27/11/2004

Algumas imagens chegam até outros países com um apelo a violência, a ponto de serem publicadas reportagens sobre os riscos de visitar o Brasil, em especial o Rio de Janeiro. A figura 14, na reportagem da Revista O Globo, em 06/03/2005, faz uma referência do ano do Brasil na França, ocasião na qual o país homenageia a cultura de um outro país. Essa imagem ficará exposta nas estações do metrô em Paris. O objetivo, segundo os autores dos projetos, “*não é mostrar a favela como algo negativo, mas como a versão carioca de uma espécie de fronteira urbana que existe em toda grande cidade e que não pode ser ignorada*”.

Figura 14
Tem favela no metrô de Paris.



Em uma simulação de como será o Favelité, franceses esperam o trem como se estivessem no morro: o projeto começa em maio
Fonte: jornal O Globo, 06/03/2005.

Outras reportagens também circulam, tais como: projetos sociais desenvolvidos, grupos de dança, teatro, músicas, entre outros, buscando ressaltar um outro lado da favela, porém muitas vezes essas manifestações são tratadas como exceções.

Essas reportagens que evidenciam os aspectos positivos são minorias. No início da circulação dos jornais, percebe-se que estavam associadas ao “palco” do samba, como uma manifestação da cultura. Hoje, observa-se a presença do *funk*, dos projetos sociais, das iniciativas que estão vindo do “olhar de dentro” .

Essas concepções demonstradas até agora fazem parte das representações do espaço favela, associadas aos discursos hegemônicos existentes na sociedade, que ao se referir às comunidades, acaba quase sempre retratando e seus aspectos negativos⁷⁹, assim como a violência, justificando determinadas práticas no espaço. Os aspectos positivos e classificados como neutros quase desaparecem nesses discursos. Dessa forma, as favelas sempre foram espaços para quem não as vivencia, isto é, são ambientes desprovidos de valores, que representam o caos, um espaço do qual a natureza foi retirada (devido á falta de árvores, poluição dos mananciais) e sem a presença do Estado. Um espaço amplo trazendo uma sensação de insegurança, sem nenhuma afetividade e relações. Porém, as representações internas não são estas, como será abordado no próximo capítulo.

⁷⁹ Como a poluição dos mananciais, a falta de saneamento básico (água tratada, esgoto, iluminação elétrica) e infra-estrutura, como estradas, além das construções não licenciadas.

CAP. 2 – DISCUTINDO A IDENTIDADE - O ESPAÇO REPRESENTADO PELOS MORADORES.

O espaço no qual está situada a cidade do Rio de Janeiro foi construído de forma desigual. Destacam-se pelo menos quatro grandes áreas: Zona Norte, Zona Sul, Zona Oeste e Área Central. Cada uma delas é resultado de uma série de políticas governamentais implantadas que foram privilegiando determinados lugares em detrimento de outros. Conhecemos e vivenciamos diariamente os resultados dessas práticas que resultaram nas desigualdades sociais, culturais, econômicas, políticas e ambientais que marcam a cidade.

A identidade não é fixa, não nasce isolada, não é um “fardo” que carregamos ao nascer, ela não é imposta pelo lugar. A identidade é co-produzida, isto é, construímos e reconstruímos à medida que as relações para com os outros e para com os lugares vão sendo estabelecidas, o que inclui os jogos de relações, poder e símbolos. Ela não se dá somente pela diferença entre o nós e os outros, mas pelas maneiras desiguais segundo as quais as pessoas se apropriam dos símbolos e signos.

As relações sociais estabelecidas e as vivências (experiências) associadas ao sentimento de estar em comunidade farão com que surjam movimentos contrários aos discursos hegemônicos sobre as favelas (espaços homogêneos, das ausências, da violência, entre outros). São representações de ordem próxima, tiradas do cotidiano das pessoas. Essas representações buscam mostrar uma outra vertente, reafirmando as diferenças e a realidade, mas mostrando um outro lado da favela.

Este capítulo tem como objetivos analisar o processo de criação das identidades nos espaços populares e compreender os diferentes modos de representá-las, principalmente pelos pré-adolescentes e jovens, já que essa idade é considerada um “divisor de águas”, isto é, a saída da infância e a entrada na adolescência. Este capítulo está dividido em três momentos: Debate sobre o conceito de comunidade e identidade; Caracterização das comunidades que compõem a favela da Maré (momento de fundação, perfil sócio-econômico, entre outros elementos) e das cinquenta pessoas que foram entrevistadas; Análise das representações do lugar pelos seus moradores.

2.1 – A construção da identidade local.

O termo comunidade⁸⁰ é constantemente utilizado para denominar as localidades das favelas. No cotidiano, esta palavra significa algo em comum, pressupõe uma identidade para com o lugar, mostra um lado afetivo e/ou vivenciado. A idéia de comunidade envolve qualidades como a solidariedade, a amizade e as relações entre as pessoas do local.

Os lugares são dotados de valores, determinados pelos sentimentos afetivos (espaços de representação). Segundo Elias & Scotson (2000, p.103) o “*sentimento de fazer parte*” de algum lugar acabou criando “*responsabilidade e dedicação à comunidade natal, o que criava sólidos vínculos entre as pessoas que ali haviam crescido*”. Às vezes não é necessário que as pessoas gostem umas das outras, mas sim que partilhem “*de um sentimento de identidade grupal*” Percebemos claramente a configuração dessas relações na Favela da Maré quando observamos os mutirões que envolvem várias famílias para a construção das lajes das casas, quando os vizinhos passam a “cuidar” dos filhos de pais que necessitam trabalhar fora e não têm como levar as crianças, ou simplesmente quando acontecem as festas (churrascos, por exemplo) em plena rua (espaço público como extensão da propriedade familiar – casa).

⁸⁰ Diante das contradições e do valor que a palavra favela pode ter, optou-se por utilizar o termo *favela* para denominar a Maré e *comunidade* para referir-se às 16 localidades que a compõem. Utiliza-se *comunidade* por achar que ele representa melhor as características desses lugares e pelo sentido que a própria população dá para seu lugar de morada. A comunidade não é definida por características comuns ou pela homogeneidade de uma área, e sim como um lugar que é conhecido e vivenciado, marcados pelos laços familiares e de amizades, que traz um sentimento agradável, podendo ser aconchegante, confortável, até mesmo seguro quando comparado a outros espaços. O sentido de estar/viver em comunidade vem com um sentido de resistência como afirma Weeks apud Bauman (2003, p. 91) “*o mais forte sentido de comunidade costuma vir dos grupos que percebem as premissas de sua existência coletiva ameaçadas e por isso constroem uma comunidade de identidade que lhes dá uma sensação de resistência e poder. Incapazes de controlar as relações sociais em que se acham envolvidas, as pessoas encolhem o mundo para adapta-lo ao tamanho de suas comunidades e agem politicamente a partir dessa base. O resultado é com frequência um particularismo obsessivo como modo de enfrentar e/ou lidar com a contingência*”. Salientamos esta visão com Elias e Scotson (2000) na qual a comunidade está relacionada aos lugares de moradia e as interdependências que são estabelecidas, para eles “*as comunidades são organizações de criadores de lares, são unidades residenciais como os bairros urbanos, os vilarejos, as aldeias, os conjuntos habitacionais ou os grupos de barracas de acampamento*” (2000, p. 165). Na Maré percebemos estas relações quando observamos o papel das associações de moradores buscando melhorias para suas comunidade, as atividades de lazer compartilhadas nos mesmos lugares de moradia e por membros em comuns (bares e futebol para os homens, igrejas e visitas aos familiares para as mulheres), entre outros elementos.

Na comunidade temos a segurança e conforto, a sensação de algo conhecido e vivenciado cotidianamente pelas pessoas. Bauman (2003, p. 56) afirma que “a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante [...] lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita [...] aqui, na comunidade, podemos relaxar – estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros”. A conotação de “ser estrangeiro” é dada às pessoas que são “de fora” da comunidade, isto é, não pertencem a ela, mesmo vivenciando-a. Esse sentimento é muito forte e é percebido de diferentes modos na Maré. Considera-se a Favela da Maré como um lugar dentro do espaço (Cidade do Rio de Janeiro), um lócus de morada, um lugar conhecido, cheio de histórias pessoais e coletivas, mas dentro delas existem fronteiras e territórios que são marcados e demarcados pelas diferentes concepções que este termo pode ter.

Viver em comunidade muitas vezes pode ser também uma tentativa de se reafirmar como grupo social e mostrar a força em projetos para a melhoria do próprio lugar (práticas espaciais). Muitas vezes essas tentativas de reafirmação perante o poder público e a sociedade resultam ou ganham força das organizações da própria população através das ONG´s e das associação de moradores, entre outras formas associativas.

Viver em comunidade está diretamente associado, no caso das favelas, à construção do conceito de lugar, que definirá as relações estabelecidas com o local de moradia. Assim, os movimentos sociais passam a criar, compartilhar e organizar-se em função de objetivos comuns, gerando um novo significado para as áreas.

Porém, não há um sentido único para o sentimento de estar/pertencer a uma comunidade, as pessoas desenvolvem formas diferentes de agir frente às dificuldades encontradas no local em que vivem, diante da sua situação socioeconômica e em função da sua vivência individual, coletiva e/ou geográfica. Silva (2002, p.116), ao discorrer sobre este assunto, afirma que:

os moradores estabelecem a delimitação dos espaços e dos vínculos sociais na comunidade; buscam canais alternativos para o acesso a instituições culturais e educacionais; desenvolvem formas sutis de enfrentamento da violência criminosa e policial – buscando uma equidistância em relação ao conflito estabelecido ou mesmo apelando, de acordo com a

conveniência e compreensão de sua cidadania, para um dos pólos do poder armado; estabelecem relações subservientes com órgão estatais que fornecem serviços públicos nas localidades; firmam relações clientelistas com políticos fisiológicos para garantir determinados benefícios e/ou organizam iniciativas reivindicatórias com ênfase na participação e envolvimento da população.

Verificamos essas diferentes formas de agir quando conhecemos de perto a realidade dessas comunidades: crianças sem espaços públicos oficiais (quadras, espaços regulamentados para a prática de esportes), pintando as ruas, demarcando em pleno espaço público seu campo de futebol. Cada “cantinho” se transforma em um espaço de lazer, algo de que os espaços populares carecem.

A desigualdade social pode levar à construção de novas identidades, como, por exemplo, o resgate da memória/história de um lugar, valorizando as tradições culturais, as pessoas que marcaram o local e a construção de memoriais (como o museu da favela localizado na Casa de Cultura da Maré), entre outros aspectos. Tais ações podem levar à reafirmação da cultura original, como é o caso da Feira de São Cristóvão e do Forró na Rua Principal (Nova Holanda), onde ocorre a concentração de determinados grupos em um local. E, geralmente, levam também a novas identidades e costumes, criando um movimento contrário à globalização e formando movimentos de resistência, que podem ser reafirmados através da “vida em comunidade”. Essa questão é analisada por Castells (2001, p. 80):

os movimentos urbanos estavam se tornando as principais fontes de resistência à lógica unilateral do capitalismo, estadismo e informacionalismo. Isso ocorreu principalmente porque diante do fracasso dos movimentos e políticas pró-ativas na luta contra a exploração econômica, a dominação cultural e a repressão política, não restou alternativa ao povo senão render-se ou reagir com base na fonte mais imediata de auto-reconhecimento e organização autônoma: seu próprio território. Assim, surgiu o paradoxo de forças políticas com bases cada vez mais locais em um mundo estruturado por processos cada vez mais globais. Houve a produção de significado e identidade: minha vizinhança, minha comunidade, minha cidade, minha escola, minha árvore, meu rio, minha praia, minha capela, minha paz, meu ambiente. Contudo, essa

foi uma identidade defensiva, uma identidade de entrincheiramento no que se entende como conhecido contra a imprevisibilidade do desconhecido e do incontrolável. Subitamente indefesas diante de um turbilhão global, as pessoas agarram-se a si mesmas: qualquer coisa que possuíssem, e o que quer que fossem, transformou-se em sua identidade.

A circulação cada vez maior de pessoas, as migrações, os meios de comunicação, principalmente a televisão, que ainda é o maior símbolo da integração mundial – globalização – com capacidade de atingir um número grande de lares instantaneamente⁸¹, são responsáveis pela massificação e homogeneização cultural. Roupas, músicas, lugares, comidas, artes plásticas, entre outros, são conhecidos e massificados, tornando-se sinônimos de luxo e poder (Canclini, 2005). Ter uma determinada roupa ou sapato de uma marca que esteja na moda significa pertencer a um grupo que tem um poder aquisitivo, o que implica uma busca pelo reconhecimento dentro de um grupo (e isso define em que grupo a pessoa quer ser reconhecida). Por outro lado, a necessidade de sobreviver perante as condições de vida (entre elas o poder aquisitivo) fazem com que as identificações e identidades próprias e locais surjam.

As identidades hoje não podem ser vistas como únicas, puras, neutras e excludentes. Elas são híbridas, dúcteis e multiculturais (Canclini, 2005). São híbridas porque assimilam e transformam as diferenças culturais, dúcteis porque são flexíveis (não são únicas, fechadas em si) e multiculturais porque são compostas por várias identidades. Porém, é fundamental destacar que a identidade não se determina somente pelas diferenças culturais desenvolvidas separadamente, mas também, como afirma Canclini (2005, p. 131), “*pelos maneiras desiguais com que os grupos se apropriam de elementos de várias sociedades, combinando-os e transformando-os*”.

Há uma coexistência de códigos que são os símbolos utilizados para identificar o “eu” e os “outros”. A identidade é construída, como é o caso dos migrantes que chegam em um novo lugar e são obrigados a se adaptarem a

⁸¹ Um exemplo atual que se torna clássico para exemplificar a rapidez das informações foi o atentado terrorista ocorrido em 11 de setembro contra as Torres Gêmeas nos EUA. Enquanto o mundo assistia e não entendia o que estava acontecendo, outro avião chocava-se contra a segunda torre.

este. Essa adaptação pode se dar de diferentes maneiras, desde os meios de transporte e alimentação até o tipo de moradia, mas esta readaptação não significa perda da identidade originária e a assimilação total do novo. É possível analisar esse processo mais claramente nos trabalhos de Haesbaert⁸², que aborda as redes estabelecidas pelos nordestinos e gaúchos ao longo do território brasileiro, e os movimentos de resistência cultural (criação dos centros de tradição gaúcha – CTG - e algumas feiras nordestinas).

O debate sobre a identidade sugere novas posições que são produzidas em função de vários aspectos, entre eles a condição social e o local de moradia. Woodward⁸³ (2000, p. 19) comenta o papel dos símbolos na construção das identidades: “*os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. As identidades são contestadas*” .

Ao afirmar uma identidade estamos reafirmando uma diferença, como, por exemplo, asfalto e favela, nós e eles, fora e dentro, entre tantas outras. Silva⁸⁴ (2005, p. 82) salienta o papel que o poder pode desempenhar: “*incluir/excluir (estes pertencem, aqueles não); demarcar fronteiras (nós e eles); classificar (bons e maus; puros e impuros; desenvolvidos e primitivos; racionais e irracionais); normalizar (nós somos normais; eles são anormais)*” . Segundo Hall, apud Woodward⁸⁵ (2005, p. 28), o termo identidade é construído por essa diferença, mas seu significado não é fixo ou completo, possui uma fluidez, “*as pessoas são capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas*” . A identidade é um conceito “*estratégico e posicional*” (Hall⁸⁶, 2005, p. 108)

Silva⁸⁷ (2005, p. 74) vai além: “*a identidade é simplesmente aquilo que se é [...] e a diferença é aquilo que o outro é*” . Logo, identidade e diferença possuem uma dependência, só existem porque precisamos definir o que somos ou quem somos. Uma afirmação traz consigo uma série de afirmações e de

⁸² Veja os trabalhos: HAESBAERT, Rogério. *Desterritorialização e identidade – a rede gaúcha no nordeste*. Niterói : EDUFF, 1997. HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização – do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2004.

⁸³ In: Silva, Hall & Woodward. *Identidade e Diferença – a perspectiva dos Estudos culturais*.

⁸⁴ Silva, Hall & Woodward, op. cit., passim.

⁸⁵ Silva, Hall & Woodward, op. cit., passim.

⁸⁶ Silva, Hall & Woodward, op. cit., passim.

⁸⁷ Silva, Hall & Woodward, op. cit., passim.

negações. Ainda, em Silva: “ *a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. elas são [...] criaturas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais*” (2005, p. 76). Dessa forma, somos nós – a sociedade – que criamos essas relações, essas composições, que demarcamos o bom, o ruim, o feio, o bonito, o que deve e o que não deve ser valorizado e/ou desprezado, o que é um lugar ideal ou não para morar, qual o perfil de pessoas e lugares de que devemos ou não ter medos.

Segundo Haesbaert⁸⁸ (1999, p. 175), “ *toda identidade só se define em relação a outras identidades, numa relação complexa de escalas territoriais e valorações negativas e positivas*”. A identidade só existe se existirem outras formas de classificação e agrupamento de costumes, tradições, símbolos e signos. Não há um limite escalar para definir e fixar as identidades.

Dessa forma, a identidade e a identificação⁸⁹ (não são palavras sinônimas) com determinadas coisas, lugares ou situações descrevem o processo pelo qual nos aproximamos ou separamos destes o que define o nosso papel e nos faz assumir uma posição perante a sociedade em que vivemos.

Identificar-se é um processo reflexivo, como salienta Haesbaert⁹⁰ (1999, p. 174): “ *identificar-se é sempre um processo de identificar-se com, ou seja, é sempre um processo relacional, dialógico, inserido numa relação social*”. Dessa forma, veremos mais adiante vários processos de identificação que implicam em representações da favela chamadas de contra-hegemônicas, já que buscam re-significar a favela e ajudar a construir uma identidade para o lugar através da arte, música, reportagens e fotos.

A identidade está relacionada às diferentes representações espaciais. Representar significa dar um sentido, fazer-se presente através de símbolos e códigos, formulados por grupos que possuem certas intenções sobre o que está sendo representado. Segundo Woodward⁹¹ (2000, p. 17):

⁸⁸ Silva, Hall & Woodward, op. cit., passim.

⁸⁹ Para compreender as diferenças entre identidade e identificação ver Silva, Hall & Woodward, op. cit., passim.

⁹⁰ In: Rosendahl & Corrêa. *Manifestações da Cultura no Espaço*.

⁹¹ In: Silva, Hall & Woodward, op. cit., passim.

a representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, proporcionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa existência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais podem falar.

A representação possui uma ligação direta com os sistemas de poder, conforme salienta Silva⁹² (2005, p. 90): “*quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade*”. A representação dá suporte à identidade e à diferença. Ter “poder” tem vários sentidos, pode estar, por exemplo, em ser um editor chefe de um jornal e decidir o que será publicado ou não sobre um determinado lugar. No momento em que se toma esta “decisão” muitas opiniões podem ser formadas, logo as representações surgem (podendo ser verdadeiras ou não, mas surgem).

Hall⁹³ (2005, p. 112), ao discorrer sobre esse assunto, afirma que:

As identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo” (aqui, a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos trair), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos. Se uma suturação eficaz do sujeito a uma posição-de-sujeito exige não apenas que o sujeito seja “convocado”, mas que o sujeito invista naquela posição, então a suturação tem que ser pensada como uma articulação e não como um processo

⁹² Silva, Hall & Woodward, op. cit., passim.

⁹³ Silva, Hall & Woodward, op. cit., passim.

unilateral. Isso, por sua vez, coloca, com toda a força, a identificação, se não as identidades, na pauta teórica.

Existem diferentes representações das favelas, que se reformularam e re-significaram ao longo de sua existência⁹⁴. Logicamente, as maneiras como a população foi se enxergando dentro deste contexto também mudou.

A favela foi representada inicialmente como fonte de sujeira e doenças, por isso deveria ocorrer uma limpeza, e várias práticas começam a ser realizadas. O termo higienização também era utilizado a respeito dos moradores. Um estereótipo criava-se naquele momento: todo favelado é sujo – são suburbanos – e tem que criar “modos” para viver e conviver na cidade. As pessoas de fora identificavam esses ambientes como algo muito ruim, os símbolos foram criados e difundidos.

Na década de 1950, é vista como um lugar de desordem, de caos urbano e continua a ser feia, portanto, precisa ser escondida dos olhos de seus habitantes. As favelas são removidas e transferidas para locais que não têm nenhum significado para elas, nem mesmo as relações de amizade, parentescos e vizinhanças.

Na década de 1980 são rotuladas como “locus” da violência, do tráfico de drogas, dos problemas ambientais decorrentes do uso inadequado e não planejado dos espaços da cidade, e a favela é a grande “vilã” desse processo. A favela é representada como um lugar violento, e também como a grande causadora das enchentes, deslizamentos e desmatamentos. E aos seus moradores são atribuídos novos estereótipos: todo favelado é bandido, é pobre, é mal-educado; os que conseguem se destacar através da dança, esportes, educação, entre outros, são considerados exceções.

As representações desses lugares interferem na construção da identidade das pessoas para com os lugares de moradia. Muitas vezes seus moradores não assumem a sua morada com medo do preconceito ou por vergonha de morar na favela. Dessa forma, a representação age de maneira negativa, criando a não identificação com o lugar. Assim, as pessoas passam a

⁹⁴ Também não podemos considerar o sujeito como algo neutro, que não tem controle sobre seus pensamentos, que simplesmente absorve as informações e é influenciado momentaneamente.

negar os símbolos que representam os lugares. Outras vezes, essas representações estereotipadas criam uma contra-hegemonia, isto é, intensifica-se o sentimento de comunidade e busca-se a unidade e o fortalecimento das pessoas enquanto cidadãos e moradores dos espaços populares. Tenta-se, dessa forma, extrapolar os limites da favela, de forma a mostrar uma visão diferenciada e não-hegemônica sobre esses lugares.

2.2 – O lugar vivido – Caracterizando o lugar e as pessoas.

2.2.1 - A favela da Maré no Rio de Janeiro.

O município do Rio de Janeiro possui uma área de 1264,2 Km² e apresenta uma densidade demográfica de 4.627,9 habitantes por Km², uma média muito acima de várias capitais brasileiras (permanece em 18^a posição quando comparado a outros municípios do Brasil), veja tabela 01.

Tabela 01

Classificação dos municípios brasileiros segundo a densidade demográfica, 2000.

Classificação	Município	Densidade Demográfica (hab/km ²)
01	São João de Meriti (RJ)	12881,4
02	Diadema (SP)	11608,8
03	Osasco (SP)	9999,9
04	Carapicuíba (SP)	9819,1
05	Olinda (PE)	9675,7
06	Taboão da Serra (SP)	9632,2
07	São Caetano do Sul (SP)	9100,3
08	Nilópolis (RJ)	7998,5
09	Fortaleza (CE)	6814
10	São Paulo (SP)	6808,1
11	Belo Horizonte (MG)	6718
12	Recife (PE)	6501,8
13	Mauá (SP)	5800,5
14	Poá (SP)	5565,3
15	Belford Roxo (RJ)	5414
16	Jandira (SP)	5211,4
17	Ferraz de Vasconcelos (SP)	4980,3
18	Rio de Janeiro (RJ)	4627,9

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, 2000⁹⁵.

A população da cidade do Rio de Janeiro em 2000 era de 5.851.914 habitantes (IBGE, 2006⁹⁶), destes, 1.092.783 habitantes (18,78%) vivem em condições subnormais⁹⁷ (favelas), espalhados nas quase 600 favelas existentes. Quando observamos os dados referentes à população que vive em moradias classificadas como subnormais, percebemos que o Rio de Janeiro permanece como o 15º Município (conforme os dados da tabela 02)⁹⁸.

⁹⁵ www.pnud.org.br.

⁹⁶ Estimativa para 2005 era de 6.094.183 habitantes. A área da unidade territorial é de 1.264,2 km². Dados obtidos no site www.ibge.gov.br.

⁹⁷ Aglomerados subnormais são grupos de mais de 50 unidades habitacionais dispostas de modo “desordenado e denso”, sobre solo que pertence a terceiros, e “carente de serviços públicos essenciais”, IBGE, op. cit., passim.

⁹⁸ O município do Rio de Janeiro aparece, entre os 5507 municípios existentes em 2000 no Brasil, na 1141ª posição quando se refere à sua área. Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, 2000. www.pnud.org.br.

Tabela 02

Classificação dos municípios brasileiros segundo os percentuais de pessoas vivendo em condições de domicílios subnormais, 2000.

Classificação	Município	Percentual de pessoas por domicílios subnormais
01	Vitória do Jari (AP)	63,44
02	Laranjal do Jari (AP)	52,67
03	Rio das Ostras (RJ)	40,14
04	São José de Ribamar (MA)	39,83
05	Guarujá (SP)	32,76
06	Belém (PA)	30,73
07	Cubatão (SP)	30,62
08	Marituba (PA)	29,29
09	Diadema (SP)	24,64
10	Ananindeua (PA)	24,12
11	Teresópolis (RJ)	23,99
12	São Bernardo do Campo (SP)	21,07
13	Bertioga (SP)	20,8
14	Mauá (SP)	19,19
15	Rio de Janeiro (RJ)	18,78

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, 2000⁹⁹.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal do Rio de Janeiro (IDH-M)¹⁰⁰ em 2000 foi de 0,842, permanecendo em 62º lugar quando comparado com os demais municípios do Brasil e, em segundo quando comparado com os municípios que compõem o estado do Rio de Janeiro.

Na tabela 03 podemos observar os dados referentes aos sub-índices dos 10 primeiros municípios (no IDH-M), utilizados para determinar os índices municipais para o estado do Rio de Janeiro.

⁹⁹ PNUD, op. cit. passim.

¹⁰⁰ O IDH-M é um dado que serve para medir a qualidade de vida e é obtido pela média aritmética simples de três sub-índices: longevidade, educação e renda.

Tabela 03**Classificação dos municípios do Estado do Rio de Janeiro segundo o IDH e seus sub-índices, 2000.**

Classificação	Município	IDH Municipal	IDH-M Educação	IDH-M Longevidade	IDH-M Renda
01	Niterói	0,88	0,96	0,80	0,89
02	Rio de Janeiro	0,84	0,93	0,75	0,84
03	Volta Redonda	0,81	0,93	0,76	0,75
04	Nova Friburgo	0,81	0,88	0,78	0,75
05	Resende	0,81	0,91	0,75	0,75
06	Barra Mansa	0,80	0,91	0,78	0,71
07	Petrópolis	0,80	0,88	0,75	0,77
08	Itatiaia	0,80	0,89	0,78	0,72
09	Iguaba Grande	0,79	0,88	0,76	0,74
10	Pinheiral	0,79	0,91	0,78	0,68

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, 2000.

Percebemos, na análise dos dados, que no sub-índice *educação* o município do Rio de Janeiro é o segundo do estado, junto com Nilópolis, ambos com um índice de 0,93. No *renda* também se apresenta em segundo lugar, com 0,84. Já no *longevidade*, o índice cai para 24º lugar; parte disso pode ser explicado pelo aumento da violência que vem assolando a cidade, principalmente na faixa etária dos jovens.

Esses dados mostram uma situação vivida pelo município do Rio de Janeiro como um todo, porém esconde as particularidades de cada bairro. Percebemos claramente que a realidade é muito desigual quando comparamos esses dados com os bairros do Rio de Janeiro.

Na tabela 04 podemos perceber as diferenças nesses mesmos índices quando analisadas as regiões administrativas do município do Rio de Janeiro. Algumas regiões como Copacabana e Lagoa apresentam índices iguais ou superiores aos dos melhores IDH's do Brasil, enquanto na Rocinha, Jacarezinho, Maré e Complexo do Alemão os índices são muito baixos.

Esses índices refletem as práticas espaciais diferenciadas que aconteceram na cidade do Rio de Janeiro, na qual áreas consideradas "nobres"

pelo setor imobiliário e administrativo foram, e ainda são, privilegiadas quando o assunto é instalação de infra-estrutura (obras), escolas, segurança, entre tantas outras práticas¹⁰¹.

Diante da diversidade encontrada neste estudo e a impossibilidade de analisar todas as favelas da cidade do Rio de Janeiro, optou-se por um recorte espacial, uma área que pudesse ser representativa desses aspectos até aqui enunciados para nossas investigações: A Favela da Maré.

A Maré está situada na Zona Norte do Rio de Janeiro, a uma distância aproximada de 10 Km da região Central, e é considerada o “*portal de entrada*” do Rio de Janeiro. É passagem obrigatória para quem chega ao Rio, seja pelo Aeroporto Internacional Galeão, na Ilha do Governador, ou de carro/ônibus através da Linha Vermelha ou Avenida Brasil (veja mapa 01). Em função disso, a Favela da Maré apresenta uma grande visibilidade para todos os moradores e não moradores da cidade.

¹⁰¹ Com relação a esse assunto, ver o capítulo 01, no qual discutimos a apropriação desigual que aconteceu no Rio de Janeiro ao longo de sua história.

Tabela 04

**Classificação do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal¹⁰²
segundo as Regiões Administrativas do município do Rio de Janeiro -
2000.**

IDH	Região Administrativa	longevidade	educação	renda	IDH - M
1	Copacabana	0,879	0,990	1,000	0,956
2	Lagoa	0,864	0,989	1,000	0,951
3	Botafogo	0,859	0,990	0,993	0,947
4	Tijuca	0,829	0,987	0,954	0,923
5	Barra da Tijuca	0,795	0,961	1,000	0,918
6	Vila Isabel	0,836	0,985	0,927	0,916
7	Centro	0,852	0,981	0,850	0,894
8	Santa Teresa	0,818	0,954	0,833	0,868
9	Méier	0,776	0,972	0,846	0,865
10	Ilha do Governador	0,794	0,947	0,845	0,862
11	Irajá	0,815	0,945	0,793	0,851
12	Jacarepaguá	0,780	0,933	0,819	0,844
13	Rio Comprido	0,773	0,931	0,804	0,836
14	Madureira	0,793	0,941	0,768	0,834
15	Inhaúma	0,780	0,945	0,773	0,833
16	Ramos	0,778	0,921	0,784	0,828
17	Ilha de Paquetá	0,818	0,854	0,795	0,822
18	São Cristóvão	0,773	0,913	0,757	0,814
19	Realengo	0,756	0,937	0,746	0,813
20	Penha	0,746	0,915	0,755	0,805
21	Anchieta	0,754	0,930	0,730	0,805
22	Campo Grande	0,728	0,922	0,727	0,792
23	Bangu	0,747	0,913	0,718	0,792
24	Portuária	0,743	0,867	0,716	0,775
25	Pavuna	0,707	0,901	0,693	0,767
26	Cidade de Deus	0,706	0,894	0,663	0,754
27	Santa Cruz	0,683	0,891	0,667	0,747
28	Guaratiba	0,702	0,853	0,684	0,746
29	Rocinha	0,715	0,818	0,673	0,735
30	Jacarezinho	0,688	0,867	0,638	0,731
31	Maré	0,684	0,826	0,646	0,719
32	Complexo do Alemão	0,656	0,834	0,637	0,709

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, 2000¹⁰³.

¹⁰² Para efeito de cálculo do IDH, foi utilizado o valor de 100%. Para efeito de cálculo do IDH, foi utilizado o valor de R\$ 1.559,24. Estes dados foram utilizados para as tabelas 01, 02, 03 e 04.

¹⁰³ PNUD, op. cit. passim.

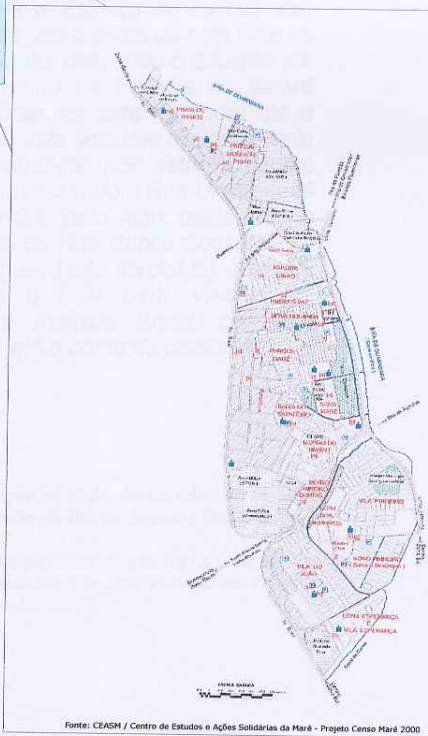
Mapa 01

Localização Geográfica do Bairro da Maré, RJ.

Localização do Bairro da Maré na Região Metropolitana do Estado Rio de Janeiro



Localização do Bairro da Maré no Município do Rio de Janeiro



ORGANIZAÇÃO: Leon Diniz Lima JR

Na Prefeitura temos a definição de 5 áreas de planejamento¹⁰⁴, a área 03, local de que a XXX Região Administrativa da Maré faz parte, tem a maior concentração da população (2.352.582 habitantes) e de pessoas vivendo em habitações subnormais (545.001 casas).

Segundo o Decreto Nº 7.980 de 12 de agosto de 1988,¹⁰⁵ da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro os limites do Bairro Maré são:

Da Baía de Guanabara, na Foz do Canal do Cunha, seguindo pelo leito deste até a Avenida Brasil, por esta (incluí do apenas o lado par, excluindo o Viaduto de Manguinhos) até esta (incluí da) até a Rua Cardoso de Moraes; por esta (incluí da) até a Rua Costa Mendes; por esta (excluí da) até o Ramal Leopoldina da RFFSA; pelo leito deste, até o prolongamento do alinhamento da Rua Doutor Noguchi; por este e pela Rua Doutor Noguchi (excluí da) até a Rua Tangará; por esta (incluí da) até a Rua Joana Fontoura; por esta (incluí da) até o seu final; Rua Capuçara (excluí da) até o prolongamento da Rua Régio; por este e pela Rua Régio (excluí da) até a Estrada do Itararé; daí, subindo a vertente em linha reta, até o ponto de cota 92m na Serra da Misericórdia; deste ponto, descendo o espigão em direção sul, até o entroncamento da Estrada do Itararé (incluí da) com a Avenida Itaóca; por esta (incluí da) até a Avenida dos Democráticos; por esta (incluí do apenas o lado par) até a Rua Capitão Bragança; por esta (excluí da, excluindo a Rua Hespéria). Atravessando a Rua Uranos, até o Ramal Leopoldina da RFFSA; pelo leito deste, até o prolongamento do alinhamento da Rua Eurico Souza Leão; por este e pela Rua Eurico Souza Leão (excluí da); Avenida Novo Rio (incluí do apenas o lado par); Viaduto de Manguinhos (incluí do) até a Avenida Brasil; por esta (incluí do apenas o lado ímpar) até o ponto de partida.

A maior parte das comunidades que hoje compõem o Bairro da Maré surge em um ambiente alagadiço, sobre um manguezal que foi aterrado para dar origem às construções de casas para uma população de baixa renda.

¹⁰⁴ Dados obtidos através do site: www.armazemdosdados.rj.gov.br. Coleção estudos da cidade. Os dados mais recentes sobre a população de favelas na cidade do Rio de Janeiro. Rio Estudos, nº 46, Fevereiro 2002.

¹⁰⁵ Alem, Adriano. Breve relato sobre a Formação das Divisões Administrativas na Cidade do Rio de Janeiro - Período de 1961 a 2006. Ibid.

Outras surgem como formas de abrigo para população de baixa renda – os centros de habitações provisórios e os conjuntos habitacionais. Hoje, a Maré é constituída por 16 comunidades (Marcílio Dias, Praia de Ramos, Roquete Pinto, Parque União, Rubens Vaz, Nova Holanda, Parque Maré, Nova Maré, Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Bento Ribeira Dantas, Conjunto Pinheiros, Vila dos Pinheiros, Novo Pinheiros, Vila do João, Conjunto Esperança e mais duas localidades que vêm se configurando como áreas isoladas conhecidas como Mandacaru – próxima à Marcílio Dias – e Cefa – próxima à Roquete Pinto, vide mapa 02. Essas comunidades apresentam características diversificadas entre si e são divididas internamente por vias rodoviárias (Av. Brasil e Linha Vermelha), áreas militares, comerciais e industriais, além da rivalidade entre as facções do tráfico de drogas.

Houve uma limitação territorial do seu espaço desde a implantação de eixos rodoviários e ferroviários, como a Avenida Brasil, a Linha Vermelha, a Linha Amarela e a via férrea, bem como da Universidade Federal do Rio de Janeiro e de áreas militares, entre outros.

Essas comunidades que compõem a Maré reúnem 132.176 habitantes, representa 2,26% da população total do município do Rio de Janeiro e 0,97% do estado do Rio de Janeiro; numa classificação por ordem de grandeza, se recebesse o status de município, ocuparia a 17^a posição em termos populacionais do estado. Dessa forma, a Maré, com uma área¹⁰⁶ de 3Km², apresenta um número expressivo de população, configurando-se, como um ótimo campo eleitoral (Censo Maré, 2000).

¹⁰⁶ Dados obtidos na dissertação de mestrado de Lyrio (2005), na qual os mesmos se referem às áreas residenciais, fornecidos pelas associações de moradores (não são compreendidos os galpões industriais, comerciais e áreas militares).



CEASM / Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré

Projeto CENSO MARÉ 2000
 Junho de 2000 / 1.500 famílias / Rio de Janeiro

MARÉ / XXX R.A. - Cidade do Rio de Janeiro

Mapa Geral - Uso do Espaço
 Base Cartográfica: IBGE - Fone: 2533 - Atualização: Junho/Março 2000 - 236

LEGENDA

- Limites das comunidades
- ▭ Linha de costa, rios e ruínas
- ▭ Área com predominância industrial ou comercial
- ▭ Área de lazer público
- ▭ Área de uso restrito
- Creche Pública / CEMASI
- Escola Pública
- Posto de Saúde / atendimento médico
- Associação de Moradores
- Posto Policial

ESCALA GRÁFICA
 0 100 200 300 400 500 600 metros

O Censo Maré (2000) também apresenta outro dado importante: a Maré possui 38.273 domicílios, registrando uma média de 3,45 habitantes por domicílio, porém a população não está distribuída da mesma forma pelas 16 comunidades. Percebemos claramente a distribuição desigual da população nas comunidades: o Parque União possui cerca de 15,4% dos domicílios e 13,4% da população, ficando em 16º lugar na relação habitante/domicílio (3,0) na Maré. A Comunidade de Nova Maré que possui 1,8% dos domicílios e 2,4% da população da Maré fica em 1º lugar na relação habitantes por número de domicílios. Esses dados mostram uma diversidade muito grande entre as comunidades. A tabela nº 05 mostra a distribuição da população pelas comunidades.

Esses dados apontam para uma média de habitantes por domicílio superiores ao do município do RJ (pelo menos 10 comunidades)¹⁰⁷. O resultado do Censo Maré salienta a grande diversidade interna “*marcada por grande concentração e crescimento, tanto populacional quanto domiciliar – vistos através das altas taxas de densidade demográfica, mas também pelas taxas de densidade ocupacional, que no caso de nosso bairro, sofreu um rápido incremento populacional, principalmente, através do poder público*” (2000, p. 41). A população não se distribuiu de maneira homogênea pela Maré. A distribuição desigual se deu por diferentes motivos, entre eles: o papel desempenhado pela própria população, que construiu o seu espaço a partir de suas vivências e práticas espaciais; a configuração física do espaço (características do terreno), proporcionando e limitando diferentes formas de ocupar esse lugar; as práticas do poder público, ora incentivando, ora limitando, ora induzindo a ocupação a partir de suas ações sobre os espaços.

¹⁰⁷ Dados retirados do Censo da Maré (CEASM, 2000, p. 40 e 41).

Tabela 05
Distribuição da população por comunidade da Maré, RJ, 2000.

Comunidade	População	% da população da comunidade em relação ao conjunto da Maré
Parque União	17.796	13,50
Vila Pinheiros	15.485	11,70
Parque Maré	15.399	11,65
Baixa do Sapateiro	11.467	8,70
Nova Holanda	11.295	8,60
Vila do João	10.651	8,00
Rubens Vaz	7.996	6,00
Marcílio Dias	7.179	5,40
Morro do Timbau	6.031	4,60
Conjunto Esperança	5.728	4,30
Salsa e Merengue	5.309	4,00
Praia de Ramos	4.794	3,62
Conjunto Pinheiros	4.767	3,60
Nova Maré	3.142	2,40
Roquete Pinto	2.514	1,90
Bento Ribeiro Dantas	2.199	1,70
Mandacarú	424	0,32
Maré	132.176	100,00

Fonte: Censo Maré(CEASM, 2000).

Os moradores dos espaços populares têm um papel fundamental na ocupação, as habitações têm formas diferenciadas dos padrões urbanos de grupos tradicionais vinculados à construção civil. São eles – seus moradores - que definem a localização dos espaços de moradia, dos espaços públicos, de lazer, entre tantos outros. São eles que edificam suas moradias, geralmente caracterizadas por um grande número de pessoas morando em uma única casa (não necessariamente formada pela presença de pai, mãe e filhos, mas geralmente compreendida por outros graus de parentescos), apresentando poucos cômodos, sendo verticalizada (lajes) e composta pelos famosos “puxadinhos” que viabilizam uma renda extra no orçamento familiar (oficinas, bares, lanchonetes e lojas, entre outros).

Os dados do censo Maré apontam para uma maior densidade habitacional nos conjuntos e vilas habitacionais construídas pelo poder público (como Nova Maré, Salsa e Merengue, Bento Ribeiro Dantas, Nova Holanda), “orientado por toda uma lógica sociocêntrica que não se resume apenas na localização onde ela será edificada, mas também na forma das construções”¹⁰⁸. Assim sendo, a maior parte dos conjuntos habitacionais construídos pelo poder público obedeceu a uma concepção de ordem distante, uma simplificação dos padrões da classe média e alta, acostumada a receber um número menor de pessoas nas casas, por exemplo. Além disso, tais projetos não permitem a ampliação e modificação do imóvel, prática muito comum nos espaços populares, com intuito de evitar a favelização. A comunidade Nova Maré é um exemplo dessa prática: ganhadora de prêmios pela sua arquitetura popular, tornou-se um problema para seus moradores; o telhado e a forma original das casas não permitem modificações, aparentando uma construção diferenciada das demais comunidades, e uma das maiores taxas de densidade de habitantes por domicílios.

O poder público também teve um papel fundamental na configuração dessas desigualdades encontradas internamente. Comunidades como a Vila do João, Pinheiros, Conjunto Esperança, Salsa e Merengue e Nova Holanda foram implantadas pelo governo em diferentes períodos, visando alocar uma população deslocada de outros espaços, ou simplesmente pôr fim a construções que eram símbolos da favelização, como as palafitas. Outras, como o Morro do Timbau e a Baixa do Sapateiro, nascem “espontaneamente” pela população de baixa renda. A tabela nº 06 mostra a data de fundação dessas comunidades.

¹⁰⁸ In: Lyrio, 2006.

Tabela 06
Ano de fundação das comunidades da Maré, RJ.

Comunidades	Ano de Fundação	Comunidades	Ano de Fundação
Morro do Timbau	1940	Conjunto Esperança	1982
Baixa do Sapateiro	1947	Vila do João	1982
Conjunto Marcílio Dias	1948	Vila do Pinheiro	1989
Parque Maré	1953	Conjunto dos Pinheiros	1989
Parque Roquete Pinto	1955	Conjunto Bento Ribeira Dantas	1992
Parque Rubens Vaz	1961	Conjunto Nova Maré	1996
Parque União	1961	Salsa e Merengue	2000
Nova Holanda	1962	Mandacarú	
Praia de Ramos	1962	Cefa	

Fonte: www.ceasm.org.br, em novembro 2004.

O Morro do Timbau, conforme as fotografias da área, era uma das únicas áreas “secas” da região, cercada por manguezais da Baía de Guanabara. O nome *Timbau* em tupi-guarani significa entre as águas. Segundo os dados da rede Memória da Maré (localizado no CEASM), a primeira moradora do Morro chegou em 1940, chamava-se D. Orosina, e teria se encantado pelo lugar e construído a primeira casa com pedaços de madeiras que a maré trouxera. Era, portanto, uma das áreas mais valorizadas da favela que nascia, por ser localizada em locais mais elevados, longe das inundações da maré. Varella et. al. (2002, p. 25) afirmam que “*a Maré hoje, é uma das áreas mais consolidadas nas comunidades do Complexo, que ainda apresenta um tecido urbano irregular, labiríntico, com vários becos sem saída e grande parte das ruas seguem as curvas de nível do morro. É uma formação típica de favelas em encostas, mas com uma diferença em comparação com outras favelas de morro: o Timbau apresenta uma densidade habitacional baixa*”. Segundo esses autores, isso se deve ao controle efetivo inicial dessas áreas pelos militares, que regularam o número de moradores e o tipo de construção, até o momento em que algumas casas foram legalizadas. Segundo Silva (2003, p. 57), “*o Timbau tem os melhores índices de qualidade de vida urbana, dentre as comunidades da Maré: não há barracos de madeira, o nível de*

limpeza é acima da média e os seus indicadores sociais – educação, saúde e renda – são os mais altos da área” .

A Vila do João e a Vila Pinheiros (década de 1980) surgiram dentro do contexto de expansão do Centro do Rio de Janeiro e da expulsão da população de baixa renda em direção às periferias e subúrbios. Criadas para abrigar inicialmente as pessoas que foram retiradas das palafitas, diferenciam-se das demais comunidades da Maré por terem recebido um grande número de nordestinos e resultam de aterros realizados pelo Projeto Rio.

Segundo Varella et. al. (2002, p. 43), “ *foram inicialmente construí dos ali dois grandes conjuntos habitacionais com tipologias arquitetônicas bem distintas: A Vila do Pinheiro, de pequenas casas germinadas unifamiliares, e o Conjunto Pinheiro , de grandes blocos de prédios multifamiliares” . Mais recentemente surge a comunidade Salsa e Merengue que, na verdade, é formada por galpões: “ estes galpões, por serem pequenos, coloridos e desconfortáveis, são logo apelidados pela população de Kinder Ovo” (Vaz, 1994).*

Próximo a este local está localizada a Matinha (Parque Ecológico da Maré), um dos locais nos quais realizamos algumas entrevistas. Por se tratar de um conjunto habitacional totalmente planejado, possui um arruamento, que posteriormente foi sendo favelizado, mostrando também uma certa rejeição da população aos conjuntos habitacionais (ao modelo arquitetônico imposto, que não respeita a individualidade das pessoas e dessa classe social).

Na Vila do João “ *foram construí das 1400 casas do tipo embrião, para a consecução da primeira etapa do Projeto-Rio que previa a remoção das palafitas da Baixa do Sapateiro e do Parque Maré” (Vaz, 1994).* A Vila caracterizava-se por suas casas multicoloridas, com um cômodo e unidades sanitárias ocupando cerca de 19 a 44 metros.

A comunidade de Nova Holanda foi planejada e construí da em 1960, sob um aterro, na administração de Carlos Lacerda. A escolha do nome deu-se em homenagem à Holanda (Europa), conhecida pelos seus sucessivos aterros para controlar a subida das marés. Segundo Varella et. al. (2002, p. 39), Nova Holanda foi construí da em caráter provisório: “ *foi projetada para ser um Centro de Habitação Provisória... as casas foram construí das em madeira [...] não permitindo que fossem realizadas melhorias pelos moradores [...]*” . A Nova

Holanda recebeu pessoas transferidas de outras favelas tais como Praia do Pinto, Morro da Formiga e da Favela do Esqueleto.

As moradias provisórias tornaram-se permanentes e hoje mantém alguns traçados sobre a forma de xadrez, porém a arquitetura já está modificada, não possui mais um “padrão” para a construção das casas. Na construção dos CHP’s buscava-se inserir novos hábitos e culturas à população proveniente de outras áreas. Eram centros impostos pela ditadura militar que alocavam esta população separando famílias e amigos. Nova Holanda cresceu e hoje se configura como uma das maiores densidades demográficas de baixa renda da Maré.

A Baixa do Sapateiro surge em 1947 em uma área plana constantemente inundada pelas marés. Sua ocupação foi realizada através das palafitas. Varella et. al. (2002, p. 31) salienta: “*as pontes de tábua que ligavam os barracos de madeira, construídos sobre as águas, transformaram-se, no momento dos aterros, em um verdadeiro labirinto, um conjunto de becos e vielas intrincado e confuso, hoje aparentemente aleatório, mas que originalmente seguia o traçado das pontes existentes e das antigas palafitas*”. A Baixa do Sapateiro era uma extensão do Morro do Timbau e seus limites ainda são confundidos. Na década de 1950 a ocupação ganha um impulso devido às obras realizadas, tais como inúmeros aterros e a construção da Cidade Universitária. Parte dos aterros foram feitos pelos moradores, e alguns deles, que ainda estavam em áreas alagadas em 1957, foram transferidos para os conjuntos habitacionais recém-construídos na própria Maré.

A comunidade do Parque Maré (1953) é uma extensão da Baixa do Sapateiro, sendo a sua fisionomia muito semelhante (ruas, casas, becos, entre outros aspectos). A densidade populacional é grande devido principalmente à proximidade com a Avenida Brasil. Varella et. al. (2002, p. 36) faz um comentário sobre o perfil das palafitas e a aparência atual da comunidade: “*para garantir após o aterro uma área maior, a habitação era erguida na frente do terreno, os banheiros nos fundos, a vários metros de distância, e entre eles eram construídas as pontes de madeira sobre as águas*”. Os mais pobres se aproveitavam dessas pontes e dos banheiros dos vizinhos.

A comunidade Bento Ribeiro Dantas (surgida em 1992) foi construída para abrigar famílias transferidas de áreas de risco – próximas a grandes

avenidas, pontes e encostas, locais onde o programa favela-bairro não podia atuar – de outras comunidades através do programa “Morar sem risco”. De acordo com Varella et. al. (2002, p. 47), tentou-se diversificar a composição do conjunto habitacional “ *através de um jogo mais complexo que reúne várias unidades distintas superpostas [porém], é possível também notar uma clara alusão à arquitetura das favelas, até mesmo pelos materiais utilizados, muitas vezes precários, e, sobretudo, pela utilização do tijolo e concreto aparentes*” um projeto totalmente concebido pelo poder público, sem relação nenhuma com as necessidades provenientes do vivido, desta forma ocorria uma “ *preocupação em manter o desenho original, sem os acréscimos habituais, que pode ser notada na laje inclinada da cobertura, projetada exatamente para evitar a verticalização*”. O conjunto Nova Maré também surge dentro desse contexto, sua construção implica em um modelo arquitetônico destoante, impedindo modificações no projeto inicial e a verticalização (não tem lajes). Segundo Silva & Barbosa (2005, p. 97), “ *o conjunto Nova Maré recebeu uma premiação internacional pelo arrojo estético de sua forma arquitetônica. Entretanto, nesse mesmo conjunto residencial encontramos os menores índices de escolaridade entre os jovens, o maior número de adultos analfabetos e as mais baixas médias de renda mensal*” .

A comunidade de Marçílio Dias teve seu processo de ocupação em 1948 “ *quando oito famílias de pescadores construíram palafitas. Marçílio Dias tem hoje cerca de 2300 domicílios, 12 mil pessoas e um comércio de pequeno porte*¹⁰⁹” . Já o Parque Roquete Pinto teve sua ocupação em 1955 em uma área também de manguezal que “ *foi tomada por palafitas. O processo de urbanização fez com que surgissem casas de alvenaria. A comunidade possui um Ciep e duas escolas públicas convencionais*¹¹⁰” .

O Parque Rubens Vaz, surgido em 1961, era conhecido como areal, tamanha era a quantidade de areia trazida pela maré. Segundo Vaz (1994, p. 61), “ *os barracos eram construídos, inicialmente, com um cômodo só e, de acordo com as possibilidades, os moradores iam aumentando o número de cômodos. As construções eram rudimentares e sem nenhuma tecnologia*” . Não era permitido construir casas de alvenaria, a proibição vinha por parte da

¹⁰⁹ Fonte: www.ceasm.org.br. Acesso em Julho 2006.

¹¹⁰ CEASM, op. cit. passim.

polícia que controlava essa ocupação. A própria população aterrou o manguezal e projetou as suas casas.

O Parque União surge em 1961, a partir do planejamento realizado por um advogado chamado Margarino Torres que queria organizar a ocupação e criar um bairro com uma boa infra-estrutura urbana, controlando totalmente a ocupação, as formas de aterro e os tipos de funções que podiam ser exercidas na comunidade (Vaz, 1994).

A Praia de Ramos passa a se incorporar às 16 comunidades em torno da 30ª Administração Regional da Prefeitura do Rio de Janeiro somente quando a Maré ganha o *status* de Bairro. Nasce de uma colônia de pescadores e hoje abriga quase 4 mil habitantes. A comunidade é marcada pela presença da praia de Ramos que sempre trouxe uma população da Zona Norte para este lugar. Nessa comunidade está localizado o Piscinão de Ramos, orgulho para muitos moradores da Maré, e um projeto amplo da Prefeitura do Rio de Janeiro que envolve a despoluição da Baía de Guanabara. Porém, não é aproveitado por toda a comunidade devido aos problemas das territorialidades do tráfico de drogas e do isolamento geográfico dessa comunidade em relação às demais.

Como podemos observar ao longo dessa pequena caracterização sobre o surgimento de cada comunidade, elas apresentam identidades distintas, são totalmente diversificadas desde a sua formação o que implica direta ou indiretamente na configuração das identidades atuais. São separadas internamente por limites variados que podem ser desde as obras públicas e privadas até a questão do tráfico de drogas, fazendo com que a população não conheça e tenha relação com a Maré por inteiro.

Apesar de todas as diversidades aqui expostas, houve sucessivas tentativas de agrupar esse espaço, surgindo assim uma denominação utilizada até os dias de hoje - Complexo da Maré. Termo que atualmente é muito empregado pela polícia do Rio de Janeiro. Dessa forma, percebemos uma tentativa de homogeneização (como se ela apresentasse as mesmas características pelo fato de ser uma favela) e controle desse espaço por parte das autoridades públicas, principalmente no que diz respeito aos problemas sociais e à violência nesses espaços.

Em 1994¹¹¹ a Maré ganha o “status” de Bairro e passa a compor a 30ª Administração Regional da Prefeitura do Rio de Janeiro. Mais uma forma de tentar controlar e administrar esses espaços através de políticas públicas. Porém, conforme os resultados do Censo da Maré (2000, p.26):

Os moradores não reconhecem o seu espaço de moradia como um bairro. Para eles seria necessária a melhoria das condições dos serviços urbanos e, principalmente, a conformidade entre as regras da cidade e as da favela; em particular no que diz respeito às práticas e intervenção do poder público quanto as regras de sociabilidade da cidade e as da favela, no sentido do reconhecimento e da expansão dos direitos e deveres de cidadania política dos seus moradores no campo cultural, jurídico e econômico.

De acordo com os dados do censo da Maré (2000), 54,9% dos moradores a identificam como um Bairro e 42,4% a consideram como uma favela¹¹². O não reconhecimento de sua moradia como bairro se dá em função de toda a problemática vivenciada. Muda-se o nome, mas os grandes problemas permanecem: “valões” correndo a céu aberto e servindo como depósito final de muitos objetos (lixões) que contribuem para a proliferação de ratos, moscas e outros insetos transmissores de doenças, falta de segurança, de um transporte coletivo oficial, de uma rede de hospitais e escolas eficientes, de conservação e manutenção de espaços públicos, entre outros.

Em contrapartida, os dados do censo (2000) apontam para uma contradição nos discursos presentes (das ausências): o fornecimento de água é considerado ótimo ou bom por 91% dos seus habitantes, 87,3% considera a coleta de lixo eficaz, a limpeza urbana é considerada eficiente por 69,4% e 62% consideram bom o tratamento de esgotos¹¹³.

No trabalho de campo observamos que esses dados também não aparecem nas entrevistas: 86% dos entrevistados falam que os maiores problemas que vivenciam é a violência, seja ela por parte do poder público (policiais) ou pela questão do tráfico de drogas presente em todas as

¹¹¹ CEASM, op. cit. passim.

¹¹² Lyrio, 2006.

¹¹³ Lyrio, op. cit., passim.

comunidades. A tabela nº 07 mostra os principais problemas identificados pelas pessoas que participaram da pesquisa.

A falta de um atendimento hospitalar na comunidade mostra uma deficiência nos postos de saúde, 74% das pessoas reclamaram desse atendimento e declaram ter que recorrer a hospitais em outras localidades (bairros) para serem atendidos.

O transporte regular (ônibus regulamentado pela prefeitura) é visto como necessidade por 26% dos entrevistados, que dizem não ter transporte que circule em toda a comunidade.

De acordo com os dados do caderno de Instituições do Bairro Maré¹¹⁴, existem 10 creches comunitárias e municipais (para 21.036 crianças de 0 a 6 anos), 16 escolas municipais e estaduais (sendo apenas sete com o ensino fundamental de 5ª a 8ª série para uma população de 18.400 crianças de 7 a 14 anos) e destas, apenas duas oferecem ensino médio. Esse dado é preocupante porque a maior parte desta população não tem condições de manter seu filho em escolas particulares, nos levando a entender os motivos da baixa escolaridade (evasão escolar). Esses dados também nos levam a compreender algumas representações sobre este espaço que associam a falta de escolaridade à criminalidade “ *a representação criminalizante que acaba por concebê-los através de um círculo vicioso em que se associa a baixa escolaridade ao subemprego e à marginalidade*” (Lyrio, 2005).

¹¹⁴ Publicado em 2004 pelo CEASM, op. cit.

Tabela 07
Principais problemas enfrentados na Maré pelos entrevistados,
2006¹¹⁵.

Problemas	Frequência dos problemas
Violência	43
Hospitais	37
Falta de lazer	23
Falta de transporte regular	13
Falta de escola	5
Falta de cultura	2
Falta de segurança	1
Falta de trabalho	1
Vizinhos	1
Lixo	1
Outros	5

Fonte: Entrevistas aplicadas na Favela da Maré RJ, durante os meses de junho e julho de 2006.

A população tem noção dos motivos que levam a esses problemas citados. Caroline¹¹⁶ (23 anos, moradora do Parque União) comenta que os problemas ocorrem “*porque a comunidade é muito desunida e pelo desinteresse do poder público*”. Ela enfrenta-os “*evitando chegar (sair) tarde; recorre a médicos particulares quando pode pagar na própria comunidade e saindo da comunidade para ter o tipo de lazer que gosta*”. Essas estratégias parecem ser utilizadas por todos os moradores, principalmente quando o assunto é a violência. Carlos (13 anos, morador do Conjunto Esperança) “*acha que eles acontecem por causa da desigualdade social, e acha que deveria ter emprego e criação de oportunidade para os estudos*”. Ele, apesar da pouca

¹¹⁵ Para esta questão o entrevistado poderia evidenciar mais de um problema vivenciado.

¹¹⁶ Todos os nomes citados na pesquisa são fictícios, garantindo o anonimato das pessoas que contribuíram para esta pesquisa (entrevistados).

idade, já tem noção de que trabalho e estudo podem ajudar a resolver alguns problemas na comunidade e no Rio de Janeiro como um todo.

2.2.2 – O Local das entrevistas e os entrevistados.

Para a realização das entrevistas contamos com a participação de alguns alunos que pertencem a Escola Popular de Comunicação Crítica¹¹⁷, e de 40 jovens e adolescentes que freqüentam quatro espaços públicos concebidos pelo poder público na Maré: Vila Olímpica, Parque Ecológico, Praça do Parque União e Piscinão de Ramos¹¹⁸. A escolha destes espaços se deu em função deles apresentarem as características descritas a seguir.

O Parque Ecológico Municipal da Maré, conhecido como Matinha, compreende uma área 43.337m² (Foto 01 e 02). Localiza-se próximo das comunidades da Vila do João, Vila do Pinheiro e Conjunto Pinheiros. Era uma antiga ilha que pertencia à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e serviu de base para a criação, voltada para pesquisa, de 100 macacos (tipo Rhesus). No Projeto Rio de erradicação das palafitas ocorrido na década de 1980, uniu-se à área continental por uma sucessão de aterros que ocorreram na região. A ilha, em 1986, transforma-se em Parque Ecológico Municipal¹¹⁹. Durante muito tempo fica abandonado, sendo considerado uma área de risco para a população. Em 2002, por iniciativa dos moradores, volta a ser preservado. A associação de moradores do Parque Ecológico da Vila do Pinheiro assume a administração do parque, buscando parcerias (com comerciantes locais, com a Fundação de Parques e Jardins) para desenvolver projetos que contribuam para revitalizar a área, implantar canteiros medicinais, horto-escola e cooperativa de reciclagem.

¹¹⁷ A inauguração da Escola Popular de Comunicação Crítica aconteceu no dia 08 de agosto de 2005, na sede do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, situado na Rua Teixeira Ribeiro, 535, Parque Maré Maré

¹¹⁸ O roteiro da entrevista e os passos desta pesquisa são abordados no anexo 01.

¹¹⁹ Baseado no site: www.intranet.dirad.fiocruz.br:8081/html/modules/wfsection/article.php. Acesso em Outubro de 2006. E no site: www.gabeira.com.br/cidadesustentavel/atitudes/mostra.atit.asp. Acesso em Outubro de 2006.

Fotos 01 e 02
Parque Ecológico da Maré, RJ.



Legenda: Parque Ecológico da Maré – Vila dos Pinheiros. A foto 01 mostra a entrada do Parque e a foto 02 a criação de cavalos realizadas pelos moradores da comunidade. Fonte: Cardoso, Cristiane, Maré RJ. 07/07/2006.

A Praça do Parque União surge na mesma época da criação do loteamento que deu origem à comunidade (1961), planejado pelo advogado Margarino Torres que concebeu as formas e as funções iniciais da comunidade, estabelecendo áreas que deveriam servir de moradia, atividades comerciais e atividades de lazer.

O Piscinão de Ramos, inaugurado em dezembro de 2001, está localizado nas comunidades da Praia de Ramos e Roquete Pinto, sendo uma obra concebida pelo governo do Estado do Rio de Janeiro (fotos 03, 04 e 05). Inserido dentro do contexto de despoluição da Baía de Guanabara, o lago que compõe o piscinão é abastecido com água da Baía de Guanabara, preparada por uma estação de tratamento de água no próprio parque. O objetivo principal da criação do piscinão era “*recuperar o espaço urbano local (através de infraestrutura de lazer, esporte e cultura) e devolver a Praia de Ramos à população, melhorando a qualidade de vida da mesma*”¹²⁰. Em abril de 2002 a área ganha status de Parque Ambiental da Praia de Ramos, incorporando uma dimensão ambiental e sócio-educativa associada ao esporte, lazer e cultura. O Instituto Terra Nova administra o parque e desenvolve vários projetos, tais como: viveiros, coleta seletiva, balcão de direitos, hortos, telhados verdes. A localização do Piscinão nestas comunidades se deu em função da história do

¹²⁰ Site: www.terranova.org.br/proj_piscinao_ramos_roquetep.htm. Acesso em outubro de 2006.

próprio lugar, isto é, por ser historicamente uma área de referência de lazer para os habitantes da Zona norte.

Fotos 03, 04 e 05
Piscinão de Ramos, Maré, RJ.



Legenda: Piscinão de Ramos, Maré RJ. Foto 03 e 04 mostrando o piscinão que estava em manutenção neste dia. A foto 05 mostra a manifestação uma popular religiosa na beira da baía. Fonte: Cardoso, Cristiane, Maré RJ. 07/07/2006.

A Vila Olímpica da Maré¹²¹ faz divisa com a Linha Vermelha e está localizada no interior da Favela da Maré, limitando-se com as comunidades do Morro do Timbau, Nova Maré e Parque Maré. Para chegar na Vila Olímpica, dependendo de onde se sai, é preciso passar por outras comunidades, inclusive por áreas localizadas nas fronteiras entres os diferentes comandos (foto 06 e 07). É um conjunto polidesportivo, cultural e de lazer, inaugurado no ano de 2000, com 80.000 m² de área construída. Resultado das obras e melhorias que a Prefeitura do Rio de Janeiro promove através do Rio Urbe nas comunidades consideradas “*carentes e de grande porte*”. Ela atinge cerca de 6.000 alunos em 23 modalidades esportivas, entre elas: vôlei, natação,

¹²¹ Informações obtidas com os administradores da Vila Olímpica durante a realização das entrevistas.

basquete, ginástica olímpica e rítmica, judô, futebol, entre outras, contando com campos de futebol, piscinas, pistas de atletismo, quadras de tênis e de vôlei, ginásio coberto. Administrada pela ONG União Esportiva Vila Olímpica da Maré – UEVOM, cujo conselho de gestão participam representantes da Prefeitura, das comunidades, do meio empresarial e do meio acadêmico. O objetivo principal da Vila Olímpica é “o de contribuir substancialmente para o bem-estar dos moradores da região, tendo o esporte como agente de mobilização e de integração das pessoas e das comunidades [...] a atividade esportiva é vista como um agente indispensável para melhoria de vida e do desenvolvimento social” ¹²².

Foto 06 e 07
Vila Olímpica da Maré, RJ.



Legenda: Vila Olímpica da Maré A foto 06 retrata as quadras de vôlei ou voleibol e futebol, entre outros esportes que são praticados. A foto 07, uma das 2 piscinas onde são praticados vários esportes. Fonte: Cardoso, Cristiane, Maré RJ. 07/07/2006.

Agora já descrito os lugares na Maré, cabe-nos caracterizar nossos entrevistados. Foram realizadas 50 entrevistas, contamos com a participação de 26 mulheres e 24 homens.

A tabela nº 08 mostra o número de pessoas que foram entrevistadas e a sua respectiva faixa etária. A separação desses dados pela idade não foi levada em consideração na análise dos dados, foi um requisito para a escolha das pessoas que iríamos entrevistar.

¹²² Informações obtidas no site: www.uevom.da.ru. Acesso em outubro de 2006.

Tabela 08
Distribuição dos questionários segundo a idade e grupo de entrevistados,
Maré, RJ, 2006.

Idade	EPOCC	Comunidades	Total	%
12-16	1	14	15	30,00
17-24	5	17	22	44,00
Acima de 25	3	9	12	24,00
Não informou	1	-	1	2,00
total	10	40	50	100,00

Fonte: Entrevistas aplicadas na Favela da Maré RJ, durante os meses de junho e julho de 2006.

Através dos dados obtidos pelo Censo da Maré, percebeu-se um grande número de crianças e pré-adolescentes, com idade entre 0 e 14 anos (cerca de 30% ou 1/3 do total da população da Maré). Um dado significativo quando pensamos em 132.176 habitantes.

A faixa etária representada pelos 7 aos 14 anos representa 14% da população total da Maré e varia um pouco em cada comunidade, conforme o detalhamento da tabela nº 09. Dado que é de fundamental importância quando pensamos em demandas específicas que deveriam existir, tais como opções de lazer, escolas, esportes, cultura, entre outros. Nesta faixa etária ocorre uma espécie de “segundo parto”. Como Tiba (1998, p.73) salienta, “*o filho nasce da família para entrar na sociedade*”. Dessa forma, nas coletas de campo buscou-se entrevistar principalmente pré-adolescentes (compreendendo idades de 11 a 14), porém não fechando totalmente esse perfil. Extrapolamos a pesquisa para os jovens também com idades superiores a 14 anos (preferencialmente até os 24 anos).

Tabela 09
População Infantil (7 a 14 anos) residente nas comunidades da Maré, RJ, 2000.

Comunidades	7 a 14 anos de idade	% da população infanto-juvenil em relação ao total da população
Vila Pinheiros	2.115	11,50
Parque Maré	2.148	11,70
Parque União	2.086	11,40
Nova Holanda	1.664	9,10
Vila do João	1.428	7,80
Baixa do Sapateiro	1.569	8,60
Marcílio Dias	1.142	6,20
Rubens Vaz	982	5,30
Salsa e Merengue	878	4,80
Timbau	770	4,20
Praia de Ramos	768	4,20
Conjunto Esperança	730	4,00
Nova Maré	616	3,30
Conjunto Pinheiros	670	3,40
Bento Ribeiro Dantas	432	2,30
Roquete Pinto	334	1,80
Mandacarú	68	0,40
Total na Maré	18.400	100,00

Fonte: Censo Maré CEASM, 2000.

A escolha desta faixa etária (11 a 24 anos) foi em função do “divisor de águas” que ela representa, isto é, a idade que separa a infância – momento em que o pai e/ou mãe são fundamentais e considerados exemplos –) no qual eles começam a se descobrir como indivíduo, como parte de um grupo, de uma sociedade e começam a vivenciar o mundo com “seus pés”.

Nesta faixa etária, os jovens começam a perceber os problemas e a agir em função da sua vontade, muitas vezes se “rebelam” contra as “normas familiares”. Nessa fase, a incidência de jovens que abandonam a escola, começam a trabalhar e a se envolver com drogas é muito grande. É um

universo muito complexo, onde a auto-afirmação é fundamental; “ser aceito” por um grupo é o que todos buscam, mesmo que percam a sua personalidade e passem a repetir os exemplos dos outros – usar o mesmo estilo de roupa, ouvir o mesmo tipo de música, ter determinados comportamentos, entre outros. A diferença não é aceita. Ser diferente, não curtir o mesmo estilo de música implica em não pertencer a um grupo, e o não pertencimento pode trazer problemas (isolamento, vergonha, violência, entre outros). Lefebvre (2001, p.12), ao abordar a influência da cidade sobre as demais áreas, comenta o papel dos jovens nesse processo: “*a juventude, grupo etário, contribui ativamente para essa rápida assimilação das coisas e representações oriundas das cidades*”. Dessa forma, podemos afirmar que o “modo de viver” em um determinado lugar comporta uma série de objetos e valores, que são rapidamente assimilados e difundidos.

Diante desse contexto, acredita-se que a criação de uma identidade para com um lugar comece nessa fase. São as relações que os pré-adolescentes e os jovens estabelecem que vão marcando as vivências pessoais e dotando os lugares de valores. As informações que vêm de “fora” do núcleo familiar ganham um peso muito grande, marcando as opiniões destes. Nessa fase, é muito comum o confronto com a família, com frases que expressam a opinião de outros, que podem ser amigos e professores (“*meu professor falou que é assim*” – professor visto como autoridade no conhecimento”), ou até mesmo as informações veiculadas pela mídia (televisão, jornal impresso, documentários, entre outros).

Outro aspecto que chamou a atenção durante a realização das entrevistas foi o número de adolescentes solteiros e sem filhos (ver tabela 10). Muitos trabalhos apontam para uma realidade que mostra adolescentes solteiros e com filhos. Dos entrevistados, 60% são solteiros e 34% casados. No grupo dos casados, a maioria não é casada oficialmente e já tem filhos (média de 1 filho).

Tabela 10
Estado civil dos entrevistados por faixa etária, 2006.

Idade	Solteiro	Casado	Não informou
12 a 16	15	-	-
17 a 24	14	8	-
Acima de 25	1	9	-
Total	30	17	3
Em termos percentuais	60,00	34,00	6,00

Fonte: Entrevistas aplicadas na Favela da Maré RJ, durante os meses de junho e julho de 2006.

A tabela nº 11 mostra a escolaridade dos entrevistados. Podemos verificar que apenas 2% destes estão cursando a faculdade¹²³ (ambos com idades de 23 e 28 anos), uma quantidade muito pequena para a coleta de dados que fizemos. Ambos participam da Escola Popular de Comunicação Crítica. Observamos que a realização de uma faculdade é algo muito distante para os entrevistados; alguns não acreditam que podem cursar uma faculdade, outros têm que trabalhar para auxiliar no sustento da família, seja a dos pais ou a sua própria. Quando analisamos os dados, percebemos que 24% dos entrevistados concluíram o Ensino Médio, mas não deram continuidade aos estudos.

¹²³ Lembrando que 34 pessoas estavam na faixa etária que teoricamente seria a “ideal” para concluir o Ensino Médio.

Tabela 11
Grau de instrução por grupo de entrevistados, Maré, RJ, 2006.

Escolaridade	Grupos de entrevistados			%
	EPOCC	Comunidades	Total	
Ensino Fundamental Completo	-	1	1	2,00
Ensino Médio Completo	6	6	12	24,00
Cursando Ensino Fundamental	-	8	8	16,00
Cursando Ensino Médio	-	5	5	10,00
Abandono Ensino Fundamental	-	18	18	36,00
Abandono Ensino Médio	-	2	2	4,00
Cursando Universidade	2	-	2	4,00
Não Informou	2	-	2	4,00

Fonte: Entrevistas aplicadas na Favela da Maré RJ, durante os meses de junho e julho de 2006.

A evasão escolar é um dado muito presente nessas comunidades, podemos perceber que 36% dos entrevistados abandonaram a escola durante a realização do ensino fundamental, sendo que é na 4^a e 5^a Série do ensino fundamental que a evasão aconteceu. Os motivos são variados: desde a necessidade de trabalhar para sustentar a família, até problemas de adaptação com o ambiente escolar. Problemas relacionados à falta de escolas e à impossibilidade de dar continuidade aos estudos também apareceram; logicamente, a problemática da violência também está presente.

A geração mais nova, compreendida entre os 12 e os 16 anos, está cursando o ensino fundamental e médio, representando quase 26% dos entrevistados. Percebe-se claramente a influência da família sobre esta faixa etária. Muitas vezes as entrevistas foram realizadas sob a supervisão das mães.

O local de nascimento também é um dado importantíssimo quando se fala de identificação para com um lugar. É através de nossa experiência dos diferentes lugares que apreendemos e construímos nossas identificações com

os lugares. Na tabela nº 12 observa-se que 72% das pessoas entrevistadas nasceram no Município do Rio de Janeiro, não necessariamente nas comunidades em que moram atualmente. As pessoas que informaram ter nascido em outros Municípios do Rio de Janeiro correspondem a 6% e são da Região Metropolitana (principalmente de Niterói e Duque de Caxias). Já as pessoas que informaram ter nascido em outros estados correspondem a 18% desse total e vieram principalmente de Minas Gerais, Ceará, Paraíba, João Pessoa, Maranhão, Belém e Tocantins.

Tabela 12
Local de Nascimento por grupo de entrevistados, Maré, RJ, 2006.

Unidade	Grupos de entrevistados			%
	EPOCC	Comunidades	Total	
Município do Rio de Janeiro	7	29	36	72,00
Outros Municípios do Estado	-	3	3	6,00
Outros Estados	1	8	9	18,00
Não Informou	2	-	2	4,00

Fonte: Entrevistas aplicadas na Favela da Maré RJ, durante os meses de junho e julho de 2006.

Através da tabela nº 13 verifica-se que 40% dos entrevistados nasceram na própria comunidade em que estão morando atualmente. Esse dado mostra que essa geração nasceu e cresceu nestes locais. Durante algumas entrevistas foi possível verificar que uma parte dos entrevistados são filhos de migrantes. Esse dado é importante porque atesta a existência de “choques” culturais em uma mesma família. Os migrantes trazem muito de sua cultura original (tradições, símbolos e signos). Os jovens crescem entre as tradições culturais dos pais e vão adquirindo novas posturas perante a convivência com os outros. Geralmente, para se reafirmarem perante um grupo, abandonam as tradições dos pais, daí surgem os “choques culturais” entre gerações. A afirmação perante um grupo é fundamental para o jovem, ele precisa mostrar quem ele é

e com quem ele se identifica, estabelecendo vínculos de pertencimento a este ou àquele grupo.

Tabela 13
Local de Nascimento dos entrevistados por faixa etária, Maré, RJ, 2006.

Idade	Comunidades	Município do Rio de Janeiro	Outros Municípios do Estado	Outros Estados	Não Informou
12 a 16	7	3	1	3	-
17 a 24	11	6	1	4	-
Acima de 25	2	7	1	2	-
Total	20	16	3	9	2
Participação percentual (%)	40,00	32,00	6,00	18,00	4,00

Fonte: Entrevistas aplicadas na Favela da Maré RJ, durante os meses de junho e julho de 2006.

A maioria das pessoas entrevistadas que possuem mais de 25 anos vieram de outras localidades, municípios e estados, mostrando que, muitas vezes, fazem parte da primeira geração que chegou à comunidade. Dessa forma, acompanharam as transformações ocorridas na localidade.

A tabela nº 14 mostra o tempo de moradia na Comunidade. Não ficou definido em qual comunidade da Maré ocorreu este tempo de permanência. Muitas vezes a comunidade atual também não corresponde ao primeiro local de moradia das pessoas. É muito comum ocorrerem migrações internas nas próprias comunidades. Esta mobilidade residencial na Maré identificada se dá em função do aumento da violência, falta de opção de trabalho, atividades de lazer, laços familiares, entre outros.

Os jovens entrevistados têm uma vida social muito intensa, várias atividades são desenvolvidas em busca do lazer ou simplesmente do bem-estar (praias, shoppings, atividades esportivas, shows, entre outros). Nesse sentido, a escola e a igreja são consideradas como um dos primeiros locais onde estas relações e laços sociais são estabelecidos. Tais atividades são realizadas dentro e fora das comunidades em que moram atualmente.

Tabela 14
Tempo de moradia nas comunidades por grupo de entrevistado, Maré, RJ, 2006.

Tempo de moradia	Grupos de entrevistados			%
	EPOCC	Comunidades	Total	
Nasceu na Comunidade	5	15	20	40,00
Até 10 anos	2	13	15	30,00
Mais de 10 anos	2	11	13	26,00
Não Informou	2	-	2	4,00

Fonte: Entrevistas aplicadas na Favela da Maré RJ, durante os meses de junho e julho de 2006.

No levantamento feito pelo censo Maré (2000), no qual podemos verificar na tabela 15, podemos visualizar as principais atividades realizadas por seus moradores. As duas atividades mais praticadas no tempo livre de que dispõem estão relacionadas ao cotidiano da própria casa e da comunidade. Associadas à casa estão Tv (84,1%) e música (59,1%). À comunidade está a ida à igreja, correspondendo a 43,7% das práticas sociais. Esses dados mostram uma circulação pequena das pessoas pelas demais comunidades e pelos outros bairros da cidade quando o assunto é o lazer, conforme salienta Lyrio (2005): “[estas características] *demonstram uma certa tendência de valorização do mundo privado familiar e/ou de identidade religiosa, fortemente ligadas à redução do uso do espaço urbano aos laços comunitários*”. Inúmeras são as explicações encontradas para essa não circulação das pessoas, entre elas: aumento da violência dentro e fora das comunidades, falta de opção na própria comunidade, grande número de pessoas na família inviabilizando financeiramente a ida a outros lugares, alto custo das opções de lazer e difícil deslocamento na cidade.

Tabela 15
Quantidade (%) das atividades de lazer / social mais praticada pelos moradores da Maré, RJ, 2000.

Atividade	Frequência %
TV	84,10
Musica	59,10
Igreja	43,70
Praia	38,70
Shopping	27,30
Esportes	24,70
Ví deo	21,00
Bar	20,90
Leitura	17,10
Baile	12,90
Cinema	11,10
Excursão	8,70
Show	7,00
Clube	2,20
Teatro	2,10
Circo	0,80

Fonte: Censo Maré CEASM, 2000, apud Lyrio, 2006.

Também percebemos através destes dados que entre as atividades procuradas fora da comunidade estão as praias (38,7%) e shoppings (27,3%), atividades que são facilitadas pelo transporte coletivo que passa por essas regiões. Atividades culturais, tais como circo (0,8%), teatro (2,1%), ví deos (21%) e cinema (11,1%), apresentam-se como as atividades menos praticadas, mostrando que essa prática não é disseminada e incentivada pelo poder público, que não disponibiliza verbas homogêneas para todas as zonas da cidade. Lyrio (2005) apresenta os dados sobre a quantidade de teatros e centros culturais mantidos pela prefeitura do Rio de Janeiro pela cidade: 67% dos teatros estão localizados na Zona Sul, 22% no centro, 11% na Zona Norte e nenhum na Zona Oeste. Com relação aos centros culturais, os dados não destoam muito: 50% na Zona Sul, 33% no Centro, 17% na Zona Norte e nenhum na Zona Oeste. Logicamente, não podemos utilizar somente esses dados para justificar a não circulação das pessoas pela cidade quando o assunto é o lazer, já que outros elementos estão envolvidos. Também não podemos generalizar estes dados para toda a comunidade, pois, é evidente que os jovens que estão associados a alguma instituição (como o CEASM, o

Observatório de Favelas) acabam tendo acesso a outras atividades (teatro, cinema, exposições, entre outros).

Dessa forma, o uso dos espaços da cidade se dá de maneira desigual. Nos espaços estão contidas diferentes formas de usos e consumos dos lugares, eles são marcados por conflitos e desejos. São caracterizados pelas diferentes estruturas, processos, funções e formas¹²⁴, que não são apropriadas da mesma maneira por toda a população, não que existam “proibições legais” pela cidade, mas as fragmentações (em função do alto custo de alguns lugares, dificuldade ou facilidade de acesso, por exemplo) vão sendo estabelecidas. Lyrio (2005) salienta que “*seja pelas desigualdades e distinção na distribuição dos bens e equipamentos culturais da cidade, ou pelas mudanças das matrizes sócio-culturais nas próprias comunidades, ou ainda, pelo recrudescimento do tráfico de drogas e da ação policial, a questão é que todos esses aspectos colaboraram fortemente para a restrição do uso do espaço urbano e para redução do tempo-espaço social*”. Logicamente não podemos culpar apenas o poder público por estas diferentes formas de apropriação e circulação das pessoas pela cidade.

A tabela nº 16 mostra as principais atividades realizadas pelas pessoas entrevistadas quando o assunto é lazer. Essas atividades não são desenvolvidas isoladamente, marcam um pertencimento a um ou outro grupo, que às vezes podem ser excludentes (o grupo que gosta de rock não participa das mesmas atividades do grupo que gosta de *funk*). Todos eles reclamam da falta dessas opções de lazer dentro das comunidades¹²⁵.

¹²⁴ Conforme Santos apud Corrêa (2000), a forma está relacionada ao visível, ao exterior, ao padrão espacial (que pode estar relacionado à casa, ao bairro, à rede urbana). A função é a tarefa, atividade ou papel a ser desenvolvido pela forma. Habitar, vivenciar o cotidiano em suas múltiplas dimensões (trabalho, lazer, compras). A estrutura está relacionada à natureza social e econômica de uma sociedade em um determinado tempo, as formas e as funções são criadas e justificadas. Os processos são as ações que se realizam de modo contínuo, visando um resultado qualquer.

¹²⁵ O que você gosta de fazer para se divertir? Opções: cinema, teatro, danceteria, show, bares, assiste TV, visita casa de amigos e parentes. Poderia colocar outras opções.

Tabela 16
Atividades de lazer praticadas pelos entrevistados, Maré, 2006.

Atividade	Freqüência da prática da atividade
Visita casa de amigos e parentes	40
Assiste TV	37
Vai a Show (Pagode, <i>Funk</i> , Forró)	33
Cinema	32
Bares e Restaurantes	22
Danceteria	20
Teatro	18
Pratica esportes	13
Vai à praia	6
Freqüenta igrejas	4
Soltar pipa	4
Outros	7

Fonte: Entrevistas aplicadas na Favela da Maré RJ, durante os meses de junho e julho de 2006.

Destacamos a importância dos laços familiares e de amizades que são estabelecidos ao longo da vida: inicia-se na infância e se amplia na adolescência e na fase adulta. Por se tratarem de jovens, 80% dos entrevistados afirmam que o lazer está relacionado a esses contatos. A televisão fica em segundo lugar (correspondendo a 74% dos entrevistados), mostrando que todos estão conectados com as informações que a mí dia oferece.

Show, cinema e teatro são atividades realizadas geralmente fora de suas comunidades, devido à inexistência dessas praticas na própria comunidade (não existem salas de cinema e nem de teatro).

O lazer associado às atividades religiosas são práticas estabelecidas principalmente pelas mulheres casadas, que acham que a comunidade não tem muito a oferecer a elas, já que outras atividades só fazem com o marido e/ou filhos. Elas geralmente não freqüentam as “biroscas” (bares, geralmente ponto de encontro de homens solteiros e/ou casados que saem para beber

uma cerveja com os amigos, lugar extremamente masculino). Também se percebe que as mulheres, mesmo as solteiras, são mais caseiras, tendo como opção de lazer a casa dos amigos e parentes.

Entre as “outras” atividades desenvolvidas estão: jogar baralho, utilizar o computador, andar a cavalo, jogar bola de gude, freqüentar o piscinão, e exposição de artes.

Com esses dados expostos nesta parte do trabalho foi possível caracterizar a diversidade existente na Maré e entre os entrevistados. Temos um ambiente heterogêneo, diversificado e constituído por várias visões internas pessoais e/ou coletivas. Essas visões serão responsáveis pelas representações contra-hegemônicas que constituirão olhares de ordem próxima¹²⁶, olhares dos moradores e das pessoas que vivenciam diretamente a favela.

2.3 – O espaço percebido e vivido – a favela representada pelos moradores.

Como já abordado no capítulo 01, a produção do espaço e suas representações se dá nesses três níveis: vivido, concebido e percebido. No presente item, será abordado como os discursos contra-hegemônicos (plano afetivo e das práticas/relações sociais – o vivido e o percebido) constroem as representações dos espaços das favelas no estado do Rio de Janeiro, tentando des-construir e re-significar as diversas visões sobre a favela, que geralmente são negativas, representando-a de diversas formas.

O cotidiano é marcado diretamente pelas vivências pessoais, são espaços onde se estabelecem as relações de trabalho e de moradia, os movimentos cotidianos no espaço da vida. De acordo com Lindón (1997, p. 186), a mobilidade cotidiana no espaço tende a influenciar nas representações do espaço que as pessoas têm e repercute na construção das representações dos espaços construídas por elas. Esses espaços cotidianos (sejam de

¹²⁶ Entende-se por ordem próxima o olhar construído a partir do espaço vivenciado, marcado pelas relações dos indivíduos e seus grupos sociais. Em contrapartida a ordem distante o olhar proveniente de grandes instituições (como as igrejas e o Estado), dotadas de poderes que geralmente concebem suas ações no espaço (Lefebvre, 2001).

trabalhos ou de moradia), apesar de terem diferentes funções, ganham valores, passam a ser marcados por sentimentos afetivos.

O cotidiano é representado de diversas maneiras, salientando as relações sociais no trabalho e nos espaços de moradia, as amizades, as festas existentes nesses locais, entre outras relações presentes. A favela é marcada pela diferença, mas não uma diferença relacionada às “faltas” e às “ausências”, e sim ao que ela tem e que a diferencia dos outros bairros. São marcadas pelo cotidiano das pessoas que ali habitam e serão representadas no cotidiano a partir de vivências.

Surge, assim, uma valorização desses espaços através de diversas linguagens: música, arte, fotografia, reportagens, poesia, literatura e pintura, entre outras que muitas vezes saem dos “muros” da favela e projetam-se na cidade. Palco de inúmeras representações, constantemente ouvimos/visualizamos essas representações sobre a favela e muitas vezes não nos damos conta, porque consideramos exceções, já que não estamos acostumados a vê-la dessa forma. Abreu (1994, p. 42) comenta a respeito:

lugar de homens valentes, de mulheres sensuais e da melodia inebriante dos violões, a favela, ainda que sem perder a característica de “mundo infecto” de “local de assassinos”, passa agora a ser exaltada por poetas, a ser retratada por pintores. Seus personagens, que só atingiram o domínio público a partir da crônica policial, invadem agora o repertório dos sambas que exaltam a “cabrocha”, a “casinha pequenina”, o “malandro”, sambas esses que se popularizam rapidamente, atingindo todas as camadas sociais. Tendo assumido essa nova imagem, a favela insere-se então de forma diferente no imaginário carioca. Deixa de ser apenas sinônimo de desordem e de crime e passa a assumir também o papel de criadora de sonhos”.

Essas representações, apesar de evocarem sonhos e desejos, não esquecem da realidade muitas vezes dura e triste. As representações contra-hegemônicas surgem de uma tentativa de re-significar essas áreas, mostrar que as favelas, assim como todos os bairros da cidade, apresentam características que podem representá-las de diferentes maneiras.

Essas “obras” extrapolam os limites da favela e são vistas por vários segmentos da sociedade, re-significando as representações hegemônicas

sobre esses lugares. São exemplos disso o número de publicações (literaturas) realizadas sobre as favelas. Para exemplificar, algumas publicações recentes: “*As cores de Acari*” de Marcos Alvito, “*Cidade de Deus*” de Paulo Lins, “*Abusado*” de Caco Barcellos, “*Sorria, Você está na Rocinha*” de Julio Ludemir, “*Cabeça de Porco*” de Luiz Eduardo Soares, MV Bil & Celso Athayde. São obras escritas sobre o cotidiano da favela; algumas retratam um pouco da violência (como é o caso do *Abusado*), outras abordam mais os símbolos e signos existentes nas comunidades – relações entre vizinhos – sob um olhar mais antropológico (como é o caso do livro *As Cores de Acari*).

O *Funk*¹²⁷ é outro exemplo de manifestação cultural que extrapola os limites das favelas e promove cada vez mais a união entre os diversos segmentos da sociedade. Suas letras retratam o cotidiano, os problemas, as alegrias e as tristezas existentes na favela. A letra da música apresentada a seguir tornou-se um símbolo do *funk* e abriu caminho para as novas composições:

Eu só quero é ser feliz, Andar tranqüilamente na favela onde eu nasci, é. E poder me orgulhar, E ter a consciência que o pobre tem seu lugar. Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer, Com tanta violência eu sinto medo de viver. Pois moro na favela e sou muito desrespeitado, A tristeza e alegria que caminham lado a lado. Eu faço uma oração para uma santa protetora, Mas sou interrompido a tiros de metralhadora. Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela, O pobre é humilhado, esculachado na favela. Já não agüento mais essa onda de violência, Só peço à autoridade um pouco mais de competência. Eu só quero é ser feliz, Andar tranqüilamente na favela onde eu nasci. E poder me orgulhar, E ter a consciência que o pobre tem seu lugar. Diversão hoje em dia, não podemos nem pensar. Pois até lá nos bailes, eles vêm nos humilhar. Fica lá na praça que era tudo tão normal, Agora virou moda a violência no local.

Pessoas inocentes, que não têm nada a ver, Estão perdendo hoje o seu direito de viver. Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela, Só vejo paisagem muito linda e muito bela. Quem vai pro exterior da favela

¹²⁷ Para mais informação, veja o documentário: “*Sou feia mas tô na moda*”, Direção e Produção: Denise Garcia. Este longa-metragem fala sobre o *funk*, sobre este trabalho sob a ótica das mulheres, mostra um mercado de trabalho que é sustentado pelos bailes *funk*, que podem chegar a 500 por final de semana.

sente saudade, O gringo vem aqui e não conhece a realidade. Vai pra zona sul, pra conhecer água de côco, E o pobre na favela, vive passando sufoco. Trocaram a presidência, uma nova esperança, Sofri na tempestade, agora eu quero a bonança. O povo tem a força, precisa descobrir, Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui. Eu só quero é ser feliz, Andar tranqüilamente na favela onde eu nasci, é. E poder me orgulhar, E ter a consciência que o pobre tem seu lugar. (Eu Só Quero É Ser Feliz - Furacão 2000).

O *funk* vem sendo difundido não só no Brasil, mas em outros países, principalmente na Europa. Dessa forma, vem marcando uma identidade nacional, assim como o samba, que nasceu nas favelas e hoje é um dos símbolos nacionais, já que qualquer pessoa identifica o Brasil como o país do samba.

O *funk* hoje tem um papel que o samba teve no passado, isto é, o samba também nasce na favela, por um momento é totalmente discriminado pelas demais classes sociais, é rotulado como “música de malandro”, de pessoas desocupadas, de bêbados, entre outros estereótipos. Hoje o samba é uma das maiores manifestações culturais populares do Brasil, extrapolou os limites das favelas, criou uma representação para o Rio de Janeiro e para o Brasil. O próprio carnaval¹²⁸ é a consagração disso¹²⁹ e hoje é muito comum encontrar estrangeiros que vêm para o Brasil assistir aos desfiles das escolas de samba do grupo especial.

As duas letras de samba a seguir retratam a realidade da favela; a primeira é sobre o morro, local de surgimento do samba, a segunda, sobre o encontro do “morro com o asfalto” durante a realização da maior manifestação cultural do país – o Carnaval.

Eu sou o samba. A voz do morro sou eu mesmo sim senhor. Quero mostrar ao mundo que tenho valor. Eu sou o rei do terreiro. Eu sou o samba, sou natural daqui do Rio de Janeiro, sou eu quem leva a alegria, para milhões

¹²⁸ Ocorre uma limitação para a população pobre, os ingressos para assistir ao desfile do grupo especial do Rio de Janeiro possuem um custo alto, inacessível para uma boa parte da população. Os preços das fantasias também, restando para a população moradora das comunidades algumas “alas” que são para moradores.

¹²⁹ Sobre este assunto temos também o Filme “Quase dois irmãos” Lúcia Murat, 2005.

de corações brasileiros. Salve o samba, queremos samba. Quem está pedindo é a voz do povo de um país, salve o samba, queremos samba, essa melodia de um Brasil feliz (A Voz do morro - Zé Kéti).

*Você era a mais bonita das cabrochas dessa ala, você era a favorita onde eu era mestre-sala. Hoje a gente nem se fala, mas a festa continua, suas noites são de gala, nosso samba ainda é na rua. Hoje o samba saiu procurando você, quem te viu, quem te vê, quem não a conhece não pode mais ver pra crer, quem jamais a esquece não pode reconhecer. Quando o samba começava, você era a mais brilhante, e se a gente se cansava, você só seguia adiante, hoje a gente anda distante do calor do seu gingado, você só dá chá dançante onde eu não sou convidado. Hoje o samba saiu procurando você, quem te viu, quem te vê, quem não a conhece não pode mais ver pra crer, quem jamais a esquece não pode reconhecer. O meu samba se marcava na cadência dos seus passos, o meu sono se embalava no carinho dos seus braços, hoje de teimoso eu passo bem em frente ao seu portão, pra lembrar que sobra espaço no barraco e no cordão. Hoje o samba saiu procurando você, quem te viu, quem te vê, quem não a conhece não pode mais ver pra crer, quem jamais a esquece não pode reconhecer. Todo ano eu lhe fazia uma cabrocha de alta classe, de dourado eu lhe vestia pra que o povo admirasse, eu não sei bem com certeza porque foi que um belo dia, quem brincava de princesa acostumou na fantasia. Hoje o samba saiu procurando você, quem te viu, quem te vê, quem não a conhece não pode mais ver pra crer, quem jamais a esquece não pode reconhecer. Hoje eu vou sambar na pista, você vai de galeria, quero que você assista na mais fina companhia, se você sentir saudade, por favor não dê na vista, bate palmas com vontade, faz de conta que é turista.
(Quem te viu, quem te vê - Chico Buarque/1966).*

Assim como essas duas letras, poderíamos listar uma série de sambas que retratam as favelas, desde os mais antigos até os modernos, mas esse não é o objetivo desta pesquisa¹³⁰.

Em outros campos artísticos também surgem representações sobre a favela, temos como exemplos os trabalhos Heitor dos Prazeres (1898 – 1966) e LanFranco Vaselli (1925). Eles são exemplos de pessoas retratam o cotidiano da cidade, em especial das favelas, através de representações que ganharam

¹³⁰ Para o aprofundamento neste assunto, consultar os trabalhos de Marcos Alvito e João Batista de Mello.

o mundo com as suas peculiaridades: a paixão pelo samba, a alegria do povo, as curvas das mulheres (mulatas) e dos morros, desmistificando a idéia da favela como algo ruim e triste.

Ambos possuem trajetórias distintas: Heitor dos Prazeres nasceu no Rio de Janeiro, “filho do morro”, passa a compor sambas e mais tarde a representá-los a partir de aquarelas marcadas pela alegria, movimento e cores. A figura 15 mostra um quadro de sua autoria sobre a favela. A favela é marcada pela sua localização no morro, pela sua religiosidade, ganha cores e uma aparente ordem. Não é representada como nas figuras anteriores, nas quais existe uma exaltação dos problemas, tais como a falta de água, luz e saneamento. É como se a cidade estivesse observando o morro.

Figura 15
Quadro de Heitor dos Prazeres denominado o Morro (s.d.)



Fonte: www.pitoresco.com.br/brasil/prazeres/prazeres.htm em Outubro 2004.

Heitor dos Prazeres representava em sua obra o cotidiano do Morro e todas as suas peculiaridades (pessoas, sambas, brigas, malandragem,...). A figura 16 retrata uma realidade do morro registrada por ele: as brigas. Neste quadro observa-se a imagem das pessoas usando chapéu, geralmente associado ao “malandro carioca”, fonte dos conflitos naquele período, tal como é retratado em alguns jornais da época. Neste quadro não aparece a estrutura

das casas, porém o morro está presente ao fundo mostrando a localização da favela.

Figura 16
Quadro de Heitor dos Prazeres denominado Briga no Morro (1945)



Fonte: www.pitoresco.com.br/brasil/prazeres/prazeres.htm em Outubro 2004.

Segundo D' Ambrosio¹³¹, “ a principal característica pictórica de Heitor dos Prazeres é a capacidade de revelar minúcias e detalhes do universo do samba, realidade que ele retrata com extrema facilidade por conhecer muito bem. Três particularidades logo se destacam nos mais variados trabalhos do pintor: a importância que dá à figura humana, os rostos colocados de perfil, como ocorre na arte egípcia, e a forte sugestão de movimento”.

LanFranco Vaselli é um Italiano que vem para o Brasil e passa a trabalhar com caricaturas nos principais meios de comunicação: os jornais¹³². Retrata os costumes dos cariocas, evidenciando o “ morro” , palco do samba¹³³. Já na sua primeira obra "É Hoje!" aborda subjetivamente as primeiras impressões sobre a favela, os sambas, as escolas e as pessoas pertencentes a este meio. A figura nº 17 exalta as mulatas durante o carnaval, período em que

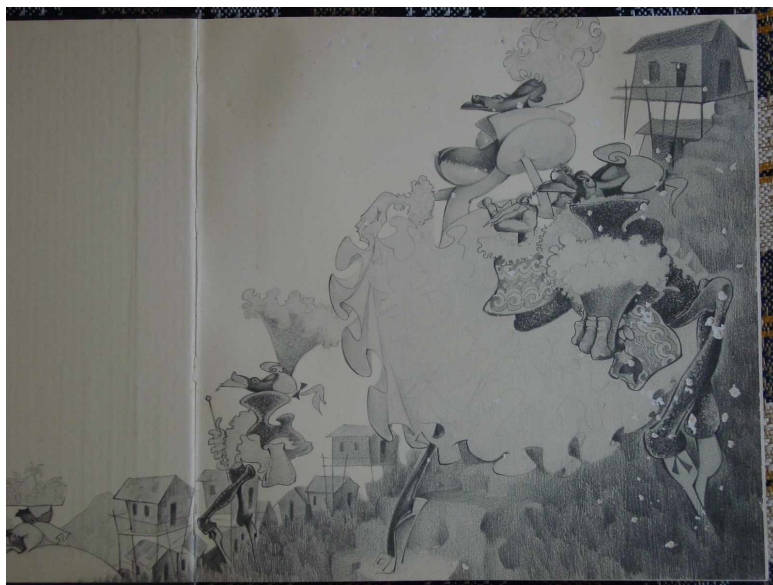
¹³¹ Retirado do site: <http://www.artcanal.com.br/oscardambrosio/heitordosprazeres.htm> em outubro de 2004.

¹³² Inicialmente trabalhou no jornal *Última hora*, depois no *Jornal do Brasil* e ultimamente trabalha no Globo.

¹³³ Retratado no livro “ÉHoje!”.

uns se transformam em outros, isto é, não existe diferença social, as fantasias são luxuosas e fazem parte de um espetáculo. É a favela que desce para a cidade, invadindo-a em uma explosão de alegria. É um dos únicos momentos em que a relação (cidade e favela) não causa “terror” à cidade. Mesmo exaltando a figura das pessoas, Lan não deixa de retratar as casas “penduradas” nos morros e a própria localização das favelas (no morros). É o cotidiano que ele quer retratar a partir de imagens e caricaturas.

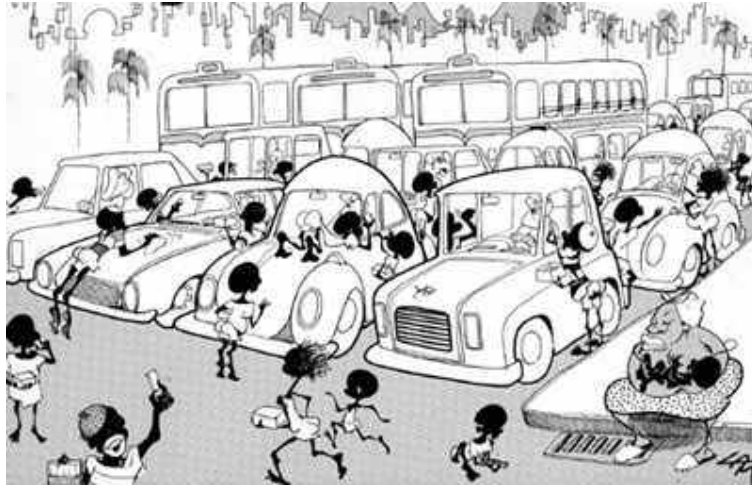
Figura 17
Capa do livro *É Hoje!* – Lan, 1978.



Fonte: VASELLI, Lan Franco. *É Hoje!* As Escolas de Lan.

Na figura nº 18 é retratado o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, com muitas pessoas e seus ritmos, o trânsito, os vendedores ambulantes, flanelinhas e o morro ao fundo (trata-se de uma cidade formal - carros e seus respectivos trabalhadores - e informal - vendedores, flanelinhas que sobrevivem na cidade). Este cotidiano é abordado sem deixar de lado a alegria e a realidade.

Figura 18
Retrato da Cidade, por Lan.



Fonte: <http://www.artes.com/lan/curriculum.htm>, em outubro de 2004.

Essas figuras apresentam aspectos da favela e da cidade que não fazem parte das representações hegemônicas. São caricaturas de um espaço cheio de problemas, real, mas que nem por isso perde a alegria. São os espaços divididos marcados pelos circuitos formais e informais da economia (Santos).

As comunidades, de maneira geral, também estão se organizando para des-construir e re-significar a visão hegemônica sobre seus espaços populares de moradia. Podemos observar vários trabalhos (acadêmicos e não-acadêmicos) realizados nessas comunidades. São tentativas de mostrar uma outra realidade sobre a favela, pautados no conhecimento local, baseado nas vivências. Na Maré, existem ONG's que buscam, através de projetos sociais, ajudar a população e contribuir para a re-significação dessas áreas.

A Escola Popular de Comunicação Crítica (EPOCC), o projeto Imagens do Povo, são exemplos desta iniciativa. A EPOCC tem como objetivo:

Contribuir para a ampliação do exercício da cidadania dos adolescentes e jovens de comunidades populares do Rio de Janeiro, através: Do seu acesso a diferentes linguagens no campo de comunicação e da cultura, que interajam com as que lhe são usuais; Da ampliação de seu capital cultural, social e simbólico; Da sua inserção

*qualificada no mercado de trabalho; Da extensão do seu tempo e espaço existenciais*¹³⁴.

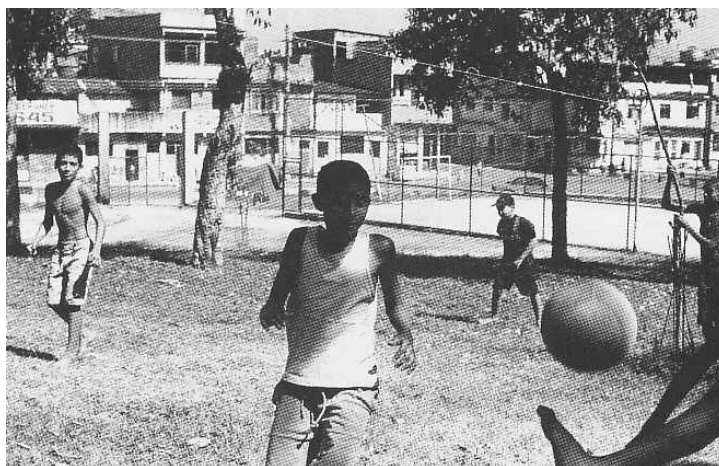
O trabalho é desenvolvido por profissionais ligados a instituições como a UFRJ, UFF, Canal Futura, a associação cultural Afro-reggae, entre outras. A escola trabalha com jovens de várias comunidades do Rio de Janeiro (além da Maré, podemos citar Manguinhos, Alemão no Rio de Janeiro e algumas comunidades da Baixada Fluminense). Desenvolve oficinas de vídeo, fotografia, mí dia impressa e rádio comunitária, visando formar profissionais que possam utilizar essas diferentes linguagens como fonte de trabalho e como uma forma de criar uma visão contra-hegemônica sobre a favela. Durante as aulas, vários profissionais de diversas áreas são chamados e introduzem uma série de temas que são discutidos coletivamente, além disso, são ministradas aulas técnicas relacionadas à escolha de cada aluno.

O projeto Imagens do Povo é “*um centro de documentação, pesquisa e formação de fotógrafos*” cujo objetivo maior é “*através do registro da realidade vivida nas periferias e favelas do Brasil e da constituição de um acervo de imagens sobre os diferentes grupos e movimentos populares do país, colocar a fotografia a serviço dos direitos humanos. Tudo isso através de um jornalismo parcial e comprometido, nascido do convívio com as comunidades documentadas, aprendendo com elas a essência de suas vidas*”¹³⁵. Esse projeto é coordenado pelo fotógrafo João Roberto Ripper, e tem como objetivo construir e dar continuidade ao banco de dados de fotografia (já existente) para que se possa registrar o cotidiano da favela através de fotos produzidas pelos moradores, sob o olhar marcado pelo cotidiano. O livro *Até quando?* é resultante do material produzido pelos fotógrafos já formados que participam desse projeto. As figuras 19 e 20, retiradas desse livro mostram o cotidiano das crianças das comunidades da Maré. A Figura 19 é de Cristiane Barbalho e retrata crianças jogando futevôlei no Parque Ecológico da Vila do Pinheiro, na Maré. Já a figura 20 é de Rosinaldo Lourenço e retrata os jovens brincando de taco na comunidade da Baixa do Sapateiro, também na Maré.

¹³⁴ Disponível em: www.observatoriodefavelas.org.br. Acesso em Junho de 2006.

¹³⁵ Disponível em: www.imagensdopovo.org.br. Acesso em Junho de 2006.

Figura 19
Crianças jogando futevôlei no Parque Ecológico da Vila do Pinheiro, Maré.



Fonte: Cristiane Barbalho, fotógrafa do projeto Imagens do Povo, retirado do livro *Até Quando?*

Figura 20
Crianças jogando taco na Baixa do Sapateiro, Maré.



Fonte: Rosinaldo Lourenço, fotógrafo do projeto Imagens do Povo, retirado do livro *Até Quando?*

O jornal *O Cidadão* – um jornal de bairro – é uma publicação do Ceasm, que tem uma circulação pelas comunidades da Maré e também cumpre um papel fundamental na construção de uma identidade para a favela. Ele traz uma série de reportagens sobre cotidiano, a história dos lugares, sobre alguns moradores que se transformam em símbolos de orgulho para a população. É um espaço aberto para os moradores que podem fazer denúncias, como é o

caso da reportagem “ *fantasmas da Maré*”¹³⁶ que aborda o abandono de prédios públicos e privados pelo bairro, e “ *Mandacaru espera solução da Prefeitura*”¹³⁷, sobre os moradores que esperavam uma posição da prefeitura para solucionar o problema das remoções e das fortes chuvas de verão e também sobre a violência praticada na comunidade. O jornal valoriza os projetos individuais que são representativos para a comunidade, traz reportagens sobre a vida social, utiliza depoimentos dos moradores, entre tantas outras funções.

O Projeto "Dança das Marés", desenvolvido pelo coreógrafo Ivaldo Bertazzo¹³⁸ com o corpo de dança da Maré em parceria com o CEASM, é desenvolvido com crianças e adolescentes moradores da Maré. Foram desenvolvidos três espetáculos retratando a comunidade: Mãe Gentil, Folias Guanabaras e Dança da Marés. Segundo Bertazzo¹³⁹, a proposta é “ *dar seqüência a um projeto antigo, que nasceu na década de 70, o Cidadão-Dançante - inserir meninos carentes na sociedade com dignidade, por meio da arte, abrindo caminho para a formação de artistas e profissionais da área*”. Nesse projeto os jovens participam de aulas de dança, canto e interpretação, figurino, iluminação, entre outros aspectos fundamentais para a produção de uma peça teatral.

O espetáculo “ Dança das Marés” resultou na publicação do livro *Maré – Vida na Favela*¹⁴⁰, baseado em depoimentos do próprio corpo de dança. É um livro que conta a história da Maré, porém com um toque bastante atual que parte das vivências dos jovens e dos moradores.

Atividades como a “ Agenda Redutora de Violência” são realizadas visando ocupar áreas conhecidas pelo conflito entre polícia e traficantes de drogas. A "Agenda Redutora de Violência" é “ *uma articulação de diversas organizações da sociedade civil da região, entidades públicas como a Fundação Osvaldo Cruz e órgãos do poder público, que vêm se organizando há meses visando combater a violência estrutural na região*”¹⁴¹. O evento aconteceu no dia 14 de Setembro de 2005, na Rua Leopoldo Bulhões em

¹³⁶ In: *O cidadão –Jornal do Bairro Maré* Rio de Janeiro –Dezembro/Janeiro de 2006, ano VIII, nº 43.

¹³⁷ Idem, Fevereiro/Março de 2006, ano VIII, nº 44.

¹³⁸ In: www.ivaldobertazzo.com.br. Acesso em Julho de 2006.

¹³⁹ Op. cit. citação nº 138.

¹⁴⁰ Este livro foi distribuído gratuitamente para as pessoas que assistiram o espetáculo.

¹⁴¹ In: www.midiaindependente.org. Acesso em Julho de 2005.

Manguinhos, e contou com a participação da comunidade, Ong's, grupos de artistas, esportistas, entre outros.

Segundo os organizadores, esse evento foi de fundamental importância pois:

o evento em Manguinhos mostra que a violência urbana não nasce das comunidades, mas sim da forma como o poder público e os setores privilegiados da sociedade tratam a favela. Muito maior e infinitamente mais importante que as "bocas-de-fumo", é a vida cultural e social que sobrevive em meio a tanta pobreza e opressão. É uma das faces da resistência silenciosa que as populações marginalizadas sustentam apesar de tudo¹⁴².

As fotos 08, 09, 10 e 11 mostram um pouco desta atividade.

¹⁴² Op. cit. citação nº 141.

Foto 08

“O Povo na Rua”. Imagem mostrando a participação das comunidades durante a Agenda Redutora de Violência, Avenida Leopoldo Bulhões, Mangunhos, RJ.



Fonte: In: www.midiaindependente.org. Acesso em Julho de 2005.

Foto 09

Grafite - Agenda Redutora de Violência, Avenida Leopoldo Bulhões, Mangunhos, RJ.



Legenda: Desenho em grafite realizado no evento. Frase: “Leopoldo Bulhões não será chamada Facha de Gaza e sim facha de benção em nome de Jesus”. Fonte: Cardoso, Cristiane, Avenida Leopoldo Bulhões, Mangunhos, RJ. 14/09/2005.

Foto 10
Exposição de Artes - Agenda Redutora de Violência, Avenida Leopoldo Bulhões, Manguinhos, RJ.



Legenda: Exposição com artistas locais sobre as imagens da favela. No cartaz que identificava a exposição estava escrito: no lugar em que moramos também existe um forte sentimento humano capaz de imaginar a beleza desse local e pintá-lo em cores de vida, de liberdade e dignidade. Fonte: Cardoso, Cristiane, Avenida Leopoldo Bulhões, Manguinhos, RJ. 14/09/2005.

Foto 11
Crianças na Rua – representações sobre a Favela - Agenda Redutora de Violência, Avenida Leopoldo Bulhões, Manguinhos, RJ.



Legenda: Desenho realizados pelas crianças durante o evento. Fonte: Cardoso, Cristiane, Avenida Leopoldo Bulhões, Manguinhos, RJ. 14/09/2005.

Esses projetos e manifestações são apenas alguns exemplos das iniciativas realizadas na Maré e fora dela, por outras comunidades, para tentar resgatar a identidade dos seus moradores, re-significar esses espaços e representar a favela a partir do olhar de ordem próxima, isto é, baseado nas vivências. São manifestações de pessoas que vivem o cotidiano das comunidades e que querem valorizar o que a favela tem de “melhor”, sem esquecer logicamente dos problemas. As pessoas que estão construindo essa visão querem levar a favela para além de seus muros, querem des-construir as representações hegemônicas sobre esses espaços.

O acesso a tais manifestações ainda não é suficientemente difundido e, muitas vezes, nem mesmo a comunidade consegue enxergar a sua própria comunidade da maneira como ela é, ou de uma forma diferente de como ela é abordada (concebida) nos principais meios de comunicação (jornais televisionados, impressos). Talvez este seja o grande desafio que se apresenta para os futuros trabalhos que deverão ser desenvolvidos dentro das comunidades.

Já que existem tantas manifestações expressivas que são chamadas de contra-hegemônicas, uma vez que retratam a favela de uma forma não predominante, de resistência, então, por que elas não conseguem extrapolar os limites das favelas? Por que elas não ajudam a re-significar os espaços populares? Esse parece ser o grande desafio para todos que estão trabalhando na re-significação de tais espaços, sejam eles artistas, escritores, jornalistas, professores, intelectuais, entre tantos outros.

No capítulo 03 analisaremos como as diferentes visões sobre/no espaço favela são construídas e difundidas. Abordaremos as diversas formas de representações e a influência sobre o jogo das identidades que passam a existir (ser favelado X ser morador de espaços populares).

CAP. 3 – DO ESPAÇO AO LUGAR: AS REPRESENTAÇÕES DAS/NAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO.

Este capítulo tem por objetivo compreender como as favelas foram representadas pelos diferentes segmentos da sociedade que criaram um significado para elas, interferindo nas diferentes representações da/na favela da Maré. Busca também analisar as diferentes identificações e identidades construídas pelos adolescentes das comunidades pensando nas relações estabelecidas entre ser favelado X ser morador de espaços populares.

As identidades e identificações para com o lugar são construídas a partir das representações do espaço que são auxiliadas pela mídia (responsável pela difusão das imagens/símbolos/concepções), e através das práticas espaciais (mundo percebido), isto é, das relações estabelecidas com o mundo do trabalho, do lazer, das necessidades relacionadas ao habitar a cidade. Ambos serão influenciados pelos espaços de representação (vivido) das pessoas, das relações cotidianas que as pessoas estabelecem com determinados lugares, e que vão ganhando sentidos e valores.

Não podemos pensar em um lugar (aqui representado pelas 16 comunidades que compõem a favela da Maré) como algo unificado, fechado em si, singular, com uma identidade única, porque cada comunidade apresenta especificidade e singularidade, possui uma história de ocupação, algumas tiveram uma ocupação natural (as pessoas foram ocupando alguns espaços desabitados), outras foram obras do governo (conjuntos habitacionais), portanto, são diversificadas. Estas características marcaram a fisionomia física, social, econômica e ambiental de cada uma delas. Algumas pertencem à Maré apenas como região administrativa (tentativa da Prefeitura de controlar e organizar o local), mas a sua população não tem nenhuma relação com as demais comunidades (como por exemplo a Praia de Ramos). A diversidade interna perpassa diferentes esferas que estão associadas desde as condições naturais, atuação das associações de moradores, até a delimitação territorial imposta pelo tráfico de drogas.

As pessoas possuem uma mobilidade diferencial pelos espaços da cidade, logo, identidade não é partilhada por todos da mesma forma e maneira. As pessoas têm identidades múltiplas e diferenciais, mulheres, homens,

crianças, adolescentes, adultos, idosos, podem compartilhar o mesmo lugar, mas suas experiências e vivências relacionadas a ele serão totalmente diferenciadas, logo o lugar para cada um ganha um sentido diferente, o que Massey (2000) chama de “*sentidos do lugar*”. Assim, o lugar pode ser considerado um recorte espacial, isto é, o *locus*, onde são estabelecidas as relações comunitárias que desta forma adquirem significados distintos: pode ser admirado, odiado, valorizado, desvalorizado, bonito, feio, bom, ruim, dependendo das vivências, percepções e concepções que se faz sobre ele, de acordo com os interesses e valores envolvidos na nossa identificação e identidade.

3.1 – A favela da Maré como um espaço concebido, vivido e percebido.

O espaço é produzido pelas diferentes ações e práticas sociais dos indivíduos, que o modificam através do trabalho e da tecnologia em função de suas necessidades sociais, econômicas, políticas e ambientais. O espaço não é fixo, possui fluxos e uma série de formas, funções, estruturas e processos marcados temporalmente. Ele constantemente é re-significado e adquire novas funções alterando sua configuração, no sentido que “*as novas atividades exigem um lugar no espaço e impõem uma nova arrumação para as coisas, uma disposição diferente para os objetos geográficos, uma organização do espaço diferente daquela que antes existia*” (Santos, 2002, p. 205). Desta maneira, o espaço não é estático, possui uma fluidez, e apresenta uma adaptação dos objetos e das pessoas ao processo produtivo, de modo que suas características alteram-se ao longo do tempo e através da escala espacial.

Com a cidade estabelecida, vários projetos e reformas foram e ainda são produzidos para remodelar, dar novas funções e dinamizar bairros, praças e prédios. Formas e funções se alteram, e com elas os processos e estruturas. O velho e o moderno hoje se apresentam simultaneamente, basta seguirmos pelas principais avenidas do centro da cidade, como a Presidente Vargas e Rio Branco para visualizarmos estes aspectos. As funções também não são mais as mesmas, algumas foram sedes administrativas e se transformaram em

residências e/ou estabelecimentos comerciais e financeiros. A valoração do centro da cidade também mudou ao longo do tempo: já foi visto como um local de trabalho, moradia, indústrias, escolas. Hoje, é basicamente local de trabalho e de setores econômicos e financeiros.

Dentro deste contexto, também podemos observar as favelas, que de modo geral, foram áreas que, num primeiro momento, abrigaram pessoas que chegavam de outros lugares, mas a sua grande maioria foi formada pela população pobre – vinda dos cortiços e de outros locais “menos nobres”¹⁴³ da cidade – desprovida de capital para habitar lugares destinados ao mercado formal. A sua população teve que construir estes espaços com uma arquitetura que contradiz qualquer projeto de engenharia¹⁴⁴ e planejamento oficial¹⁴⁵. Hoje, a favela está presente em qualquer cidade de pequeno, médio e grande porte e abriga uma população que durante muito tempo foi segregada e hoje luta pelo seu direito de habitar a cidade.

As favelas foram formas de habitações “alternativas”, sendo a única forma encontrada pela população que precisava “habitar” a cidade e não tinha recurso financeiro para comprar um “lote” regularizado pelo governo. Kowarick (2000) comenta que estas habitações surgem como alternativas compensadoras para fugir dos aluguéis, que mostram uma certa vulnerabilidade; já que a casa própria, mesmo sendo localizada e construída em locais não legalizados, é uma garantia nos momentos de crise. Desta forma, estas áreas que não possuem valor comercial, social e simbólico, que são desprovidas de atrativos e com limitações muitas vezes físicas (por exemplo, a declividade do relevo e/ou inundação pelas marés), foram abandonadas pelas classes sociais mais favorecidas financeiramente e ocupadas pelas desfavorecidas. Alternativas também quando nos remetemos a

¹⁴³ Menos nobres para os setores imobiliários e para a cidade “dita” formal.

¹⁴⁴ É só olhar para as favelas que percebemos uma engenharia própria, casas resistindo a declividade dos morros, sem nenhum projeto que envolva estudos de solos, resistências/profundidade das rochas, ou as antigas palafitas adaptadas ao ambiente de água, que poderiam subir e descer conforme as marés (ver os casos atuais das palafitas em Manaus).

¹⁴⁵ O Planejamento implica em uma racionalidade e intencionalidade sobre uma determinada área, implica em práticas públicas e privadas. Lefebvre (2001, p. 109) comenta “os arquitetos parecem ter estabelecido e dogmatizado um conjunto de significações, mal explicitado como tal e que aparece através de diversos vocábulos função, forma, estrutura, ou antes funcionalismo, formalismo, estruturalismo. Elaboram-no não a partir das significações percebidas e vividas por aqueles que habitam, mas a partir do fato de habitar, por eles interpretado”.

sua forma/aparência, uma vez que foram erguidas sem nenhum projeto (planta da casa assinada por um arquiteto e/ou engenheiro) e são resultantes da autoconstrução, que ocorre quando uma casa faz parte do projeto de vida de uma família que constrói sua habitação com a ajuda de parentes e amigos. Alternativas porque apresentam estruturas diferenciadas das casas e apartamentos do setor formal de habitação; na favela a verticalização acontece, mas é resultado do aproveitamento dos espaços: como não existe muita área física disponível, a expansão vertical aconteceu, abrigando a própria família, ou destinada à obtenção de uma renda extra (aluguel, ou venda da laje).

A ocupação da favela foi de certa forma “permitida”, quando foram “cedidos” espaços para construção e/ou quando não houve uma política eficaz para conter o avanço destas ocupações. Permitida, porque, desde o seu surgimento, foi estabelecida com o consentimento dos governantes, que “reservaram” algumas áreas para a formação do que seria mais tarde a primeira favela do Brasil (Morro da Providência), primeiro para os militares que retornavam da Guerra dos Canudos, depois para a população removida pela demolição dos cortiços (época conhecida como Bota-abaixo) e depois para a população que não tinha para onde ir e precisava ficar próxima ao ambiente de trabalho. Também foi permitida por todos os setores da sociedade que precisavam desta população para os diversos serviços (trabalhos domésticos, construção civil, lavadeiras, porteiros, entre tantos outros) e não queriam ter muita despesa com o transporte dos empregados.

Algumas favelas ou moradas populares foram frutos de um planejamento do governo buscando “construir novas moradias” para solucionar problemas habitacionais de outros lugares do Rio de Janeiro, para abrigar a população removida de áreas nobres da cidade e/ou para retirá-la da área de risco em que se encontrava. Assim, não foi dada a esta população uma infraestrutura básica, tal como transporte público para o deslocamento, coleta de lixo, condições de trabalho próximas ao local de moradia, escolas, hospitais, entre outros. Algumas comunidades como a Nova Holanda, Conjunto Esperança, Vila Kennedy e Cidade de Deus foram construídas pelo governo, umas como centros de habitações provisórias e outras permanentes. Porém, foram projetos concebidos pelo “olhar do outro”, isto é, dos planejadores que

achavam que o importante era ter um “teto”, um local para alocar as famílias. A favela, muitas vezes, foi e é concebida por ações do Estado, que através de normas urbanas “legais”¹⁴⁶ construiu algumas áreas, desrespeitando as “estratégias criativas, complexas e heterogêneas”¹⁴⁷ realizadas pelos moradores para sobreviver na cidade, como por exemplo os “puxadinhos”, ou as lajes, que têm um papel fundamental tanto no setor econômico (ampliação da casa, venda do espaço vertical) quanto no social (área de lazer, espaço de reunião familiar e de amigos). Desta forma, os moradores “*permanecem, em geral, na condição de objetos dos responsáveis pelas intervenções*”, como salientam Silva e Barbosa (2005, p. 65).

Atualmente ainda percebemos claramente esta política; o programa favela bairro é um exemplo de intervenção, ou melhor, de concepção e percepção dos espaços populares pelos planejadores. Sem a devida participação dos moradores, muitas obras servem apenas para “maquiar” a realidade da favela, pois parece que os planejadores simplesmente acreditam que o calçamento, a rede de esgoto, a legalização da propriedade e a transformação em bairro resolverão todos os problemas das comunidades. Na verdade, é mais uma forma de poder sobre estes espaços, isto é, uma forma de “controle”, seja político, econômico, social e/ou ambiental, assim como de expansão física.

Pensar em uma habitação popular implica em admitir a diversidade e as especificidades de cada lugar, assim como avaliar as condições sócio-econômicas de seus moradores. Não basta construir projetos legais com padrões residenciais concebidos, com controle do espaço construído, da circulação e reprodução das práticas sociais. Nos espaços populares de habitação, as casas adquirem funções múltiplas vinculadas ao trabalho e à renda, como forma de superar as adversidades do cotidiano (falta de emprego formal, baixos salários, distância do emprego, entre outros).

A aparência da favela reflete diretamente o cotidiano da comunidade, seu espaço em constante movimentação marca as diversas formas encontradas pela população para sobreviver e habitar a cidade. A lógica do

¹⁴⁶ Entende-se por normas urbanas legais o cumprimento de uma legislação na construção de casas formulada pelos planejadores da cidade e a legalização das propriedades.

¹⁴⁷ Silva e Barbosa (2005).

mercado formal não é a mesma do chamado "informal", no sentido que uma casa na favela pode ser a síntese de uma vida (pode se levar mais de 10 anos para construir uma casa), enquanto nos bairros formais é fruto de uma escolha ou condição financeira pessoal.

Durante anos, as favelas e os conjuntos habitacionais não foram prioridade para os governantes, estes não destinaram verbas para melhorar as condições de vida desta população, seja social, cultural, econômica e ambientalmente. Entende-se por condições de vida desde as questões materiais (infra-estrutura básica como calçamento de ruas) até a resolução de questões do âmbito da produção e reprodução das condições existenciais, como construção e disponibilidade de vagas nas escolas e hospitais (carências e acessos a determinados serviços públicos e/ou privados); trata-se, portanto, de um termo subjetivo, que demonstra escalas de valores socialmente construídas.

A favela passa a ser discutida quando extrapola seus limites e incomoda os demais setores e bairros. Incomodou quando foi considerada "*lócus*" das doenças contagiosas, podendo gerar grandes epidemias na cidade quando, na verdade, era a falta de saneamento que as provocava; incomoda quando a população é removida para locais de difícil acesso, sem infra-estrutura, e volta ao local antigo por não ter condições de permanência; quando ocupa as encostas, e os deslizamentos atingem as casas consideradas "nobres"; quando sua população vai às ruas, ou melhor, fecha as avenidas para reivindicar seus direitos e mais atenção do poder público; quando a violência extrapola os seus limites e atinge casas de fora das favelas (através de balas perdidas, dos roubos, do tráfico de drogas); enfim, quando a sociedade, de forma geral, passa a "sofrer" diretamente os problemas da desigualdade social existente na cidade¹⁴⁸.

Ao longo de sua existência a favela foi percebida e concebida de diferentes formas. Seu espaço foi marcado por representações criadas, recriadas, significadas e re-significadas pelos diversos setores da sociedade (mídia, governo, cidadãos) e não por seus moradores. Lefebvre (1983) afirma que toda representação implica em um valor que pode ser definido a partir do

¹⁴⁸ Entende-se por desigualdade social, nesta frase, desde o lado financeiro até as ocupações e acessos diferenciados pela cidade.

que está presente ou ausente, pelo que se valoriza ou desvaloriza por um determinado setor que detém um poder, assim, nas favelas, as ausências foram fundamentais para caracterizá-las e identificá-las. A ausência do Estado que vão desde a implantação e manutenção de uma infra-estrutura básica, até as ações como segurança, educação e saúde, criaram estas representações das ausências e trouxeram valores relacionados a algo ruim, como o medo e a desordem¹⁴⁹.

Nas representações estão envolvidos vários discursos e linguagens¹⁵⁰, que podem ou não estar ligados ao poder, relacionados à ordem próxima (interna) e distante (externa)¹⁵¹. Assim, se as favelas são espaços nos quais estão contidos o percebido e o concebido, mas também o vivido, por que as ausências foram tão marcantes na construção de sua identidade?

Ao longo do século XX, percebemos claramente que a mí dia teve um papel importante na dispersão dos estereótipos que não correspondem totalmente à realidade da favela; as representações realizadas sobre estes espaços são difundidas para justificar determinadas práticas sociais, econômicas, políticas e ambientais sobre eles¹⁵².

As remoções, demolições e a utilização da força policial nestes espaços são concebidas pelos governantes, que se utilizam dos meios de comunicação para justificar suas ações. A mí dia torna-se um grande instrumento capaz de contribuir de forma significativa na formação de opiniões. Não que as pessoas absorvam todas as informações como verdades absolutas, mas a mí dia contribui para conceber e perceber os espaços que são desconhecidos ou não vivenciados diretamente por todos.

¹⁴⁹ Para o que é considerado como ordem pela visão do setor formal de habitação.

¹⁵⁰ Toda linguagem pode ser verdadeira, falsa e/ou parcial, é um uso social das palavras utilizadas como um instrumento de poder (Lefebvre, 1983).

¹⁵¹ Entende-se por ordem próxima as relações dos indivíduos em grupos mais ou menos amplos, organizados e estruturados, vinculados as práticas sociais permeadas pela vivência. Na ordem distante encontramos as instituições (igreja, Estado), regidas por um código jurídico, formalizado ou não, por uma cultura dominante concebida a partir de ideologias presentes no ato de habitar a cidade, Lefebvre (2001, p. 46).

¹⁵² Por Exemplo, o fato ocorrido no início do ano de 2006, na qual presenciamos a mídia divulgando muitas notícias sobre um fato, durante quase 20 dias o Jornal O Globo destinou pelo menos duas páginas de seu jornal para justificar a ocupação do exército nas favelas, sem contar os noticiários televisionados. Uma operação que resultou na devolução das armas que foram roubadas do quartel e em mais uma "agressão moral" para seus moradores. A população ficou dividida uns apoiaram esta prática (que para eles levou a uma paz na cidade – aparente segurança) e outra parte achou totalmente desnecessária.

Os meios de comunicação não são neutros, eles têm o papel de selecionar, editar, classificar e opinar e é a partir daí que as realidades passam a ser produzidas, principalmente para quem não tem a vivência do lugar. A informação que o repórter coleta já é carregada de percepções individuais¹⁵³, depois essa informação passa pela pauta do dia, pela seleção do editor chefe, tudo isso permeado pela ideologia presente nos jornais. Os meios de comunicação [geralmente] massificam e uniformizam a diversidade. Uma simples troca de palavras pode mudar o sentido de uma reportagem, como, por exemplo, as palavras *invasão* e *ocupação*, quando são adotadas para referenciar a entrada e o acampamento dos sem-terra dentro de uma fazenda pelo movimento do MST (movimento dos trabalhadores rurais sem terra). Vítor (20 anos, morador da Baixa do Sapateiro), estudante do curso do EPOCC, comenta sobre o papel de quem detêm uma informação: “ *a informação gera opinião, são eles que detêm o veículo, criam estereótipos*”. Criar uma opinião pode significar criar uma falsa realidade sobre algum lugar, ou simplesmente contar sob apenas uma ótica. Joana (20 anos, moradora da Maré) mostra através de sua fala que a favela tem alguns problemas que são retratados pela mí dia, porém estas informações são contraditórias: “ *o que se mostra não é de fato mentira, a notícia é distorcida, mas tem seu fundo de verdade*”. Já Davi (35 anos, morador do Parque Maré) tem a ní tida noção das representações difundidas pela mí dia: “ *ela pode influenciar na opinião veiculando e repetindo estereótipos e preconceitos*”, a fim de perpetuar e demarcar as diferenças sociais no espaço urbano.

Os aspectos negativos são representados por palavras-chave que se repetem ao longo das reportagens, como já abordamos anteriormente. Voltamos a salientar o significado das palavras como uma linguagem associada ao poder, neste caso, ao poder da representação sobre os espaços denominados favelas.

Dentro deste contexto, os aspectos positivos que os moradores gostariam de ver nos noticiários são considerados exceções. Favelas como Rio

¹⁵³ Entende-se por percepção aqui a impressão do repórter sobre uma determinada reportagem, que irá variar em função da sua vivência, das pessoas envolvidas e entrevistadas. Como ele vai recortar esta realidade, quais elementos ele utilizará para transformá-la em uma matéria.

das Pedras (Zona Oeste do Rio de Janeiro) que não possui o tráfico de drogas instalado, jovens que chegam às universidades, que se destacam através dos esportes, danças ou outro tipo de atividade são exceções, e viram notícias sensacionalistas. Qualquer projeto social é concebido como uma solução e salvação para seus moradores. A reportagem “Virada cultural carioca” da revista *O Globo* do dia 4 de julho de 2006 inicia a sua reportagem desta forma: “*As favelas do Rio estão promovendo uma virada cultural pra transcender a miséria e a violência*”. Como se a solução dos problemas relacionados à miséria e à violência fosse somente pelo lado cultural. Silva e Barbosa (2005, p. 109) comentam a respeito de alguns projetos que “aportam” nas comunidades, cujo objetivo é “*tirar os jovens do domínio do tráfico de drogas, como se todos os jovens fossem potencialmente violentos e criminosos*”. Tais projetos já começam de maneira preconceituosa, com uma visão assistencialista (grande mito das necessidades e das ausências que devem ser minimizadas) e só contribuem para o fortalecimento das representações negativas sobre estes espaços seja área de favela ou não.

As representações criadas e difundidas são repassadas para as pessoas, que concebem e percebem estes espaços de maneira irreal, através do olhar do outro (ordem distante). Esta visão é muito clara quando perguntamos aos entrevistados o papel da mídia nas representações sobre as favelas: 96% acham que a mídia influencia na visão das pessoas que não vivenciam estes espaços. Esta influência geralmente está associada a formas negativas, mostrando apenas as coisas consideradas ruins e feias.

Acredita-se que a mídia seja um mecanismo responsável pela formação de opinião das pessoas, massificando visões e sentimentos, sejam eles positivos ou negativos. Estes discursos auxiliarão na construção de uma representação coletiva da “*população do asfalto*,”¹⁵⁴ que não vivencia diretamente os problemas e as virtudes do lugar, porém, constrói uma imagem sobre a favela. A tv, por exemplo, pode ter outras formas de apresentar o mesmo assunto, não precisa necessariamente colocar as informações nos jornais, como podemos observar no discurso de Priscila (24 anos, moradora da Nova Holanda): “*a mídia pode influenciar os outros sim, veja as novelas, só*

¹⁵⁴ Termo utilizado para designar as pessoas que não moram nas favelas.

falam dos problemas das favelas, todo pobre é bandido, é favelado” . Eliseu (16 anos, morador do Morro do Timbau) salienta que a tv “ *pode influenciar todo mundo, não mostra a verdade, passa uma visão única, generaliza as informações, como na novela que mostra que todo favelado gosta de Funk*” . Esses depoimentos mostram que outras linguagens são utilizadas para falar sutilmente de um lugar ou de uma situação.

O desconhecimento de uma realidade pode causar equívocos, Carmem (13 anos, moradora da Nova Holanda) aborda a questão da falta de conhecimento sobre um lugar ao publicar uma reportagem: “ *na minha opinião a mí dia não pode influenciar, mas no geral pode, porque quem não convive aqui, fala sem saber, antes de falar e publicar tem que ver como é*” . Quase todos os entrevistados mostraram uma visão muito negativa sobre os repórteres, sentem-se usados e ficam com receios porque nem sempre o que é publicado é o que corresponde de fato à realidade, às práticas sociais e ao cotidiano¹⁵⁵ dos moradores das favelas. Para eles, a mí dia tem o papel de “ *julgar e condenar*” as realidades, como fica claro na fala de Fernando (17 anos, morador da Praia de Ramos): “ *a mí dia pode influenciar sim, porque ela julga a favela, só mostra a violência. O pensamento é deles, devem achar que aqui só tem arrastão, entre outras coisas*” . O termo “ julgamento” reflete uma revolta, como se todas as pessoas fossem rotuladas. Raquel (45 anos, moradora do Conjunto Pinheiros) comenta que se sente mal por ver que outras pessoas são influenciadas e transmitem isso sobre a favela: “ *a mí dia pode influenciar negativamente, tem gente que passa na Linha Vermelha e acha que aqui tem bicho*” .

Diretamente ou indiretamente, estas pessoas estão se questionando a respeito da tríade que Lefebvre (1983) julga fundamental para a produção do espaço urbano: as relações entre vivido, percebido e concebido. Ao salientar estas falas, reportamo-nos ao papel das representações estabelecidas pelo que é concebido e percebido. Um olhar externo, sobre o outro, sob uma

¹⁵⁵ O cotidiano está relacionado com “o lugar da reprodução das relações, da opressão, da miséria, da pobreza. Mas é ao mesmo tempo, o lugar da existência, das possibilidades, das virtualidades, etc. O cotidiano apresenta-se de forma ambígua, contraditória, dialética, por ser o lugar da reprodução e, ao mesmo tempo, o lugar da revolta pelo fato de ser o espaço/tempo das relações imediatas onde se dão todas as práticas humanas” (Jardim, 1996, 1. Resenha sobre A vida cotidiana no mundo Moderno de Henri Lefebvre).

determinada ótica que é capaz de massificar sentimentos e opiniões. Os moradores falam que jamais deveriam ser esquecidas as experiências para com o lugar, isto é, as relações vivenciadas por eles na favela.

A inconformidade para com as reportagens que são veiculadas pela mí dia também passa pela identidade para com estes lugares, uma vontade de representar a favela de outra forma, a partir das relações cotidianas. Solange (18 anos, moradora do Conjunto Pinheiros) mostra o que a imprensa esquece de abordar e o que ela gostaria de ver nos jornais: “ *ela mostra só a violência e esquece da alegria, das pessoas que aqui moram*” .

Quando a referência é o “ eu” , a identidade, isto é, a capacidade que a mí dia tem de influenciar a visão interna sobre a comunidade, 78% dos entrevistados afirmam que não são afetados por ela, comentando que conhecem o lugar e sabem o que acontece de fato (relação com o espaço vivido). Entretanto, 22% afirmam que são influenciáveis pelas notícias, porque as informações são veiculadas todos os dias e podem ampliar a sensação do medo e da insegurança. Alex (22 anos, morador do Parque União) comenta: “ *pode influenciar na minha opinião através do teatro que é feito, da situação de caos, quando mostra a favela e associa a essa imagem e, mesmo não querendo, a gente incorpora essa visão*” . Apesar de ter a noção destas representações difundidas, ele afirma que é influenciável, pois quando somente aspectos negativos são repassados, passamos a incorporá-los como verdades. Desta forma, o percebido e o concebido influenciam e contribuem nas representações sobre o vivido¹⁵⁶.

Contraditoriamente, quando perguntamos sobre a cidade do Rio de Janeiro, isto é, qual a representação dos demais espaços da cidade (fora da comunidade), os discursos se repetem, mostrando que apesar de eles admitirem que não são influenciados pela mí dia quando o assunto é o seu lugar de vivência direta, são influenciados pelas representações (eles aceitam determinados estereótipos para os outros bairros) que se fazem sobre a cidade

¹⁵⁶ Ao lecionar nas comunidades, percebemos a baixa estima presente em muitos adolescentes; a maioria não se sente capaz de passar em um exame de pré-vestibular ou escola técnica pois acha que a sua moradia predetermina a sua condição social através do ensino que se realiza nas escolas.

(lugares não vivenciados diretamente). Os adjetivos utilizados mostram a massificação das representações quando o assunto é o Rio de Janeiro. A tabela nº17 mostra os adjetivos utilizados para caracterizar a cidade.

Tabela 17
Adjetivos utilizados para caracterizar a cidade do Rio de Janeiro a partir da visão dos entrevistados nas comunidades da Maré, RJ

Adjetivos	Quantidade de respostas	Frequência relativa (%)
Maravilhosa tirando a violência	15	30
Bonita/maravilhosa	13	26
Desigual, alguns lugares bons	9	18
Um lugar para se viver	4	8
Gosto muito	2	4
Ruim	2	4
Não informou	2	4
Outros	3	6

Fonte: Entrevistas aplicadas na Maré RJ, entre os meses de junho e julho de 2006.

O Rio de Janeiro sempre foi representado como a cidade maravilhosa, 56% dos entrevistados utilizaram esta palavra logo de imediato para defini-lo, mesmo que depois fizessem algum complemento. A associação é imediata, 26% falam da violência existente, percebem as belezas naturais (praias, morros, vegetação), mas comentam sobre os assaltos, mortes, entre outras formas de violência. Caroline (23 anos, moradora do Parque União) comenta que a cidade “*é linda, porém desigual e violenta*”. Eliseu (16 anos, morador do Morro do Timbau) faz o seguinte comentário: “*ela é de tudo um pouco, maravilhosa, divertida, bonita, mas tem a violência*”.

A relação entre o feio e o bonito, isto é, a valoração de lugares frente a uma determinada concepção de mundo também está presente nos discursos como o de Cristiano (16 anos, morador da Baixa do Sapateiro), que acha que a cidade é muito bonita, mas tem partes que são feias, e refere-se à favela como sendo o lado “ruim” e “feio” da cidade: “*tem muitos locais legais e bonitos como as praias, mas tem outros que não, como as favelas*”. Na visão dele, a favela é

feia porque não possui o “padrão” estético que foi utilizado em outros bairros formais (arruamento, casas pintadas, áreas verdes, entre outros elementos). Este padrão estético é marcado por uma concepção sobre como devem ser os espaços urbanos. Novamente percebemos a representação do concebido classificando as áreas e modificando e desvalorizando o vivido.

A cidade é motivo de orgulho e marca uma identidade vinculada ao local de nascimento, que faz reconhecê-la como o melhor lugar para se viver, mesmo com uma mobilidade restrita. Pedro (18 anos, morador da Vila do Pinheiros) afirma que a cidade do Rio de Janeiro “*é o melhor lugar que existe*”. Davi (35 anos, morador do Parque Maré) salienta: “*é uma cidade maravilhosa e por isso uma síntese do que há no Brasil*”.

Entre os 2% que acham a cidade ruim, um faz relação direta com o governo, que na sua opinião é ruim e não prioriza as favelas, algo que para ele é o grande problema da cidade, e o outro faz um comentário sobre as desigualdades sociais: “*a cidade é um caos social – ricos e pobres em uma luta desleal*” (Vitor, 20 anos, morador da Baixa do Sapateiro). Essa luta desleal está relacionada ao direito de habitar/morar na cidade de maneira igualitária, que não se reduz a ter direito a uma casa. A desigualdade, dentro deste contexto, está relacionada aos direitos fundamentais de cada cidadão: existência e acesso aos serviços sociais básicos, circulação na cidade (indo além dos trajetos diários casa-serviço), segurança, entre tantas outras formas existentes.

As representações sobre os espaços populares relacionadas às ausências (o que ela não possui) e à criminalidade (todos estão propensos ao crime e/ou fazem parte dele), se materializam através do concebido hegemônico, principalmente quando seus moradores são tratados como não-cidadãos¹⁵⁷ (porque são indesejáveis, suspeitos) e/ou como sub-cidadãos¹⁵⁸ (desejáveis porque contribuem para uma série de serviços não prestigiados - faxineiro, porteiro, vendedor ambulante, entre tantos outros).

¹⁵⁷ A não cidadania aqui citada refere-se ao que Santos qualifica de espaço sem cidadãos: “o espaço vivido consagra desigualdades e injustiças” (...) são “vazios de hospitais, postos de saúde, escolas secundárias e primárias, informação geral e especializada, enfim, áreas desprovidas de serviços essenciais à vida social e individual” (Santos, 1987, p. 43).

¹⁵⁸ Lyrio (2005) classifica o sub-cidadão como a população de baixa renda, que é considerada inferior e incapaz de resolver seus problemas por si só sendo necessária a ajuda de instituições.

Lyrio (2005) comenta sobre a hierarquização territorial existente nesta população e a discriminação vai se naturalizando “*se naturalizam que os moradores da favela devam estar inseridos socialmente apenas através da ocupação de postos de trabalhos pouco qualificados ou subalternos. Ou ainda, quando passam a orientar projetos voltados para a ocupação da ociosidade, como forma de escapar do mundo do crime e/ou das drogas, (pré)supostamente o caminho natural dos moradores da favela*”. Esta hierarquização passa a ser aceita por todos (moradores e não moradores). Não raro percebemos que as mães ao comentarem o papel da Vila Olímpica da Maré, por exemplo, destacam a importância da prática do esporte para que seus filhos ocupem o tempo ocioso com atividades consideradas “úteis”, como é o caso de Renata (30 anos, moradora do Conjunto Bento Ribeiro Dantas): “*trago meu filho aqui (Vila Olímpica) porque é um lugar bom, ele faz algum esporte, assim ele vai ocupar seu tempo e não vai pensar em besteira (referindo-se ao tráfico de drogas)*”. No seu discurso está presente a visão de que a Vila Olímpica (podemos ver os outros espaços relacionados às práticas esportivas e culturais) se configura como um espaço público, com projetos sociais voltados para a prática esportiva, oferecendo uma solução para os problemas relacionados à ociosidade, que pode levar a algo indesejável: o tráfico de drogas.

Assim, observamos que as representações dos espaços influenciam o olhar de dentro e de fora (ordem próxima e distante). Muitas vezes as pessoas que vivenciam os lugares não percebem esta reprodução do discurso. É muito tranquilo identificar os símbolos para a cidade e/ou para um lugar a partir do que já está concebido; observamos claramente estas reproduções ao falarmos dos símbolos da cidade. No entanto, quando buscamos os significados do lugar (favela da Maré) a partir do vivido, do que poderia ser concebido e percebido pelo olhar de dentro, percebemos uma grande dificuldade em criar uma representação pessoal nas re-significações do espaço da favela. A grande dificuldade estava em relacionar um símbolo (que não estava pronto, isto é não foi dada nenhuma opção) que identificasse a favela, assim, 22% das pessoas não conseguiram identificar nada que representasse a sua comunidade, como é caso de Raquel (45 anos, moradora do Pinheiros) “*aqui não tem nada, nada é bonito, nada marca este local, falta tudo*”. Raquel vive na comunidade há 35

anos, mas não gosta de viver ali, faz uma relação imediata da favela com o lugar do medo, da falta de lazer, de educação, saúde. O bonito para ela está relacionado às formas e estruturas que encontramos nos bairros da Zona Sul, isto é, o que é representado como algo seguro, limpo, tranqüilo e organizado.

Logicamente, os símbolos, quando identificados, foram bem diversificados, já que não ocorreu uma padronização para as respostas, que dependiam do local em que estávamos entrevistando (veja a tabela nº 18). Os símbolos relacionados são: aspectos físicos, sociais (como a Vila Olímpica e as casas), os problemas vivenciados (entrada do carro blindado – caveirão - da polícia), e subjetivos como a paz e a espontaneidade das pessoas.

Tabela 18
Símbolos que representariam as comunidades da Maré,
RJ¹⁵⁹

Símbolos	Frequência das respostas
Não Existe	11
Vila Olímpica	5
Tráfego/ Violência	5
Piscinão	4
Nascer do Sol e Morro do Timbau	3
Ceasm	3
Casas	2
Caveirão	2
Matinha	2
Paz	2
Espontaneidade	2
Outros (igreja, campo de Futebol do parque União, Batalhão, Rampa de Skate, Linha Vermelha, um casal dançando, quadra de Esportes Gelson (Ramos), Praia de Ramos).	Cada um foi apontado 1 vez
Não respondeu	1

Fonte: Entrevistas aplicadas na Maré RJ, entre os meses de junho e julho de 2006.

¹⁵⁹ Os percentuais correspondem a respostas múltiplas.

As formas encontradas para habitar as favelas também são reconhecidas por seus moradores. Frutos ou não do percebido e concebido, são diretamente relacionadas ao vivido. Uma das características que identificam as favelas são as aparências de suas casas marcadas pela auto-construção, isto é, são geralmente idealizadas, planejadas e construídas pelos próprios moradores, sem um planejamento urbano formal e assistência técnica de engenheiros e/ou arquitetos. Estas casas foram reconhecidas como algo que é diferente do espaço formal, associado aos grandes capitais imobiliários, e foram definidas como símbolos pelos seus moradores, como Joana (20 anos, moradora da Maré): “ *as casas são um símbolo, elas mostram de cara, o que é a favela*” (veja a foto nº 12). Logicamente, esta identificação não está relacionada somente à forma e à aparência das casas, está relacionada também à disposição, ao arruamento e à comunidade como um todo.

Foto 12
Casas da Maré, RJ.



Legenda: Casas que foram apontadas com símbolo da Maré Vista para duas comunidades da Maré à esquerda o Morro do Timbau, e à frente Parque Nova Maré já com outra arquitetura (sem laje). Fonte: Cardoso, Cristiane, Maré RJ. 07/07/2006.

As manifestações culturais estão presentes nestes lugares e são citadas pelos moradores como algo muito bom presente nas comunidades, como podemos observar na fala de Caroline (23 anos, moradora do Parque União): “ *eu representaria a favela com um casal dançando, o forró é uma marca do Parque União, é forró de segunda a segunda*” . Apesar da falta de investimentos público e privado em atividades culturais e de lazer nas favelas, a própria

comunidade encontra formas de superar estas adversidades, participando e organizando as festas nas ruas, os shows nas praças e os campeonatos de futebol entre as comunidades. As ausências (dos governantes) implicam em outras formas de presenças na favela, marcadas principalmente pela solidariedade e vivência das pessoas. Estes locais são marcados pela alegria, outro símbolo que foi salientado em algumas entrevistas, como é o caso de Aparecida (20 anos, moradora do Parque União): “*eu escolheria a alegria, porque apesar de toda esta falta do governo as pessoas são solidárias e felizes*”. Alegria que está presente como em qualquer outro bairro da cidade do Rio de Janeiro.

A beleza e a tranquilidade também aparecem como símbolos. Silas (16 anos, morador do Parque União) faz um comentário sobre este aspecto: “*o nascer do sol por cima do morro dá a idéia de que um novo dia venha, e com ele novos momentos emocionantes, que darão prazer de morar na favela*”. Ele faz uma relação direta entre o sol e a resolução dos problemas, uma renovação constante baseada no ritmo da natureza.

Estes símbolos são representações da favela vivenciadas pelo olhar de ordem próxima, isto é, olhares dos seus moradores calcados na experiência afetiva ou não da favela. São reflexões que marcam o cotidiano, que são carregadas de significados e aspirações. São os mundos individuais e coletivos que são compartilhados, é a vida que se realiza a partir da “mediação com o outro”. Cada agente da produção do espaço tem a sua representação sobre ele (Lefebvre, 1983), logo, se a favela é um espaço concebido e percebido pelos governantes e pelas pessoas que contribuem para que as visões estereotipadas surjam, os moradores da favela querem também representá-la de outra forma, querem basear seus olhares nas suas vivências, nas presenças, como forma de garantia de sua existência.

A violência também é enxergada como um símbolo, é uma forma que as pessoas encontram para representar estes espaços. O símbolo pode trazer um sentimento positivo ou negativo. Lucas (20 anos, morador do Conjunto Esperança) fala do tiroteiro na Linha Vermelha (foto 13), que faz com que a Maré apareça nos noticiários e seja instantaneamente identificada: “*tem o tiroteiro na Linha Vermelha, todo mundo fica sabendo que é aqui na Maré, é fácil de localizar*”. Erick (17 anos, morador do Parque União) comenta que o

sí mbolo “ *poderia ser o caveirão*¹⁶⁰, já que ele só entra nas comunidades e todo mundo está falando dele”. Nestes casos, as representações que os entrevistados fizeram da favela são semelhantes e se relacionam ao que é repassado pelos meios de comunicação sobre as favelas. São reproduções dos discursos marcados pela violência e pelo medo, já que o medo é um mecanismo de não ação. É uma forma de controle social que se dá de fora para dentro e na própria favela.

Foto 13
Linha Vermelha, Maré, RJ.



Legenda: Linha Vermelha vista da Vila Olímpica. Palco de inúmeros conflitos. Fonte: Cardoso, Cristiane, Maré RJ. 07/07/2006.

As estruturas relacionadas a centros culturais e educacionais também são citadas como símbolos, como é o caso do Cento Estudos e Ações Solidárias da Maré, citado por Elaine (16 anos, moradora da Nova Holanda): “ *é um lugar de estudo, onde se entra burro e sai inteligente*”. Penso que a expressão “ *entra burro*” evoca o sentimento de impotência e de inferioridade que algumas pessoas possuem na comunidade, presente em inúmeros discursos, inclusive de profissionais ligados à educação. Em locais como o Ceasm e algumas instituições de ensino existe uma valorização da pessoa como um sujeito ativo e participativo de todo o processo de ensino-aprendizagem (um aproveitamento das vivências/experiências individuais) e uma valorização da cidadania. Através do resgate histórico de sua origem e

¹⁶⁰ Caveirão é o nome que a população utiliza quando refere-se ao carro blindado da polícia Militar utilizado nas suas em incursões dentro das comunidades, é chamado de Pacificador.

das comunidades, da valorização do sujeito diante do lugar de moradia, entre outras ações, está sendo possível re-significar diversas práticas sociais de jovens e adultos das comunidades.

Os símbolos, para os entrevistados, estão associados aos lugares que são sinônimos de orgulho, locais que gostariam que todas as pessoas conhecessem e vivenciassem. A Vila Olímpica, a Praça do Parque União, o Parque Ecológico, a própria casa, o Morro do Timbau, algumas instituições culturais e educacionais (Ceasm, Observatório de Favelas, CIEP, entre outros), a feira, campo de Rubens Vaz, o forró, entre tantos outros, foram apontados como lugares bons e interessantes para levar alguém “de fora”. São locais que ajudam a des-construir e a re-significar as comunidades que compõem a Maré, seja por conterem uma história, por serem lugares tranquilos, lugares de lazer, espaços neutros e organizados, ou simplesmente porque retratam o cotidiano.

A experiência humana através do uso do espaço (vivido, percebido e concebido) passa por diferentes visões sobre este lugar, no caso da Maré, diferentes representações sobre este espaço. Neste trabalho, buscou-se compreender a visão que os jovens tinham a respeito das favelas, em seu lugar de morada.

A maior parte deles fala que a favela é um lugar muito bom para se morar, possui muitas alegrias, um local no qual eles criam seus meios de diversão (encontramos muitas crianças jogando futebol nas ruas, eles mesmos pintam as ruas e montam o campo), porém admitem que a violência está muito presente, principalmente no conflito entre traficantes e policiais. Mario (15 anos, morador da Baixa do Sapateiro) define a favela assim: “*tem vezes que é tranquila, mas tem vezes que sai tiroteiro, a Maré é igual a outras favelas, com bandidos, com a Vila Olímpica, PM matando gente...*”. Quando ele utiliza o termo “igual a outras favelas”, acaba tornando o local homogêneo e não percebe as suas particularidades/especificidades; para ele, a favela é um lugar onde a violência está presente, seja pela ação dos bandidos ou pela ação dos policiais.

Solange (18 anos, moradora do Conjunto Pinheiro) mostra uma relação dual entre a alegria e a tristeza presentes na Maré: “*é um lugar legal, lugar que pode ser muito divertido, porém muito triste*”. A diversão está associada aos amigos, à liberdade de poder sair de casa, não estando “presa” a um

apartamento. A tristeza, para ela, estava associada à morte de amigos e familiares, já que o controle de suas vidas não lhes pertence.

Vinícius (31 anos, morador da Nova Holanda) comenta: “*para mim a favela é muito boa, mas devido à violência fica perigosa, depois do blindado ficou mais perigosa ainda, eles atiram em inocentes. A Maré é um bom lugar para se viver*”. O lugar ganha um sentido de algo experienciado, amado, dotado de valores e significados (Tuan, 1983). Apesar de Vinícius ter noção da violência que o cerca, a favela da Maré ainda é o seu lugar, não deixa de ser um lugar bom para se viver. É impressionante o papel que o blindado da polícia tem no discurso dos jovens e crianças, que demonstram muito medo e revolta pela forma com que a polícia militar realiza suas incursões dentro das comunidades.

Ao falar da favela da Maré, Vitor (20 anos, morador da Baixa do Sapateiro) comenta que a favela é uma moradia associada à falta de recursos da população, que não consegue habitar em outros espaços da cidade: “*local de moradia de trabalhadores, que permanecem nestes locais a vida inteira por não terem condições financeiras para custear um melhor padrão de vida*”. Na visão de Vitor, a Maré é como “*um jovem forte em um leito na agonia da morte*”. Esta frase mostra um sentimento de inconformidade com a situação que as comunidades enfrentam (pensando nos problemas vivenciados). Ele tem noção do papel do setor imobiliário, com o apoio do setor público, que regulariza o uso sobre a cidade, e do “controle” exercido pela força policial sobre estes lugares.

A favela também é vista como lugar da alegria, da espontaneidade, da solidariedade¹⁶¹, marcada pelas pessoas que a habitam, como assinala Yasmim (18 anos, moradora do Parque Rubens Vaz): “*Acho que é o local onde todas as pessoas se ajudam*” e Alex (22 anos, morador do Parque União): “*um lugar lindo cheio de pessoas maravilhosas e diferentes*”. Eles mostram, através de suas falas, toda uma identidade e identificação para com o lugar, marcado pelos laços pessoais do vivido, do cotidiano da favela.

¹⁶¹ O termo solidariedade aqui empregado tem um sentido de ajuda, laços ou vínculos recíprocos entre os moradores, visualizados através de algumas práticas comuns nas favelas: empréstimos de alimentos, cuidados com os filhos dos outros, ajuda na construção das lajes, entre outras. A solidariedade é uma estratégia encontrada para enfrentar os problemas da população que precisa trabalhar e não tem onde deixar os filhos, precisa construir a casa e não tem dinheiro.

Felipe fala da espontaneidade destes lugares: “*espaço espontâneo, cada um vive como quer, com seu jeito de ser*”. A espontaneidade está presente no jeito de ser das pessoas, mas também é composta pelas obras, pela arquitetura, pelos espaços construídos para a diversão, como salienta Caroline (22 anos, moradora do Parque União): “*a favela pode ser identificada pelo emaranhado de casas, raças, cores, que fazem dela algo especial*”. A diversidade é que compõe a unidade, isto é, a favela.

Ricardo (16 anos, morador do Parque União) estabelece uma relação entre “dentro” e “fora”, associada a pertencer ou não ao lugar: “*odiada por muitos, amada por mim*”. Este odiada por muitos se refere ao “olhar de fora”, sobre as representações que se faz sobre estes espaços populares. Carlos (13 anos, morador do Conjunto Esperança) também levanta esta questão: “*lugar com pontos bons para ir e outros para evitar principalmente à noite. É um lugar bom para quem está dentro e perigoso para quem é de fora*”. Na fala dele também estão presentes as restrições sobre algumas áreas dentro das favelas, que também são consideradas violentas. Davi define a favela da Maré desta forma: “*é a minha comunidade, que não é o paraíso que eu quero, mas também não é o inferno que a mí dia apresenta, a Maré é grande, diversa, desconhecida (para os de dentro e de fora), e animada*”.

A existência de comércio e de condução – mesmo que não formais – também foram citadas ao falar da favela, mostra que muitas vezes a população não precisa buscar estes serviços fora das comunidades. Apesar de muitas coisas tornam-se mais caras do que as encontradas em outros bairros, esta prática é comum porque há uma série de “facilidades” para a aquisição, como o crédito local (sistema de cadernetas ou de pagamento mensal) e a proximidade no deslocamento.

O desconhecimento sobre o local é uma característica que causa um sentimento de incapacidade e revolta. Entretanto, este desconhecimento também surge dentro da Maré. Ao longo das entrevistas, percebemos que as pessoas também não conhecem as 16 comunidades que compõem a Maré, muitas vezes são capazes de vivenciar outros bairros do Rio e não conhecer a comunidade vizinha à sua. Assim, se as vivências se dão em diferentes níveis escalares, os discursos da igualdade (pensamento de que todas as

comunidades serão iguais à sua) não serão desta forma reproduzidos pelas pessoas?

A favela, para quem a vivência, é um lugar de morada, cheio de riquezas, laços familiares, repleto de recordações. Quem vivencia estes espaços tem uma percepção bem diversificada. Consegue visualizar todas as diferenças e retratá-las de outra maneira, como é o exemplo de muitos sambas, caricaturas, desenhos em grafites, poesias, músicas, entre tantas outras linguagens. As representações internas logicamente serão diferenciadas, isto é, são marcadas por outros símbolos, por estas vivências, pelas identidades e identificações para com os lugares, porém elas nunca são totalmente baseadas somente nestas vivências, elas são resultados de todas as escalas do conhecimento: vivido, percebido e concebido.

3.2 – As identificações e identidades da/na Maré.

Através das relações e práticas espaciais estabelecidas (trabalho, participação social) o homem vai se “produzindo”, tornando-se um sujeito integrado. O espaço vivido adquire novo significado, nova identidade. Na medida em que nos apropriamos dos diferentes significados que a cidade possui, criamos e reconstruímos uma rede de lugares, através do uso de linguagens, comportamentos e práticas. Criar uma rede de lugares significa estabelecer vínculos e laços, sejam eles afetivos e/ou estreitamente profissionais, significa dar um significado particular e próprio para algumas áreas da cidade.

As identidades são “construídas” pelas pessoas, são fontes de experiências de uma população para com um determinado espaço geográfico, no que tange às suas características comuns e compartilhadas por esses atores. As identidades e identificações nas favelas são marcadas tanto pela nomenclatura das ruas, dos becos e bares, que têm um significado para seus moradores, quanto de âmbito mais geral, que passa envolver formas de vestir e falar, os lugares ganham as especificidades.

As favelas, a exemplo dos demais espaços urbanos, carregam uma identidade e uma identificação que “*se define em relação a algo que lhe é exterior, a identidade é uma diferença*” (Ortiz, 2003, p. 8). As identidades são construídas pelas pessoas em diferentes locais e momentos históricos, e a “*diferença*” é o elemento crucial no processo de construção de posições que definirá a relação entre o eu e o outro, pelo fato que “*ela não é aquilo que prende alguém à escolha de um objeto que existe, mas aquilo que prende alguém à escolha de um objeto perdido*” (Hall op. cit. Freud, 2003, p. 107).

A identificação está relacionada a um processo de articulação, de tomada de posição. Podemos nos identificar com vários lugares ao mesmo tempo, estes lugares possuem características próprias que o individualizam e o particularizam. Ambos os conceitos estão interligados e mostram que as identidades não são unificadas, são fragmentadas, plurais, construídas ao longo de discursos, práticas e posições, possuem mudanças e transformações, que denotam diferentes experiências/vivências históricas – do cotidiano (Hall, 2003).

As favelas fazem parte de todas as cidades brasileiras e abrigam um grande número da população que vive nas cidades¹⁶². Desta forma, quando afirmamos que as favelas possuem uma identidade e diferentes identificações, é porque qualquer pessoa consegue facilmente identificar e representar o espaço denominado favela. As favelas trazem consigo uma série de símbolos que as individualizam em relação aos demais espaços da cidade, símbolos que podem ser marcados pelas ausências, concebidas e percebidas pelo outro, cujo discurso se faz em oposição: favela e asfalto. São identificadas pela sua aparência (disposição, formas de suas casas), pela sua localização (morros, áreas alagadas), pela falta de registro oficial regulamentando a habitação (título de propriedade), pela precariedade na sua infra-estrutura, entre tantos outros elementos. A favela é identificada pelo que ela não é e pelo o que não possui em relação ao outro (asfalto). Algumas presenças são enfatizadas, como a violência (como resultado das condições de vida consideradas precárias). Pandolfi e Grynszpan (2003, p. 21), trazem a seguir a visão oficial, do poder público, dos planejadores sobre as favelas:

¹⁶² Segundo a reportagem d' O *Globo* do dia 17/06/2006, em 2000, 25% da população brasileira viveriam favelas (dados retirados do relatório da ONU).

as favelas são um dado concreto, são observáveis, têm uma objetividade. Elas delimitam um espaço com características próprias, que as distinguem do seu entorno. São estas características físicas, suas marcas externas mais aparentes que, em primeiro lugar, dão base à sua identificação como ocupações irregulares do espaço urbano, cujas construções são toscas e feitas de forma desordenada. Desassistidas e privadas de infraestrutura, de serviços básicos e de condições de higiene e saúde, estão mais sujeitas às intempéries, com deslizamentos nas que se localizam em áreas de risco de encostas, e enchentes naquelas instaladas em terrenos planos.

Porém, quando analisamos as favelas mais profundamente, percebemos suas especificidades, identidades e identificações diferenciadas, como é o caso da favela da Maré. Através deste estudo foi possível constatar que não podemos falar em uma identidade única para a Maré.

A Maré, apesar de ser localizada em uma área quase toda plana – característica que a distingue das demais favelas do Rio de Janeiro – e ser oficialmente um bairro, se identifica e é identificada como uma favela do Rio de Janeiro. Desta forma, carrega consigo todos os estereótipos utilizados para marcar estes espaços populares: lugar de pobres e pessoas sem instrução, insalubre, violenta, área de risco, lugar das ausências, entre tantos outros.

A Maré, em princípio, apresenta uma certa aparência igualitária para quem simplesmente “passa” por ela e não observa suas nuances. É uma favela plana, com exceção do Morro do Timbau, não podemos definir visualmente e fisicamente os limites entre as comunidades; é marcada por algumas ausências (principalmente do poder público – escolas, hospitais, centros de lazer); é limitada por duas vias importantes da cidade do Rio de Janeiro – Avenida Brasil e Linha Vermelha –, por isso, vive sendo noticiada na mídia por conta do tráfego. Limita-se também com a Baía da Guanabara, um dos locais mais poluídos do Rio de Janeiro e com áreas militares. É pouco arborizado, que possui problemas de retenção de calor devido à edificação de casas, promovendo um aquecimento maior principalmente no verão (micro clima), e

sofre constantes alagamentos¹⁶³ com as chuvas concentradas que atingem o Rio de Janeiro no verão.

Porém, quem passa a vivenciar a Maré logo começa a perceber suas especificidades: a história, a forma de ocupação, a aparência (fruto de projetos habitacionais e/ou ocupação espontânea), a realidade atual (níveis de escolaridade, desemprego, números de pessoas por cômodos), a presença de áreas verdes, a vocação turística (Piscinão de Ramos). Essas marcas individualizam-na, sem falar das identificações pessoais não relacionadas ao lugar (estilo de música, faixa etária, atividade desenvolvida, entre outros). Ela é diversificada, marcada pela conformação de diferentes identidades que individualizam cada uma das suas 16 comunidades, marcadas por diferentes: “*época de fundação, composição dos habitantes iniciais, tipo de ocupação, economia, rede de relações sociais, estilo de liderança, e em anos mais recentes, facção de traficantes de drogas*” (Carvalho¹⁶⁴, 2003, p. 7).

A mobilidade individual marca também a identidade. As pessoas não têm a mesma mobilidade¹⁶⁵ pela cidade, nem vivenciam todos os lugares que a compõem de maneira igualitária, desconhecendo ou estando impedido de circular em outros espaços urbanos¹⁶⁶. A vivência e a circulação serão

¹⁶³ Alguns locais da favela da Maré principalmente as regiões próximas a Avenida Brasil (Fio Cruz, Ramos), que são consideradas pontos críticos para alagamentos pela defesa civil.

¹⁶⁴ In: PANDOLFI & GRZYNSZPAN. *A favela fala*.

¹⁶⁵ Para Santos (1987, p. 89) a mobilidade espacial está diretamente relacionada ao acesso aos bens de consumo que a cidade oferece: “*as pessoas desprovidas de mobilidade, seja em razão de seus recursos devem resignar-se à não-utilização de tais bens e serviços, cujos preços são, às vezes, inferiores aos de sua localidade*”. A não mobilidade pode estar associada à questão financeira, ou à limitação imposta pela distância geográfica de outras áreas da cidade. Para se aprofundar mais, ver Santos (1987), *o espaço do cidadão*.

¹⁶⁶ A partir de estudos desenvolvidos pela Comissão do Plano da Cidade (COPLAN), instituiu-se a divisão territorial da cidade, com a estrutura organizacional de Áreas de Planejamento, conhecidas por “AP” (AP 1 – Centro, AP 2 – Sul, AP 3 – Norte, AP 4 – Barra da Tijuca e AP 5 – Oeste), e Regiões Administrativas conhecidas por “RA” (são 33) e os Bairros (Decreto N.3157 e Decreto N.º. 3158 de 23 de julho de 1981). Em 1985 são criadas as 5 Áreas de Planejamento, que correspondem às atuais. As mudanças ocorreram nas Regiões Administrativas e Bairros. No período 1985 a 2006, ocorre a criação de Bairros e de Regiões Administrativas em áreas consideradas de Favelas: Rocinha, Jacarezinho, Alemão e Maré Atualmente contamos com 5 áreas de Planejamento, 33 Regiões Administrativas e 160 Bairros. A população reconhece geograficamente 4 grandes zonas (Zona Sul, Norte, Oeste e Centro). Cada área apresenta-se de maneira diversificada, fruto de diversas ações políticas, administrativas e sociais que foram adotadas na cidade ao longo de sua existência (como já foi abordado nos capítulos anteriores). Entretanto, elas têm algo em comum, como acontece nos grandes centros urbanos, todas são independentes, isto é apresentam uma rede de serviços (supermercados, shoppings, hospitais, escolas, universidades e faculdades particulares e/ou públicas, farmácias, cinemas, danceterias, entre outros elementos que compreendem o urbano) em menor ou maior grau. Esta “presença” faz com que as pessoas resolvam suas necessidades dentro da própria região em que moram, desta forma circulam menos pela cidade. Não raro encontramos pessoas que

estabelecidas em função das práticas espaciais (relacionadas ao trabalho e ao lazer) das pessoas e variam em função do ciclo de vida de seus habitantes. Os lugares não vivenciados passam a fazer parte de uma representação da cidade, estabelecida através do percebido e, principalmente, do concebido.

Na Maré, assim como em outros espaços de habitação populares, percebemos restrições relacionadas à mobilidade pessoal, já que esta envolve o conhecimento de diferentes códigos do local e de fora dele. Apesar de estar localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, a menos de 30 minutos do Centro e de outros locais da Zona Sul, as pessoas não freqüentam alguns lugares na cidade e muitas vezes não vivenciam plenamente todas as comunidades que a compõem. Os lugares conhecidos e freqüentados estão diretamente relacionados aos locais de moradia (algumas comunidades), serviço (casas de seus patrões, lojas) e lazer (praias, shoppings, shows), mas também estão relacionados à situação sócio-econômica das pessoas.

Os motivos apontados pelos moradores das comunidades da Maré para estas restrições na mobilidade pela cidade são variados: falta de dinheiro, falta de transporte, tempo, falta de oportunidade, oferta de produtos e serviços existentes na comunidade (tais como: supermercado, lojas, oficinas), preconceitos, entre tantos outros. Santos (1987, p. 85) associa a não-mobilidade das pessoas que moram em espaços populares ao “*fato de não dispor de mais recursos, o indivíduo é condenado a permanecer num bairro desprovido de serviços e onde, pelo fato de ser um bairro pobre, os produtos e bens são comprados a preços mais altos, tudo isso contribuindo para que a sua pobreza seja ainda maior e sua capacidade de mobilidade dentro da cidade seja igualmente menor*”. Assim, resolvem suas necessidades/problemas na própria comunidade. Não raro encontramos “cadernetas” onde os comerciantes anotam as compras da família a serem pagas posteriormente, assim como os transportes alternativos marcados pelas mototáxis e kombis que transportam as pessoas pelas comunidades, até mesmo em locais de difícil acesso.

moram na zona norte, sul ou central que jamais foram à zona oeste, com exceção de um local específico que é a Barra da Tijuca, o contrário sendo menos comum. Baseado nos dados: breve relato sobre a Formação das Divisões Administrativas na Cidade do Rio de Janeiro - Período de 1961 a 2006. In: www.armazemdedados.rio.rj.br.htm. Acesso em Agosto de 2006

Podemos observar que problemas relacionados à saúde, educação (explicadoras¹⁶⁷) e comércio muitas vezes são resolvidos nas próprias comunidades, mesmo que de forma precária. O comércio, na maior parte das comunidades da Maré, é bem diversificado, oferecendo desde produtos alimentícios até bens de consumo duráveis e não duráveis.

As atividades relacionadas ao lazer também ficam restritas às comunidades em função dos mesmos motivos já apontados. O medo associado à violência “fora” das comunidades também faz com que os jovens e adolescentes não vivenciem parte da cidade, sendo que a maior parte dos entrevistados se sente inseguros quando saem da comunidade. A comunidade traz o sentimento de estar em casa, de segurança, de tranquilidade, de um conhecimento preliminar dos códigos, mesmo quando acontecem os problemas como a guerra entre o tráfico e/ou com a polícia.

Além desta mobilidade restrita pela cidade, também percebemos através de nossas entrevistas certas restrições na circulação das pessoas pelas 16 comunidades que compõem a favela da Maré. A maior parte dos moradores não vivencia completamente todos os lugares da favela. A não circulação interna das pessoas está associada às diferentes identificações para com elas, as divisões territoriais¹⁶⁸ impostas pelo tráfico de drogas (diferentes

¹⁶⁷ Professores e/ou pessoas mais instruídas que auxiliam na explicação de determinados conteúdos como uma forma de reforço escolar e/ou auxiliando nas tarefas escolares. A explicadora possui uma função dupla: além de atuar neste reforço escolar, cuida das crianças enquanto os pais estão trabalhando fora.

¹⁶⁸ Existe uma territorialização do espaço baseado em vários aspectos. O primeiro vem da **concepção materialista** (Haesbaert, 2003)¹⁶⁸, no qual o território é visto como espaço material ou “substratum”, onde o território tem um sentido muito amplo, ligado ao “*nível mais físico ou biológico*” (enquanto *locus* onde os seres conseguem estabelecer as necessidades básicas) Nesta concepção, o território não está associado somente à base material, e sim nas conotações de espaço como palco de muitas disputas: política, econômica e social. Esta territorialização se dá no Bairro da Maré a partir da demarcação oficial da Prefeitura, instituindo e demarcando as áreas com nomes específicos (configuração política do território), isto é dando ao território um sentido de base geográfica, sobre o qual a prefeitura exerce a soberania, cria e institui regras e, neste caso, “projetos de desenvolvimento” (por exemplo: criação de escolas, postos de saúde, postos de polícia, entre outros). O território da Maré também pode ser analisado com uma **conotação econômica** – disputa de poder e área -, envolvendo a demarcação de lugares (geralmente marcados pela violência) pelas facções do tráfico de drogas e sua área de influência para venda do produto, limitando o acesso e circulação das pessoas dentro e fora deste território demarcado pelos “comandos”. Além da presença constante do Estado, que tenta conter o tráfico de drogas através da polícia, associada à violência. E a **conotação social** se dá com a instalação e atuação, cada vez maior, de ONG’s e associações de moradores, que passam a reivindicar melhorias para cada comunidade, às vezes isoladamente, outras de maneira conjunta. Um exemplo desta atuação é

comandos: Comando Vermelho, Terceiro Comando e Amigo dos Amigos), a imagem “construída” sobre a proibição e a existência de certos códigos¹⁶⁹ limitando e/ou restringindo esta circulação, a distância geográfica entre as comunidades (como é o caso da Praia de Ramos) e a precariedade de um transporte público e alternativo que circule entre elas (limitando e controlando de certa forma a circulação da população). Percebemos isso claramente nos locais onde realizamos as entrevistas, pois nem todos conheciam e/ou freqüentavam o Piscinão de Ramos ou o Parque ecológico da Maré. O fato de as pessoas circularem mais em outros bairros da cidade e não circularem dentro das 16 comunidades que a compõem, faz com que elas não vivenciem a favela por inteiro, e individualizem cada vez mais estes locais, refutando a idéia de uma identidade única para a Maré.

A violência foi apontada por 75% dos entrevistados como o maior motivo para esta não circulação interna, já que as comunidades são demarcadas territorialmente pelas facções criminosas, como demonstra Kátia (31 anos, moradora da Nova Holanda): “*tenho medo da violência, da rivalidade existente dentro das comunidades, a gente nunca sabe o que vai acontecer*”. Joana (20 anos, moradora da Maré – não identificou a comunidade) salienta: “*não circulo entre as comunidades porque tenho medo de andar até onde moro, passar entre comunidades nem pensar*”. Esses depoimentos mostram a insegurança do morador destes espaços e apontam para uma relação com os lugares marcada pela existência de fronteiras internas que impedem e/ou dificultam esta circulação entre as comunidades. As “fronteiras” existentes na Maré vão além dos limites físicos das facções, estabelecendo limites que também são simbólicos, sendo áreas consideradas perigosas pelas constantes trocas de tiros e por serem áreas de controle e vigilância por ambas as partes. Durante as atividades educacionais desenvolvidas por esta pesquisadora no

o CEASM, que vem atuando em vários projetos sociais na Maré ligados principalmente à educação (pré-vestibular, preparatório, acompanhamento de universitários, entre outros) e ao resgate histórico e valorização das tradições culturais (rede-memória). Para detalhar mais estas perspectivas procurar por HAESBAERT, Rogério. *O mito da Desterritorialização – do fim dos territórios à Multiterritorialidade*.

¹⁶⁹ Há uma série de códigos que permeiam o imaginário sobre a entrada das pessoas que são de fora e/ou de outras comunidades. Estes códigos podem estar relacionados à marcas de roupas, cores, formas de falar, normas para entrar com um carro, proibição da circulação, entre outros. Durante a pesquisa, esses códigos foram mencionados por alguns e desmentidos por outros. Não conseguimos constatar a sua veracidade, mas eles fazem parte de uma simbologia das pessoas.

preparatório de 8ª série do CEASM, foi possível identificar claramente esta situação: os adolescentes que moravam na Nova Holanda e tinham que se deslocar até o Morro do Timbau, não cruzavam as fronteiras do tráfico, eles se dirigiam até a Avenida Brasil, subiam o Morro do Timbau pela rua Nova Jerusalém, tomando um caminho mais longo e que demandava mais tempo, porém mais seguro, segundo eles.

A violência acaba atingindo muito mais os adolescentes do sexo masculino do que as mulheres da mesma faixa etária. A mulher tem uma percepção para a violência muito mais ligada à questão emocional, ao medo, porém é menos atingida diretamente por ela nas comunidades. A maior parte dos entrevistados, principalmente os homens, afirmam que se sentem inseguros quando estão em comunidades diferentes. Saliendo este aspecto, verificamos o resultado das entrevistas, que mostram que 66% dos entrevistados não se sentem à vontade para circular por todas comunidades. Sendo que este perfil é diferenciado quando se fala de gênero: 75% dos homens afirmaram não circular, para apenas 58% das mulheres, como é mostrado na tabela nº 19.

Tabela nº 19
Número de entrevistados por sexo que se sentem à vontade para circular pelas comunidades da Maré, RJ

Resposta	Mulheres		Homens		Total	
	Total	%	Total	%	Total	%
Sim	11	42	6	25	17	34
Não	15	58	18	75	33	66

Fonte: Entrevistas aplicadas na Maré RJ, entre os meses de junho e julho de 2006.

As mulheres entrevistadas têm uma mobilidade interna e externa diferenciada quando comparada com a dos homens. A mobilidade da mulher está diretamente relacionada à função que desempenha: visitas a familiares, igrejas, trabalho, entre outros. O papel da mulher se confunde com o de mãe, figura central de referência para as famílias. As mulheres são os centros das

atividades familiares, geralmente são elas que “controlam” as contas das casas, têm um destaque na educação dos filhos e netos, “cuidam” das pessoas mais velhas, desempenham atividades relacionadas às práticas religiosas, organizações políticas e/ou beneficentes, entre outras funções nas comunidades¹⁷⁰. Essas “tarefas” são repassadas para as novas gerações e fazem parte do cotidiano das jovens. É muito comum na favela observarmos mães solteiras desempenhando essas funções, principalmente no que se refere à criação dos filhos e sustento da casa; quanto aos homens, verificamos que é comum ter vários filhos com mulheres diferentes, não se responsabilizando diretamente por nenhuma família. Elias e Scotson (2000, p. 165) destacam o papel da mulher na comunidade, evidenciando suas funções como criadoras de lares, das relações familiares, das atividades comunitárias, enfim, como se as comunidades fossem dotadas de valores através da participação das mulheres. Para eles, “*é difícil imaginar comunidades sem mulheres e crianças, embora se possa imaginá-las quase sem homens*”.

Acredita-se que a circulação das mulheres pelas comunidades seja maior do que a dos homens, primeiro por conta do próprio gênero e de sua importância no processo reprodutivo, depois pelo fato de não estarem ligadas diretamente às atividades desenvolvidas pelo tráfico de drogas (difícilmente encontramos mulheres nas atividades de olheiros, embalando as drogas nas “bocas de fumo” e na venda do produto), depois pelas práticas sociais estabelecidas (questões familiares, atividades de igrejas).

Voltando à mobilidade dos moradores da Maré pelos espaços da cidade, chamam a atenção as representações que eles têm sobre a mesma (cidade). Os símbolos que representam o Rio de Janeiro estão associados a estereótipos que foram concebidos e difundidos ao longo de sua existência. Brasileiros e estrangeiros reconhecem o Rio de Janeiro pelos seus símbolos: Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Floresta da Tijuca, Maracanã, Copacabana, entre tantos outros. Símbolos que são resultados da ação do homem, construídos e produzidos através de um marketing e que se tornaram re-

¹⁷⁰ Encontramos na favela da Maré relações semelhantes entre os papéis e funções desempenhadas pelas mulheres, trazidas por Elias e Scotson (2000) em seu estudo sobre Winston Parva, uma área de construção suburbanas de uma cidade industrial da região central da Inglaterra.

conhecidos por todos, porém não vivenciados da mesma forma por seus habitantes.

Os símbolos que identificam a cidade são repassados e reafirmados pela mídia, eles representam a cidade tanto nacional quanto internacionalmente. A mídia – através das novelas, jornais, noticiários – transmite imagens destes lugares tornando-os reconhecíveis por qualquer pessoa. Entretanto, eles permanecem como lugares inatingíveis para a maior parte dos jovens entrevistados, pelo menos 50% demonstraram que gostariam de conhecer o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar (foi o primeiro lugar que veio na lembrança). Desta forma, apesar de não serem lugares vividos, são concebidos e percebidos como parte do imaginário desses jovens, como podemos visualizar na fala de Mário (15 anos, morador do Parque Rubens Vaz) “*gostaria de conhecer o Pão de Açúcar, da tv parece tão bonito, fico imaginando a vista da cidade*”. Mário faz uma relação direta do lugar que gostaria de conhecer com a imagem que aparece na tv, representando um símbolo da cidade maravilhosa, onde esta pode ser observada com um olhar exterior.

Observar a cidade a partir de uma imagem tem um sentido forte e aparece em muitas falas, como a de João (43 anos, morador da Vila Pinheiros) que ao falar da cidade lembra do Cristo Redentor e associa a sua localização “*é o Cristo Redentor, porque é o ponto turístico mais famoso do Rio de Janeiro, imagino o Rio bem pequeno*”. A expressão “*ponto turístico famoso*” nos remete ao que vimos falando sobre as representações da cidade; alguns espaços são criados, ganham visibilidade nacional, mas são espaços inacessíveis para grande parte da população do Rio de Janeiro, principalmente para os que não possuem um certo poder aquisitivo. Encontramos na fala de Mário (15 anos, morador da Baixa do Sapateiro) a expressão olhar a cidade “*de cima*” contendo um significado especial para essas pessoas “*gostaria de conhecer o Cristo Redentor, já vi em fotos, como se fosse o céu vendo a cidade pequena*”. A conotação dada à representação do símbolo como a imagem de Deus também apareceu nos discursos, como expressa a fala de Paulo (19 anos, morador da Cefa) “*é o Cristo Redentor, iria lá para pedir perdão pelos meus pecados, a paisagem deve ser linda lá*”.

Outros pontos da cidade também apareceram como lugares não conhecidos pessoalmente, porém em menor proporção: Santa Tereza, Vista Chinesa, Teatro Municipal, Lagoa Rodrigo de Freitas, Parque da Cidade, Campo Grande, Paquetá, quartel da Aeronáutica. Entre os motivos da escolha estão a beleza, curiosidade, história, tranqüilidade, conhecimento por fotos, jornais e tv.

Também encontramos pessoas que não têm essa curiosidade ou vontade de conhecer esses símbolos (22% dos entrevistados). Os motivos são variados, seja porque já conheceram tudo que desejavam (mostrando que possuem uma certa mobilidade pela cidade), ou porque não têm interesse, ou ainda porque gostam da comunidade e não têm vontade de sair para vivenciar outros lugares. Entre este grupo, a fala de Henrique (16 anos, morador do Parque União) chamou a atenção: “*Nenhum, porque tenho que dar valor à favela, temos muito mais que um Corcovado ou um Pão de Açúcar*”. Percebemos uma identidade com o local em que nasceu, mostrando ao longo de sua entrevista uma tentativa de valorizar o que é do lugar.

Relacionando a mobilidade dos jovens e adultos com as áreas onde as entrevistas foram realizadas, percebemos um uso restrito de alguns espaços públicos. O Piscinão de Ramos, o Parque Ecológico Municipal da Maré, a Praça do Parque União e a Vila Olímpica não são aproveitados por todas as comunidades, sendo utilizados, na maior parte das vezes, apenas por moradores da proximidade. O Piscinão pelos moradores da Cefa, Praia de Ramos e Parque Roquete Pinto, e o Parque Ecológico da Maré pelos moradores da Vila Pinheiro, Conjunto dos Pinheiros e Salsa e Merengue. Esses são exemplos de espaços concebidos pelo poder público ou pela iniciativa privada, com objetivos e funções bem delimitados: atividades de lazer, práticas esportivas, recuperação ambiental, educação (através do esporte ou ambiental), entre outras.

A utilização do Piscinão de Ramos e do Parque Ecológico da Maré se dá pelas comunidades do entorno e, no caso do Piscinão, por pessoas que vêm de outros bairros. A explicação para este fato está na distância geográfica de

ambos (localizados nas extremidades opostas do bairro, vide mapa 02): o Parque ecológico a leste do Bairro da Maré e o Piscinão a Oeste.

Apontamos como causas da utilização diferenciada desses espaços o problema relacionado ao transporte no local, sendo muito mais prático e barato o deslocamento das pessoas para as praias da Zona Sul ou para Barra do que para o Piscinão (tem linhas de ônibus direto para a Barra e para a Zona Sul dentro da comunidade e na Avenida Brasil), o abandono por parte da Prefeitura na manutenção e limpeza da infra-estrutura, na segurança pública (destacado no Parque Ecológico), a territorialidade estabelecida pelos diferentes comandos do tráfico de drogas, limitando o acesso das pessoas.

Nas entrevistas percebemos um afastamento dos moradores de Roquete Pinto, Praia de Ramos e Cefa das demais comunidades da Maré, eles não circulam entre as comunidades e não se reconhecem como moradores da Maré. Os motivos apontados para esta não identificação são: anexação pela prefeitura destas comunidades à 30ª Região Administrativa, a presença do Piscinão de Ramos, que aparentemente traz uma situação ambiental favorável¹⁷¹, diferente das demais comunidades, a concepção de um lugar tranquilo, seguro, projetado para receber pessoas de outras comunidades e bairros do entorno (representações sobre o lugar), que não deveria estar associado aos estereótipos sobre a favela, pela presença da área militar no limite com o Parque União, e pela divisão interna delimitada pela atuação do tráfico de drogas. Esse afastamento também ocorre quando perguntamos sobre a identificação de seus endereços. Para as comunidades citadas, a resposta é Ramos, enquanto que para as demais comunidades da Maré é Bonsucesso.

A praça do Parque União não possui nenhum projeto educacional e/ou esportivo, mas se configura como um lugar de encontro, onde as práticas espaciais relacionadas ao lazer são estabelecidas. É freqüentado basicamente por sua comunidade, como uma extensão dos quintais das casas que são inexistentes nesses lugares. Observamos que os pais levam as crianças para

¹⁷¹ Entende-se por condição ambiental favorável a presença do Piscinão (água tratada), existência de árvores, arruamento nas áreas do entorno do Piscinão, entre outros elementos.

brincar e praticar esportes, mas sempre ficam próximos a elas. É um ponto de encontro de jovens e adolescentes que conversam, escutam música e namoram.

A Vila Olímpica é uma exceção entre os locais analisados, existe uma diversidade de pessoas de quase todas as faixas etárias, gêneros e comunidades, mas apresentam objetivos em comum: a prática de esportes e o relacionamento com outras pessoas. Nela estavam presentes adolescentes de quase todas as comunidades, com exceção da Praia de Ramos, Roquete Pinto, Mandacaru, Marcílio Dias, Salsa e Merengue, Vila do João, Parque Maré e Nova Maré. Os motivos para a não circulação dos moradores das duas primeiras comunidades já foram apontados. Acreditava-se que a participação da comunidade Nova Maré seria expressiva já que está localizada praticamente em frente à Vila Olímpica, porém, apesar de buscarmos horários e modalidades esportivas diferentes, não foi possível conversar com adolescentes desta comunidade. Esta ausência nos levou a algumas questões a serem investigadas no futuro: os moradores da comunidade Nova Maré não frequentam a Vila Olímpica? Não se identificam com ela? Qual a relação deles com este espaço concebido? Qual o papel da Vila Olímpica para a comunidade da Nova Maré? Que motivos levam os adolescentes a não vivenciarem este espaço?

A Vila Olímpica é considerada um ponto de encontro na Maré, sendo capaz de reunir pessoas com diversas histórias, provenientes de diferentes locais de dentro e de fora da Maré. Ela é considerada um lugar “neutro”, onde a violência (seja por parte da ação da polícia e/ou do tráfico) não atinge diretamente a população. Local onde as “diferenças¹⁷²” são anuladas e todos se encontram em função de um objetivo: a prática do esporte, e que logicamente se reflete em diversas práticas sociais.

Teoricamente, a sua localização não proporcionaria este encontro, já que a mobilidade das pessoas dentro das comunidades é restrita, e ela está localizada no interior da favela, sendo que seu acesso se dá por diferentes comunidades, passando inclusive pelas fronteiras impostas pelo tráfico. Esta característica é reconhecida pelas pessoas que frequentam a Vila Olímpica,

¹⁷² Sejam sociais, econômicas e de identidades.

como podemos observar na fala de Jaqueline (30 anos, moradora do Conjunto Bento Ribeiro Dantas): “ *é um ponto de encontro, nela podemos circular, é um lugar que tem carinho*”. Ela consegue definir o que os adolescentes sentem quando vão para esta área, muitos passam a tarde inteira praticando esportes ou utilizando este espaço como área social, local onde namoram, encontram amigos, entre tantas outras funções. A expressão “ *podemos circular*” remete indiretamente às restrições na circulação das pessoas pelas comunidades.

A Vila Olímpica é um espaço construído, isto é, concebido pela Prefeitura do Rio de Janeiro com objetivos claros, entre eles, retirar as crianças e os adolescentes das ruas das favelas fazendo com que se envolvam com as atividades esportivas. Este discurso que permeia o concebido e o percebido será reproduzido nas vivências dos adolescentes, como podemos observar no depoimento de Camila (13 anos, moradora da Nova Holanda): “ *é um lugar que desvia do mal caminho, a gente passa o tempo, e encontra gente de todos os lugares das comunidades, é um ponto de encontro*”. A expressão “ *desviar do mal caminho*” é um julgamento relativo a algumas atividades desenvolvidas na favela, como o tráfico e o uso de drogas, mas também é uma repetição de algo que foi concebido sobre este lugar. A Vila Olímpica também é representada internamente como um lugar de paz, local onde através das praticas esportivas se pode buscar um futuro considerado melhor.

Esta relação estabelecida com a Vila Olímpica também é influenciada pelo perfil das pessoas que analisamos: faixa etária de 12 a 24 anos, sendo a maior parte formada por adolescentes que estão freqüentando as escolas, e utilizam-se deste espaço durante uma parte do dia para praticar algum esporte. Dessa forma, ampliam-se também as relações pessoais com pessoas que têm uma mesma identificação, um mesmo objetivo e perspectiva na vida.

Por ser um espaço concebido, que apresenta características já citadas, poderia servir apenas aos moradores do seu entorno, mas não é isso o que acontece. O espaço concebido tornou-se um espaço vivido em comum, criou um “elo” entre as comunidades, de modo a transformar o espaço em um lugar compartilhado, repleto de sentimentos, laços de amizade e solidariedade, contribuindo inclusive na des-construção de representações internas existentes sobre as comunidades.

A visão dos moradores estará baseada na vivência, no cotidiano, eles não enxergam a Maré apenas como um lugar de ausências, como a mí dia a representa. Eles têm laços afetivos, sentimentos de pertencimento, relacionados ou não ao local de nascimento ou de morada atual. Mas também são capazes de reconhecer a sua situação, seus problemas e lutar pelos seus direitos. Transformam este espaço “temido” por muitos em lugar de moradia, em palco de suas relações pessoais e sociais, e acham alternativas para sobreviver.

As estratégias de identificações são fluidas e negociadas, fazem parte do “jogo” das identidades estabelecidas no momento em que é preciso ou não ser morador de favelas. Muitas pessoas que se reconhecem como moradoras de espaços populares, “jogam” com a sua identidade. Isso está presente na fala de Vitor (20 anos, morador da Baixa do Sapateiro): “*para conseguir um emprego moro em Bonsucesso, para receber isenção ou gratuidade moro em favela*”. Percebemos um total conhecimento das estratégias que podem ser estabelecidas e a identidade passa a ser fluida, marcando um jogo que identifica ou não o morador da favela em função de seus interesses: quando precisam de apoio, seja nas políticas implantadas como o bolsa escola, ou até mesmo para projetos de melhorias (calçamento, saneamento), utilizam-se dos discursos dos “favelados” - quando pode ocorrer algum preconceito ou discriminação, ou precisam de outras vantagens que a favela não oferece, como crédito no mercado, são moradores do Bairro de Bonsucesso ou Ramos (localizados no outro lado da Avenida Brasil). Isso nos remete ao que Woodward (2003, p. 33) comenta sobre as identidades e as relações estabelecidas: “*as identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentidos a nossas próprias posições*”.

Identificar-se significa posicionar-se, e em função disso temos essa fluidez, a identidade não é algo fixo, no qual nascemos e permanecemos a vida inteira. Pode estar relacionada à inclusão e exclusão, e está associada ao pertencimento a um determinado lugar, marcando o “nós” e os “outros”.

O preconceito, o desconhecimento da comunidade por parte dos outros (moradores de outros bairros) e a denominação dada pelos órgãos públicos (companhia de água e luz) que tentam marcar administrativamente a favela

(dando nomes às ruas, numerando-as) e, desta forma, tentando controlar, são apontados como causas desta fluidez das identidades. 48% dos entrevistados declaram seu endereço com outros pontos de referência, isto é, outros bairros. Caroline (23 anos, moradora do Parque União) ilustra bem esta afirmação: “*ponho a rua, mas o bairro é Bonsucesso. Porque mesmo com estudo e colocando que moro em Bonsucesso não consigo emprego imagine se eu colocar: Bairro Maré!*”. Ela afirma que existe um preconceito grande para com os moradores das favelas, dificultando a obtenção de um emprego ou de crédito em uma loja. As pessoas que não moram na favela agem conforme as representações estabelecidas sobre estes espaços.

Pedro (18 anos, morador da Vila do Pinheiros), além de confirmar esta visão, fala do problema da violência: “*não coloco porque o nome da comunidade é ligado à violência*”. Ricardo (16 anos, morador do Parque União) complementa: “*se coloco bairro Maré meu currículo é rasgado na hora por ser morador da mesma*”. Na verdade, podemos observar que as representações do concebido e percebido marcam o vivido.

Cristiano (16 anos, morador da Baixa do Sapateiro) acha que não existe preconceito, mas afirma que se declara morador de Bonsucesso por ser uma referência importante: “*todo mundo fala de Bonsucesso, é uma referência, aqui ninguém conhece, até mesmo as contas de luz vem com este endereço*”. Comenta sobre o preconceito que existe principalmente na Zona Sul, afirmando que lá é mais difícil conseguir emprego quando a comunidade é identificada. Esta fala mostra a importância de ser identificado como morador, as pessoas querem identificar-se com algum lugar que é conhecido, que possui um valor, uma representação.

A outra parte dos entrevistados, que corresponde à maioria (52%), afirma que não tem problemas em declarar seu endereço como morador destas comunidades. Alguns sentem orgulho, como fica explícito no depoimento de Mônica (18 anos, moradora da Baixa do Sapateiro): “*coloco que sou moradora da comunidade, porque ter vergonha de morar em uma favela é ter vergonha de morar na própria casa*”. Ela remete o lugar à escala de sua casa, isto é, a comunidade é uma extensão da sua casa, uma identidade baseada na sua relação de vivência. Observa-se todos os laços existentes nas comunidades, amigos, parentes, conhecidos, são fundamentais nas identificações com estes

lugares. A rua é o “ quintal” das casas, elas foram feitas para os homens e não para os carros, freqüentemente são palcos de relações que extrapolam o limite físico das casas: brigas, festas, bailes, namoros, churrascos, futebol, tudo pode acontecer nas ruas, que são o espaço público de circulação e confraternização, o espaço compartilhado por todos, o que não acontece fora dos limites da favela (bairros formais). Estas características das favelas são apontadas como motivos para as identificações internas com as diversas comunidades que compõem a Maré.

Aparecida (20 anos, moradora do Parque Maré) faz uma relação direta com o conceito de identidade: “ *escrevo sempre a verdade, digo que moro na favela, porque não tenho vergonha de minha identidade*” . A identidade, aqui, tem o sentido de ser moradora algo que a reconhece e diferencia dos demais Bairros da cidade.

Davi (35 anos, morador do Parque Maré) declara-se morador da comunidade, mas não deixa de comentar os estereótipos e preconceitos que existem: “ *declaro que moro no Parque Maré sem receios, porque é verdade e não posso deixar-me influenciar por estereótipos e preconceitos, mesmo que possa me prejudicar*” . Nesta fala fica evidente um sentimento de pertencimento a um lugar conhecido e vivenciado plenamente, onde as relações pessoais e sociais se desenvolvem no cotidiano.

Alguns entrevistados afirmam que não têm porquê esconder que são moradores das favelas embora se sintam constrangidos, e afirmam que já sofreram algum tipo de preconceito social relacionado à moradia. Dessa forma, todos têm noção que existem problemas quando estão “ fora” dos limites das favelas. Porém, cada pessoa age e interage a partir das concepções de mundo que possui, a partir do sentimento estabelecido para com a comunidade que habita.

Posicionar-se também está relacionado aos problemas vivenciados dentro e fora das comunidades. Os problemas vivenciados na comunidade já foram abordados anteriormente (violência, falta de hospitais, transporte, lazer, cultura, entre outros) e são enfrentados no dia-a-dia por esta população, que acaba desenvolvendo estratégias para superá-los (seja limitando os locais e horários para circular, seja procurando um hospital ou escola em outro bairro, seja criando espaços públicos para o lazer). Os problemas vivenciados fora das

comunidades vão contribuir neste “jogo” de identificações como estratégia para driblar os problemas enfrentados.

O racismo e o preconceito sofridos pelos moradores da favela são apontados como os maiores problemas por eles enfrentados, como afirmam 22% dos entrevistados. A violência (principalmente pelo assalto) é o segundo problema mais enfrentado (20% dos entrevistados). Desemprego, corrupção e desrespeito ficam em terceiro lugar, correspondendo a 16% das entrevistas. Os demais entrevistados dizem não sofrer nenhum problema externo (a não ser os mesmos que também enfrenta dentro da comunidade). Paulo (35 anos, morador do Parque Maré) comenta: “*enfrento problemas como o preconceito e desemprego, estes problemas acontecem por causa da visão estereotipada apresentada sobre as favelas. Enfrento sendo quem e o que eu sou, mostrando o que a mí dia pejorativa não mostra*”. Na visão deles se a favela é concebida como um lugar de ausências, de criminalidade e de violência, a população passa a conceber e rotular as pessoas desta forma também. Aliado a isso, percebemos a reação dos próprios moradores, que em função dos motivos já citados anteriormente que levam à mobilidade restrita pela cidade, elegem lugares específicos para desenvolver suas práticas sociais e criam também visões estereotipadas baseadas na vivência do outro.

A vontade de re-significar o lugar é grande. Henrique (16 anos, morador do Parque União) afirma que o problema que enfrenta é o preconceito, que acontece por causa da “*idéia que a mí dia passa que favelado não presta. Enfrento estes problemas fazendo trabalhos sociais como o observatório faz, para que nós venhamos a mostrar lá fora*”. A idéia presente nesta fala aponta para uma solução vista pela própria comunidade: é necessário que a favela extrapole os seus limites físicos e mostre o que vem produzindo, quem são seus moradores, e que apenas uma minoria faz parte do lado violento da favela. Desta forma, ela poderá ser re-significada, concebida e representada de outra maneira.

Alex (22 anos, morador do Parque União) comenta: “*as pessoas têm um estereótipo que foi construído sobre quem mora nas favelas: para eles aqui só tem funkeiro, faxineiro, doméstica, maconheiro, etc*”. Ele fala que isso acontece porque é “*isso que a mí dia diz sem dizer, mostra sem falar. Estou aprendendo as técnicas para, talvez, começar a desconstruir essa visão, principalmente em*

minhas atitudes". Assim, muitas pessoas estão se envolvendo em projetos sociais. Os alunos da Escola Popular de Comunicação Crítica apresentam esta vontade, estudam para tornarem-se futuros profissionais da comunicação e contribuir na nova concepção sobre as favelas, pautadas no olhar de dentro, das relações vivenciadas.

A idéia de que todo favelado possui um poder aquisitivo mais baixo quando comparado aos demais setores da sociedade também está presente. Muitos trabalham no setor informal, outros buscam o seu sustento na própria comunidade, como comenta Pedro (18 anos, morador da Vila dos Pinheiros): "o principal problema é o *desemprego, falta emprego porque não dão para quem não estuda. Aqui dentro é possível sobreviver graças à capacidade que temos de criar as coisas, você tem que desenvolver seu emprego como criar porco, cavalo, vender biscoito no trânsito*". A falta de emprego não aparece diretamente por causa do local de moradia, mas é um problema mais complexo da informalidade que atinge o Rio de Janeiro. Morar na comunidade é algo que fica marcado na própria forma e estrutura das casas. Não raro encontramos bares na parte inferior; na primeira laje, as partes da casa (banheiro, quarto, cozinha); e na parte superior, uma área destinada ao lazer, lavanderia, entre tantas outras funções (ver o significado das lajes já discutido anteriormente).

O medo da violência também foi apontado como um problema vivido fora das comunidades, isto ocorre em função da realidade que se apresenta nos dias atuais. Podemos perceber isso na fala de Caroline (23 anos, moradora do Parque União): "o maior problema é o *medo, fora da comunidade também temos medo: de ser assaltado... são medos similares, mas em proporções diferentes. Procuro não sair sozinha, se sair só em grupo, sempre avisar para onde vou e nunca me vestir de forma que chame a atenção*". Afirmam que dentro das comunidades quase não acontecem assaltos, existem outros problemas relacionados à violência, como a ação da polícia ao entrar nas favelas e da guerra entre as diferentes facções do tráfico de drogas.

Percebemos que as pessoas gostam de ficar na própria comunidade, a estratificação e diferenciação social contribuem para esta situação na medida em que a circulação passa a ser restrita. As identificações com os locais de nascimento e moradia são maiores por causa da presença dos amigos, pelo lugar conhecido, pela possibilidade de gastar menos, pela valorização da

cultura local, entre tantos outros motivos. 76% dos entrevistados afirmam que se na comunidade tivessem acesso a todas as opções de lazer que costumam frequentar em outros bairros, não sentiriam necessidade de ir a outros locais. Davi (35 anos, morador do Parque Maré) observa: “ *se eu tivesse opção de lazer na comunidade eu frequentaria porque tem fácil acesso, comodidade e para prestigiar iniciativas comunitárias*”. Alex (22 anos, morador do Parque União) comenta que seria muito bom e justifica “ *eu iria frequentar porque ainda não temos a arte e exposições nas favelas, apesar de que maioria das artes hoje é feita por quem é da comunidade*”. As atividades culturais dentro da comunidade são apontadas como soluções para a violência, como observa Pedro (18 anos, morador da Vila dos Pinheiros): “ *seria bom porque não gera violência*”. A falta de opção de lazer faz com que os moradores criem determinados lugares, as birascas são um exemplo disso. São reconhecidas como espaços de lazer, geralmente frequentados por homens (de todas as idades) e está associado ao consumo de cervejas. Entre as mulheres, ficam as atividades relacionadas às igrejas e às relações familiares. Estes dados apontam para a importância de se investir em atividades culturais e relacionadas ao lazer nestas comunidades, a demanda é muito grande e solucionaria muitos problemas.

A não identificação para com os lugares também acontece, 24% dos entrevistados afirmam que mesmo se tivessem várias opções de lazer dentro das comunidades não as frequentariam porque não acham seguro (por conta das constantes trocas de tiros entre traficantes e a polícia) ou por causa das pessoas que frequentariam estes locais, faz uma relação direta entre o morador e a cultura de ser favelado, como se os costumes, as formas de agir e vestir fossem diferentes dos moradores dos bairros formais. Esta questão fica presente na fala de Frank (19 anos, morador da Nova Holanda) “ *eu não frequentaria porque as pessoas da comunidade estragariam o lugar*” e de Maria (20 anos, moradora da Maré) “ *não iria porque não teria pessoas que gostaria de ver e conviver*”. Sobre esta questão, lembramos do que Hall (2000) comenta a respeito das posturas que as pessoas adotam perante os lugares que frequentam: onde eu posso ou não jogar um papel na rua, onde eu tenho que me vestir formal ou informalmente. Estas posturas estão diretamente relacionadas às identificações com os lugares.

A violência também foi apontada como um problema a ser resolvido antes da implantação de lazer. Luiza (32 anos, moradora dos Pinheiros) comenta que a falta de segurança na favela seria o motivo para não frequentar as áreas de lazer: “ *não acharia seguro ficar na rua até de madrugada aqui* ”. Desta forma, a solução não estaria apenas na criação de locais para a prática de atividades relacionadas ao lazer, estaria também no combate à violência dentro das comunidades.

As palavras¹⁷³ *feio*, *bonito*, *bom* e *ruim* são adjetivos que ajudam a caracterizar as identidades e identificações com um lugar, trata-se de padrões estéticos artificiais ou naturalizados que contribuem para significar e valorar alguns espaços. São expressões subjetivas, que marcam as concepções presentes em cada espaço produzido. Carregam consigo formas de olhar o local e perceber o ambiente que está ao redor. Estas expressões são associadas a padrões estéticos representados pelo concebido, dentro de uma ótica particular do que seria ideal para se viver.

Nas entrevistas, tentamos descobrir como as pessoas percebiam estes elementos nas favelas, assim foi possível verificar que 84% dos entrevistados conseguiram identificar um lugar bonito na sua comunidade.

O bonito na comunidade foi associado a alguma obra construída pelo homem (espaços públicos e casas), isto é, apresenta um “valor utilitário” que atende às necessidades e satisfações da sociedade. Este valor não está associado ao “preço” (troca de mercadorias) e sim ao uso que se dá a esta determinada área (Bley¹⁷⁴, 1996). Desta forma, o bonito esteve associado ao valor de uso de alguns espaços públicos e privados. Entre os espaços públicos, destacamos a Vila Olímpica, a ciclovia, o Piscinão de Ramos, o campo de Futebol, as praças, o Parque Ecológico da Maré, a casa de cultura, o Ceasm e o Observatório de Favelas. Geralmente o bonito também carrega estereótipos

¹⁷³ Os adjetivos: bonito e feio são conceitos normativos da estética que se aplicam ao juízo de apreciação sobre as coisas ou sobre os seres que provocam a emoção ou o sentimento estético, seja em seu estado natural (uma paisagem), seja como produto da arte (pintura, música, arquitetura). É resultado de uma apreciação (Japiassú e Marcondes, 1996). Os adjetivos bom e ruim estão relacionados aos sentimentos para com determinadas áreas, são utilizados para categorizar qualidades e problemas de um lugar, são pré-concebidas pelas pessoas a partir de um sistema de valores que eles possuem, sendo também subjetivos.

¹⁷⁴ In Rio e Vicente, 1996.

que estão vinculados à estética¹⁷⁵ dominante: tem que conter o verde, ser limpo, cuidado, tem que ter uma função, entre outras qualidades. O que aparentemente é feio pode ser transformado em algo bonito quando passamos a vivenciá-lo e passamos a valorar seu significado.

A Vila Olímpica também se caracteriza como uma obra concebida na comunidade e que transformou-se em um lugar bonito. Camila (13 anos, moradora da Nova Holanda) comenta: “ *a Vila Olímpica é o local mais bonito, porque é um dos lugares que os jovens tem, ajuda a evitar o uso das drogas*” . Além de ter a função de unir pessoas de diferentes locais da Maré, também passa a ser uma saída para a questão do tráfico de drogas.

As identificações de lugares bonitos dentro das comunidades estão associadas a outros lugares, como se na favela não pudesse ter um lugar com estas características. Na fala de Frank (19 anos, morador da Nova Holanda) percebemos esta afirmação, já que ele faz uma referência à Vila Olímpica como um lugar destoado de sua realidade (favela): “ *é como se fosse um lugar fora da favela*” . Ele compara a Vila Olímpica aos demais lugares da cidade, que não são favelas. Desta forma, percebe-se que foi uma obra concebida pelos governantes, fazendo parte de um espaço público coletivo, e transformou-se em um lugar, marcado por referências e afetividades, mas que ao mesmo tempo dá a sensação de não pertencer à realidade da favela por ser um local de encontros entre pessoas de todas as comunidades, por ser tranquilo e não ter sido atingido pela violência.

Davi (35 anos, morador do Parque Maré) fala que o lugar mais bonito é o “ *Parque Ecológico da Maré, porque é uma área verde no meio da comunidade*” . O Parque Ecológico é uma área verde localizada na Vila dos Pinheiros. É uma das poucas áreas verdes e de lazer regulamentadas pela

¹⁷⁵ Segundo Bley (in Rio e Vicente, 1996, 135) “*na teoria do belo, distingue-se a estética subjetiva da estética objetiva. Para a estética subjetiva, que é psicológica, o belo está no homem e ocorre quando a imaginação se harmoniza com o entendimento. Na objetiva, o objeto tem em si algo que provoca a emoção estética. Assim, a beleza, para alguns filósofos, é apreendida imediatamente, sem necessidade de reflexão e é supra-individual*”. O termo estética foi empregado pela primeira vez por Baumgarten para designar o estudo da sensação (ciência do belo) referindo-se a gosto subjetivo, o que agrada aos sentidos. Para Kant, a estética implica numa crítica do juízo para definir o juízo do gosto pelo qual o sujeito pode distinguir o belo na natureza e no espírito. Para ele “*o juízo do gosto não é um juízo do conhecimento; por conseguinte, não é lógico, mas estético*”. Para Hegel, há um afastamento do debate da imitação da natureza, que não pode ser classificada como bela, feia. A arte é “*o mais subjetivo desenvolvimento do espírito a partir do real*” (Japiassú Marcondes, 1996, p. 91)

prefeitura na Maré. No parque várias atividades são desenvolvidas, como o cultivo de mudas e a criação de cavalos pelos adolescentes.

A Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz – também foi apontada como algo bonito, mesmo não pertencendo à comunidade, mas por estar muito próxima dela.

A laje permanece como uma instituição e um local que identifica a favela e os bairros populares, apesar de muitas vezes os jovens comentarem que a laje não pode mais ser utilizada como lazer porque a violência está muito grande, e desta forma correm riscos (balas perdidas ou de serem confundidos com traficantes). Henrique faz o seguinte comentário sobre as lajes: “*mais bonito aqui é a vista do alto das casas, das lajes, de lá posso ver toda a imensidão da favela*”.

O Piscinão de Ramos também foi apontado como algo bonito, principalmente para as pessoas que vivem nas comunidades próximas. Paulo (19 anos, morador da Cefa) relaciona o Piscinão com um lugar de lazer, que recebe muitas pessoas de fora da comunidade, palco de uma diversidade. Novamente, percebemos um espaço concebido pelos planejadores, que acaba sendo eleito como um lugar seguro, tranquilo, com a presença de um elemento natural, sendo comparado a outros espaços de fora da favela, como se não pertencesse a ela.

A estrutura fixa, no caso a escola, também se torna algo bonito pelas suas práticas sociais na comunidade, como relata Vitor (20 anos, morador da Baixa do Sapateiro): “*é a escola é algo muito bonito aqui na favela, porque reúne grande parte de jovens, eu percebo a interação, é um espaço de transformação*”. Outra forma de identificar o bonito foram as questões subjetivas relacionadas aos sentimentos das pessoas para com os outros e com os lugares. O bonito também foi relacionado à convivência e à solidariedade das pessoas, sentimentos que marcam as relações existentes na favela. Para Anderson (26 anos, morador do Complexo do Alemão) a coisa mais bonita é a comunidade porque “*nos conhecemos, lutamos e buscamos uma melhor vida*”. Já para Kátia (31 anos, moradora da Nova Holanda) é “*a convivência, um ajuda o outro, nos outros bairros não tem isso, aqui tem solidariedade*”. Estas relações estão pautadas diretamente pelas práticas

especiais no campo do vivido, portanto, a questão estética está relacionada ao que é valorizado e tem valor para nós.

Também verificamos que 16% dos entrevistados afirmaram não existir nada de bonito na comunidade, são pessoas que não se identificam com ela, vivem lá por acaso do destino ou por causa da necessidade. Não conseguem sair do plano do concebido e perceber as singularidades existentes nas favelas. O bonito e o feio, nesta perspectiva, são sinônimos de algo que foi concebido pelo outro, que geralmente unifica as percepções.

As identificações das coisas “feias” na favela foram apontadas tanto de maneira concreta (obras) quanto de sensações para com o lugar (por exemplo, a violência). Entre os aspectos concretos estão: o lixo, canais, valões, esgoto a céu aberto, terrenos abandonados, batalhão da Polícia Militar. Kátia (31 anos, moradora da Nova Holanda) acha que as casas são muito feias: “*as casas não tem acabamento por fora*”. Joana (20 anos, moradora da Maré) também destaca a arquitetura com algo feio, “*porque tudo é muito apertado, uma coisa em cima da outra*”. Estas visões permeiam a visão do poder instituindo um concebido dos bairros formais, não conseguem perceber que uma casa na favela pode ser a síntese de 10, 20 anos de trabalho de construção, enquanto um apartamento em um bairro formal depende de dois elementos: escolha de um lugar para morar e do poder aquisitivo da família.

O lixo, que é encontrado nos terrenos abandonados, nos valões e na baía, é um problema destacado por Alex (22 anos, morador do Parque União) “*porque falta uma política pública pra beneficiar essas áreas nesses aspectos, pois nossas crianças brincam nesses lugares (ruas e valas)*”. A visão da ausência do estado é clara para este morador, ele acha que as favelas estão à mercê de políticos que só aparecem em períodos de eleições. Falta um acompanhamento diário, como é feito em Copacabana, Ipanema e Leblon.

O descaso dos administradores para com estas áreas também é apontado como um problema para as coisas feias e abandonadas, como salienta Solange (18 anos, moradora dos Pinheiros): “*a ciclovia é muito feia, antes estava bonita, mas pararam de cuidar, não continuaram*”. Vitor (20 anos, morador da Baixa do Sapateiro) também salienta: “*as ruas sem pavimentações são muito feias, expõem as crianças a doenças, já que por vezes é o único local para brincar*”. A população tem a consciência que existe uma “ausência”

do governo para com estas áreas, não destinando verbas para a manutenção do que já existe e/ou construção e recuperação de outras, mas também admite que a própria comunidade tem a sua parcela de culpa quando ocorre a degradação e o vandalismo.

A violência, a cultura das pessoas e a pobreza de algumas áreas também são apontados como algo “feio” na comunidade, percebemos isto na fala de Lucas (20 anos, morador do Conjunto Esperança) “ *o que é mais feio aqui são as marcas de tiro nas casas são feias, causam um impacto muito grande*”. O preconceito existente para com as pessoas que moram nas favelas também é apontado como algo feio por Ricardo (16 anos, morador do Parque União): “ *é o modo com que o povo é tratado; como a pessoa mora na favela, ela é rejeitada*”. A forma como as pessoas aceitam esta situação também é salientada, como afirma Cristiane (33 anos, moradora da Praia de Ramos): “ *como as pessoas se conformam com a situação, tem gente que tem oportunidade e não faz nada. Parece que são anestesiados*”. Cristiane acha que a população deveria lutar para ter mais dignidade e acesso à sua cidadania, comentando que a população está acostumada a esperar pelas “ajudas” que vem de fora. A cidadania passa pelo acesso aos direitos básicos (trabalho, saúde, educação, habitação), pela participação política (direito de votar e ser representado) e pela dignidade como morador de uma cidade e um país.

Alguns entrevistados afirmam não existir nada feio (cerca de 10% dos entrevistados). Felipe afirma que não tem nada feio “ *porque são espaços diferentes, característicos destes lugares*”. A diferença à qual ele se refere faz com que analise a aparência (forma e disposição das casas) como sendo típica das favelas, como se não fosse possível julgar se é feia ou bonita, apenas apresenta características que a diferenciam de outros lugares. A diferença é uma marca da identidade, é através dela que conseguimos distinguir o “eu” e o “outro”, independente de ser morador da favela ou não. Fernanda (20 anos, moradora do Parque Maré) comenta que não vê nada feio porque “ *cada espaço tem a sua história*”, por isso não pode haver comparações. Desta forma, se tem a sua história, tem identidades e identificações muito particulares, isto é, as suas especificidades.

O que possui o significado de bom na favela também esteve associado a duas vertentes: obras (instituições) na comunidade e outra, mais subjetiva, como o sentimento afetivo para com a comunidade e as pessoas que ali habitam. Entre os locais, destacam-se a Vila Olímpica, a Matinha, igrejas, Piscinão e as instituições ligadas à educação. Entre os aspectos relacionados aos sentimentos para com as áreas destacam-se: a fraternidade, as relações entre vizinhos, a solidariedade e a liberdade. As relações, neste caso, também são estabelecidas a partir do que é vivenciado dentro e fora das comunidades, como Alex (22 anos, morador do Parque União) destaca: “*destacaria as relações de afeto entre todos da favela, algo que não encontramos em outro tipo de comunidade (condomínios, por exemplo)*”. As pessoas que afirmam não ter nada de bom falam da falta de segurança, da pobreza que existe, da falta de opções para lazer, entre outros aspectos já discutidos anteriormente. Entre os aspectos ruins podemos destacar a violência, a ausência do Estado, preconceitos, as pessoas e os tipos de músicas. Para Alex (22 anos, morador do Parque União), “*a ação da polícia é muito ruim devido a esta força coercitiva do Estado, cria-se um mito sobre a violência e que essa violência vêm da favela*”.

Henrique (16 anos, morador do Parque União) está entre o grupo de pessoas que afirma não ter nada ruim na comunidade porque “*tudo o que acontece na favela pode servir como lição de vida*”. Lição de vida que pode ser apreendida por todos e servir como exemplo para melhorar cada vez mais a vida de seus moradores.

As identificações acima apontadas são fundamentais para compreendermos a visão que vem de dentro das comunidades, são jovens e adultos que trabalham ou trabalharão dentro e fora de suas comunidades e que ajudarão a des-construir e a re-significar estes espaços a partir das vivências pessoais e coletivas.

As experiências acumuladas ao longo da vida marcam as vivências, estabelecendo e construindo vínculos para com os locais. Estes vínculos podem ser bons, ruins, podem ser feios ou bonitos, podem ser criticados, valorizados, amados, odiados, entre tantos outros sentimentos.

Sair ou não de sua comunidade está relacionado a estas identidades e identificações que foram construídas ao longo das vivências. Portanto, estão relacionadas à permanência. Porém, sair não significa abandonar as origens, perder a identidade, ou simplesmente esquecer a vivência. Sair pode significar buscar melhores condições de vida, que estão relacionadas às qualidades de vida, portanto, são totalmente subjetivas, pois cada um de nós pode estabelecer de acordo com seus valores o que é qualidade de vida e ambiental (Cardoso, 2001).

Percebemos que quase todos os entrevistados possuem uma identidade e/ou identificações com a Maré e com a comunidade em que vivem, reconhecem as suas qualidades e problemas, porém 60% deles afirmaram que se pudessem sairiam da sua comunidade e reconstruiriam suas vidas em outros lugares, mostrando uma contradição nos discursos: desejo de mudar e de não mudar.

O desejo da mudança de moradia não estaria diretamente relacionado à busca de uma nova identidade, já que estão presentes nas falas os laços existentes para com as comunidades e para com as pessoas. Esta saída também não estaria associada ao rompimento com os laços afetivos e familiares, já que esta mudança estaria associada ao deslocamento da família inteira¹⁷⁶. A vontade de mudar está vinculada ao desejo de uma qualidade de vida melhor, associada à busca de lugares menos violentos, um lugar que oferecesse uma infra-estrutura básica (escola, hospitais, entre outros), um lugar próximo à praia (valorização dos atrativos naturais), entre outros motivos. Esta vontade está explicitada na fala de Anderson (26 anos, morador do Complexo do Alemão): “*sairia sim, por causa dos intensos tiroteiros entre a polícia e traficantes, procuraria um lugar mais tranquilo*”. Entre os locais escolhidos estão: a Ilha do Governador, alguns bairros da Zona Sul, Norte e Oeste, até mesmo outro município ou Estado.

Entre os motivos para a permanência, constatou-se que 40 % das pessoas que afirmaram que não sairiam da comunidade apontam as relações familiares e de amigos como motivos para ficar, além de gostarem do local em que nasceram. Gostar do local de nascimento mostra um laço de

¹⁷⁶ Além da família (mulher, marido e filhos), a saída seria acompanhada pelos pais, mães e algumas vezes dos irmãos.

identidade para com a comunidade. Paulo (19 anos, morador da Cefa) comenta: “*não quero sair, sou nascido e criado aqui, não vou me acostumar noutra lugar*”. Davi (35 anos, morador do Parque Maré) também demonstra esta identificação com o lugar de nascimento “*não sairia, porque me sinto parte dela, gosto dela e do seu povo*”. Aparecida (20 anos, moradora do Parque Maré) também coloca o sentimento de felicidade como justificativa para ficar: “*sou feliz aqui, e tenho tudo o que preciso na favela*”. A vontade/necessidade de ajudar também se torna um motivo para ficar, como afirma Alex (22 anos, morador do Parque União): “*não gostaria de sair porque eu acho que tenho muito a aprender e a ajudar a desconstruir essa imagem ruim*”.

Neste capítulo, conseguimos visualizar os elementos encontrados nas relações com o espaço vivido na favela. São as representações construídas pelo olhar de ordem próxima, porém sempre permeadas pelas práticas do concebido e percebido. A favela deveria, desta forma, ser marcada pelas presenças (identidades e identificações), e não somente pelas ausências, porque ela é palco de diversas formas de expressão popular.

A comunidade deve ser identificada pela solidariedade¹⁷⁷ presente nas estruturas familiares, marcada pelas relações cotidianas estabelecidas desde o momento que aqui chegaram, como salienta Silva (2003, p. 22): “*as redes cotidianas de apoio e solidariedade dos nordestinos foram importantes para a expansão populacional. Elas se materializam na hospedagem de conterrâneos, indicação para determinados empregos, auxílio na construção da moradia e promoção de atividades culturais coletivas*”. Solidariedade também presente nos dias atuais, em que os laços entre as vizinhanças são estabelecidos e todos se tornam pais e mães das crianças que brincam nas ruas enquanto os pais vão ao trabalho.

As favelas não são fixas como os demais espaços da cidade, apresentam uma ordenação própria, marcada pela autoconstrução das casas e dos espaços. São os moradores que criam e re-criam cada beco, cada rua, cada biroscas. Até mesmo suas atividades de lazer são criadas, como observamos nos trabalhos de campo; são as crianças que “montam” seus

¹⁷⁷ Não está relacionada a afetividade.

campos de futebol (medem, pintam, transformam as ruas em quadras de esporte), transformam áreas verdes em áreas para criação de animais (tanto para lazer quanto para fonte de renda), isto é, constroem suas formas de diversão e fonte de sobrevivência. Isso marca a construção da identidade na favela.

Conclusões

Durante muito tempo, as favelas do Rio de Janeiro foram vistas como ambientes externos às cidades, como se fossem isoladas e não pertencessem à mesma (mito da cidade partida); assim, não foram priorizadas durante muitos governos. A favela tornou-se um lugar de moradia da população mais pobre, que sem muita opção transformou os vazios da cidade em uma área habitável, apesar de todos os problemas a ela associados. Logo, uma contradição aparece: elas passam a não “pertencer” ao setor formal (da economia, da habitação, entre outros), mas são fundamentais para mantê-lo, isto é, muitas vezes são seus moradores que desempenham atividades como a de porteiros, faxineiros, diaristas, motoristas, entre tantas outras, devidamente (in)formalizadas no mercado de trabalho urbano.

A favela é identificada pela diferença: quando comparada aos demais espaços da cidade, é representada geralmente pelas suas ausências e vista de forma homogeneizada, isto é, ganha uma identidade (marcada pelo que não existe) capaz de diferenciá-la dos demais bairros, mas ganha invisibilidade pelo poder público e pela elite dominante, sendo tratada como um todo homogêneo, como objeto de controle político. Assim, foi possível verificar as diferentes construções e re-construções, significações e re-significações das representações sobre as favelas que contribuíram para a formação de uma imagem sobre o local e o estabelecimento das identidades nas/sobre as favelas, logicamente levando-se em conta as práticas espaciais dos governantes, o papel da mídia e as vivências pessoais marcadas pela experiência.

As ausências e presenças contidas nos discursos sobre as favelas, tanto pelo percebido quanto pelo concebido, contribuíram para uma representação, uma identidade que salienta somente os problemas, e para um sentimento associado ao medo para quem não as vivencia diretamente, cuja lógica perversa se faz presente no discurso da exclusão e segregação sócio-espacial. Estas “ausências” e “presenças” existem, fruto das desigualdades na produção do espaço socialmente diferenciado. Porém, a favela não pode e não é representada apenas sob este ponto de vista, confirmando a tese norteadora deste trabalho.

Encontramos ao longo deste trabalho uma série de símbolos e signos que compõem a favela, fazendo com que a população possua uma identidade, que no caso da Maré não é única.

Apesar de carregar consigo todos os estereótipos que são utilizados para marcar os espaços populares: é identificada pela sua aparência, pela sua localização, pela falta de registro oficial regulamentando a habitação (título legal da propriedade), pela precariedade na sua infra-estrutura (física e social), lugar de pobre e pessoas sem instrução, insalubre, violenta, área de risco, lugar das ausências, entre tantos outros, a favela da Maré é marcada pelo movimento de seus habitantes que criam e recriam seus espaços em função de suas necessidades, pela religião, pelos encontros nos bares, pelas relações familiares, pela dança, pelo funk, samba, capoeira, forró, pela solidariedade, entre tantos outros aspectos.

A análise das representações espaciais de ordem próxima e distante (relação cidade versus favela), através das diferentes linguagens (reportagens, fotografias, charges, desenhos, principalmente do Jornal O Globo e da Revista Careta) no sentido de identificar se existe influência na formação da opinião pública sobre as favelas do Rio de Janeiro para quem não a vivencia.

Observamos que as reportagens salientam uma visão racionalizada de mundo presente em cada momento histórico (Higienização, remoção, violência e questões ambientais) e que contribuíam para a formação de opinião da população, justificando determinadas políticas urbanas sobre a cidade.

No primeiro momento, que data do surgimento das favelas e da proliferação dos cortiços até a década de 1930, a favela esteve associada pela mídia à sujeira e à pobreza. Nessa fase, encontramos o discurso da higienização: o grande problema da favela era a sujeira e a falta de hábito de sua população de viver na cidade, desta forma, era preciso removê-las para eliminar as possíveis doenças e epidemias que assolavam a cidade. Nesse período, são poucas as reportagens sobre a favela e geralmente ressaltava a falta de higiene, a fome, as condições de vida dos favelados e as doenças responsáveis pelas epidemias na cidade. Poucas são as notícias sobre a violência, mas quando aparecem são longe da área central do Rio de Janeiro,

como se a violência ocorresse somente nos subúrbios (período em que se consolidam as áreas periféricas da cidade).

No segundo momento, encontramos o período das remoções (que dura até aproximadamente 1970), sem que o discurso sobre a higienização tenha desaparecido por completo. Aliado às remoções ocorre a intensificação da construção dos conjuntos habitacionais na cidade (geralmente afastados da região central e da zona sul). Neste período a política de remoção esteve associada à repressão e a violência. A tendência do poder público era “organizar” e “planejar” a cidade. A favela, neste período, é vista, basicamente, como um lugar sujo, feio, sem infra-estrutura urbana, expressão do caos urbano em relação a racionalidade do capital, quando comparada ao setor da construção formal.

No terceiro momento, percebeu-se uma tentativa de discutir algumas soluções para as favelas, como a de impedir o êxodo rural e a implantação da urbanização como forma de controle social e demográfico, buscando minimizar o impacto e a violência atribuída a população pobre. Intensificada a partir da década de 1980, a violência passa a ser associada às favelas e ela é representada como um lugar de atuação do crime e de práticas paralelas, onde os setores que regulamentam a segurança da cidade não conseguem estabelecer seus domínios. Esse espaço vira sinônimo de perigo - tiroteios, mortes, tráfico, seqüestros, guerras e grupos de extermínio - a favela não é mais definida pela ausência, mas pela presença da morte, do tráfico, das crianças e jovens propensos ao crime, ganhando uma identidade definida por características que lhe seriam, se não próprias, ao menos marcantes.

Na década de 1990 a questão ambiental vem à tona, e a favela é encarada como a grande causadora dos problemas ambientais (enchentes, línguas negras, desmatamentos, lixos nas encostas).

Pensando na mídia como um mecanismo fundamental na construção das representações sobre as favelas à medida que ela contribui para uma formação de opinião das pessoas que não vivenciam determinados lugares e acabam utilizando o concebido e o percebido para significá-los, a partir de suas respectivas “visões sociais de mundo”.

Os aspectos considerados negativos pelos moradores das favelas são representados usualmente por palavras-chave que se repetem ao longo das

reportagens que difundidas como se fossem verdades únicas por grupos dominantes, têm o poder da informação e dos meios de comunicação de massa. Como exemplo, podemos citar a representação que a cidade do Rio de Janeiro possui: a comunidade da Maré utiliza a expressão “cidade maravilhosa” para identificá-la, e alguns complementam que é maravilhosa, porém, violenta, acham que a cidade é muito bonita, mas tem partes que são feias e citam a favela como sendo o lado “ruim” e “feio” da cidade. A mí dia tem, portanto, um papel importante na formação da identidade local e, em grande parte, na negação das identidades dos moradores das favelas.

Os aspectos considerados positivos, quando relacionados, geralmente são vistos como exceções, iniciativas de alguns grupos que “ajudam” as comunidades, retratando uma visão assistencialista, como se todos os moradores nascessem “rotulados” inclusive pelo poder público e pré-dispostos a serem criminosos. A representação que se criou sobre a favela está associada aos discursos das ausências e das faltas (falta de saneamento, de rede de coleta de lixo, falta de abastecimento, de escolas, de uma rede de hospitais, entre outros), e também das suas presenças (violência, crimes, entre outros), homogeneizando esses lugares, como se todos apresentassem as mesmas características.

Diante deste contexto, chegamos a algumas questões que foram discutidas ao longo da tese: como as práticas espaciais (do concebido e percebido) e as representações estabelecidas pelos governantes e pelos meios de comunicação foram e estão sendo vividas pelos moradores das favelas, e como as identidades e identificações foram e estão sendo estabelecidas. Como as representações não-hegemônicas conseguem re-significar (se é que conseguem) a imagem negativa das favelas.

Para compreender as representações baseadas na vivência (ordem próxima) realizaram-se entrevistas pelas comunidades que compõem a Maré (enfocando quatro áreas: Vila Olímpica, Piscinão de Ramos, Parque Ecológico da Maré e Praça do Parque União) e acompanharam-se as aulas da escola popular de comunicação crítica, visando conhecer e vivenciar o cotidiano de jovens moradores, bem como conhecer as novas representações espaciais que estão sendo criadas, difundidas e re-significadas sob este olhar.

O primeiro resultado que verificamos é: a dicotomia existente entre favela e asfalto que é re-apresentada nos discursos externos e internos, isto é, percebemos a reprodução de alguns estereótipos na fala dos próprios moradores, principalmente quando buscamos caracterizar a favela. Não raro as favelas são vistas pelos seus moradores através de “ rótulos” que foram criados pelo concebido (lugar violento, inseguro, feio, sujo, ruim, entre outros), não que estas características não estejam presentes, mas são evidenciadas, em detrimento das outras existentes. Outro aspecto importante a ser salientado está relacionado aos símbolos que identificam a Maré: algumas pessoas não reconhecem em sua comunidade algo que possa representá-la, já que estes não foram concebidos. Outros apontaram símbolos que são fruto da concepção que a cidade tem sobre as favelas, tais como a violência e as casas inacabadas, evidenciando uma reprodução de estereótipos, e mostrando dificuldades de re-significar estas áreas a partir de vivências.

Percebemos também a reprodução destes estereótipos no interior das favelas quando analisamos a circulação de seus moradores, o conhecimento de outras comunidades e a imagem que se tem sobre a Maré. A mobilidade pessoal não é a mesma para todos, a circulação é diferenciada quando se trata de gênero, as mulheres têm uma circulação entre as comunidades bem maior do que os homens. Essa situação é justificada por três elementos: primeiro por ser mulher, segundo pelo fato de não estar ligada à territórios delimitados pelo tráfico, e, em terceiro pelas práticas sociais estabelecidas (questões familiares, atividades de igrejas, importância no processo reprodutivo biológico e social). A violência atinge muito mais os adolescentes homens do que os adultos e mulheres na mesma faixa etária. Entre os motivos apontados para a mobilidade precária, principalmente entre os homens, e entre as comunidades estão: a violência que existe em função das facções do tráfico, medo, falta de amigos e parentes nas outras comunidades.

Em contrapartida, os jovens acabam tendo uma circulação por outras áreas da cidade em busca diversão, lazer, educação e trabalho, práticas que são quase inexistentes na favela onde vivem. Mesmo assim, esta mobilidade também é precária, pois não são todos os lugares que são freqüentados, pois eles afirmam que o preconceito e a discriminação são muito acentuados.

Outro aspecto que ficou bem evidenciado ao longo da pesquisa é o de que as 16 comunidades não são vivenciadas da mesma forma por todos os adolescentes entrevistados, algumas são apontadas por eles, mesmo que não as conheçam bem, como mais violentas, mais pobres, sujas, entre outros aspectos, indicando uma representação concebida a partir do outro, isto é, da imagem que contradizem as práticas cotidianas.

Isso nos leva a concluir que a favela da Maré não possui uma identidade única, nem mesmo que faz parte de um mesmo sentimento de lugar para seus moradores. São 16 comunidades que pertencem a um mesmo bairro concebido pelo poder público, visando controlar, ordenar e planejar a favela, agrupando as comunidades em torno de uma região administrativa: bairro Maré. Porém, nem toda população se identifica e não tem uma identidade, e ainda não circula por todas as comunidades que o compõe. Um exemplo claro são as localidades do Piscinão de Ramos e de Roquete Pinto que não possuem nenhum laço que as integre às demais comunidades, seus habitantes não possuem um sentimento de pertencimento ao bairro como um todo.

Um exemplo contrário aconteceu com a construção da Vila Olímpica, uma área concebida pelo poder público, foi marcada pela ideologia da “prática do esporte como solução para retirar as crianças e jovens da criminalidade”, transformou-se em lugares comum, ponto de encontro entre as comunidades, capaz de reunir pessoas de quase todas as comunidades da Maré, apesar de estar localizada na área central da favela, com difícil acesso (passando por diferentes comunidades) e de ser uma zona de fronteira com constantes conflitos (entre os diferentes comandos do tráfico de drogas).

Cada uma das comunidades apresenta uma identidade própria no que se referem as formas de ocupação (algumas espontâneas, outras induzidas), pela fisionomia das habitações (tipo, estilos das casas), pela proximidade com outros bairros, pelo IDH, entre tantos outros elementos. Estas diferenças nos permitem concluir que há uma noção a ser des-construída, que é a de que todos vivenciam a Maré da mesma forma.

Conclui-se, portanto, que as diferentes representações influenciam no jogo das identidades existentes nas favelas. Constantemente percebemos uma dicotomia presente nos discursos: “eu sou um favelado” e eu sou um “morador dos espaços populares”. O racismo e o preconceito relacionados aos

moradores da favela, o desconhecimento da comunidade por parte dos outros e a denominação de ruas, bairros imposta pelos órgãos públicos (companhia de água e luz) são apontados como os maiores problemas enfrentados, junto com a violência, desemprego, corrupção e desrespeito. Estes são elementos fundamentais utilizados para justificar o “jogo” de identidades que acontece fazendo com que 48% dos entrevistados declarem seu endereço com outros pontos de referência, externos à Maré.

O jogo de posições de identidades é marcado pela duplicidade de discursos: quando os moradores precisam de apoio público, seja nas políticas implantadas como o Bolsa Escola, ou até mesmo para projetos de melhorias (calçamento, saneamento), utilizam-se dos discursos dos “favelados” e quando precisam de outras vantagens associados ao privado, que a favela não oferece, como crédito no mercado ou emprego, são moradores do bairro de Bonsucesso ou Ramos (bairros adjacentes). O espaço formal e o informal e a sua relação entre o público e o privado tornam-se fluidos, sua demarcação marca a posição das pessoas, isto é, todos reconhecem as vantagens e desvantagens de ser morador de um espaço popular e “jogam” com as diferentes identificações.

Desta forma, direta ou indiretamente, todos possuem identificações com a Maré por ser um local de nascença, moradia ou de trabalho. A favela, para eles, é marcada pela espontaneidade (seja ela física – construção e autoconstrução – seja das pessoas), necessidade, pela alegria e pela dor, pela solidariedade, pelos laços familiares e de amizades, pelas manifestações culturais tais como o samba, o carnaval, o funk, o forró, a arte, a fotografia, a poesia. Mas, também estão presentes as formas alternativas encontradas para “sobreviver” perante as ausências concretas existentes, aspectos importantes na construção de identidades dos indivíduos. Também não esquecem os problemas que marcam seu cotidiano: a violência, o preconceito e a homogeneização destes espaços. Desta forma, não existe uma identidade e uma identificação única na/com/sobre a favela da Maré. A criação da identidade social e espacial passa pelo reconhecimento das adversidades, das pluralidades, das culturas e vivências comuns, específicas existentes no lugar, o que quem tem o quê em comum, ao mesmo tempo o que a diferencia e a

unifica. É reconhecer os problemas, lutar para enfrentá-los sem perder a razão de ser morador dos espaços populares. É consolidar a identidade local.

Assim, a visão que os moradores têm sobre o seu lugar está baseada na vivência e no cotidiano, eles não enxergam a Maré apenas como um lugar de ausências, como a mí dia usualmente representa-a. Eles têm laços afetivos, sentimentos de pertencimento, relacionados ou não ao local de nascimento, ou de morada atual. Mas também são capazes de reconhecer a sua situação, seus problemas e lutar pelos seus direitos. Transformam este espaço “ temido” por muitos em lugar de moradia, em palco de suas relações pessoais e sociais, e acham alternativas para sobreviver diante das adversidades (sociais, econômicas, ambientais e políticas).

Atualmente, as representações baseadas no cotidiano (criadas pelos moradores como forma de resistência) estão sendo valorizadas e evidenciadas através de diversas linguagens: música, arte, fotografia, reportagens, poesia, literatura e pintura, entre outras. Muitas vezes saindo dos “ muros” da favela e projetando-se na cidade, como é o caso das obras de arte (Lam, Heitor dos Prazeres, fotografias do Ripper), músicas (funk, samba) e romances. São tentativas de re-significar estas áreas, além das que existem de fora para dentro da favela, são importantes na criação e re-criação de novos “ produtos” de consumo para sociedade fora da favela, apropriando-se desses valores como objetos de consumo.

Infelizmente, as representações pautadas nas vivências e nos cotidianos dos moradores não atingiram um grande número de pessoas, e alguns discursos internos reproduzem uma visão estereotipada sobre a favela. Assim, colocam-se questões sobre as representações dos espaços populares: se cidade é marcada pela homogeneidade das imagens que são selecionadas e repassadas, como podemos re-significar esses argumentos? Como dar um novo significado através de uma visão que retrate o cotidiano e des-construa esta visão tida como homogênea? Como difundir estas novas representações? Por que elas não saem dos limites das favelas?

Referências Bibliográficas.

- * ABREU, M de Almeida. Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro. In: *Revista Espaço e Debates*. Nº 37, 1994. 34-46p.
- * _____. A cidade e os temporais: uma relação antiga. In: Rosa, Luiz Pinguelli & Lacerda, Willy Alvarenga (coord). In: *Tormentas Cariocas: seminário prevenção e controle dos efeitos dos temporais no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : COPPE/UFRJ, 1997. pp.15-20.
- * _____. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : IPLANRIO, 1997. 156p.
- * ALEM, Adriano. (Coordenador). *Breve relato sobre a Formação das Divisões Administrativas na Cidade do Rio de Janeiro - Período de 1961 a 2006*. Rio de Janeiro : Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em www.armazemdedados.rio.rj.br.htm. Acesso em Agosto de 2006.
- * ALVITO, Marcos. *As Cores de Acari – uma favela carioca*. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2001. 309p.
- * _____. Material do Curso: o Rio de Janeiro e as Favelas. Obtido no site: www.opandeiro.net. Acesso em 24/01/2005.
- * ANDRADE, Manuel Correia de & ANDRADE, Sandra Maria Correia de. *A Federação Brasileira – uma análise geopolítica e Geo-social*. São Paulo : Contexto, 1999. 127p.
- * BARBOSA, Jorge Luiz. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. In *Revista Geographia*. Ano II, nº 03, 2000. pp. 69-88.
- * BARCELLOS, Caco. *Abusado – O dono do Morro Dona Marta*. 13ª Edição. Rio de Janeiro : Record, 2005. 559p.
- * BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editora, 2003. 141p.
- * BEAUD, Michel. *Arte da Tese – como redigir uma tese de mestrado ou de doutorado, uma monografia ou qualquer outro trabalho universitário*. Rio de Janeiro : Bertrand, 1997. 176p.
- * CABRAL, Luiz Otávio. *Bacia da Lagoa do Peri: sobre as dimensões da paisagem e seu valor*. Florianópolis, 1999. 236p. Dissertação (Mestrado

em Geografia - área de Utilização e conservação de recursos naturais).
Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina.

- * CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro : Editora da UFRJ, 2005. 227p.
- * CARDOSO, Cristiane. *Análise ambiental do distrito de Ratoles, Florianópolis - SC*. Florianópolis, 2001. 98p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- * CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço Urbano – novos escritos sobre a cidade*. São Paulo : Contexto, 2004. 154p.
- * CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço, um conceito-chave da Geografia*. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa & CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). *Geografia Conceito e temas*. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.p.15-47.
- * CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade – a era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol II. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo : Paz e Terra. 2001. 3ª ed.
- * CEASM. *A Maré em dados: Censo 2000*. Rio de Janeiro, 2003. 55p.
- * CLAVAL, Paul. *A geografia Cultural*. Tradução Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de C. A. Pimenta. Florianópolis : editora da UFSC, 1999. 453p.il.
- * CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias Geográficas*. 2ª ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2001. 304p.
- * _____. *Espaço, um conceito-chave da Geografia*. In: CASTRO, I.E de; GOMES, P.C da C; CORRÊA, R. L. (org). *In: Geografia Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000. pp. 15-47.
- * CORRÊA, Felipe Botelho. *A representação das favelas cariocas nos jornais impressos*. In: <http://www.vivafavela.com.br/publique/cgi/public>. Data de acesso: 15/07/2005.
- * COSTA, Alexander Josef Sá Tobias da. *Hidrogeografia e a cidade do Rio de Janeiro*. In: Marafon, Gláucio José & Ribeiro, Marta Foeppe (orgs). *In: Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro : Livraria e Editora Infobook Ltda, 2002. pp.193 -209

- * DRUMMOND, José Augusto. *O Jardim Dentro da Máquina – Breve Histórico da Floresta da Tijuca*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol. 01, no 2, 1988. p. 276-298
- * ELIAS, Nibert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2000.224p.
- * FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio – dicionário da Língua portuguesa*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1999.
- * FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Trad. Antônio Gonçalves. Coimbra : Almedina, 1980. 275p.
- * FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo : Martins Fontes, 1995. Páginas consultadas: 5-14; 33-92; 231-264; 319-360.
- * GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 5 ed. Coleção temas atuais. São Paulo : Contexto, 1996. 148p.
- * HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. SILVA, T.T e LOURO, G. L. Rio de Janeiro : DP& A editora, 2003. 102p.
- * _____. *Quem precisa da identidade?* In: Identidade e Diferença - a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart & WOODWARD, Kathryn. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000. 103-133p.
- * HAESBAERT, Rogério. *O mito da Desterritorialização – do fim dos territórios à Multiterritorialidade*. Rio de Janeiro : Bertrand, 2004. 400p.
- * _____. *Des-territorialização e identidade a rede “gaúcha” no nordeste*. Rio de Janeiro : EDUFF, 1997. 293p.
- * _____. *Identidades Territoriais*. In: Manifestações da Cultura no espaço. ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). Rio de Janeiro : EdUERJ, 1999. 169-190p.
- * JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar ed., 1996. 296p.
- * JARDIM, Antonio de Ponte. *A espacialidade construída pelo olhar da modernidade*. Resenha dos cap. I, II e V do livro A vida cotidiana no mundo moderno, Henri Lefebvre. 1996, inédito.
- * KOWARICK, Lúcio. *Escritos urbanos*. São Paulo : Ed. 34, 2000. 144p.
- * LAPLANTINE, François & TRINDADE, Liana. *O que é imaginário*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo : Brasiliense, 1997. 82p.

- * LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausência – contribución a la teoria de las representaciones*. México : Fondo de cultura económica, 1980. 277p.
- * _____. *The Production of Space*. Translated by Donald Nicholson-Smith. Cambridge, Massachusetts : Blackwell Publishers, 1991. 454p.
- * _____. *O direito à cidade*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo : Centauro, 2001. 145p.
- * _____. *A revolução Urbana*. Trad. Sérgio Martins. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 2004. 178p.
- * LINDÓN, Alicia. *El trabajo y la vida cotidiana. Un enfoque desde los espacios de vida*. In: Revista Economia, sociedad y territorio. Vol 1, no 1, 1997. p. 177-198.
- * LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. 2ª Edição. São Paulo : Companhia das Letras, 2002. 403p.
- * LUDEMIR, Júlio. *Sorria, Você está na Rocinha*. Rio de Janeiro : Record, 2004. 398p.
- * LUTFI, Eulina Pacheco; SOCHACZEWSKI, Suzanna; JAHNEL, Teresa Cabral. *As representações e o possível*. IN: Martins, José de Souza. Henri Lefebvre e o retorno à dialética. São Paulo : Hucitec, 1996. 87-97p.
- * LYRIO, Wellen. *Os Limites Territoriais e as Fronteiras da Alteridade em Espaços Populares: um estudo das territorialidades na Maré*. Rio de Janeiro, 2005. p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense.
- * MACEDO, Ricardo K. de. *A importância da avaliação Ambiental*. In: *Análise ambiental: uma visão multidisciplinar*. Sâmia Maria Tauk (org.) 2 ed. São Paulo : editora da Universidade Estadual Paulista, 1995. 206p.
- * MAUAD, Ana Maria. *Janelas que se abrem para o mundo: fotografia de imprensa e distinção social no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*. Disponível em: http://www.tau.ac.il/eial/x_2/mauad.html. Acesso em Agosto de 2005.
- * MELLO, João Baptista Ferreira de Mello. *O Rio de Janeiro dos Compositores da música popular brasileira – 1928/1991 – uma introdução a Geografia Humanística*. Rio de Janeiro, 1991. 299p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- * MORAES, Antônio Carlos Robert; COSTA, WANDELAY Messias da. *A Valorização do Espaço*. São Paulo : Hucitec, 1999. 196p.
- * MOREIRA, Ruy. A diferença e a Geografia – o ardil da identidade e a representação da diferença na geografia. *In: Revista Geographia*. Nº 01, 1999. 41-58p.
- * MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ : Vozes, 2003. 404p.
- * NASSEY, D. Um sentido Global do lugar. *In: O espaço da diferença –* ARANTES, A A (org). Campinas, SP : Papirus, 2000. p.p.177-185.
- * ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e identidade nacional*. 5ª Edição. São Paulo : Brasiliense, 2003. 147p.
- * PANDOLFI, Dulce Chaves & GRYNSZPAN, Mario (orgs). *A favela fala – depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro : edFGV, 2003. 360 p.
- * PERLMAN, Janice. *Marginalidade: do mito à realidade nas favelas do Rio de Janeiro (1969 – 2002)*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Rio Estudos, nº.102 – maio – 2003. 18p. obtido em www.armazemdedados.rio.rj.br em 24/01/2005.
- * PRAZERES, Michelle & BITTENCOURT, Maira. *Amnésia nacional*. *In:* <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mos050799.htm>. Acesso em: Agosto 2005.
- * RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro : Campus, 2001,
- * RIBEIRO, Miguel Ângelo. *Considerações sobre o Espaço Fluminense: Estrutura e transformações*. *In:* Marafon, Gláucio José & Ribeiro, Marta Foeppe (orgs). *In: Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro : Livraria e Editora Infobook Ltda, 2002. pp.13-26
- * RIO DE JANEIRO. *Atlas Escolar da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : Secretaria Municipal e Educação: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2000. 45p.:mapas, grav., lam., tab.
- * _____. *Os dados mais recentes sobre a população de favelas na cidade do Rio de Janeiro*. Coleção estudos da cidade. Rio Estudos, nº 46, Fevereiro 2002. *In:* www.amazemdosdados.rj.gov.br. Acesso em 25/06/2006.

- * RIO, Vicente del; OLIVEIRA, Lívia de. (org) *Percepção Ambiental – a experiência Brasileira*. São Paulo : Studio Nobel e Universidade da Universidade Federal de São Carlos, 1996. 265p.
- * SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. 4 ed. São Paulo : HUCITEC, 1997. 124 p.
- * _____. 1992: A redescoberta da natureza. In: *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 14, n.6, p. 95-106, 1992
- * _____. *O Lugar e o cotidiano*. In: *A natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2002. 313-330p.
- * _____. *O espaço total de nossos dias*. In: *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2002. 201-220p.
- * _____. *O espaço do cidadão*. São Paulo : Nobel, 1987. 141p.
- * SENNETT, Richard. *O declínio do Homem público – as tiranias da identidade*. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo : Companhia das letras, 1998. 447p.
- * SILVA, Benedito (coord. geral). *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro : UGV, 1986.
- * SILVA, J. de S. Um espaço em busca de seu lugar: as favelas para além dos estereótipos. In: *Território Territórios*. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002. pp.107-125.
- * _____. *“Por que uns e não outros?” Caminhada de jovens pobres para a universidade*. Rio de Janeiro : 7 letras, 2003.168p.
- * _____. *Meios de comunicação e espaços populares*. In: <http://www.iets.org.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.presentation>. Data de Acesso: julho 2005.
- * SILVA, Jailson de Souza & BARBOSA, Jorge Luiz. *Favela Alegria e dor na cidade*. Rio de Janeiro : Senac Rio Editora, 2005. 232p.il.
- * SILVA, Jailson de Souza & RIPPER, João Roberto (orgs). *Até Quando?*. Projeto Imagens do Povo/Observatório de Favelas. Rio de Janeiro : Observatório de Favelas, 2005. 96p. Il.
- * SILVA, Tomaz Tadeu. *A produção social da identidade e da diferença*. In: *Identidade e Diferença- a perspectiva dos estudos culturais*. SILVA,

- Tomaz Tadeu; HALL, Stuart & WOODWARD, Kathryn. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000. 73-102p.
- * SIMMONS, I. G. *Interpreting Nature – Cultural constructions of the environment*. London and New York : Routledge, 1993.
 - * SOARES, Luiz Eduardo; BILL, MV & ATHAYDE, Celso. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro : Objetiva, 2005. 295p.
 - * SOUZA, Marcelo Lopes de. *O Desafio Metropolitano – Um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2000. 366p.
 - * _____. Os orçamentos participativos e sua espacialidade. *In: Revista Terra Livre*, São Paulo, n.15, p.39-58. 2000.
 - * _____. *ABC do Desenvolvimento Urbano*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2003. 192 p.
 - * TIBA, Içami. *Ensinar Aprendendo – como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização*. São Paulo : Editora Gente, 1998. 171p.
 - * TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar – a perspectiva da experiência*. Trad. Lí via de Oliveira. Rio Claro : Difel, 1930. 250p.
 - * _____. *Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Lí via de Oliveira. Rio Claro : Difel, 1974. 288p.
 - * VARELLA, Drauzio. et. al. *Maré, vida na Favela*. Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2002.
 - * VASELLI, Lan Franco. *É Hoje! As Escolas de Lan*. São Paulo : Irmãos Vitale, 1978.
 - * VAZ, Lílian Fessler. *História dos Bairros da Maré*. 1994.
 - * VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo : Companhia das Letras, 1994. 277p.
 - * VIAL, Adriana M. de Pinho. *Evolução da ocupação das favelas na cidade do Rio de Janeiro*. Coleção estudos da Cidade. Dezembro, 2002.15p.
 - * ZALUAR, Alba & ALVITO, Marcos (orgs). *Um século de Favela*. Rio de Janeiro : Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. 372p.
 - * WOLFF, Ruy Ávila. *Recursos Naturais e pequena produção rural em Sorocaba de Dentro e Amâncio (Biguaçu-SC)*. Florianópolis, 1995. 150p. Dissertação (Mestrado em Geografia - área de Utilização e conservação

de recursos naturais). Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina.

- * WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: Identidade e Diferença- a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart & WOODWARD, Kathryn. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000. 07-72p.

Outras fontes.

Jornais:

CHARGES E FOTOGRAFIAS

- * Jornal O Globo – Mundo de Zinco. 06/06/1952.
- * Jornal O Globo – Charge do Henfil, 2002.
- * Jornal O Globo – Ocupação do Moro de São Carlos, RJ. 14/10/2004.
- * Jornal O Globo – Guerra no Rio. 14/10/2004.
- * Jornal O Globo – Balas perdidas. 30/10/2004.
- * Jornal O Globo – Complexo do Alemão, RJ. 18/11/2004.
- * Jornal O Globo – Charge do Lan. 27/11/2004.
- * Jornal O Globo – Caderno Especial. A turma do Martim – retrato da cidade. Novembro de 2004.
- * Jornal O Globo – Conflito na Mineira, RJ. 27/12/2004.
- * Jornal O Globo – Apelo pela paz nas comunidades. 30/12/2004.
- * Jornal O Globo –Revista O Globo, Ano do Brasil na França. 06/03/2005.

REPORTAGENS

- * O cidadão – Jornal do Bairro Maré. Rio de Janeiro – Dezembro/Janeiro de 2006, ano VIII, nº 43.
- * O cidadão – Jornal do Bairro Maré. Rio de Janeiro – Fevereiro/Março de 2006, ano VIII, nº 44.
- * Jornal O Globo. Miséria que sorri. 01/04/1930.
- * Jornal O Globo – 23/01/1951, p. 06.
- * Jornal O Globo – 09/01/1952.
- * Jornal O Globo - Vinícius Lima. Fui a outro inferno – Vergonha para uma cidade civilizada! Assim são as favelas.11/01/1952, p. 11- 14.
- * Jornal O Globo - Vinícius Lima. Fui a outro inferno. 22/02/1952, p. 10.
- * Jornal O Globo - Globe Trotter. 06/06/1952.

- * Jornal O Globo. Os moradores do morro do Borel só sairão à força. 17/03/1955, p.2.
- * Jornal O Globo – A favela do Morro do Urubu. 18/04/1966, p. 03.
- * Jornal O Globo – Vila Paciência. 05/04/1971, p. 05.
- * Jornal O Globo – Vila Isabel. 01/03/1973, p. 03.
- * Jornal O Globo – Morro dos Macacos. 02/03/1973.
- * Jornal O Globo – O mal pela raiz. 10/03/1973, primeira página.
- * Jornal O Globo – Cidade sem anjos. 12/10/1979, p. 15.
- * Jornal O Globo - O silêncio diante da chacina. 14/10/2004.
- * Jornal O Globo - Morte pode causar disputa por bocas-de-fumo. 14/10/2004, p. 16.
- * Jornal O Globo – A guerra entre traficantes dos morros. 30/12/2004.

Músicas:

- * A voz do morro - Zé Kéti. Conjunto a voz do povo, 1966.
- * Eu só quero é ser feliz - Julinho Rasta e Kátia. Conjunto Rap Brasil.
- * Quem te viu, quem te vê - Chico Buarque. 1966

Revistas:

- * Revista Careta – Panorama da Favella. Ano 2, nº 79. Rio de Janeiro, 04/12/1909.
- * Revista Careta – 20/05/1916.

Sites:

- * Site: www.armazemdedados.rio.rj.br.htm. Acesso em Janeiro 2005.
- * Site: www.artes.com/lan/exposicao.htm. Acesso em Outubro 2004.
- * Site: www.artes.com/lan/curriculum.htm. Acesso em outubro de 2004.
- * Site: www.artcanal.com.Br/oscardambrosio/heitor dosprazeres.htm. Acesso em Outubro de 2004.
- * Site: www.ceasm.org.br. Acesso em Outubro 2004.
- * Site: www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/2684_5.asp. Acesso em 15/01/2005.
- * Site: www.ibge.gov.br. Acesso em 25/07/2006.
- * Site: www.imagensdopovo.org.br. Acesso em 08/08/2005.
- * Site: www.institutooswaldocruz.org.br. Acesso em Julho de 2005.

- * Site: www.ipea.gov.br. Acesso em 08/04/2006.
- * Site: www.iets.org.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.presentation. Data de acesso: Julho de 2005.
- * Site: <http://fantastico.globo.com>. Acesso em Julho 2005.
- * Site: www.fau.ufrj.br/prourb/cidades/favela/frames.html. Acesso em: 26/01/2005.
- * Site: www.intranet.dirad.fiocruz.br:8081/html/modules/wfsection/article.php. Acesso em Outubro de 2006.
- * Site: www.gabeira.com.br/cidadesustentavel/atitudes/mostra.atit.asp. Acesso em Outubro de 2006.
- * Site: www.ivaldobertazzo.com.br. Acesso em Julho de 2006.
- * Site: www.midiaindependente.org. Acesso em Julho de 2005.
- * Site: www.mj.gov.br. Acesso em: 08/04/2006
- * Site: www.opandeiro.net. Acesso em Janeiro de 2005.
- * Site: www.observatóriodefavelas.org.br. Acesso em Junho de 2006.
- * Site: www.pdt.org.br/personalidades/brizola.doc. Acesso em 28/01/2005.
- * Site: www.pnud.org.br. Acesso em 20/08/2006. Atlas do desenvolvimento Humano dos municípios Brasileiros.2000.
- * Site: www.pitoresco.com.br/brasil/prazeres/prazeres.htm. Acesso em Outubro 2004.
- * Site: www2.prossiga.br/ocruz/riodejaneiro/reforma/reformaurbana.htm. Acesso em Janeiro 2005.
- * Site: www.terranova.org.br/proj_piscinao_ramos_roquetep.htm. Acesso em Outubro de 2006.
- * site: www.uevom.da.ru. Acesso em Outubro de 2006.
- * Site: www.vivafavela.com.br/publique/cgi/public. Data de acesso: 15/07/2005.

Vídeos:

- * Vídeo: “ *Sou feia mas tô na moda*” . Longa-metragem documentário de Denise Garcia. 61 minutos. Vídeo Digital. 2005.
- * Vídeo: “ *Quase dois irmãos*” . Filme de Lúcia Murat. *Roteiro*: Lúcia Murat e Paulo Lins. 102 minutos. Estúdio: Taiga Filmes / Videofilmes / TS Productions. 2005.

ANEXOS

Roteiro Metodológico da Pesquisa:

A metodologia adotada e os usos de algumas fontes no desenvolvimento da pesquisa fazem a “ponte” entre os procedimentos teóricos-analíticos e a aplicação da pesquisa. O desenvolvimento desta pesquisa foi realizado em etapas distintas, porém interligadas. As etapas são: levantamento bibliográfico, pesquisa em arquivos e bibliotecas e entrevistas (dados empíricos).

O levantamento bibliográfico sobre autores e obras que estivessem relacionados com o tema, se deram em publicações existentes servindo de embasamento teórico-conceitual e histórico para a pesquisa, tais como: artigos, estudos, relatórios, teses, monografias, entre outras fontes, assim tornaram-se fundamental importância para a delimitação da temática da pesquisa.

A segunda etapa da pesquisa foi realizada em bibliotecas e arquivos públicos, com a finalidade de reunir informações sobre as reportagens que saíram no jornal *O Globo* e na revista *Careta*. O objetivo desta etapa era a compreensão do papel da cidade na representação da favela, o olhar de “fora” sobre estes lugares, a formação da opinião pública. Desta forma, iniciou-se um levantamento das reportagens, charges e figuras sobre as favelas do Rio de Janeiro. Este levantamento foi realizado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, na Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro, na ABI (Associação Brasileira de Imprensa) e no IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro). Também foram realizadas buscas em outras instituições, tais como Arquivo Nacional, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro e Fundação Rui Barbosa. A opção para completar as lacunas existentes do jornal *O Globo* seria a sede do próprio jornal, o que ficou inviabilizado pelo alto custo¹⁷⁸.

Durante a pesquisa, encontramos uma série de dificuldades. A coleta deste material foi realizada de janeiro de 2004 a agosto de 2005, sendo interrompida pelas paralisações, greves de bibliotecas e problemas nos equipamentos de consulta. Além disso, a pesquisa foi dificultada pela reforma no setor de xerografia, deixando de funcionar em outubro de 2005, ficando mais de um ano fechado ao público. Desta forma, todas as reportagens tiveram

¹⁷⁸ O custo para consulta deste material na biblioteca do jornal seria de R\$ 50,00 a hora. 1 hora de pesquisa daria para realizar o levantamento de 2 exemplares do periódico, isto é 2 dias de jornal.

que ser transcritas à mão, atrasando ainda mais a coleta destas. Os microfilmes disponibilizados também estavam em estado muito ruim, muitas vezes ilegível, e não tivemos acesso aos originais. Por isso, muitas charges não foram copiadas, prejudicando esta parte da análise dos dados iconográficos.

Contudo, a escolha do jornal *O Globo*¹⁷⁹ se deu por este ser um meio de comunicação importantíssimo na cidade, formando e interferindo na construção de opiniões. A grande circulação pelo Rio de Janeiro e outros Estados faz com que atinja um público diversificado e, desta forma, torna-se alvo desta pesquisa (compreender como a mídia contribui na formação de opinião de pessoas que não vivenciam os espaços de habitação popular).

O jornal *O Globo*¹⁸⁰ começa a circular na cidade em 29 de Julho de 1925¹⁸¹, com um formato diferente do atual. Possui oito páginas, era voltado para um público selecionado, marcando um período da sociedade brasileira em que as reportagens relatavam o dia-a-dia da cidade. Com o tempo, o jornal se modifica e ganha um novo formato, atinge um número maior de pessoas e amplia as reportagens, agora divididas por setores (política, esporte, Rio de Janeiro, Brasil, mundo, classificados, etc), mas ainda voltado para a classe média.

Devido à proximidade do prazo para o fim do curso e o estilo das reportagens – sem muitas modificações –, optou-se por um recorte temporal na pesquisa. A importância da realização deste levantamento completo (desde o surgimento das primeiras favelas) para analisar os discursos construídos pela mídia, não permitiu o corte na seqüência anual. Sendo assim, realizou-se novamente uma opção temporal, de quatro meses de cada ano (março, abril, setembro e outubro). A análise preliminar do material coletado nos permitiu escolher estes quatro meses por razões claras: março e abril são os meses em

¹⁷⁹ *A priori*, seria também realizada uma pesquisa no Jornal do Brasil, mas, devido à dificuldade na aquisição dos dados (microfilmes), optou-se pelo Jornal O Globo. No que se refere aos estilos das reportagens sobre as favelas do Rio de Janeiro, não existe muita diferença entre os dois Jornais. Quanto ao público julga-se que ambos atingem a mesma classe social, devido a seu custo. Os outros jornais que circulam (Extra, O Dia, entre outros), são mais novos, inviabilizando a pesquisa para tempos passados, são voltados para outros públicos e as reportagens possuem um conteúdo menos detalhado.

¹⁸⁰ Houve uma lacuna nos períodos de 1935 – 1950 e 1980 – 1987, pois este material não estava disponível ou não existia em nenhuma biblioteca consultada (ver anexo 01).

¹⁸¹ Data de fundação do Jornal.

que se iniciam formalmente as reportagens mais diversificadas. Nos meses de janeiro e fevereiro existe uma dedicação do jornal às atividades do Carnaval no Rio de Janeiro, portanto, não aparecem muitas reportagens que fujam deste evento. Setembro e outubro correspondem, muitas vezes, ao período eleitoral, desta forma, verificou-se mudanças significativas nos perfis das reportagens, seja para privilegiar ou desprestigiar um determinado candidato. Nos períodos de maio, agosto, novembro e dezembro não houve uma mudança significativa no estilo das reportagens analisadas.

A revista *Careta* foi fundada em 1908 e circulou no Brasil até 1960. Possui uma publicação semanal (aos sábados), tinha uma boa aceitação entre a elite e trazia, em suas páginas ilustradas, reportagens, charges, caricaturas e piadas sobre o Brasil e mundo. A maior parte das charges faz críticas, principalmente à questão social, várias delas retratando o abandono aos idosos, a questão da mendicância e a pobreza de um modo geral.

Durante determinados fenômenos históricos (Primeira e Segunda Guerras Mundiais), as notícias da revista *Careta* se voltam para a questão mundial e a realidade brasileira não é muito comentada. Já no início do governo Vargas, percebe-se uma certa modificação na revista, tendo um maior número de charges sobre a política do país e o próprio Vargas. Nota-se uma diminuição no número de imagens sobre a pobreza e a mendicância, o que era mais notado anteriormente.

Com relação à revista *Careta*, apesar da qualidade precária do material pesquisado, foi possível fazer toda a cobertura de reportagens sobre as favelas, desde 1908 (início da circulação da revista) até 1960 (quando deixa de circular).

Foram coletadas charges, reportagens e fotografias de cada período. A charge é “*uma crítica humorística imediata de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política*”¹⁸². Trata-se de uma forma de representação lúdica que geralmente traz uma opinião crítica sobre a realidade. Já as reportagens trazem uma concepção de mundo de uma determinada época e de um grupo social. As fotografias por sua vez, estão associadas às

¹⁸² In: Dicionário de comunicação. Rabaça e Barbosa (2001).

reportagens, vêm para confirmar e retratar um mundo que passa a ser selecionado a partir de olhares muito específicos.

O levantamento iconográfico consistiu na criação de um catálogo de todas as notícias com ou sem fotos, charges sobre as favelas do Rio de Janeiro, e algumas de outras cidades, que julgamos importantes para a pesquisa. As questões norteadoras para esta etapa foram: como as favelas apareciam nas reportagens dos jornais e das revistas? Que ideologia estavam presentes nas reportagens? Quais as repetições mais significativas? Que palavras-chaves poderiam influenciar na construção das imagens desses espaços?

Foram catalogadas 31 charges, 2037 reportagens no jornal O Globo. 21 reportagens e quase 30 charges que abordavam direta ou indiretamente os problemas das favelas na revista Careta¹⁸³. Os Quadros n^{os} 01 e 02 mostram a distribuição destas reportagens.

¹⁸³ Não tive acesso à reprodução destas charges.

Quadro 01

Perfil da coleta de dados do jornal O Globo e da Revista Careta.

Perfil da coleta de dados do Jornal O Globo e da Revista Careta	
<p>jornal O Globo - década de 1920: O Globo começa a circular em 1925. 1925 –Agosto –Dezembro 1926 –Março e Abril, Setembro e Outubro 1927 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1928- Março e Abril, Setembro e Outubro 1929 - Março e Abril, Setembro e Outubro</p>	<p>jornal O Globo - década de 1930: 1930 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1931 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1932 e 1933 –Não disponível 1934 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1935 –1939 –Não disponível</p>
<p>jornal O Globo - década de 1940: Não disponível</p>	<p>jornal O Globo - década de 1950: 1950 –Não disponível 1951 –Janeiro –Dezembro 1952 - Janeiro –Dezembro 1953 - Janeiro –Dezembro 1954 - Janeiro –Dezembro 1955 - Janeiro –Dezembro 1956 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1957 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1958 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1959 - Março e Abril, Setembro e Outubro</p>
<p>jornal O Globo - década de 1960: 1960 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1961 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1962 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1963 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1964 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1965 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1966 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1967 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1968 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1969 –Não disponível</p>	<p>jornal O Globo - década de 1970: 1970 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1971 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1972 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1973 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1974 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1975 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1976 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1977 –Janeiro- Junho, Setembro e Outubro 1978 –Não disponível 1979 - Março e Abril, Setembro e Outubro</p>
<p>Jornal O Globo - década de 1980: 1980 –1987 –Não disponível 1988 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1989 - Março e Abril, Setembro e Outubro</p>	<p>Jornal O Globo - década de 1990: 1990 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1991 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1992 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1993 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1994 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1995 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1996 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1997 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1998 - Março e Abril, Setembro e Outubro 1999 - Março e Abril, Setembro e Outubro</p>
<p>Jornal O Globo - década de 2000: 2000 - Março e Abril, Setembro e Outubro 2001 - Março e Abril, Setembro e Outubro 2002 –Maio e Junho 2003 - Março e Abril, Setembro e Outubro 2004 - Março e Abril, Setembro - Dezembro 2005 –Janeiro até Julho</p>	<p>Período da Revista Careta: Publicação Semanal (sábados) 1908 –1959 (todos os meses) 1960 –Janeiro –Outubro</p>

O Quadro 02 dá uma dimensão dos dados coletados. Logicamente que na década de 1950 e no ano de 2005 encontramos muitas reportagens devido ao levantamento realizado em todos os meses do ano, não se restringindo aos quatro meses de coleta.

Quadro 02

Número de reportagens encontradas por décadas no jornal O Globo.

Década	Quantidade
1925 - 1929	44
1930 - 1934	9
1951 - 1959	132
1960 - 1969	135
1970 - 1979	335
1988 - 1989	114
1999 - 1999	580
2000 - 2005	688
Total	2037

A terceira etapa foi desenvolvida a partir das representações das favelas sob o olhar dos seus moradores, isto é, foram analisadas várias produções visuais e textuais, imagens e reportagens sobre a favela, que buscam criar uma outra representação para estes lugares, tentando captar o cotidiano a partir de um olhar de ordem próxima, permeado pela vivência e pelas práticas espaciais no lugar. Esta etapa foi desenvolvida junto ao projeto “Imagens do Povo¹⁸⁴”,

¹⁸⁴ O Imagens do Povo é um centro de documentação, pesquisa e formação de fotógrafos e documentaristas populares, criado pelo Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, e coordenado pelo fotógrafo João Roberto Ripper. Constitui-se a partir da Escola de Fotógrafos Populares, do Banco de Imagens e da Agência de Fotografias (In: www.observatoriodefavelas.org.br).

promovido pelo Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, coordenado pelo fotógrafo João Roberto Ripper.

Desta forma, acompanhou-se os fotógrafos já formados por este projeto e os alunos da Escola Popular de Comunicação Crítica, buscando identificar o olhar das comunidades, isto é, como os moradores retratam e representam, através de suas obras (as fotografias e produção textual), o lugar em que estão inseridos.

No dia 26/06/06, foi realizada uma atividade com os jovens que pertenciam à Escola de Comunicação Crítica e aos participantes do projeto Imagens do Povo. Inicialmente, houve a apresentação do trabalho, os objetivos da pesquisa e solicitou-se que os entrevistados respondessem a um questionário que visava compreender um pouco da vivência deles e de seus processos de construção da identidade e identificações.

Foram aplicadas 25 entrevistas para os alunos; desses, apenas 10 voltaram respondidos. Percebe-se a primeira dificuldade nesse tipo de trabalho, justificada por diferentes motivos: nem todas as pessoas se sentem à vontade para responder, outros têm uma “*resistência ideológica*”, isto é, não se sentiram à vontade de responder um questionário para uma pessoa que era na visão deles “*de fora*” da comunidade.

Foi possível perceber nestas 10 entrevistas uma visão diferenciada dos demais aplicadas, por se tratar de jovens que futuramente estarão trabalhando nos meios de comunicação, com diferentes linguagens (Tv, jornais, rádio e fotografia) nas suas comunidades de origem.

Diante da necessidade de conhecer um pouco mais da realidade estudada e de visualizar as diferentes formas de identificações entre as comunidades que compõem a Maré, iniciou-se um trabalho de campo cujo objetivo era coletar as mesmas informações contidas nos questionários, agora priorizando os pré-adolescentes e adolescentes. A escolha desta faixa etária se deu em função de considerar a adolescência como um momento de rupturas: saída da infância para fase adulta, diferentes formas de iniciação (física, biológica e social), inserção no mercado de trabalho, necessidade de lazer, e principalmente pelo momento que marca o início de uma identidade e diversas identificações.

Foram realizadas 40 entrevistas não limitando o número de pessoas por comunidade¹⁸⁵. Foram escolhidas 4 áreas dentro da Maré que pudessem ser representativas e agregassem pessoas das diversas comunidades¹⁸⁶. São elas: Vila Olímpica, Parque Ecológico, Praça do Parque União e Piscinão de Ramos. Foram locais escolhidos por serem espaços concebidos pelo poder público, mas que são freqüentados por diferentes pessoas, de diversas comunidades e faixas etárias. O objetivo da pesquisa não foi quantificar as informações obtidas, nem obter um dado que possa ser extrapolado como representativo para todas as pessoas das diferentes comunidades. Outras comunidades foram visitadas, porém, logo no início da pesquisa percebeu-se uma recusa por parte das pessoas para responder os questionários. Os motivos são variados: ocupação (estavam trabalhando), medo, não interessa responder porque não vê uma solução a curto prazo, achavam que era para algum jornal ou revista, ou simplesmente não queriam. Estão nesta situação 21 pessoas.

A tabela 01 mostra número de entrevistas que foram aplicados e o local de origem dos entrevistados.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, sem gravadores – a maioria dos entrevistados não se sentem a vontade ou se recusaram responder com estes instrumentos -, sendo que muitos relatos não puderam ser utilizados na tese por se tratarem de dados que eles solicitaram a não divulgação. Algumas mães e pais foram entrevistados pois estavam perto dos adolescentes e quiseram participar. Outras entrevistas foram realizadas com a participação dos pais, isto é, muitas vezes os adolescentes esperavam a aprovação de seus pais para responder.

Paralelamente a esta atividade, buscamos fotografias reproduzidas pelos jornais, internet e outros meios de comunicação que retratam o cotidiano das comunidades, as coisas boas e ruins segundo o ponto de vista dos participantes do projeto. O objetivo desta etapa foi justamente identificar o olhar de ordem próxima (as representações não hegemônicas), que estão sendo

¹⁸⁵ Trata-se de uma pesquisa qualitativa e não quantitativa. Não se priorizou a quantidade de entrevistas, nem uma representação estatística desses dados por comunidade.

¹⁸⁶ Também foram realizadas algumas entrevistas nas ruas, mas foi verificado que as pessoas não se sentiam à vontade para responder, seja por conta dos seus afazeres ou por desconfiança e/ou por causa do medo.

criadas para re-significar a visão imposta pela cidade e desmistificar a representação coletiva destes lugares.

A quinta e última etapa foi desenvolvida a partir dos resultados das etapas dois, três e quatro. Analisou-se, de forma comparativa, os discursos (de ordem próxima e distante) que expressam o que as pessoas pensam sobre as favelas (reportagens dos jornais, depoimentos das pessoas), buscando compreender as ideologias, identidades e identificações em cada período histórico.

Tabela 01
Número de Entrevistas aplicadas na Escola Popular de Comunicação
Crítica e nas Comunidades da Maré, RJ, 2006.

Comunidade	Número de Questionários aplicados na EPOCC	Número de entrevistados nas comunidades	Total
Baixa do Sapateiro	1	4	5
Bento Ribeiro Dantas	-	2	2
Cefa	-	3	3
Conjunto Esperança	-	3	3
Conjunto Pinheiros	-	6	6
Mandacarú	-	-	-
Marcílio Dias	-	-	-
Morro do Timbau	-	1	1
Nova Holanda	1	7	8
Nova Maré	-	-	-
Parque Maré	2	-	2
Parque União	2	1	3
Praia de Ramos	-	3	3
Roquete Pinto	-	3	3
Rubens Vaz	-	5	5
Salsa e Merengue	-	-	-
Vila do João	-	-	-
Vila Pinheiros	-	2	2
Outras comunidades (Complexo do Alemão)	2	-	2
Não informado	2	-	2
Recusou-se	15	21	36
Total	25	61	81
Total aproveitadas para pesquisa	10	40	50

Fonte: Resultado baseado nas entrevistas aplicadas na Favela da Maré RJ, durante os meses de junho e julho de 2006.

Questões aplicadas

Nome: _____ Idade: _____

Comunidade: _____ Local de

Nascimento: _____ Quanto tempo vive na comunidade? _____

Escolaridade: _____ Estado Civil: _____

1) COMO é a favela para você (descreva)? Como é a favela da Maré (quais características, como você descreveria este espaço)? _____

2) Existe algo ou algum lugar que você acha BONITO na favela?

() Sim Qual? _____ Por quê? _____

() Não Por quê? _____

3) Existe algo ou algum lugar que você acha FEIO na favela?

() Sim Qual? _____ Por quê? _____

() Não Por quê? _____

4) Existe alguma coisa que você ache BOM na favela?

() Sim Qual? _____ Por quê? _____

() Não Por quê? _____

5) Existe alguma coisa que você ache RUIM na favela?

() Sim Qual? _____ Por quê? _____

() Não Por quê? _____

6) Você gostaria de sair da sua comunidade? () Sim () Não

Por quê? _____

Em caso afirmativo, para que Bairro/ou comunidade do RJ você gostaria de ir?

_____ Por quê? _____

7) Quais são os problemas que você enfrenta NA SUA comunidade? () falta de transporte () violência () falta de atendimento hospitalar ()

falta de lazer () Outros/Quais? _____

8) Por que acha que eles acontecem? _____

9) Como enfrenta estes problemas que você citou na pergunta nº

07? _____

10) Quais são os problemas que você enfrenta FORA DE sua

comunidade? _____

11) Por que acha que eles acontecem? _____

12) Como enfrenta estes problemas que você citou na pergunta nº 10? _____

13) Qual a imagem/símbolo que você utilizaria para representar a sua comunidade? _____ Por quê? _____

14) Você acha que a mídia influencia na sua e (na do outro) opinião sobre as favelas? () Sim () Não Por quê? _____

15) Como a mídia pode influenciar na opinião sobre as favelas? _____

16) Quando você escreve uma carta, entrega um *curriculum* para se candidatar a um emprego, uma declaração que precise informar seu endereço, entre outros, como declara seu endereço (rua, local de moradia)? _____

Por quê? _____

17) Qual a sua opinião sobre os programas bolsa escola, bolsas para estudantes “ carentes” , entre outros, que são oferecidos para os moradores das favelas? _____

18) Como é a cidade do Rio de Janeiro para você? _____

19) Quais lugares da cidade do RJ que você costuma freqüentar FORA da sua comunidade? _____ Por quê? _____

20) Qual o lugar (Bairro, ponto turístico, entre outros) que você gostaria de conhecer na cidade do Rio de Janeiro? _____ Por quê? _____

Como você imagina este lugar? _____

21) Você tem amigos que moram “ fora” da sua comunidade? () Sim () Não
De onde eles são? _____

22) O que você gosta de fazer para se divertir? () Cinema () Teatro ()
Danceteria () show () bares () assiste TV () casa de amigos e
parentes () Outros/ Quais? _____

23) Em quais locais vocês vão para se divertir? _____

24) Se tivesse essa opção (lazer) na sua comunidade você freqüentaria?
() Sim () Não Por quê? _____

25) A Maré é composta por 17 comunidades, cada uma contém uma particularidade, desde a sua formação (origem) até as características atuais diferenças. Você se sente à vontade de caminhar por todas elas?

() Sim () Não Por quê? _____

26) Se chegasse um amigo seu para conhecer a Maré, onde você levaria?
_____ Por quê? _____

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)